

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

NICHOLAS CARDOSO GOMES DA SILVA

**LEÃO DOS IMPRESSOS: O LIVREIRO-EDITOR ODILON LUNARDELLI NA
HISTÓRIA EDITORIAL DE SANTA CATARINA (1965-2006)**

FLORIANÓPOLIS – SC

2023

NICHOLAS CARDOSO GOMES DA SILVA

**LEÃO DOS IMPRESSOS: O LIVREIRO-EDITOR ODILON LUNARDELLI NA
HISTÓRIA EDITORIAL DE SANTA CATARINA (1965-2006)**

Tese apresentada para defesa no Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED), da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), linha de pesquisa História e Historiografia da Educação, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Dra. Gisela Eggert-Steindel

FLORIANÓPOLIS – SC

2023

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da
Biblioteca Setorial do FAED/UEDESC,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Silva, Nicholas Cardoso Gomes da
LEÃO DOS IMPRESSOS: O LIVREIRO-EDITOR ODILON
LUNARDELLI NA HISTÓRIA EDITORIAL DE SANTA
CATARINA (1965-2006) / Nicholas Cardoso Gomes da Silva. --
2023.

210 p.

Orientadora: Gisela Eggert-Steindel
Tese (doutorado) -- Universidade do Estado de Santa
Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa
de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2023.

1. História da Educação. 2. História do Livro. 3. História
Editorial de Santa Catarina. 4. Odilon Lunardelli (livreiro-
editor). 5. Livraria e Editora Lunardelli. 6. Produção e
Circulação de Livros. 7. Educação e Cultura (Santa Catarina). I.
Eggert-Steindel, Gisela. II. Universidade do Estado de Santa
Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa
de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

NICHOLAS CARDOSO GOMES DA SILVA

**LEÃO DOS IMPRESSOS: O LIVREIRO-EDITOR ODILON LUNARDELLI NA
HISTÓRIA EDITORIAL DE SANTA CATARINA (1965-2006)**

Tese julgada adequada para obtenção do Título de doutor em Educação junto ao Curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

Florianópolis, 31 de março de 2023.

Banca Examinadora:

Presidente/a:

Professora Dra. Gisela Eggert-Steindel – Orientadora
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Membros:

Professor Dr. Nelson Schapochnik
Universidade de São Paulo – USP

Professora Dra. Eliana Maria dos Santos Bahia Jacintho
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Professora Dra. Maria Teresa Santos Cunha
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Professora Dra. Vera Lúcia Gaspar da Silva
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Professora Dra. Eva Cristina Leite da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (Suplente – Externo)

Professora Dra. Fernanda de Sales
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC (Suplente – Interno)



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
DIREÇÃO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



Reconhecido pelo Decreto Estadual nº 990, publicado no Diário Oficial do Estado de Santa Catarina nº 19.340 de 25/05/2012.
Reconhecimento CAPES pela Portaria MEC nº 1.324, publicada no Diário Oficial da União nº 217 de 09/11/2012.

DOUTORADO

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TESE

Nº
04/2023

Ao trigésimo primeiro dia do mês de março do ano de 2023, às 9 horas, nas dependências do Centro de Ciências Humanas e da Educação, compareceu **Nicholas Cardoso Gomes da Silva**, aluno do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, para defender sua tese intitulada: "Leão dos impressos: o livreiro-editor Odilon Lunardelli na história editorial de Santa Catarina (1965-2006)", perante a Banca aprovada pelo Colegiado do Curso, constituída pelos(as) Professores(as) Doutores(as): Gisela Eggert Steindel (orientadora/presidente) – UDESC, Nelson Schapochnik – USP, Eliana Maria dos Santos Bahia Jacintho – UFSC, Maria Teresa Santos Cunha – UDESC e Vera Lucia Gaspar da Silva – UDESC. Após a apresentação das considerações e sugestões da Banca Examinadora, a presidente anunciou o parecer da Banca, considerando a tese APROVADA.

Observações:

A Banca destaca a relevância do tema e recomenda rigorosa revisão dos aspectos indicados pelos avaliadores.

Florianópolis, 31 de março de 2023.

Profª. Drª. Gisela Eggert Steindel

Documento assinado digitalmente.

ELIANA MARIA DOS SANTOS BAHIA JACINTO
Data: 01/04/2023 14:48:25 (-0300)
Assinatura em: <https://webtril.gov.br>

Prof. Dr. Nelson Schapochnik
USP

Profª. Drª. Eliana Maria dos Santos Bahia
Jacintho
UFSC

Profª. Drª. Maria Teresa Santos Cunha
UDESC

Profª. Drª. Vera Lucia Gaspar da Silva
UDESC

Nicholas Cardoso Gomes da Silva
Doutorando

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha mãe, Helena Cardoso, por acreditar em mim, por seus esforços para eu estudar. Ela foi incansável na tentativa de tornar possíveis as minhas escolhas, dando-me amor e todo o tipo de suporte que estivesse ao seu alcance.

Aos professores que antecederam, em especial à professora Silva Cervo, que despertou a minha vontade de estudar e ser historiador. Agradeço à professora Dinamar Lemos e Dra. Neide de Almeida Fiori que me orientaram para os caminhos da História da Educação.

À professora Dra. Leonete Schmidt, que me escolheu e acolheu no Mestrado. Além de orientadora, foi uma mãe ao ensinar e me inserir na pós-graduação. Suas orientações foram fundamentais para direcionar-me à História da Educação.

Ao professor Dr. Ademir Valdir dos Santos, por me escolher no seletivo do PPGE-UFSC, mesmo a minha escolha sendo outra universidade, fui extremamente bem recebido em suas aulas, grupo de pesquisa e confraternizações. Tenho uma gratidão infinita.

À Dra. Gisela Eggert-Steindel, por todas as orientações no Doutorado, as conversas, a paciência e os ensinamentos. O desafio não foi fácil, a pesquisa foi longa. Foi uma ótima guia intelectual. Obrigado por seus conhecimentos e livros, foram essenciais. Amei ser inserido na história dos livros e das editoras.

À professora Dra. Maria Teresa Santos Cunha, por suas aulas, dicas e incentivos, também por suas contribuições nas bancas de qualificação e de defesa.

À professora Dra. Vera Lúcia Gaspar da Silva, por suas contribuições nas bancas e seus livros, os quais tenho prazer em ler.

À professora Dra. Fernanda de Sales, por compartilhar seus conhecimentos, paciência e angústias em tempos difíceis e em momentos maravilhosos que partilhamos dentro da FAED. Obrigado por me ceder o espaço e conceber como primeiro estagiário de Doutorado. Não distante, aos estudantes do curso de Biblioteconomia da UDESC, turma 2019/1, por me abrigar muito bem em suas aulas de História dos Livros e das Bibliotecas.

Aos professores da Banca de Qualificação: Dra. Leonete Luzia Schmidt, Dr. Aníbal Francisco Nunes Bragança (*in memoriam*), Dra. Maria Teresa Santos Cunha e Dra. Vera Lucia Gaspar da Silva. Agradecimentos neste momento de defesa de tese, novamente, as professoras: Dra. Maria Teresa Santos Cunha e Dra. Vera Lucia Gaspar da Silva pela disponibilidade de avaliar este trabalho. Minha gratidão a Dra. Fernanda de Sales como suplente para composição regulamentar desta banca.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGE/UDESC), à UDESC, pela oportunidade de usufruir da bolsa PROMOP e ao FUMDES pela bolsa UNIEDU. Instituições e programas de fomento fundamentais para que esta pesquisa fosse desenvolvida.

Aos entrevistados que muito contribuíram no entendimento de todo o processo histórico que envolve Odilon Lunardelli e a sua Livraria Editora. Em especial, aos familiares no qual suas informações e dados apresentados me permitiram seguir com o trabalho. Obrigado Adriana e Luiz Lunardelli. E, mais que especial, à Urda Alice Klueger que me recebeu em sua casa com carinho, café e abrindo as portas para o universo editorial.

À Lavinia Vicente por me acompanhar desde o mestrado, sendo muito dedicada e paciente. Uma amiga confiante, com sua positividade de que tudo ia dar certo.

Aos meus amigos, pelas parcerias, pelos momentos de alegria e pelas ajudas, Andressa Kolakoski, Rodmar de Bona Daufenback, Ramon de Medeiros, José Augusto da Silva Neto, Susane da Costa Waschinewski. Por fim, dedico esta tese às unidades educativas em atuei, aos meus familiares, em especial, à minha mãe e aos meus pequenos Marcelo e Manuela.

“Os historiadores mal começaram a utilizar os documentos dos editores, embora sejam as fontes mais ricas dentre todas para a história dos livros” (DARNTON, p. 123, 1990).

“A jornada de mil quilômetros começa com o primeiro passo” (Filme – O Rei Leão).

RESUMO

A tese em tela investigou as ações do livreiro-editor Odilon Lunardelli na História do Livro e Editorial de Santa Catarina. O aporte teórico-metodológico está circunscrito à História Cultural, utilizando os estudos teóricos de Aníbal Bragança, Laurence Hallewell, Kátia Carvalho, Lúcia das Neves, Roger Chartier e Michel de Certeau, que iluminaram a investigação sobre este livreiro-editor. As fontes consultadas incluíram documentos impressos e fontes orais na forma de entrevistas abalizadas pela História Oral, acrescidas de informações situadas no acervo da Biblioteca Pública de Santa Catarina e outras instituições do estado. No entrelaçar das fontes, a pesquisa buscou responder a aspectos relacionados a Odilon Lunardelli no campo do livro em Santa Catarina, pautada na seguinte pergunta de pesquisa: qual a relevância da circulação e produção dos impressos vinculados a Lunardelli na educação no estado de Santa Catarina? Para tanto, adotaram-se os seguintes objetivos: conhecer os caminhos trilhados pelo idealizador e proprietário da Livraria-Editora Lunardelli (1965-2006), Odilon Lunardelli (1932-1997); identificar qual e como foi a atuação de Odilon Lunardelli no mercado livreiro no final do século XX no estado de Santa Catarina; identificar os possíveis vínculos entre a produção e circulação do impresso com a constituição de instituições universitárias no estado de Santa Catarina; analisar o papel do Jornal “A Ponte”, veículo de divulgação para visibilizar a produção e circulação do livro no campo educacional, cultural e político de Florianópolis e no estado de Santa Catarina como um todo. O recorte temporal compreende o ano de criação da livraria em 1965 até a extinção jurídica da Livraria-Editora Lunardelli em 2006, perpassando o ano de falecimento de Odilon Lunardelli. Como resultados, as fontes mostraram que Odilon Lunardelli, por meio da sua livraria-editora e de sua rede de sociabilidade, contribuiu na constituição de intelectuais locais, ao conceber um modo de colocar em movimento a prática editorial no ato de publicar livros. Criou um veículo de divulgação, o Jornal “A Ponte” como estratégia para lançar novos autores e apresentar temas relacionados ao estado de Santa Catarina. Do estudo depreende-se que muitas obras da Lunardelli tinham relação com processos e instituições educacionais e culturais. As fontes analisadas permitiram identificar e compreender o aumento da circulação do impresso livro. Considera-se que a atuação de Odilon Lunardelli é marcada pelo lugar que ocupou, pela criação da sua rede de sociabilidade, que lhe permitiu ser um intelectual mediador, ou melhor, um mediador de intelectuais catarinenses.

Palavras-chave: História da Educação; História do Livro; História Editorial de Santa Catarina; Odilon Lunardelli (livreiro-editor); Livraria e Editora Lunardelli; Produção e Circulação de Livros; Educação e Cultura (Santa Catarina).

ABSTRACT

The thesis on screen investigated the actions of the bookseller-publisher Odilon Lunardelli in Santa Catarina's Book and Publishing History. The theoretical-methodological contribution is limited to Cultural History, using the theoretical studies of Aníbal Bragança, Laurence Hallewell, Kátia Carvalho, Lúcia das Neves, Roger Chartier and Michel de Certeau, which illuminated the investigation of this bookseller-publisher. The consulted sources included printed documents and oral sources in the form of interviews authorized by Oral History, plus information located in the collection of Santa Catarina Public Library and other institutions in the state. In the interweaving of sources, the research sought to respond to aspects related to Odilon Lunardelli in the book field in Santa Catarina, based on the following research question: what is the relevance of the circulation and production of printed material linked to Lunardelli in education in Santa Catarina state? Therefore, the following objectives were adopted: to know the paths followed by the creator and owner of Lunardelli Bookstore-Publishing House (1965-2006), Odilon Lunardelli (1932-1997); identify what and how was the performance of Odilon Lunardelli in the book market at the end of the 20th century in Santa Catarina state; identify the possible links between the production and circulation of printed matter with the constitution of university institutions in Santa Catarina state; to analyze the role of the newspaper "A Ponte" (The Bridge), a dissemination vehicle to make the production and circulation of the book visible in the educational, cultural and political field of Florianópolis and in the state of Santa Catarina as a whole. The time frame comprises the year of creation of the bookstore in 1965 until the legal extinction of Lunardelli Bookstore-Publishing House in 2006, passing through the year of Odilon Lunardelli's death. As a result, the sources showed that Odilon Lunardelli, through his bookstore-publishing house and his sociability network, contributed to the constitution of local intellectuals, by conceiving a way to put in motion the editorial practice in the act of publishing books. It created a vehicle for dissemination, the newspaper "A Ponte" (The Bridge) as a strategy to launch new authors and present themes related to Santa Catarina state. From the study, it appears that many of Lunardelli's works were related to educational and cultural processes and institutions. The sources analyzed allowed us to identify and understand the increase in the circulation of printed books. It is considered that the performance of Odilon Lunardelli is marked by the place he occupied, by the creation of his sociability network, which allowed him to be an intellectual mediator, or rather, a mediator of intellectuals from Santa Catarina.

Keywords: History of Education; History of the Book; Editorial History of Santa Catarina; Odilon Lunardelli (bookseller-publisher); Lunardelli Bookstore and Publishing House; Book's Production and Circulation; Education and Culture (Santa Catarina).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Livro sobre Odilon Lunardelli	31
Figura 2 - Logomarca/símbolo da Livraria Editora Lunardelli	55
Figura 3 - Foto da Livraria-Editora Lunardelli (fachada virada para a rua Victor Meirelles) .	66
Figura 4 - Foto da Livraria-Editora Lunardelli e sua vizinhança	67
Figura 5 - Mapa do centro de Florianópolis	68
Figura 6 - Imagens das encadernações do Jornal “A Ponte”	140
Figura 7 - Imagens da capa das encadernações à BPSC.....	142
Figura 8 - Últimas edições do Jornal “A Ponte”.....	143
Figura 9 - Capa da primeira edição do Jornal “A Ponte”.....	145
Figura 10 - Capa da última edição do Jornal “A Ponte”.....	146
Figura 11 - Propaganda da Papelaria Estudantil no Jornal “A Ponte”	150
Figura 12 - Classificados da primeira edição do Jornal “A Ponte”.....	151
Figura 13 - Fotografia da publicação da XXIV Semana do Sebo	164

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Levantamento do registro das empresas de Odilon Lunardelli	53
Quadro 2 - Produção de livros nos estados do sul do Brasil	94
Quadro 3 – Instituições parceiras da Editora Lunardelli	107
Quadro 4 - Autores das obras enviadas ao Congresso dos Estados Unidos	115
Quadro 5 - Relação de livros sem ano de publicação.....	122
Quadro 6 - Coedições - autores, título, editoras/instituições parceiras e ano	127
Quadro 7 - Classificação dos títulos publicados, em números e porcentagens	130
Quadro 8 - Autores e entidades dos livros editados pela Lunardelli	138
Quadro 9 - Composição dos envolvidos na 1ª edição do Jornal “A Ponte”	153
Quadro 10 - Correspondências recebidas de congratulações pela 1ª edição ao livreiro-editor Odilon Lunardelli	154
Quadro 11 - Composição dos envolvidos na última edição do Jornal “A Ponte”	154

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição do acervo pelo número de títulos da Editora Lunardelli entre as três principais bibliotecas de Florianópolis	113
Gráfico 2 - Relação de títulos publicados com as bibliotecas pesquisadas	114
Gráfico 3 - Publicações de títulos por ano - Editora Lunardelli	121
Gráfico 4 - Parcerias da Editora Lunardelli na edição dos livros (1965-2006).....	123
Gráfico 5 - Coedições da Lunardelli: relação entre instituições públicas e privadas	124
Gráfico 6 - Coedições da Lunardelli: comparação entre editoras universitárias e outras instituições	125

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição geográfica das vendas de livros (1966-1982).....	89
Tabela 2 - Quantidade de livros enviados à Biblioteca do Congresso norte-americano em relação aos publicados nos anos listados	115
Tabela 3 - Porcentagem de livros publicados por ano.....	135

LISTA DE SIGLAS

ACEL	Associação Catarinense de Editores e Livreiros
ACL	Associação Catarinense de Livreiros
ADESG	Associação de Diplomados da Escola Superior de Guerra
ALESC	Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina
BESC	Banco do Estado de Santa Catarina
BPSC	Biblioteca Pública de Santa Catarina
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CDU	Classificação Decimal Universal
CERFEAD	Centro de Referência em Formação e Educação a Distância
CNPJ	Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica
COMCAP	Companhia de Melhoramentos da Capital
DAPE	Direção Assistente de Pesquisa e Extensão
EdUERJ	Editores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
EdUFSC	Editores da Universidade Federal de Santa Catarina
EP	Editoria de Política
FAED	Faculdade de Educação
FCC	Fundação Catarinense de Cultura
FESSC	Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina
FFC	Fundação Franklin Cascaes
FJC	Fundação Joinvillense de Cultura
FUMDES	Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior
FUNOESC	Fundação Universidade do Oeste de Santa Catarina
FURB	Fundação Universidade Regional de Blumenau
HE	História da Educação
HHE	História e Historiografia da Educação
IEE	Instituto Estadual de Educação
IFSC	Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Santa Catarina
IHGSC	Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina
INL	Instituto Nacional do Livro
IPESC	Instituto de Previdência do Estado de Santa Catarina

JUCESC	Junta Comercial do Estado de Santa Catarina
LADESC	Liga de Apoio ao Desenvolvimento Social Catarinense
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
PEE	Plano Estadual de Educação
PLAMEG	Plano de Metas do Governo
PROMOP	Programa de Bolsas de Monitoria de Pós-Graduação
SEEC	Serviço de Estatística de Educação e Cultura
SNEL	Sindicato Nacional dos Editores de Livros
SPC	Serviço de Proteção ao Crédito
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TG	Tiro de Guerra
UBE	União Brasileira de Escritores
UDESC	Fundação/Universidade do Estado de Santa Catarina
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UNIEDU	Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina
UNISUL	Fundação/Universidade do Sul de Santa Catarina
UNIVALI	Fundação/Universidade do Vale do Itajaí
UNOESC	Fundação/Universidade do Oeste de Santa Catarina
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	ENCONTRO COM O LEÃO DOS LIVROS: UMA INTRODUÇÃO	18
1.1	ODILON LUNARDELLI: CIRCULAÇÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA HISTÓRIA EDITORIAL DE SANTA CATARINA	21
1.2	A ESCOLHA DO ARCABOUÇO TEÓRICO-METODOLÓGICO PARA APREENDER E COMPREENDER LUNARDELLI.....	32
1.2.1	O PERCURSO METODOLÓGICO	47
2	DE FUNCIONÁRIO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS AO AMOR DO LIVRO ...	52
2.1	O LEÃO E SUA ALCATEIA: TRAÇOS DO LIVREIRO-EDITOR ODILON LUNARDELLI	58
2.1.1	O LEÃO COM SEU MESTRE: O NASCER DO LIVREIRO E SUA REDE DE SOCIABILIDADE.....	72
3	DO COMÉRCIO DE LIVROS UNIVERSITÁRIOS À EDITORA LUNARDELLI: MODOS DE CIRCULAÇÃO E PRODUÇÃO	84
3.1	A CONSTITUIÇÃO DO TERRITÓRIO DE ODILON LUNARDELLI: A CIRCULAÇÃO DOS LIVROS EM SANTA CATARINA	93
3.1.1	TEMPOS EMPILHADOS: A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA LUNARDELLI....	111
3.2	A PROLE DO LEÃO: A PRODUÇÃO DA EDITORA LUNARDELLI.....	120
4	JORNAL “A PONTE”: VAI UM CAFEZINHO [...] CONVERSAS E IMPRESSOS	137
4.1	O LIVREIRO-EDITOR LUNARDELLI: UM MEDIADOR INTELECTUAL	155
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	166
	REFERÊNCIAS.....	172
	APÊNDICES.....	180
	APÊNDICE A – LIVROS PUBLICADOS PELA EDITORA LUNARDELLI.....	181
	APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....	206
	APÊNDICE C – IMAGENS DE ALGUNS LIVROS PUBLICADOS PELA LUNARDELLI	207

1 ENCONTRO COM O LEÃO DOS LIVROS: UMA INTRODUÇÃO

*Desde o dia em que ao mundo chegamos
Caminhamos ao rumo do sol
Há mais coisas pra ver
Mais que a imaginação
Muito mais que o tempo permitir
E são tantos caminhos pra se seguir
E lugares pra se descobrir
(Ciclo sem fim, Elton John / Tim Rice, 1994)*

A História tem muitos caminhos, lugares e rumos, muitas coisas para se ver e sentir. O reinventar-se, ressurgir e lutar como a História enquanto Ciência e a narrativa do filme *O Rei Leão* – cuja principal música está na epígrafe deste trabalho –, fazem cruzar os desafios da pesquisa e do curso de doutorado em Educação. É nessa *vibe* (vibração positiva) de buscar novos horizontes que se encontram os meus novos percursos de pesquisa, os negócios de Odilon Lunardelli – que carinhosamente era chamado de *Leão* pelos amigos¹, e seu escritório na livraria era conhecido como *Caverna*. Um certo entrelace entre o percurso pessoal do proponente deste estudo, pesquisador em formação, pois o filme *O Rei Leão* marcou sua infância e vida, já que ele ainda continua assistindo e se emocionando.

Esta tese tem como **tema** o Leão dos Impressos: o livreiro-editor Odilon Lunardelli na história editorial de Santa Catarina (1965-2006), mais especificamente como **problema investigativo**: quais percursos e redes de sociabilidades da Livraria-Editora Lunardelli na indústria editorial de Santa Catarina? Como a circulação e produção ressoam na educação catarinense? Problemas cuja solução busquei perseguir ao longo do estudo.

O entusiasmo por pesquisar a produção e circulação do impresso na trilha da história editorial no estado de Santa Catarina ligados a Odilon Lunardelli não emergiu como um acontecimento incerto. A trajetória explorada nesta tese e as práticas profissionais exercidas estão de modo direto ligadas às deliberações aqui tomadas.

O amor à História da Educação teve início na primeira aula da graduação realizada na Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), era a disciplina História da Educação ministrada pela professora Dinamar Bressan Lemos. Antes disso, no Colégio Estadual General José Vieira da Rosa², localizado na região do sul da ilha. Portanto, quem aqui escreve é um “manezinho” do Ribeirão da Ilha cuja infância foi vivenciada entre os caminhos de “Floripa” e

¹ Forma como Odilon foi apelidado por Athanázio no livro de homenagem escrito pelos seus amigos e autores de livros editados por Odilon Lunardelli. (ATHANÁZIO, 1999).

² Hoje Escola de Ensino Fundamental General José Vieira da Rosa, com turmas do 1º ao 5º ano.

Garopaba (SC)³. E as suas diversas memórias escolares são da classe multisseriada da Escola Isolada Capão⁴ e das vivências na Escola de Educação Básica Professor José Rodrigues Lopes, local aonde volto para iniciar minha carreira profissional.

No que diz respeito a estímulo à leitura, era quase que inexistente nas instituições de Ensino Fundamental pelas quais passei durante a minha Educação Básica. Deste modo, minhas lembranças à leitura nos primeiros anos escolares não existiram, assim como bibliotecas nas escolas em que estudei na fase do Ensino Fundamental I. Somente na 5ª série eu tive o primeiro contato com um livro não didático, de literatura infanto-juvenil, oferecido pela escola; destes recordo-me muito bem, *Brincadeira Mortal* (2000), de Pedro Bandeira. Depois, vieram outros do mesmo autor, *Descanse em Paz, Meu Amor* (1996), *Prova de Fogo* (1999). O contato com um primeiro título de literatura ficcional – *Brincadeira Mortal* – deu-se pelo fato de ser um livro novo e um dos que sobraram daqueles ofertados pela professora, já que os clássicos, os mais finos e os com pouquíssimas páginas e muitas figuras, sempre eram os primeiros a serem escolhidos pelos colegas das primeiras classes.

Este exercício de lembranças, hoje, permite reconhecer que a leitura escolar foi um passaporte ao amor pelos livros a partir desse primeiro contato com a obra de Pedro Bandeira. O pouco acesso a livros e vivências em bibliotecas escolares se constituíram uma permanência. Embora tenha prestado o vestibular para a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) sem sequer ter tocado em um livro clássico cobrado no exame, acabei sendo convocado para o curso de História⁵. Entretanto, optei por realizar o curso de Letras na UNISUL, mesmo que a minha vontade fosse História. A motivação provocada pelas aulas bem explanadas e planejadas da professora Silvana Cervo lá na Educação Básica, que iam além de apenas ler os capítulos do livro didático como outros docentes. Podemos hoje afirmar que a experiência vivenciada dessa prática de ensino e aprendizagem realizada por esta professora me fez viajar e caminhar pelas ruas históricas, velejar pelos mares distantes, todos tão temidos por povos antepassados. Percebi então nestas suas aulas que todos os acontecimentos históricos têm – como seus esquemas – os antecedentes, o desenvolvimento, as consequências e conclusões. Em outras palavras, foram práticas que me capacitaram à construção de um professor atento ao sabor do saber.

Quanto à minha trajetória escolar no ensino superior, inicialmente ingressei no curso de Letras, UNISUL, campus Tubarão, como já dito. No entanto, após a conclusão do primeiro

³ Cidade ao sul do estado que pertence à região da Grande Florianópolis.

⁴ Hoje Escola Municipal Agostinho Botelho, permaneceu como multisseriada e com o nome anterior até início dos anos 2000, localizada no bairro Capão (Praia da Ferrugem) – Garopaba.

⁵ No ano em que prestou vestibular, a nota de corte do curso de História foi maior que a do curso de Ciências Contábeis.

semestre, optei pela transferência para o curso de História, processo apoiado pela professora Dinamar Lemos. Descobri que para me tornar um professor da disciplina de História da Educação, além da transferência de curso, deveria realizar uma pós-graduação, mestrado e doutorado. A graduação no curso de História, de certo modo, em nada se aproximou do campo da História da Educação. Porém, hoje percebo que de modo indireto se aproximou sim, pois apresentei como trabalho de final de curso a monografia *O sabor da censura na ótica dos alunos da terceira série do Ensino Médio do município de Garopaba, Santa Catarina* (SILVA, 2010). Neste estudo explorei o tema sobre livros e reflexões de estudantes quanto à censura no período da ditadura civil-militar brasileira. Assim nasceu a dedicação a pesquisas sobre livros, portanto não muito distante do campo da História da Educação, e ademais participava do grupo de pesquisa sobre as “Políticas de silenciamento exercidas no sul do estado de Santa Catarina”, coordenado pela professora Dra. Neide de Almeida Fiori.

Concluída a graduação, realizei uma especialização em História do Brasil (2011). No âmbito profissional, atuei como professor e orientador de tecnologias educacionais e acabei por cursar Licenciatura em Informática na primeira turma da Fundação Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC), campus Joaçaba (SC). Tal atividade profissional despertou a necessidade do Mestrado (UNISUL – Tubarão) como forma de responder às inquietudes sobre os usos das tecnologias educacionais na educação de Santa Catarina e me fez voltar a lecionar História.

A realização do Mestrado em Educação possibilitou a imersão no campo da História da Educação. Sob a orientação da Professora Dra. Leonete Luzia Schmidt, no ano de 2014 iniciei a garimpagem de fontes e dados na busca à viabilidade da Série Fontes como objeto de pesquisa e, cumprindo meu percurso, defendi em março de 2016, com o título *Série Fontes: reflexões sobre as ideologias presentes nos textos de leitura*, apresentada na linha de pesquisa de Educação, História e Políticas no Brasil e na América Latina. A proposta foi analisar o conteúdo dos livros da Série Fontes, com o objetivo de conhecer até que ponto os textos contêm ideias dos movimentos *higienistas* e de *eugenia* nos primeiros anos do século XX. O que encontrei na Série Fontes coaduna com os discursos de ordem nacional, com os movimentos ideológicos, contribuindo, assim, para a difusão dos pensamentos ideológicos dominantes (SILVA, 2016).

A conclusão do Mestrado coincidiu com aprovações em processos seletivos para trabalhar no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), onde lecionei as mais diversas disciplinas – presencial e a distância – relacionadas à educação, história, informática, administração e gestão de tecnologias da informação. Além de ter atuado como *designer* instrucional, cuidando dos ambientes virtuais de aprendizagens e nas diversas funções

ligadas ao setor de produção de livros e materiais didáticos no Centro de Referência em Formação e Educação a Distância (CERFEAD). Ao mesmo tempo, ansiedades e a busca por novos caminhos, como concursos, fizeram-me procurar o Curso de Pedagogia, já que muitos seletivos da História da Educação requerem graduação em Pedagogia, além da possibilidade de ser supervisor ou retornar à função de orientação educacional. Em 2019 prestei o concurso da Prefeitura de Florianópolis, sendo aprovado para o cargo de Supervisor Escolar. Depois de uma longa interrupção causada pela pandemia, assumo a função em agosto de 2022.

Retornando, lá no ano de 2018, a atividade profissional ainda me levou a um estado de inquietude, ou melhor, a uma necessidade de ampliar os horizontes formativos, concorrendo à uma vaga de doutoramento nos programas de pós-graduação da UFSC e da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Após conversar com a Professora Dra. Gisela, optei pela UDESC. Já no primeiro encontro com a professora recebi a orientação para submeter minha candidatura ao seletivo de bolsas. Pela primeira vez, usufruí da condição de bolsista, com dedicação aos estudos, sendo aprovado em duas agências⁶ de fomento.

Este exercício de rememoração e escrita do percurso pessoal-profissional se justifica na medida em que dialoga com o objeto de pesquisa do doutoramento no campo da História da Educação imbricado com a investigação da história editorial de Santa Catarina, como é possível constatar no próximo subitem.

1.1 ODILON LUNARDELLI: CIRCULAÇÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA HISTÓRIA EDITORIAL DE SANTA CATARINA

*[...] as cidades encolheram, são previsíveis [...] e até dariam tédio, se não fossem os livros infinitos que contêm.
(Antônio Cícero, “A cidade e os livros” apud Matos, 2008a, p. 15)*

Tendo por foco investigar aspectos relacionados à produção e circulação dos impressos, à escola e suas práticas, o que está diretamente ligado à trajetória deste pesquisador em formação, a tese intitulada *Leão dos Impressos: o Livreiro-Editor Odilon Lunardelli na História Editorial de Santa Catarina (1965-2006)* tem como questão norteadora: **qual a relevância da circulação e produção⁷ dos impressos vinculadas a Odilon Lunardelli no**

⁶ Programa de Bolsas de Monitoria de Pós-Graduação (PROMOP) mantido pela UDESC. Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina (UNIEDU), mantido pelo estado de Santa Catarina e executado pela Secretaria da Educação, que agrega todos os programas de atendimento aos estudantes da educação superior amparados pelo Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior (FUMDES).

⁷ A ordem natural seria produção para depois circulação, entretanto, entende-se que se deu primeiro a circulação de livros para depois a edição e produção de obras, pois a editora nasce da livraria.

campo da educação e da cultura no estado de Santa Catarina? Busca compreender quem é Odilon Lunardelli na história editorial catarinense no âmbito da circulação e produção dos impressos na segunda metade do século XX. Para Chartier (2002b, p. 61):

A questão essencial que, na minha opinião, deve ser colocada por qualquer história do livro, da edição e da leitura é a do processo pelo qual os diferentes atores envolvidos com a publicação dão sentido aos textos que transmitem, imprimem e leem. Os textos não existem fora dos suportes materiais.

Nesta direção, definiu-se como objetivo geral **conhecer as ações do livreiro-editor Odilon Lunardelli na história editorial de Santa Catarina (1965-2006)**, na tentativa de compreender quem é esse livreiro-editor, qual foi a sua atuação no mercado livreiro na segunda metade do século XX no estado de Santa Catarina. Para alcançar tal objetivo central, têm-se como **objetivos específicos**: a) conhecer os caminhos trilhados pelo idealizador e proprietário da Livraria-Editora Lunardelli (1965-2006), Odilon Lunardelli (1932-1997); b) identificar qual e como foi a atuação de Odilon Lunardelli no mercado livreiro no final do século XX no estado de Santa Catarina; c) identificar os possíveis vínculos entre a produção e circulação do impresso com as constituições de instituições universitárias no estado de Santa Catarina; d) analisar o papel do Jornal “A Ponte”, título de sua publicação como estratégia imbricada em sua rede de sociabilidade para visibilizar a produção e circulação do livro no campo cultural e político de Florianópolis e no estado de Santa Catarina como um todo.

Em relação ao **recorte temporal**, optou-se por estudar o intervalo que compreende a fundação em 1965 até ano do fechamento da livraria-editora em 2006. Portanto, será abordado o período posterior à morte de Odilon, ocorrida em 1997, por se considerar que os títulos publicados podem ter ressonância direta ou indiretamente de seu fundador e ponderando que a tarefa de produção de um impresso não é tão rápida. Os anos póstumos auxiliam na compreensão do processo de finalização das atividades da livraria-editora. Também, apareceram hiatos temporais com fatos que antecedem o recorte da pesquisa, porém necessários para o entendimento de alguns aspectos relacionados às atividades de Lunardelli.

Conhecer as ações do livreiro-editor Odilon Lunardelli na história editorial de Santa Catarina (1965-2006) faz lembrar das seguintes palavras de Chartier (2002b, p. 38), quando diz que “[...] se o corpo do livro é o produto do trabalho feito pelos impressores ou pelos encadernadores, a criação de sua alma não envolve apenas a invenção do autor. A alma é moldada também pelos tipógrafos, editores ou revisores, que se encarregam [...]” de diversos aspectos, como a pontuação, a ortografia ou o *layout* do texto, de certa forma, influenciando na cultura escrita dos impressos. Portanto, conhecer sua trajetória no meio editorial catarinense

possibilita refletir sobre a potencialidade e as possibilidades do trabalho historiográfico desta produção, reverberando novos conhecimentos para a História da Educação. Para Buss (1999a, p. 07), “Odilon Lunardelli desempenhou um papel pioneiro na edição de livros em Santa Catarina. Especialmente na década de [19]70, contribuiu de maneira fundamental para que se criasse o conceito de literatura catarinense”, definido por Sachet (2022) como “Catarinidade”.

A aproximação, escolha e reconhecimento do objeto de pesquisa desta tese iniciaram-se logo após os primeiros contatos realizados entre orientando e orientadora. Havia a intenção de investigar sobre a produção e circulação de livros em Santa Catarina durante o século XX, porém, depois de leituras de obras de autores como Aníbal Bragança⁸ e Felipe Matos⁹ e as discussões nas disciplinas do curso, deu-se início à construção desta proposta, lançando um olhar atento para a Livraria-Editora Lunardelli, em especial ao proprietário, Livreiro-Editor Odilon Lunardelli – assim será nominado no percurso deste texto –, e apoiando-se no entendimento de Viñao Frago (2008, p. 15) de que “não existe um objeto que, contemplado de diversos lugares, seja sempre o mesmo”, um novo olhar surge sobre os impressos catarinenses.

A tarefa dos historiadores não é profetizar a história. Enganaram-se eles com tanta frequência ao aventurar-se a tal exercício que acabaram se tornando prudentes. O olhar voltado para trás tem outra função: ajudar a compreender quais são os significados e os efeitos das rupturas que implicam os usos, ainda minoritários e desiguais, mas a cada dia mais vencedores, de novas modalidades de composição, de difusão e de apropriação do escrito. Entre as lamentações nostálgicas e os entusiasmos ingênuos suscitados pelas novas tecnologias, a perspectiva histórica pode traçar um caminho mais sensato, por ser mais bem informado (CHARTIER, 2002b, p. 09).

Deste modo, compartilham-se, por meio deste texto, ponderações e resultados, com a percepção da necessidade de ir mais além, de incluir outros aspectos que transcendem o simples olhar, como a humanidade transforma a natureza para poder sobreviver, mas ao mesmo tempo ela é capaz de criar condições consideradas fundamentais para o convívio em sociedade, quais sejam, o uso de recursos humanos como mercadoria, a apropriação da mão de obra de outro indivíduo, dentre outras. E, neste sentido, vale citar outra condição necessária para minimizar tal situação, a escolarização, que é vista como requisito, junto ao trabalho, favorável para a mudança de classe social em sociedades neoliberais como a que se vive. É neste processo de escolarização da população brasileira que surge um mercado promissor, o qual se analisa neste trabalho, a produção e a circulação do livro no âmbito educacional e/ou cultural para os

⁸ BRAGANÇA, Aníbal. **Livraria ideal**: do cordel à bibliofilia. Niterói: Edições Pasárgada: EdFF, 1999.

⁹ MATOS, Felipe. **Uma Ilha de Leitura**: notas para uma história de Florianópolis através de suas livrarias, livreiros e livros (1830-1950). Florianópolis: Editora da UFSC, 2008a.

diferentes públicos escolares em Santa Catarina na segunda metade do século XX, principalmente, ligados a Odilon Lunardelli e suas empresas.

A sociedade brasileira do século XX foi marcada por mudanças significativas nas diferentes áreas e contexto, causadas pela recém-República e pelo desenvolvimento urbano industrial. A escola e o processo de escolarização foram vistos pelos governantes e pela elite, dita intelectual econômica brasileira desse tempo, como forma de modernizar e industrializar o país.

Era imprescindível formar o cidadão brasileiro para atender às necessidades do ‘processo de civilização’ e de industrialização para o qual o país estava tentando se estruturar. Nesse sentido, circulavam na sociedade ideias sobre a construção da República civilizada e sobre a educação ser a responsável por esta formação. Essa ideia da república como novo em contraposição ao Império ‘velho, arcaico, símbolo de barbárie’[...] (SILVA, 2016, p. 12).

Na esteira desse entendimento, Oliveira e Teive (2014, p. 550) destacam: “[...] acreditava-se que só seria possível construir uma nova nação por meio da educação escolar”. A escola como instrumento é um dos espaços para formação e direção do projeto da sociedade almejada. Nesse sentido, as unidades federativas brasileiras começaram a implantação de reformas educativas para atender a essas exigências nos primeiros anos da República, pois, como mostrou Bragança (1999, p. 75) em seus estudos, “o analfabetismo que em 1890 alcançava cerca de 84% da população, e que demorara até 1920 para reduzir-se a 75%, atingiria 57% em 1940”. A Constituição Federal de 1934, embalada por uma concepção do Direito e do Estado, estabelecia então a “educação como direito de todos”, possibilitando, assim, uma instrução menos restrita aos pobres do país. Na concepção de Melo e Valle (2014, p. 02):

A ideia que predominava nesse período era: por meio da educação, seria possível eleger elementos concretos para se promover os processos de mudança, tanto sociais quanto culturais que se operavam. Assim, a escolarização da população brasileira deveria impulsionar, tanto o progresso da nação quanto o desenvolvimento econômico.

Contudo, essas autoras também revelam que a escolarização dos anos 1950 e 1960 era voltada à promoção do desenvolvimento, sendo que por meio da educação se formaria o “capital humano” com o objetivo de desenvolver e apressar tanto o progresso material quanto social no que tange ao estado de Santa Catarina. Assim, constituía-se uma afinidade estreita entre a educação e o desenvolvimento econômico, pois se acreditava que, ao elevar o nível de escolaridade dos sujeitos, também seria elevada a sua produtividade no trabalho e o seu faturamento, proporcionando a mobilidade social dos indivíduos. Sobre outros estudos

analisados no texto de Melo e Valle (2014), tem-se a Teoria do Capital Humano, desenvolvida pelo economista Theodore William Schultz, que observou a acelerada recuperação da Alemanha e do Japão depois da Segunda Guerra Mundial, comparando com o que aconteceu em outros países, como o Reino Unido. Elas ressaltam que:

Ele [Theodore W. Schultz] constatou que a velocidade de recuperação dos dois primeiros deve-se ao fato de os mesmos possuírem uma população sadia e altamente escolarizada. Isto o levou a refletir sobre o papel da educação, visando tornar as pessoas mais produtivas e saudáveis. Tal pensamento sustentou sua tese principal: o investimento em educação aparece como condição de capital. Segundo ele, os lucros de produtividade gerados pelo ‘fator humano’ na produção, decorrente da força de trabalho qualificada pela educação, constituem-se um dos mais importantes meios de aumento da produtividade (MELO; VALLE, 2014, p. 02).

Para Melo e Valle (2014, p. 02-03), os conceitos de Schultz “[...] sobre o papel da educação no processo de desenvolvimento balizaram a elaboração do Plano Estadual de Educação (PEE)”, pois, segundo as autoras, Schultz defende que pela educação “[...] o capital humano é valorizado quando promove o aumento do bem-estar através dos ganhos na produtividade do trabalho e da capacidade empreendedora no que concerne à aquisição de informações e à adaptação aos desequilíbrios gerados pelo [...]” próprio processo de modernização, sobretudo, ainda para ele, “[...] quando leva o estudante a investir tempo para se instruir e o impele à conquista de melhores oportunidades de emprego e de condições de vida”.

Neste raciocínio, o Plano Estadual de Educação (SANTA CATARINA, 1969, p. 03), para conseguir esses efeitos postulados, destaca que a educação não pode ocorrer de forma isolada ou sem articulação, deve estar integrada “[...] a um conjunto de requisitos ideais que garantem a curto, médio e longo prazos a concretização dos anseios de uma sociedade em busca de sua realização”. Desta maneira, há de se considerar o apontamento de Melo e Valle (2014, p. 03, grifos nossos) de que “[...] uma das importantes iniciativas dos governos da década de 1960 foi a elaboração do primeiro Plano Estadual de Educação [...]”, pois a sua concretização “[...] foi demarcada por condições que vigoravam no país naquele momento, estando, portanto, em plena harmonia com a recomendação do Conselho Federal de Educação, referente à elaboração de planos estaduais [...]” que advêm “[...] desde a segunda metade dos anos 1950. Sendo assim, foi implantada em Santa Catarina uma Comissão Superior de Estudos [...]. A esta equipe competia desenhar as principais linhas que serviriam como roteiro para a elaboração do PEE [Plano Estadual de Educação]”.

Este plano foi constituído conforme as perspectivas que conferem “[...] fundamental importância à Educação, como um dos fatores que contribui para o desenvolvimento. Esta

análise é consagrada com a denominação Educação para o Desenvolvimento e preocupa-se em vincular a educação à economia” (DAROS, 1984, p. 54, *apud* MELO; VALLE, 2014, p. 04). Adjunta a esse fim, ilustra a carência da formulação de planos de desenvolvimento para apontadores de percursos a serem trilhados (MELO; VALLE, 2014), o que se pode ver neste enunciado do próprio PEE:

Deve ser compreendido como plano setorial e como tal dependente dos objetivos dos demais planos setoriais e, como esses, dependente de um plano integrador, global. Isto porque não se pode atingir o desenvolvimento somente pela educação e mesmo esta não tem maior sucesso se toda uma gama de ações econômicas, de saúde, de vida social se não forem deflagradas em simultaneidade (SANTA CATARINA, 1969, p. 02).

Evidencia-se a necessidade de atuar em diversas frentes para aumentar o desenvolvimento, como a saúde, o trabalho e a educação. Este último, como consta no PEE, importante para o desenvolvimento social e econômico capaz de conceber mão de obra qualificada, fundamental ao processo produtivo; de aumentar a renda das pessoas e a criação de novas práticas de consumo; de propiciar novos valores renovadores da “visão de mundo” tradicional; de estabelecer circunstâncias imprescindíveis à contribuição típica nos mecanismos institucionais, no que é oportuno às tomadas de posição da sociedade mundial (SANTA CATARINA, 1969). A educação, no contexto escolar, necessitava ajustar-se ao projeto de progresso social que deve seguir paralelamente ao desenvolvimento econômico. Entretanto, nem todo o progresso acontece exclusivamente pela educação. Porém, quando se pretende mudar a sociedade, a educação é o elemento essencial. Contudo, o investimento em educação, para constituir a categoria de capital provedor de produtividade no estado de Santa Catarina, demonstra-se insuficiente, pois a escola ainda não se concebia no *locus* de formação do “capital humano”, que visavam futuramente à prestação de serviços e à melhoria da qualidade de vida (MELO; VALLE, 2014). Com os novos rumos adotados na educação, em especial no ensino escolar, e a expansão dela, decorrente da aparição de planos e novas reformas curriculares, o mercado editorial é fortemente requerido.

Também no governo de Getúlio Vargas (1930-1945) a indústria do livro foi alvo ao determinar a obrigação de renovação nos livros didáticos, adaptados às novas realidades requeridas pelo Estado Novo, quando, em 1938, cria a Comissão Nacional do Livro Escolar, que impôs a adoção, pelos professores, somente dos livros que por ela foram aprovados (BRAGANÇA, 1999). Junto à obrigação de renovar os livros, surge a carência de novos autores e editores nos próximos anos do século XX. Essa demanda por livros escolares novos

proporciona a criação e ampliação das livrarias e editoras por todo o país. A expansão da indústria editorial no Brasil está atrelada à educação formal, com o aumento do número de escolas em todos os níveis de ensino e a concepção das universidades, o que refletiu na demanda de livros e outros tantos impressos. As décadas de 1930 e 1940 representam o momento de *instalação da indústria cultural*, estimuladas pelo aumento da taxa de alfabetização e pelo hábito de leitura entre as camadas intermediárias urbanas do país, levando a perceber a articulação entre os sistemas educacionais, culturais e o mercado das letras (REIMÃO, 1999 *apud* BRAGANÇA, 1999, p. 12-13).

Investigar o empreendimento editorial de Odilon Lunardelli é pesquisar uma parte da história do livro no Brasil e, por sua vez, da história do livro em Santa Catarina. Pois, sob a concepção de Darnton (1990, p. 113), a história do livro se constitui um “Circuito das Comunicações”, cujo início se dá pelo autor e finda com o leitor, porém a editora, livraria e outras instituições circunscritas ao objeto livro colocam em movimento este circuito.

Não se trata de investigar e rebater o mesmo assunto, mas uma nova visão atrelada ao olhar local, aqui em questão o caso Lunardelli. Retomando o que afirma Viñao Frago, “não existe um objeto que, contemplado de diversos lugares, seja sempre o mesmo. Da mesma forma, não existe um fenômeno, acontecimento ou assunto que, considerado de perspectivas diferentes, não mostre aspectos antes não-visíveis, mas não apreciados”. Dependendo unicamente da posição em que se olha, “o lugar de onde se olha condiciona não somente o que se vê, mas também como se vê e o que se vê” (VIÑAO FRAGO, 2008, p. 15). Portanto, o que pode mudar é o olhar que o pesquisador tem para as fontes e a forma como as encontra. Continuando neste entendimento, “[...] quem buscar nas estantes algum trabalho sobre sua história editorial e do comércio de livros encontrará dificuldades. Não há um trabalho realizado especificamente sobre o tema [...]” em “Florianópolis, salvo aqueles que versam sobre práticas de leitura, literatura, imprensa e perfis de personagens que perpassam a história editorial da Ilha” (MATOS, 2008a, p. 20). Ainda, observadas as afirmações de Felipe Matos, percebe-se a carência desse campo de pesquisa.

Considerando os apontamentos e os objetivos aqui alçados, elegeu-se, nesta tese, investigar a história do livreiro-editor Odilon Lunardelli que constituiu uma editora com uma linha editorial centrada em produções catarinenses. Certifica-se que tais suportes se fizeram necessários e presentes no panorama escolar. E o recorte temporal da pesquisa tem como pressuposto o crescimento do cenário das atividades em defesa da educação superior e secundarista no estado. Neste argumento o tema conquista uma potência atrelada ao discurso desenvolvimentista e da modernidade propulsionada pelos governos e elites da época, cabendo

aos impressos proporcionar os atributos modernos fundamentais para alcançar os objetivos da sociedade idealizada já desde os tempos do Império e da independência.

Ao examinar os documentos produzidos na época desta pesquisa, bem como a leitura de pesquisas elaboradas no campo da História, História e Historiografia da Educação (HHE) e História do Livro referentes ao segundo período do século XX, pode-se identificar que diversas livrarias foram se especializando em Santa Catarina, editoras foram surgindo e o mercado de livros procurou se alinhar aos objetivos requeridos pela sociedade, mundo da cultura e da educação. Tais objetivos foram classificados como modernizadores e auxiliares para o desenvolvimento catarinense, que buscava desde o início do século se desvencilhar do *status* de estado agrário e pouco industrializado, o que condicionava a ser considerado um território atrasado¹⁰. Completando esse entendimento, Neves (2009), apropriada de contribuições de Darnton, diz que:

Livros e impressos não devem ser vistos apenas como registros da memória de um tempo, que narram diferentes percepções de um mesmo fato, tampouco como simples ingrediente do acontecimento, mas sim, no dizer de Robert Darnton, na qualidade de agentes que intervêm, eles mesmos, nos processos e episódios (p. 07).

Pois pesquisas com impressos e livros são fundamentais “[...] em suas múltiplas facetas – conteúdo, circulação, compra, posse, linguagens e modo de apropriação – a história dos livros e dos impressos e a história da leitura convertem-se em um dos principais instrumentos da criação de novas culturas políticas”, além da “[...] construção de significados originais, expressão também de sua historicidade” (NEVES, 2009, p. 07).

Odilon Lunardelli, ao longo dos anos na condição de livreiro-editor, trouxe à luz novos nomes para o mundo de autores do mercado de livros, principalmente, aqueles títulos voltados ao campo da História, Geografia e Literatura do estado de Santa Catarina. Muito mais que lançar novos escritores, a sua editora contribuiu para dar a conhecer um modo de pensamento do autor catarinense, impulsionou uma ampla criatividade por meio dos livros editados pela Lunardelli, abarcando os mais variados temas, como expressa Meirinho (1999, p. 51) de forma laudatória, “[...] todos oferecendo contribuição ao conhecimento da cultura, da economia, da política, da prosa, da poesia, do pensamento, circundantes nos limites da terra Barriga Verde e que, graças às edições ganharam universalidade”. Palavras de certo modo corroboradas pelo professor e pesquisador Carlos Humberto Correa, ao se referir ao papel da editora:

¹⁰ Para mais considerações sobre a necessidade de modernização do estado catarinense, vide Silva (2016).

A editora Lunardelli foi a primeira editora particular e comercial de Florianópolis que teve o privilégio de lançar um bom número de historiadores para todo o universo editorial brasileiro.

Odilon Lunardelli dedicava um verdadeiro amor pelos livros e seus autores, fossem eles de quaisquer áreas. Mas, além disso, consagrava grande parte de seu tempo voltado às origens de Santa Catarina, seu estado natal e, portanto, a vinculação que teve com historiadores catarinenses não foi pequena (CORREA, 1999, p. 17).

O possível amor aos livros e a vontade de fazer prosperar a produção intelectual sobre Santa Catarina fizeram de Odilon Lunardelli, provavelmente, o maior e o principal editor de livros sobre o estado de Santa Catarina e/ou de autores locais no seu tempo, sua trajetória coincide com a ascensão do progresso intelectual e com o crescimento da educação escolar formal catarinense. Nesta mesma linha de raciocínio é preciso mencionar a criação e ampliação do Instituto Estadual de Educação (IEE), além da implementação das duas principais universidades públicas de Santa Catarina: a UFSC em 1960, sob a denominação Universidade de Santa Catarina¹¹ pela Lei nº 3.849, de 18 de dezembro, e a Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina em 1965, pelo Decreto Estadual nº 2.802, de 20 de maio, que a partir de 1990 tem o nome institucional de Universidade do Estado de Santa Catarina, mantendo a sigla inicial – UDESC. Antes da união das faculdades espalhadas pelo território catarinense, objetivando a formação da UDESC, a Faculdade de Educação (FAED)¹², à qual está vinculado este trabalho, foi criada em 08 de maio de 1963. Segundo Fáveri e Assis (2014, p. 259), “[...] teria, portanto, a importante missão de formar os quadros para um sistema de ensino em expansão e ao mesmo tempo, subsidiar a formulação de política educacional catarinense dentro desses ideais desenvolvimentistas”.

Fáveri e Assis (2014, p. 259) explicam que o período de fundação da FAED é considerado por alguns como a “idade de ouro da Faculdade de Educação”. A instalação de diversas universidades no estado aponta para um mercado livreiro promissor, visto que a concepção da FAED “[...] estava situada numa necessidade de romper o desequilíbrio entre o desenvolvimento econômico e o sistema de ensino”. Além disso, “[...] havia no início da década de 1960 no Estado uma demanda por escolarização que implicou no aumento do oferecimento de vagas nos grupos escolares e escolas rurais, bem como a criação de escolas de ensino médio”

¹¹ Mais informações encontram-se em Neckel e Kückler (2010).

¹² A FAED foi criada em 1963, a partir de políticas que apontavam para a necessidade de planejar para o desenvolvimento do estado de Santa Catarina. Partindo dessa perspectiva, o governador do estado, Celso Ramos, implementou o Plano de Metas do Governo, o PLAMEG (1961-1965). Em 1965 a Faculdade de Educação integrou-se à UDESC, atendendo às concepções vigentes desde os anos 1950 que colocavam a educação como parte do processo de “aceleração do Desenvolvimento”, projeto que foi financiado por vários acordos educacionais entre os Estados Unidos e Brasil, e que se acentuou durante o Regime Militar (1964-1985) do país (FÁVERI; ASSIS, 2014).

(FÁVERI; ASSIS, 2014, p. 259). Tal demanda provocou uma circulação maior dos livros, percebida por Odilon Lunardelli; foi possível observar nas fontes consultadas diversas práticas adotadas por ele para colocar os livros na mão do leitor, isto é, o livreiro-editor ajudava até na organização de feiras de livros, oferecendo os seus títulos a preços ditos módicos, bem como, distribuía gratuitamente títulos como um dos modos para desocupar o estoque, disseminar conhecimento e fazer publicidade de sua editora. Provavelmente tinha grande circulação e aceitação pelos cidadãos, principalmente o público acadêmico, pois, pela pesquisa aqui exposta, é possível identificar nos títulos e nos depoimentos dos amigos de Odilon que em seus livros constam saberes regionais, importantes e obrigatórios por força da Lei e Diretrizes Curriculares – assunto abordado a seguir neste trabalho – merecendo uma reflexão para tais práticas.

Percebe-se a presença e influência de Odilon Lunardelli e suas ações na editorial-livreira catarinense por meio de alguns relatos constantes em diversas fontes e no livro “**Nosso homem do livro: Odilon Lunardelli (Depoimentos)**” (PEREIRA, 1999)¹³ organizado por Francisco José Pereira, editado pela União Brasileira de Escritores (UBE) de Santa Catarina no ano de 1999 cuja imagem da capa se encontra abaixo (Figura 1).

¹³ Editado pela UBE/SC cujo endereço é o Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina. Conforme o “Boletim da Comissão Catarinense de Folclore”, ano XXXVI, nº 52, foi lançado em 23 de novembro de 1999 – terça-feira – no Palácio Cruz e Sousa, tendo apoio cultural da Metrópole Indústria Gráfica Ltda., Editora da UFSC e Laser Sul – Fotolito.

Figura 1 - Livro sobre Odilon Lunardelli



Fonte: Digitalizado pelo autor, 2023.

O referido livro conta, de maneira laudatória, com depoimentos de pessoas/figuras ligadas a Odilon Lunardelli, tanto da área da educação, literatura como do mundo comercial e da política. Neste próprio livro, Correa (1999, p. 19) destaca que “uma homenagem a este homem que ajudou o conhecimento histórico de sua terra é pouco, diante da coragem do empreendimento em que confiou e levou adiante”. Uma homenagem, o livro de depoimentos escrito por amigos e parceiros de empreitadas coloca em evidência o poder de circulação, representação, tática e estratégia exercidos pelo Livreiro-Editor Odilon Lunardelli – conceitos cunhados por Chartier (1990, 2009b, 2011) e Certeau (1982).

Ainda considerando o contexto de criação da Livraria e Editora Lunardelli, dos livros mais a criação e veiculação sistemática do Jornal “A Ponte”, o tempo em que permaneceu em atividade e as situações políticas, econômicas e governamentais em Santa Catarina e no Brasil, faz-se necessária “[...] uma análise do papel assumido pelo livro e pelo impresso na transmissão da cultura, na formação da opinião pública e das culturas políticas, no processo de constituição dos intelectuais, tendo sempre como pressuposto que a palavra escrita [...]”, segundo a autora, “foi o objeto privilegiado da luta política-ideológica que caracterizou” os últimos séculos

(NEVES, 2009, p. 07-08). Assim, surgiram algumas questões no percurso inicial desta investigação, entre elas: possivelmente reconhecer, por meio de entrevistas e outras fontes, como ocorriam a seleção e produção dos livros? Era por recomendação? Os livros eram apenas para que houvesse material de leitura nas instituições escolares? Ou era para alimentar a cultura letrada? Havia interesse, por parte do estado catarinense, na produção e circulação dos livros? E no tocante ao âmbito nacional? A partir dessas e outras questões que emergiram com base nas leituras e investigações iniciais sobre a Lunardelli – tanto na pessoa física de Odilon Lunardelli quanto na pessoa jurídica –, os diferentes questionamentos reiteram a pergunta de pesquisa, como já indicada no início deste texto: *qual a relevância da circulação e produção dos impressos vinculadas à Lunardelli na educação no estado de Santa Catarina? Quem era o Livreiro-Editor Odilon na história editorial de Santa Catarina? Havia apadrinhamentos? Quais as limitações das fontes?*

Neste sentido, “[...] inserid[as] na articulação combinada da história do impresso e da leitura com a história cultural, com a história política e a história social”, as investigações necessárias para este trabalho tendem, “[...] ao se transformarem em palavras impressas, mostr[ar]em-se capazes de abrir novas perspectivas de abordagem e de destacar o quanto o livro, em seu sentido mais lato, continua a servir de documento fundamental para os estudos históricos” (NEVES, 2009, p. 12, grifos nossos). Chartier acrescenta que, na cultura impressa, “[...] se estabelece a partir da relação entre tipos de objetos (os livros, o diário, a revista), categorias de textos e formas de leitura. Tal vinculação está arraigada a uma história de longa duração da cultura escrita” (CHARTIER, 2002b, p. 22). Portanto, entende-se que é necessário o objetivo desta tese, pois a relevância da circulação e produção dos impressos, particularmente do livro por ser o principal objeto econômico, cultural e político da Livraria-Editora Lunardelli no estado de Santa Catarina e, possivelmente, no Brasil, bem como o entrelaçamento dessa atuação editorial e livreira com o campo da educação. Para tanto, no subitem que segue se apresenta o arcabouço teórico-metodológico desta investigação.

1.2 A ESCOLHA DO ARCABOUÇO TEÓRICO-METODOLÓGICO PARA APREENDER E COMPREENDER LUNARDELLI

É a questão formulada ou o problema que ilumina o olhar do historiador, que transforma os vestígios do passado em fonte ou documento, mas é preciso fazê-los falar. Caso contrário eles revelam somente a existência de um outro tempo, de um antigo, em que os homens falavam uma língua diferente.
(PESAVENTO, 2003, p. 63)

Perseguindo o objeto de estudo e o problema investigativo apresentado nesta tese, faz-se necessário lançar um olhar cuidadoso para o campo de estudo, com a finalidade de identificar pesquisas precursoras desta temática e estudos que de alguma forma puderam auxiliar não só de forma teórica, como também permitiram observar diferentes formas metodológicas empregadas por diferentes autores.

Neste sentido, foram realizadas buscas em diversos portais, sendo alguns deles o catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o repositório da Biblioteca UDESC, o banco de dissertações do programa em que esta tese foi desenvolvida, os repositórios da UFSC e UNISUL, além de revistas especializadas em Educação e História da Educação, indicando diversos dossiês e capítulos de livros. Foram utilizados os descritores mais específicos ao objeto de pesquisa: Editora Lunardelli; Livraria Lunardelli; Odilon Lunardelli. E, em âmbito de Brasil e Santa Catarina, os seguintes descritores: História do livro; Política Cultural; Editores; Edição; História Editorial; História do Impresso; Livros; Interesses na Leitura – História – Santa Catarina. Cabe ressaltar que, com relação ao descritor Odilon Lunardelli, a única referência é de um autor de um artigo em nada relacionado ao objeto de pesquisa da tese; do mesmo modo com os descritores Livraria Lunardelli e Editora Lunardelli, todas as produções eram relacionadas à editora e estavam presentes nas referências bibliográficas, o que, de certa forma, corrobora o entendimento do poder de circulação de seus impressos. As outras produções consideradas importantes são apontadas e discutidas ao longo deste texto. Assim, segue-se com a apresentação das obras localizadas durante o levantamento e suas aproximações com o objeto de pesquisa sem distingui-las entre categorias.

Destaco aqui o dossiê: **História da Cultura Escrita** (GALVÃO; SILVA FRADE, 2016), da Revista Brasileira de História da Educação, que embora não se relacione diretamente com o objeto de estudo da tese, permite observar importantes discussões teórico-metodológicas referentes à história do livro, leitura produção editorial e à História da Educação.

Lançado no ano de 2007, o livro **História da educação pela imprensa** é organizado por Anaete Regina Sschelbauer e José Carlos Souza Araújo. A publicação tem como foco estudos da História da Educação que têm na centralidade os impressos periódicos como fontes e objetos investigativos.

Referente à circulação de impressos em Santa Catarina, tem-se como uma das referências as obras de Aníbal Bragança, Kátia Carvalho e Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves, que me auxiliaram a compreender o presente objeto de pesquisa, Lunardelli, bem como a circulação dos impressos em Santa Catarina no final do século XX, assim como as obras

consideradas como o marco dentro da história editorial, dos livros e dos impressos no Brasil, a exemplo de Laurence Hallewell (1985) e Wilson Martins (2001), objetos que são tratados ao longo da tese.

A pesquisa, grande reportagem, *A distribuição de livros em Santa Catarina*, de Jossane Ristow, apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) em Comunicação Social (Jornalismo) da UFSC em 1984, tem como principal objetivo abordar a distribuição dos livros no estado de Santa Catarina nas décadas de 1970 e 1980, ou melhor, má distribuição, como a autora sempre se refere. Foram feitos levantamentos consideráveis sobre o campo editorial catarinense. Até um debate foi promovido pela autora, juntamente com seu orientador José Gatti, contando com a presença de figuras importantes do meio livreiro/editorial. Questionamentos importantíssimos foram levantados e debatidos pelos envolvidos. A autora realizou uma entrevista, na época, com Odilon Lunardelli, que não se fez presente no dia do debate, o qual foi alvo de duras críticas. Mais detalhes sobre o trabalho de Jossane Ristow serão apontados na terceira seção desta tese, onde será contemplada a temática da distribuição dos livros no território catarinense.

Apreciar um importante estudo como a tese de Felipe Matos (2014), intitulada *Armazém da Província: Vida Literária e Sociabilidades Intelectuais em Florianópolis na Primeira República*, é fundamental por ser uma investigação que discute o campo cultural da cidade de Florianópolis na Primeira República, tendo como ênfase a “Geração Acadêmica” formada pela elite literária, “investigando as relações entre práticas sociais, construções intelectuais e o peso dos pertencimentos sociais em seu repertório de ações” (MATOS, 2014, p. 06). De certa forma, tal elite participou da constituição do campo literário que, anos mais tarde, foi impulsionado por Lunardelli. Felipe Matos, em sua tese, conseguiu identificar:

[...] as trajetórias sociais dos membros desta elite literária, seus laços de sociabilidades, suas instâncias de consagração, seus projetos editoriais com ênfase no periodismo, [...] e as demais práticas sociais que estabeleceram em suas batalhas por distinção, legitimação, espaços e capitais dentro de um campo cultural subordinado [...] (MATOS, 2014, p. 06).

Percebe-se que a produção de Felipe Matos tem relação com o período pesquisado, mesmo sendo do final do século XIX e início do XX, haja vista que tal ruptura só acontece com as instituições públicas, deixando de ser apenas para um grupo pequeno que frequentava os colégios particulares. Já na dissertação de Matos (2008b), intitulada *Sob os auspícios da Livraria Rosa: Redutos literários e circulação de cultura letrada em Florianópolis*, observa-se que “a livraria de João Teixeira da Rosa Júnior (1944-1951) contribuiu para cosmopolitizar a

cidade, consolidar os hábitos de leitura, alterar a percepção acerca do objeto-livro e consolidar-se como um dos redutos de sociabilidade intelectual de sua época” (MATOS, 2008b, p. 06). Entretanto, ressalta-se a importância da obra de Francisco José Pereira (1999), abordada a seguir, que reuniu um grupo de autores e amigos de Odilon Lunardelli, pois há poucas fontes sobre o objeto de estudo.

Felipe Matos publicou uma obra em 2008, derivada de seu TCC de História na UDESC, apresentado em 2005, que foi fundamental para suas pesquisas posteriores no âmbito do seu Mestrado e Doutorado. O TCC, com o título *Uma ilha de leitura: notas para uma história de Florianópolis através de suas livrarias, livreiros e livros (1830-1950)*, originou seu livro adaptado às normas editoriais. Nele o autor descreve a sociedade ligada aos impressos e suas circulações e vendas desde o surgimento das primeiras tipografias, publicações e livrarias, dando ênfase à venda exclusiva de livros pela Livraria Rosa, que não exercia a função de papelaria. O objetivo principal do livro era “demonstrar a existência de vida cultural em Florianópolis”, além do viés historiográfico não muito explorado, contribuiu para intuir, “ao contrário do discurso que legitimou a ideia de que Florianópolis era uma ilha ‘isolada’, alheia aos principais acontecimentos culturais de seu tempo e trazer ao corpo do texto aqueles que sempre foram marginalias – os leitores da cidade” (MATOS, 2008, p. 23, grifos do autor).

Continuando a busca, encontraram-se algumas pesquisas que versam sobre trajetórias editoriais, como a tese de Andréa Lemos Xavier Galucio, intitulada *Civilização Brasileira e Brasiliense: trajetórias editoriais, empresários e militância política*, defendida no ano de 2009 no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense (UFF). O objetivo de seu trabalho era “analisar suas trajetórias visando às ações editoriais e políticas dos editores no campo editorial brasileiro”. Indo além da compreensão do processo editorial, o texto ajuda a entender a rede de sociabilidade que envolve a produção e circulação do livro, constatando o poder dos editores, deixando evidente a necessidade de ter uma política editorial bem consolidada para persistir as intempéries presentes ao longo dos anos de existência/sobrevivência das editoras, pois se questiona o papel dos editores como empresários e na militância política. Andréa Galucio demonstrar em palavras como ocorrem e/ou devem ocorrer os estudos, tendo as editoras como objeto de pesquisa. Fez um levantamento bibliográfico de referência na área, contribuindo muito na compreensão de como deveria ser esta tese, apontando procedimentos fundamentais em pesquisas sobre editoras, livrarias e livros nos processos editoriais de produção, circulação e distribuição.

Nesta questão da rede de sociabilidades e as ligações que ela proporcionou realizar pelo Jornal “A Ponte”, observou-se a contribuição da dissertação de Mestrado de Rosso (2011),

defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC, com o título *A influência da política na produção jornalística: uma análise sobre a editoria de política do jornal Diário Catarinense*, em que a autora aponta que “existem vários fatores que influenciam na produção da informação”, o que a faz, em seu trabalho, “[...] analisar a inter-relação entre o campo jornalístico e o campo político na produção informativa - mais especificamente na produção da Editoria de Política (EP) do Diário Catarinense” (ROSSO, 2011, p. 05), contribuindo futuramente nas análises que serão realizadas com o jornal de Odilon Lunardelli. Também a tese intitulada *Um historiador entre-lugares: a historiografia catarinense e a trajetória de Carlos Humberto Pederneiras Corrêa (1963-2010)*, de Karla Simone Willemann Schütz, que teve como objeto o percurso e as redes políticas nas quais Carlos Humberto e sua família estava inserida, e que posteriormente teriam sido herdadas por ele. No mapeamento realizado pela autora é possível observar a latência das redes políticas e intelectuais de Florianópolis e Santa Catarina.

A dissertação de Mestrado de Sônia Maria Rezende Paolinelli, defendida no Programa de Mestrado Profissional em Inovação Tecnológica da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, com o título *Uma visão geral sobre a atuação das editoras universitárias no contexto da educação superior pública brasileira (2016)*, é uma importante investigação. Nesta pesquisa a autora aborda “[...] os ambientes universitários associados à produção e disseminação do conhecimento científico, em especial, as Editoras Universitárias”. Tem, como objetivo geral do trabalho, “[...] analisar a atuação das editoras universitárias no contexto da educação superior pública brasileira” (PAOLINELLI, 2016, p. 08), o que poderá contribuir para a compreensão da constituição da Livraria Universitária e da troca do nome para Lunardelli.

Já no âmbito das teses de doutorado localizadas, e que auxiliaram nesta pesquisa, além da tese e dissertação de Matos (2008b, 2014), tem-se a de Orlando José de Almeida Filho, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política e Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com o título *A estratégia da produção e circulação católica do projeto editorial das coleções de Theobaldo Miranda Santos: (1945-1971)*, de 2008, que aborda as contribuições de Theobaldo Miranda Santos e de suas coleções para a história editorial brasileira: “Inserida na perspectiva da História Cultural, a pesquisa pretende operar com o estudo das coleções em sua materialidade, tendo em vista as estratégias da produção, circulação, apropriação e imposição do modelo católico como projeto político educacional.” Isto porque “a produção e edição das coleções estavam inseridas em um contexto de disputas pelo domínio do campo educacional, sobretudo entre os pioneiros e católicos” (ALMEIDA FILHO, 2008, p. 09). É possível perceber as tramas e disputas para conquistar o

espaço educativo e compreender como saberes veiculados nas coleções prescreveram e construíram práticas pedagógicas abalizadas no modelo pedagógico católico (ALMEIDA FILHO, 2008).

Importante ainda citar artigos, como o de Andréa Borges Leão, intitulado *A Livraria Garnier e a História dos Livros Infantis no Brasil – Gênese e Formação de um Campo Literário (1858 – 1920)*, de 2007. “O artigo analisa as coleções para crianças e jovens apresentadas nos catálogos de venda da livraria carioca de Baptiste-Louis Garnier para o ano de 1858, e de seus sucessores, para 1920” (LEÃO, 2007a, p. 159). No desenrolar do trabalho vão surgindo questões muito próximas da Lunardelli.

O artigo de Gustavo Sorá, *Tempo e Distâncias na Produção Editorial de Literatura* (1997), tem como objetivo do estudo “[...] analisar um momento da produção de tempo no campo editorial, a partir de diferenças e oposições que colocam frente a frente editoras de literatura no Brasil” (SORÁ, 1997, p. 151). Fazendo referência à história de algumas editoras, “este artigo busca revelar o lugar específico e o relacionamento das análises estrutural e histórica na explicação da dinâmica e da evolução de um campo de produção cultural singular”. Pretende “[...] fornecer dados e interpretações que dialoguem com os trabalhos que informam a história social e cultural do campo editorial brasileiro, assim como desmontar um princípio de estruturação de um tipo de sistema cultural, como é aquele organizado ao redor da atividade editorial” (SORÁ, 1997, p. 153).

O artigo de Flamarion Maués, *O momento oportuno: Kairós, uma editora de oposição* (2006), é importante para a temática e o estudo em questão. Por meio de entrevistas, “dentro do quadro maior do estudo de editoras de oposição no período da abertura política no Brasil (1974-1985), o objetivo deste trabalho foi esboçar uma breve história da Kairós Livraria e Editora, cuja atuação ocorreu entre 1978 e 1983, na cidade de São Paulo” (MAUÉS, 2006, p. 115). Vale destacar a oferta de títulos sobre o tema no mercado do livro no Brasil que se passa a apresentar como parte da revisão bibliográfica.

Nesta direção, a obra de Bragança (1999), *Livraria Ideal: do cordel à bibliofilia*, contribuiu muito para o entendimento da estrutura, caminhos e o que pode ser investigado nos estudos relacionados ao impresso, da história editorial e dos livros, bem como a indústria editorial. O livro é resultado do seu trabalho de dissertação defendida em 1995 no Programa de Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (USP). O tema problematizado é a Livraria Ideal, na cidade de Niterói (RJ). A narrativa ligada a Silvestre Mônaco vai além do relato de vida de um imigrante italiano que foi de engraxate a viciado em jogos de azar e que, por fim, aceita vender folhetos de cordel ao ponto de tornar-se livreiro especializado em

impressos usados – sebo. Embora a obra tenha a trajetória de vida do fundador, não se trata de uma história biográfica. É fio condutor capaz de permear a organização do livro. Trata-se, acima de tudo, da história do livro e suas derivações, isto é, do leitor, da leitura, do autor, do editor, entre outras coisas. A Livraria Ideal, estabelecimento que inicialmente funcionou como engraxataria, tornou-se um ponto de referência de sociabilidades na condição alcançada, posteriormente, como livraria sob a mão de seu fundador, Silvestre Mônaco. Muito parecida com a história da Livraria-Editora Lunardelli e de Odilon, que foi se transformando num *locus* de aglutinação de intelectuais e de alguns leitores. Ambas usufruíam de excelente localização urbana, a primeira era bem localizada em Niterói (RJ), a segunda situava-se bem no centro da capital catarinense. O público da Livraria Ideal vai dos estudantes pobres aos bibliófilos do período, assim como a Lunardelli.

Ainda, outros trabalhos de Aníbal Bragança publicados em sua trajetória profissional e acadêmica permitiram compreender aspectos históricos e características intrínsecas aos impressos no Brasil. A história editorial e a livreira, segundo Bragança (2009, p. 10-11), “[...] refletem o dinamismo relativo das pesquisas para a construção da história do livro no Brasil, enfocando-se os trabalhos dos personagens responsáveis pela criação de editoras e livrarias que marcaram a vida cultural letrada no país [...]”, desde a instalação do primeiro impressor na colônia, “Antônio Isidoro da Fonseca, até grandes grupos econômicos, como a Editora Abril, passando pelos editores e livreiros franceses do século XIX”, sendo Francisco Alves e a Editora Ática os primeiros editores que se distinguiram na produção de livros escolares no Brasil. No tocante à leitura e história da leitura, livros dedicados “[...] à história das práticas de leitura, da formação de leitores e à própria leitura”, enfatizando desde as leituras do século XIX presentes na imprensa, nas leituras e sociabilidades intelectuais no Brasil até “[...] práticas de formação de coleções particulares e bibliotecas públicas, práticas de bibliofilia, de contadores [...]” (BRAGANÇA, 2009, p. 11).

Somam-se também os estudos de Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves sobre a história editorial brasileira, que partem dos primórdios dos livros no Brasil, ao publicar o livro *Livros e impressos: retratos do setecentos e do oitocentos*, editado pela Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (EdUERJ) em 2009, cuja temática central são os impressos nos séculos XVIII e XIX. Aborda a chegada da imprensa junto com a Corte Imperial e relata como a história dos livros, impressores, livreiros e leitores forma-se em lugares distintos da pesquisa histórica das práticas políticas e culturais da sociedade num período histórico, possibilitando compreender que “a história do livro e dos impressos, as mensagens transmitidas pela palavra escrita, apontando que os livros e os impressos não devem ser vistos apenas como registros da

memória de um tempo”. Além de que a “história dos livros e dos impressos e a história da leitura convertem-se em um dos principais instrumentos da criação de novas culturas políticas e da construção de significados originais, expressão também de sua historicidade” (NEVES, 2009, p. 07).

Nesta trilha, *Travessia das Letras*, de Kátia Carvalho, editado pela Casa da Palavra em 1999, faz um panorama dos primórdios da produção impressa no Brasil, dos jornais aos livros, a constituição do campo editorial. A autora afirma que pensar a história do livro não é um trabalho fácil, mesmo que diversos pensadores do século XX tenham se debruçado em busca da trajetória dos impressos, das práticas de leituras e do seu papel social, a questão ainda não se esgotou.

O beijo de Lamourette, de Robert Darnton (1990) contribuiu para a definição e orientação dos aspectos e características do *corpus* editorial. O livro aborda os meios de comunicação na história e vice-versa, evidenciando que o passado opera concomitantemente no presente. O autor apresenta como capítulos *Publicações: uma estratégia de sobrevivência para autores acadêmicos; A História dos Livros; Os intermediários esquecidos da literatura; Os primeiros passos para uma história da leitura; História intelectual e cultural*, bem como a *História social das ideias e das mentalidades*.

Outra obra que auxiliou no diálogo com as fontes e com o objeto de pesquisa é *O livro no Brasil: sua história*, de Laurence Hallewell, originalmente lançado em Londres (1982) pela The Scarecrow Press, foi publicado no Brasil em 1985 pela Editora da USP em parceria com a T. A. Queiroz Editor. Resultado de sua tese *Uma história da indústria editorial brasileira, com referência particular à publicação de obras literárias* (defendida na Universidade de Essex em março de 1975), tem como objetivo “demonstrar como o desenvolvimento da literatura brasileira foi determinado pelas circunstâncias econômicas, práticas comerciais e condições técnicas da indústria editorial”. O processo construtivo da sua obra (1985) teve um percurso peculiar, iniciando pelo olhar de um estrangeiro sobre as coisas interessantes do Brasil, que só mudaria quando Laurence recebe os dois convites: para publicação de sua tese em forma de livro e vir ao país para ser docente do curso de Biblioteconomia na Universidade Federal da Paraíba, sendo, assim, convencido “[...] de que um livro tratando do desenvolvimento e funcionamento atual da indústria editorial nacional podia ter um papel útil também na bibliografia brasileira”. E, de fato, o estudo tornou-se seminal para a compreensão da história do livro e do editorial brasileiro. Emir Suaiden, na apresentação do livro de Hallewell (1985, p. XX) diz que “o livro no Brasil é um tema cada vez mais discutido em conclave nacionais e internacionais, e algumas experiências brasileiras no campo editorial, como o sistema de

coedição e a substituição do papel tradicional pelo papel de imprensa no livro didático” foram sendo “implantados em alguns países da América Latina e do Caribe”.

Emir Suaiden ainda aponta a franca expansão do mercado editorial brasileiro e que, apesar do problema linguístico, as exportações vêm aumentando sensivelmente a cada ano. Para ele, no período que compreende a obra de Hallewell e o desta tese, “o desenvolvimento da indústria editorial brasileira é [...] um fato indiscutível, seja no aspecto qualitativo ou quantitativo. As edições impressas no Brasil são somente comparáveis aos países com boa tradição editorial” (SUAIDEN, 1985).

No entanto, não se pode esquecer da obra de Laurence Hallewell, fonte seminal que ajuda a preencher determinadas lacunas na história dos impressos no Brasil; hábil investigador,

veio ao Brasil por diversas vezes com a preocupação de pesquisar a história da indústria editorial brasileira. Manteve contatos com os principais editores, bibliotecários, historiadores, intelectuais, e dedicou parte de sua pesquisa à coleta de subsídios bibliográficos em diversas instituições culturais” (SUAIDEN, 1985).

Cabe destacar e confirmar a importância do trabalho desenvolvido e divulgado por Hallewell, apresentado por Emir Suaiden da seguinte forma:

Com base nessas informações foi escrita a mais completa história das editoras comerciais no Brasil. A obra retrata com precisão, clareza e com uma riqueza sem precedentes de dados estatísticos, todo o desenvolvimento das editoras brasileiras e os problemas econômicos, sociais e políticos que elas enfrentaram para sobreviver. O livro nos oferece um relato minucioso das obras e dos autores publicados pelas editoras comerciais e oficiais, não somente no eixo Rio-São Paulo como também nos demais Estados brasileiros, além de apresentar tabelas, cronogramas e dados comparativos detalhados sobre população, importação, tarifas, preços, salários, exportação, estatísticas, produção de papel, distribuição, traduções, publicações educativas, livros infantis e comércio livreiro. Enfim, todas as pessoas ligadas de uma ou de outra forma ao livro brasileiro se acham presentes nestas páginas, são suas personagens e suas testemunhas.

Podemos dizer, com toda convicção, que uma boa parte da história da cultura brasileira está nesta obra pioneira e de extraordinário valor de Laurence Hallewell (SUAIDEN, 1985, p. XXIX).

Hallewell (1985), no seu Prefácio da Edição Americana, descreve o porquê de pesquisar os livros, para ele “procurar conhecer uma nação por meio da sua produção editorial é, mais ou menos, o mesmo que julgar uma pessoa por sua caligrafia”. As duas são partes muito pequenas da atividade total de uma pessoa ou de um país, porém “[...] as duas podem ser muito reveladoras, pois nós somos como nos expressamos”. Para o autor, é difícil imaginar outra atividade que envolva tantas características “da vida nacional quanto a publicação de livros. O livro existe para dar expressão literária aos valores culturais e ideológicos. Seu aspecto gráfico

é o encontro da estética com a tecnologia disponível. Sua produção requer a disponibilidade de certos produtos industriais [...]”. E a sua venda compõe um procedimento comercial dependente de condições e aspectos econômicos, sociais e políticos, bem como geográficos e educacionais. “O Brasil apresenta no campo editorial, como em tudo mais, uma ampla gama de superlativos e extremos. Poucos países levaram tanto tempo para desenvolver uma indústria editorial nacional. Mas poucos as desenvolveram tanto nos últimos anos” (HALLEWELL, 1985, p. XXIX).

O mesmo autor acrescenta que “a amplitude da produção editorial brasileira é, também, enorme: desde o autor de poesia popular [...] até uma editora de livros didáticos para a escola primária do tamanho da Ática, por exemplo, com seu cadastro computarizado no qual estão arrolados meio milhão de professores” (HALLEWELL, 1985, p. XXIX). Sem dúvidas, o livro de Laurence Hallewell constitui um arcabouço riquíssimo em detalhes, dados e informações sobre a história editorial brasileira, sendo fundamental para a compreensão de como ocorreu a circulação e produção dos impressos no estado de Santa Catarina na segunda metade do século XX, dando destaque aos ligados a Odilon Lunardelli.

Dentro dos **conceitos centrais**, outro autor que muito contribuiu foi Roger Chartier, as diversas produções publicadas ao longo de sua trajetória profissional e acadêmica auxiliam na compreensão de aspectos e características pertinentes aos impressos. Um exemplo é o livro *Os desafios da Escrita* (2002b)¹⁴, que, tendo como ensaios sobre as mudanças relacionadas à era do texto digital, impõe as afinidades que se conservam com a cultura escrita, pois “as transformações das práticas de leitura, as novas modalidades de publicação, a redefinição da identidade e da propriedade das obras, ou o imperialismo linguístico estabelecido sobre a comunicação eletrônica são todos pontos da maior importância em nossa época” (CHARTIER, 2002b, p. 07). E, nas práticas de leituras para o desenvolvimento da tese, encontraram-se distintas situações e dilemas sobre os impressos em papel ou em tela que, hoje, estabelecem uma rede interrelacionada; nos digitais os elos são chamados de hipertexto e hiperleitura. Porém, Chartier (2002b, p. 109) aponta que “a ordem dos discursos é assim estabelecida a partir da materialidade própria de seus suportes: a carta, o jornal, a revista, o livro, o arquivo etc.”. O que não acontece mais no meio digital, porque “[...] todos os textos, sejam eles quais forem, são entregues à leitura num mesmo suporte (a tela do computador) e nas mesmas formas (geralmente as que são decididas pelo leitor)” (CHARTIER, 2002b, p. 109), criando uma inquietação diante do desaparecimento dos critérios até então usados e que proporcionavam

¹⁴ Nasceu das conferências pronunciadas pelo autor em 2001, na 10ª Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro.

classificar, distinguir e hierarquizar os discursos (CHARTIER, 2002b).

Na procura por suportes que apresentassem dados sobre os negócios de Odilon Lunardelli, encontrou-se a questão do ineditismo deste trabalho, já que, na revisão de literatura – fontes e teorias – realizada, deparou-se com a ausência de fontes, acessíveis ou não, sobre o objeto em questão. Portanto, faz-se necessária a escrita desta história, buscando o que descreve Chartier (2009a, p. 15), “[...] convocar o passado, que já não está num discurso no presente; mostrar as competências do historiador, dono das fontes; e convencer o leitor” sobre a sua credibilidade, e, como diria Certeau (1982), maquinando e extraindo, por meio de citações, uma verossimilhança e uma validade do conhecimento, haja vista que dos “[...] resíduos, de papéis, de legumes, até mesmo das geladeiras e das neves eternas, o historiador faz outra coisa: faz deles a história” (CERTEAU, 1982, p. 79).

O fazer história e o discurso histórico são dispostos numa perspectiva da verdade, sendo necessária a verificação. Eis que surge a citação como uma comprovação, usando-se de um texto extra, o historiador garante uma credibilidade ao trabalho, não eliminando a indispensabilidade da escrita que é suplementar ao exercício do pesquisador. Entretanto, as fontes e os textos que legitimam a investigação não devem ser interpretados e discutidos apenas por conta dos seus conteúdos, mas sim “[...] em sua organização discursiva e material, suas condições de produção, suas utilizações estratégicas” (CHARTIER, 2002a, p. 13), o que se objetiva nesta tese – compreender as características de circulação e produção dos impressos, bem como a apropriação e representação do que permeia os negócios de Odilon Lunardelli. Para tanto, buscou-se embasamento nas diversas obras os conceitos de Roger Chartier.

O conceito de representação, cunhado por Chartier (1990) no livro *A história cultural entre práticas e representações*, refere-se à maneira como um determinado indivíduo ou grupo social explica, percebe e produz um elemento de sua sociedade. E essa constituição de representação é uma prática cultural e sociopolítica. O processo detém significação intencional e estratégias das pessoas ou do grupo social, sendo condicionado à posição exercida pelo sujeito no seu contexto social, levando em conta os interesses do grupo que o formulou. Além da luta econômica pela hegemonia da sociedade, há uma luta de representações, onde cada grupo intenta impor seus princípios aos demais. Chartier (2002a), na obra *À beira da falésia*, realiza uma reflexão sobre a história, fazendo uso dos conceitos de representação e apropriação como necessários para a compreensão da história como uma prática cultural. Já a apropriação, é um “[...] processo por intermédio do qual é historicamente produzido um sentido e diferenciadamente construída uma significação. [...] põe em relevo a pluralidade dos modos de

emprego e a diversidade das leituras [...]” (CHARTIER, 1990, p. 24), contudo, são interpretações e (re)apresentações diferentes.

Conceitos utilizados, nesta tese, são os de Michel de Certeau, considerando a sua produção, porém, principalmente, os presentes nos livros *A Escrita da História* (1982) e *A invenção do cotidiano: artes de fazer* (1998). Destaca-se o fazer historiográfico, o *modus operandi*, sendo que, para Certeau, o primeiro trabalho do historiador é separar, reunir e transformar alguns objetos em documentos de uma forma diferente. Ou seja, o labor historiográfico consiste em produzir os documentos no ato de recopiar, transcrever ou fotografar tais objetos, assim, este gesto incide em mudar concomitantemente o seu lugar e o seu estatuto (CERTEAU, 1982). Em seguida, as fontes, os documentos selecionados e, deste modo, a metodologia que orienta a produção escrita são fatores de um *modus operandi*. Eis que:

Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um *lugar* (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), *procedimentos* de análise (uma disciplina) e a construção de um *texto* (uma literatura). É admitir que ela faz parte da ‘realidade’ da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada ‘enquanto atividade humana’, ‘enquanto prática’. Nesta perspectiva, gostaria de mostrar que a operação histórica se refere à combinação de um *lugar* social, de *práticas* ‘científicas’ e de uma *escrita*. Essa análise das premissas, das quais o discurso não fala, permitirá dar contornos precisos às leis silenciosas que organizam o espaço produzido como texto (CERTEAU, 1982, p. 66, grifos do autor).

O fazer historiográfico não ocorre no vazio, nada é por acaso, mesmo oculto ou silenciado; existem indivíduos ou grupos, estatutos e um não dito peculiar da constituição da disciplina História. Portanto, fica evidente que a historiografia não é algo que surge pronto do passado, mas, sim, de uma construção abalizada por articulações do presente, que começa depois da ação intencional do historiador e se configura conforme o seu ambiente (DAMAZIO, 2017). Para Certeau (1982, p. 152, grifos do autor), “[...] identificado ao ‘não-dito’ das teorias e ao ‘não-mostrado’ das práticas, logo creditável com uma virtude explicativa indefinida”, por certo “[...] este desconhecido preencheria com a própria ideologia do historiador o buraco vazio deixado pelos seus conhecimentos ou pelos seus métodos”. Entretanto, voltando aos conceitos de Certeau utilizados nesta produção, tem-se a concepção de *estratégias* operacionalizada, que é definida da seguinte maneira:

[...] o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que o sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes, ou os concorrentes,

os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc.) (CERTEAU, 1998, p. 93).

O conceito de estratégia é um instrumento teórico interessante para analisar os discursos dos autores e conteúdo dos impressos editados por Lunardelli – que não é objetivo deste trabalho –, porém pode auxiliar na compreensão do que se configurava e se empreendeu para a difusão das operações editoriais e livreiras de Odilon Lunardelli. Por meio de uma rede de impressos e de sociabilidades voltada à produção e circulação da cultura letrada, buscou, dentro dessas redes e relações, evidenciar as estratégias destes grupos sociais para se perpetuar. Com esse intuito, é interessante usar a conceituação defendida por Bourdieu (2004), para quem o sistema de estratégias pode ser definido como uma linha de práticas sequenciadas, ordenadas e orientadas que todos os grupos empreendem para produzir-se enquanto tal, ou seja, “as estratégias são empregadas a fim de que possam se produzir ou se reproduzir, isto é, para criar e perpetuar sua unidade, sua existência enquanto grupo, o que é quase sempre, em todas as sociedades, a condição da perpetuação da sua posição no espaço social” (BOURDIEU, 2004, p. 94). Logo, ao investigar as estratégias empreendidas por Odilon Lunardelli, é preciso reconhecer o grupo a que ele pertencia para, assim, notar o nível de capital cultural e simbólico que possuía e implantava estrategicamente na disputa como ferramentas de lutas. Na disputa em questão, cujo objetivo era a dominação do campo editorial, estavam em jogo o maior número de publicações de livros e o ineditismo com assuntos regionais. Portanto, a editora que apresentasse os melhores títulos e captasse mais leitores, ocuparia legitimamente o posicionamento dominante no campo.

Ainda, sobre a **concepção de estratégia** de Certeau (1998), em seu livro *A invenção do cotidiano: artes de fazer*, o autor busca descrever o modo como as mais distintas representações são apropriadas (consumidas) e modificadas em artes de fazer, ou práticas cotidianas pelos indivíduos dos grupos, sendo a estratégia definida como “ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes) capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem” (CERTEAU, 1998, p. 102). Todavia, “[...] as estratégias apontam para a resistência que o estabelecimento de um lugar oferece ao gasto do tempo” e “[...] as táticas apontam para uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder” (CERTEAU, 1998, p. 102). Neste sentido, a tática é a astúcia, a arte ligeira dos mais fracos em insubordinar ou ludibriar as estratégias dos mais fortes (CERTEAU, 1998). Coelho Junior (2018, p. 119) explica que Michel de Certeau entende:

[...] a tática como uma espécie de manobra na relação entre produtores e consumidores. A tática, segundo o autor, joga com as ocasiões, para escapar ou ludibriar as imposições do poder. Táticas são as ‘maneiras de fazer’ do cotidiano. São os lances e astúcias do dia-dia, que fazendo uso de reapropriações, que se convertem em alterações provocadas pelas ‘mil maneiras de caça não autorizada’ (COELHO JUNIOR, 2018, p. 119, grifos do autor).

Nesse entendimento, Certeau (1998, p. 46) indica táticas como “[...] um cálculo que não pode contar com um próprio, nem, portanto, com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo a distância”. Diferentemente, a estratégia é considerada como “[...] o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ‘ambiente’. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um *próprio* [...]” e, assim, [...] capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta (CERTEAU, 1998, p. 46). Por exemplo, “a nacionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico” (CERTEAU, 1998, p. 46). Contudo, táticas são ações realizadas pelos indivíduos e grupos oprimidos e socioeconomicamente inferiorizados, reações rápidas e sem muito planejamento, diferentes das estratégias, que são usadas pelos dominantes socialmente e economicamente e, em muitos casos, os opressores. Ser estratégico exige um certo planejamento, estudo e tempo, ou seja, não acontece imediatamente, requer atenção e um determinado distanciamento do ato em si. E, parcialmente, partindo do arcabouço teórico-metodológico, agiu-se estrategicamente para elencar, de maneira metodológica, o processo de investigação, descoberta e seleção das fontes e vestígios do objeto pesquisado, assim como a revisão de literatura necessária para justificar cientificamente esta tese.

Nas palavras de Pesavento (2003, p. 63), “[...] o historiador [...] vai em busca de traços, de pegadas como um caçador, de vestígios [...]”. Assim, o trabalho de historiador é um labor exaustivo em busca de resquícios históricos, de muita luta, algo amplamente de conhecimento do autor deste trabalho, porém, depois do ingresso no Doutorado, surgem questionamentos: como se dá a atividade do historiador dentro da História Cultural? Qual o método concebido? Indo além, encontraram-se, no livro de Certeau (1982, p. 65, grifos do autor), as seguintes perguntas feitas nesta jornada: “O que fabrica o historiador quando ‘faz história’? Para quem trabalha? Que produz? [...] por um instante ele se desprende do estudo monumental que o classificará entre seus pares e, saindo para rua, ele se pergunta: O que é esta profissão?”. Parte destas questões é respondida por Pesavento (2003, p. 63, grifo do autor), quando a autora aponta um ensaio de Carlo Ginzburg que “[...] fala de um *paradigma indiciário*,

método este extremamente difundido na comunidade acadêmica. Nele, o historiador é equiparado a um detetive, pois é responsável pela decifração de um enigma, pela elucidação de um enredo e pela revelação de um segredo”. Pois “[...] o próprio Marx afirmara que, se a realidade fosse transparente, não haveria necessidade de interpretá-la!” (PESAVENTO, 2003, p. 63). Neste sentido, Pesavento completa:

É preciso não tomar o mundo – ou as suas representações, no caso – na sua literalidade, como se elas fossem o reflexo ou cópia mimética do real. Ir além daquilo que é dito, ver além daquilo que é mostrado é a regra de ação desse historiador detetive, que deve exercitar o seu olhar para os traços secundários, para os detalhes, para os elementos que, sob um olhar menos arguto e perspicaz, passariam despercebidos (PESAVENTO, 2003, p. 64).

Corroborando, ainda, este entendimento, Pesavento (2003, p. 64) descreve que “de detetive o historiador se transforma em médico, em busca dos sintomas, dos fenômenos paralelos que emitem sinais e dão a ver sentidos”. Não se atendo somente ao primeiro plano, mas buscando encontrar outros pontos que estão em segunda impressão, procura detalhes analisando cada artefato na relação à totalidade (PESAVENTO, 2003). Neste processo, as pistas localizadas constituem-se de um *corpus* de livros e o Jornal “A Ponte” publicados, produzidos e distribuídos pela Lunardelli. A edição de um jornal pode ser adotada como estratégia para uma visibilidade não só com respeito a lançamento de novos títulos, mas também para movimentar o cenário literário e cultural do estado de Santa Catarina durante os anos de 1979 e 1987 e/ou como fonte de publicidade das empresas de Odilon Lunardelli. Composto por 391¹⁵ (trezentas e noventa e uma) edições entre os anos de sua produção e circulação, o Jornal de Odilon Lunardelli tem grande importância para possíveis entendimentos neste trabalho. Portanto, ajuda a compreender quais são as dimensões materiais deste jornal e a forma como seu conteúdo era organizado, bem como a rede de sociabilidade criada pelo seu fundador.

Toda pesquisa Historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que é circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam (CERTEAU, 1982, p. 66-67).

¹⁵ Foram encontradas mais 05 (cinco) edições soltas entre os encadeamentos na BPSC.

Considerando a **rede de sociabilidade**, as influências exercidas por Odilon Lunardelli, metodologicamente foram feitas consultas aos periódicos do final do século XX e início do século XXI, buscando, por meio deles, encontrar as principais propagandas e matérias ligadas às empresas de Lunardelli e aos livros que circularam pelo estado. Para Matos (2008a, p. 23), “os jornais são fontes que criam possibilidades para se fazer uma cartografia tanto das livrarias existentes na cidade quanto dos livros que eram comercializados através dos anúncios publicitários”. Na análise, são também de fundamental importância pesquisas em revistas publicadas em Santa Catarina e documentos referentes a Odilon Lunardelli e suas empresas, presentes no acervo da Biblioteca Pública Estadual de Santa Catarina (BPSC) – onde estão conservados os periódicos do Jornal “A Ponte” – e no Arquivo Público de Santa Catarina. Salienta-se que Odilon não era membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e da Academia Catarinense de Letras.

Portanto, almejou-se movimentar o aporte teórico-metodológico na História Cultural. Esta, não sendo a única alternativa de interpretação da história, é uma outra possibilidade de percorrer a pesquisa que, no tocante ao campo historiográfico, está vinculada à perspectiva da História Cultural, vertente que, segundo Chartier (2002b, p. 16-17), “[...] tem por objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. As obras com o aporte teórico, relacionadas às questões de produção, circulação, tática e estratégia em Chartier (1990, 2009b, 2011) e Certeau (1982) são opções conceituais desta investigação.

1.2.1 O percurso metodológico

Com o objetivo de aproximação do contexto vivido por Odilon Lunardelli, sua rede de sociabilidade e a livraria-editora, realizou-se uma série de incursões nos periódicos (jornais) presentes na Hemeroteca Digital da BPSC e publicados entre os anos de 1965 e 2006 em Santa Catarina, utilizando as mesmas palavras-chave/termos das pesquisas realizadas nos portais de repositórios citados anteriormente.

Além das buscas dos impressos, utilizou-se metodologia da História Oral, com o objetivo de conhecer enredos, histórias e memórias que escapam aos documentos ditos oficiais, utilizando a técnica da entrevista. Portanto, as entrevistas aqui realizadas foram ancoradas nos pressupostos metodológicos da História Oral, neste sentido, entende-se que os fragmentos de memória invocados pelos depoentes, articulados e entrecruzados com outros documentos e sob

as lentes dos teóricos da História Oral, se transformam em potentes fontes documentais para este estudo.

Cabe aqui indicar que as entrevistas foram realizadas com pessoas ligadas à Odilon Lunardelli e sua Livraria-Editora, bem como o livro escrito em sua homenagem, dando assim um tom laudatório aos dados informados. Um trabalho delicado, pois foi necessário observar quem são esses depoentes, em quais redes de sociabilidades se inserem e como seus relatos de memória produzem sentidos referentes à história editorial de Santa Catarina, pois a narrativa deles é a verdade deles, e a teoria tem o poder de problematizar, não de dizer se está certa ou errada, apenas lançar reflexões, pois eles são sujeitos sociais de uma determinada classe social.

Deste modo, intentou-se recolher depoimentos temáticos do círculo familiar, por exemplo, do filho Luiz, da filha Adriana Lunardelli e do ex-genro/funcionário Claiton Ghiggi, já que estes estiveram na gestão do negócio antes e depois do falecimento de Odilon. Numa outra ponta, foram consideradas as contribuições dos autores que publicaram obras pela Editora Lunardelli: Celestino Sachet e Urda Alice Klueger – autora revelada e com o maior número de títulos da Lunardelli. Reitera-se que a adoção da história oral como metodologia contribuiu muito na coleta de dados, pois as entrevistas com as pessoas que fizeram parte da história ao Odilon Lunardelli foram capazes de gerar até novos dados que jamais seriam de conhecimento de pesquisadores. Certeau (1982, p. 73, grifos do autor) lembra que “[...] tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira [...]”. E, neste separar fontes escritas, deparou-se com a necessidade da história oral, pois há poucos escritos sobre Odilon Lunardelli, sobre a sua Livraria-Editora e de seu Jornal, “A Ponte”. Encontrou-se apenas um livro organizado por Francisco José Pereira (1999), algumas reportagens de jornais e três produções – não diretamente escritas sobre Lunardelli – que, indiretamente, permeiam o contexto. Trata-se dos trabalhos cujos títulos são *Uma Ilha de Leitura: notas para uma história de Florianópolis através de suas livrarias, livreiros e livros (1830-1950)*; *Sob os auspícios da Livraria Rosa: Redutos literários e circulação de cultura letrada em Florianópolis*; *Armazém da Província: Vida Literária e Sociabilidades Intelectuais em Florianópolis na Primeira República*, escritos e publicados por Matos (2008a, 2008b, 2014) e que serão apresentados nos próximos parágrafos, pois são considerados como *corpus* de referência e como fontes sobre o objeto de pesquisa.

Neste sentido, foram realizadas cinco entrevistas que reverberaram na produção de importantes dados que foram posteriormente analisados e confrontados no decorrer desta tese. As entrevistas seguiram na seguinte ordem e especificidades.

Urda Alice Klueger recebeu este pesquisador em sua casa no dia 11 de dezembro de 2021, um refúgio no distrito de Enseada de Brito, na cidade de Palhoça, aos pés do Morro dos Cavalos. Era por volta de 14h, tarde de sol com trovoadas ao final, durante as cinco horas tendo sido contemplado com conhecimento da blumenauense que nasceu em 16 de fevereiro de 1952 e percorreu o mundo, foi possível compreender mais sobre o processo editorial, sobre muitos aspectos ligados à Editora e Odilon Lunardelli. Também, detalhes fabulosos sobre suas experiências de vida, viagens, que inspiram a escrita dos seus livros, lembrando cada característica de seus momentos entrelaçados a Lunardelli. Urda Alice Klueger é graduada em História pela FURB e doutora em Geografia pela UFPR, foi professora por alguns anos e, atualmente, aposentada como servidora pública na Caixa Econômica Federal. Pertence a Academia Catarinense de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

A segunda entrevista foi com o filho de Odilon, Luiz Nocetti Lunardelli, no dia 05 de fevereiro de 2022, na cidade de Biguaçu, às margens da Lagoa do Amilton, é natural de Itajaí/SC, nascido em 23 de janeiro de 1954. Sendo extremamente produtiva, a conversa foi norteadora para pontos-chaves da pesquisa, respondendo a questões como a história de vida de Odilon Lunardelli, o princípio para que ele se tornasse livreiro e depois editor, entre outros aspectos que fizeram com que a pesquisa tivesse um rumo, uma ordem historiográfica. Assim, foi-se costurando os trechos históricos encontrados, amarrando as informações e compreendendo os dados de que até então se dispunha, além das respostas para as colunas provocadas na entrevista. Também, vale ressaltar que a entrevista proporcionou o contato com outros entrevistados, abrindo caminho para as contribuições de Claiton Ghiggi e Adriana Lunardelli. Luiz Lunardelli é graduado em Economia e Administração de Empresas pela UFSC, desempenhou diversas atividades no ramo da comunicação, como jornalista e assessor de imprensa, além da distribuição de livros.

A terceira entrevista foi realizada com Celestino Sachet em 11 de abril de 2022 na sua casa, cidade de Florianópolis. Nascido em 03 de fevereiro de 1930, em Nova Veneza/SC, Sachet veio para Florianópolis ainda criança para estudar em um colégio na modalidade internato, logo ao final formou-se em Letras-Língua Portuguesa e foi professor durante muitos anos em escolas de ensino fundamental e nas universidades UFSC e UDESC – desta última chegou a ser reitor. Aposentado há alguns anos, porém ainda segue produzindo alguns escritos e participando de eventuais contribuições para a área. Foi autor de cinco títulos publicados pela Lunardelli entre os anos de 1974 e 1989 (Ver Apêndice A). Celestino Sachet é graduado em Letras e com mestrado e doutorado em Literatura pela UFSC, doutorado em Filosofia da Educação pela Universidad Nacional Autonoma de Mexico. Atualmente é professor aposentado da UFSC, foi

reitor da UDESC e pertence a Academia Catarinense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

A quarta entrevista foi concedida por Claiton Ghiggi em 06 de setembro de 2022 via Plataforma Google Meet. Foi genro de Odilon Lunardelli e funcionário da Livraria-Editora durante muitos anos, de 1985 até 1998, período que compreende a saída do Luiz e chegada de Adriana para o controle das atividades da Lunardelli. Nascido em Nova Prata, no Rio Grande do Sul, no dia 27 de agosto de 1962, entrou para a família na década de 1980, e permanecendo como amigo e funcionário. Formado em Direito pela UFSC, durante muito tempo exerceu concomitantemente a função de advogado e funcionário da Lunardelli. Claiton Ghiggi foi cordial em dar detalhes, ajudar a compreender os processos técnicos de uma editora, ficando bem evidente a sua atuação na editora. Tendo papéis bem diversos dentro da empresa, acabou absorvendo um enorme conhecimento sobre o processo editorial, desde a produção, distribuição e circulação dos impressos – livros e jornais. Graduado em Direito pela UFSC atualmente é advogado.

A última entrevista foi com Adriana Lunardelli, a caçula da família, herdeira da Livraria-Editora Lunardelli, responsável pelos derradeiros anos da empresa. Nascida em Florianópolis em 6 de setembro de 1966, graduada em Biblioteconomia pela UDESC e Naturologia pela UNISUL, atualmente moradora da cidade de Tubarão/SC. A entrevista aconteceu via chamada de vídeo pela Plataforma WhatsApp em 1º de novembro de 2022. Com o objetivo de elucidar questões recorrentes dos anos em que a entrevistada esteve à frente da Livraria-Editora, foi possível constatar os reais motivos que foram decisivos para o fechamento da empresa. Adriana Lunardelli relatou a sua pouca experiência nos ramos editorial e livreiro, mas o que teria levado ao fim da empresa foi a somatória da situação econômica e social da época, que provocou a tentativa de manter o que ainda restava da empresa depois de anos de sucesso. A ausência de renovação constante, de adaptação tecnológica e de posição no mercado para atrair consumidores levou ao fim a editora e depois a livraria. Com o objetivo de preservar a memória da livraria-editora e de seu pai, Odilon Lunardelli, Adriana tentou, por muito tempo, continuar com as portas do prédio abertas, mesmo com pouco lucro ou tendo despesas.

Somando todos esses percursos, o estudo aqui apresentado contribui para o entendimento de como foi a constituição da Editora Lunardelli na indústria editorial de Santa Catarina. Por meio da trajetória de Lunardelli, foram viabilizadas sua circulação e produção em meio às suas redes de sociabilidades e demonstrados os desejos e as projeções que essas redes expressavam por meio de diversas publicações, inclusive a produção de livros didáticos.

Os caminhos que levaram à tese estão divididos em quatro capítulos, sendo o primeiro

este texto introdutório que teve como objetivo apresentar as motivações teóricas e perspectivas adotadas. Já o **segundo capítulo**, intitulado *De funcionário dos Correios e Telégrafos ao amor dos livros*, objetivou apresentar nuances de Lunardelli e seus percursos na indústria editorial. O **terceiro capítulo** é dedicado ao comércio de livros universitários à Editora Lunardelli: circulação e produção. Já o **quarto capítulo** intitula-se *Jornal A Ponte: vai um cafezinho... conversas e impressos*. E, por último, as **considerações finais**.

2 DE FUNCIONÁRIO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS AO AMOR DO LIVRO

Dessas lutas comerciais entre livreiros em busca de clientela, o leitor era o principal beneficiário (CHARTIER, 2009a, p. 99).

À medida que se iam desenvolvendo as investigações com relação à história da Livraria-Editora Lunardelli, de Santa Catarina, fundada em 1965, seguia-se com as pesquisas bibliográficas sobre a história editorial e dos livros, em âmbito nacional e regional, em busca de obras que oferecessem e/ou provocassem contribuições e reflexões teórico-metodológicas sobre a rede constituída pelo livreiro-editor e os seus diversos lugares, maneiras de atuação, de desenvolvimento histórica e sobre a sua relevância ou não para o desenvolvimento do modelo de cultura letrada vigente e hegemônica (BRAGANÇA, 2001). Segundo Bragança (2001, p. 10), “a construção do olhar sempre expressa singularidades, no que tem de melhor, e sempre denota simpatia ou encantamento. Não fora assim, não seríamos trabalhadores empenhados no revelar, no descobrir, no comunicar”. E, para apresentar uma história da Livraria-Editora Lunardelli, faz-se necessário conhecer um pouco sobre a história do seu fundador e idealizador, o livreiro-editor Odilon Lunardelli, responsável por fundar a Livraria-Editora e criar a sua política editorial centrada em produções sobre Santa Catarina e/ou de autores catarinenses ou radicados no estado.

A constituição histórica de Odilon Lunardelli como livreiro-editor vem muito antes da existência da editora, pois ele é um sujeito, um ser social, composto de diversas camadas, diversas funções que desenvolveu ao longo de sua vida, das múltiplas pessoas com quem se relacionou nos diversos locais que ocupou. Neste sentido, esta tese não tem como ambição ou foco a construção da biografia de Odilon Lunardelli, entretanto aproximar-se dos seus traços biográficos é uma tarefa essencial para compreender os caminhos em que a editora foi se inserindo, para além de um negócio em si, como um conjunto de relações sociais imbricadas em redes de famílias, políticos e intelectuais da época.

As pesquisas sobre o sujeito Lunardelli sugerem que sua vida profissional inicia servindo ao Exército brasileiro e, logo mais, como atendente de uma das agências da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, em Brusque, chefiada por José Boiteux Piazza (PIAZZA, 1999; LUNARDELLI, L., 2022). Para Piazza (1999), este seria o ponto ou o momento em que Odilon Lunardelli percebeu no comércio de livros exercido pelo serviço postal uma oportunidade excepcional, o que o fez decidir, no mesmo período em que cursava o ensino superior na capital, explorar o ramo livreiro, revendendo produções de outras editoras pelas cidades catarinenses. Porém, Lunardelli, L. (2022) afirma em entrevista que Odilon recebeu a

ajuda inicial de Felipe Mestre Jou, um chileno, engenheiro e negociante de vários ramos comerciais em São Paulo. Tal relação será retomada na sequência.

A livraria, criada em 1965, antecedeu a editora e esta foi primeiramente denominada Livraria Universitária, situada na rua Victor Meirelles, 28, centro de Florianópolis-SC. O mesmo local serviu desde a Livraria Universitária até o fim da Editora-Lunardelli. De acordo com Alves (2007, p. 01), a Livraria Universitária “vendia exclusivamente livros importados. Diferente do que acontecia nas poucas livrarias de Santa Catarina, que na verdade eram papelarias, nesta o único produto em exposição era o livro”. A venda exclusiva de livros durou pouco tempo, logo outras lojas e filiais foram abertas para dar lugar aos objetos de papelaria, brinquedos, livros nacionais e de outros gêneros, entre outras coisas que surgiram e ocuparam o espaço antes destinado apenas a livros universitários importados. Mais tarde, aquele pequeno local ficou minúsculo para atender às demandas que apareciam de outras partes do estado de Santa Catarina. Com isso, na década de 1970 foram constituídas a editora e livraria, ambas levando o sobrenome de seu fundador, Lunardelli. Contudo, não há data precisa sobre a criação da Editora Lunardelli, porém se considera o ano dos primeiros livros publicados, 1970. Os dados de cada empresas podem ser observados no quadro 1 abaixo.

Quadro 1 - Levantamento do registro das empresas de Odilon Lunardelli (continua)

Razão Social	Livrarias Lunardelli Ltda. ¹⁶
CNPJ ¹⁷	83.886.804/0002-48
Abertura	05 de julho de 1972
Baixada	17 de abril de 2006
Natureza Jurídica	Sociedade Empresarial Limitada
Sócios a partir de 18 de outubro de 1999	Adriana Lunardelli – Sócio-administrador; Alberto Lunardelli Caldeira – Sócio Menor (Assistido/Representado) representado por Adriana Lunardelli – mãe
Razão Social	Editora e Livrarias Lunardelli Ltda.
CNPJ	83.886.804/0003-29
Abertura	22 de fevereiro de 1973
Baixada	18 de outubro de 1999

¹⁶ LTDA – Limitada.

¹⁷ Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica.

(conclusão)

Natureza Jurídica	Sociedade Empresarial Limitada
Sócios a partir de 18 de outubro de 1999	Adriana Lunardelli – Sócio-administrador; Alberto Lunardelli Caldeira – Sócio Menor (Assistido/Representado), representado por Adriana Lunardelli – mãe
Extinção	Encerramento Liquidação Voluntária
Razão Social	Editora e Livrarias Lunardelli Ltda.
CNPJ	83.886.804/0001-67
Abertura	31 de dezembro de 1969
Baixada	06 de novembro de 2006
Natureza Jurídica	Sociedade Empresarial Limitada
Sócios a partir de 18 de outubro de 1999	Adriana Lunardelli – Sócio-administrador; Alberto Lunardelli Caldeira – Sócio Menor (Assistido/Representado), representado por Adriana Lunardelli – mãe
Extinção	Encerramento Liquidação Voluntária

Fonte: JUCESC – Junta Comercial do Estado de Santa Catarina, 2023.

Considera-se a empresa com o cadastro de abertura mais antigo, que por coincidência é aquela com o encerramento posterior às outras empresas, a Editora e Livrarias Lunardelli Ltda. sob o CNPJ: 83.886.804/0001-67, com abertura em 31 de dezembro de 1969 e baixa em 06 de novembro de 2006. Entretanto, Odilon Lunardelli tinha diversas filiais pelo estado. Segundo as memórias da primeira entrevistada, a autora Klueger (2021), foram obtidas algumas pistas dos anos iniciais de Odilon Lunardelli enquanto livreiro: “[...] ele teve livraria até em Tubarão, [...] quando deu aquela enchente [...]”, referindo-se ao ano de 1974. “Arrasou com a livraria lá, ele nunca mais abriu. No centro de Florianópolis tinha mais de uma e, [...] antes disso ele fazia representante comercial, a gente pequena, quando criança chamava de caixeiro-viajante” (KLUEGER, 2021). Neste mesmo ano foi criada a logomarca símbolo da Livraria-Editora Lunardelli que pode ser observada abaixo na figura 2. Chama a atenção por ser um coração com folhas, fazendo alusão a uma planta com flor vermelha, também pode ser interpretada como sendo o coração e a planta semeada pelo livreiro-editor amante de livros, ou os livros cultivados pela livraria-editora, ou ainda o coração pode representar a centralidade espacial da loja física/sede que estava no centro da capital.

Figura 2 - Logomarca/símbolo da Livraria Editora Lunardelli



Fonte: Fotografia recortada da capa de um livro publicado, 2023.

E, de porta em porta vendendo livros, ele parte para a livraria num espaço físico onde posteriormente funcionaria a editora. É bom lembrar que as atividades da Lunardelli surgiram na mesma década em que o ensino superior ganhava novos horizontes em Santa Catarina. Certamente, Odilon Lunardelli percebeu um mercado promissor, pois por todo o estado de SC, à época, surgiam faculdades e centros universitários, como a criação da Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina (FESSC), atual UNISUL¹⁸ e a Fundação Universidade do Oeste de Santa Catarina (FUNOESC), mantenedora da UNOESC¹⁹, respectivamente, nas cidades de Tubarão e Joaçaba, onde havia filiais da Livraria Lunardelli. Informações obtidas em entrevista com familiares, como Lunardelli, L. (2022) e confirmadas por Lunardelli, A. (2022) e Ghiggi (2022), dão conta que “[...] em 1974, ela [livraria] já tinha filiais em Joaçaba e Tubarão e uma nova loja no centro de Florianópolis” (LUNARDELLI, L., 2022).

No entendimento de Alves (2007, p. 01-02), “a história da livraria coincide com a fundação da Universidade Federal de Santa Catarina [...], da Universidade do Estado de Santa Catarina”, além “[...] da ampliação do Instituto Estadual de Educação, que [...] passou a funcionar em modernas instalações na Avenida Mauro Ramos”. O período em que a Livraria-Editora Lunardelli surgiu pode, também, explicar o sucesso dela, pois, além da expansão universitária no estado, ocorreram o desenvolvimento e uma maior universalização dos outros níveis de ensino, o que, seguramente, ocasionou um aumento da procura por produções editoriais, tanto aos estudantes quanto à formação docente. Observa-se que a oferta de ensino regular e os conteúdos curriculares definidos por lei fazem emergir a necessidade de livros catarinenses para atender a todos os graus de ensino, pois a Lei Federal nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, responsável por fixar as diretrizes e bases do ensino de primeiro e de segundo graus, dispõe, em seu art. 4º, que:

Os currículos do ensino de 1º e 2º graus terão um núcleo comum, obrigatório em âmbito nacional, e uma parte diversificada para atender, conforme as necessidades e

¹⁸ A UNISUL começa como Faculdade de Ciências Econômicas em 1964 na cidade de Tubarão/SC. Em 1967, torna-se a FESSC, que, por último, em 1989 passa a ser Fundação Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL, 2021).

¹⁹ A UNOESC é mantida pela FUNOESC, criada em 1968, na cidade de Joaçaba/SC.

possibilidades concretas, às peculiaridades locais, aos planos dos estabelecimentos de ensino e às diferenças individuais dos alunos (BRASIL, 1971).

No âmbito da educação escolar ocorreu a necessidade de adaptação às peculiaridades locais, algo que na prática já estava sendo realizado no estado de Santa Catarina, visto que no ano letivo anterior, segundo Sachet (1999, p. 27), “foi instituído o ensino de primeiro grau que inclui ao primário e o ginásio, isto é, os primeiros oito anos de escolaridade”. Neste ajustamento dos planos e currículos, coube a formulação e edição de livros sobre e/ou para os estudantes catarinenses. Como descrito por Sachet (1999, p. 28), “impelidos pela realidade do estado, que nada tinha a ver com os livros didáticos então em uso, o Professor José Curi e eu decidimos elaborar uma nova coleção intitulada Língua Nacional, para atender às peculiaridades locais como expressão da cultura Catarinense”. Odilon Lunardelli era um fanático editor de autores catarinenses, mas não conseguia concentrar a edição de todos os livros e autores em sua editora. Certa vez, sofreu a frustração de ver o livro didático, dos professores Curi e Celestino, ser publicado pela Editora Laudes, do Rio de Janeiro, e à Livraria Record, de Joinville, coube a distribuição no estado. Para a surpresa de todos, Odilon Lunardelli, não satisfeito em perder pela editora, tratou de ganhar pela sua livraria, ficando com a distribuição dos quatro volumes na região da Grande Florianópolis e no sul do estado (SACHET, 1999, p. 29). Entretanto, existiam renomados autores que confiaram seus livros a Lunardelli.

Os exemplos são inúmeros, daqueles que preferiram deixar seus trabalhos, fruto de longos anos de profundas pesquisas, para uma pequena editora local, ao invés de se aventurarem por praças desconhecidas. O mesmo caminho de comprometimento, só que teve retorno, teve Odilon Lunardelli, que também confiou em seus editores, ao mesmo tempo em que difundia o conhecimento histórico de Santa Catarina.

Uma homenagem a este homem que ajudou o conhecimento histórico de sua terra é pouco, diante da coragem do empreendimento em que confiou e levou adiante. (CORREA, 1999, p. 19).

Na esteira desse entendimento, Cardozo (1999, p. 46) descreve o legado de Odilon Lunardelli da seguinte forma: “Bem sabemos que a soma de sua aventura de editor é largamente positiva. Quase todos os escritores de Santa Catarina passaram, de alguma forma ou de outra, em livros próprios ou em obras coletivas, pela Editora”. A atuação do fundador da editora Lunardelli ia além de editar livros, por algumas vezes Odilon Lunardelli promoveu a Feira do Livro Didático, proporcionando aos estudantes mais pobres o acesso aos livros escolares por meio de descontos, bem como foi responsável pela distribuição de mais de 150 mil livros gratuitamente pelo interior de Santa Catarina (BARRETO, 1999). Urda Alice Klueger relatou algumas características marcantes de Odilon:

Ele teve o tino, vamos dizer assim: quem era Urda? Urda era filha do seu Klueger que era dono do restaurante tal, morava no bairro operário de Blumenau. Mas, ele farejou que tinha uma Urda com um livro que interessava ele, tanto que recebi ligações até que ele obriga o seu José Gonçalves a me levar lá. Então, ele tinha um tino assim para literatura. Alguém chegava com um livro e ele dizia: Não! Isso não é grandes coisas. Esse ali, vamos apostar nele... Parecia uma coisa espiritual (KLUEGER, 2021).

Marcos Konder Reis foi o responsável por indicar Urda Alice Klueger para Odilon Lunardelli, E, José Gonçalves por levá-la à Lunardelli. Ainda, sobre as colaborações ao estado, Cardozo (1999, p. 46) complementa, enfatizando que “[...] sem se dar conta disso, onde Lunardelli foi um caso no processo cultural de Santa Catarina. Teve iniciativas pioneiras, promoveu a difusão da leitura, facilitou acesso ao livro didático”. O alto preço dos livros é salientado por Elias Saliba, que rebate afirmando que, “[...] afinal, não era apenas o analfabetismo que afugentava os leitores, mas o alto preço dos livros, sobretudo quando comparados ao baixo poder aquisitivo, mesmo da população letrada carioca” (SALIBA, 2012, p. 247, *apud* PONTES, 2016, p. 164).

O papel desempenhado pela Lunardelli e seu fundador transcendia o de vender e editar livros. Conforme Meirinho (1999, p. 51), “uma editora e uma livraria, da dimensão da Lunardelli, devem ser consideradas como instituições de cultura, expressão no seu tempo, ao lado de instituições, academias, associações, movimentos e universidades”. Porém, nem tudo dura para sempre. Como relata Alcides Buss, “as dificuldades do mercado na área editorial não eram pequenas. Muita gente escrevia e queria publicar. Acontece que a contrapartida do público não andava do mesmo modo. Vendia-se alguma coisa no lançamento, mas depois, quase nada”. Neste período, surge a Editora da UFSC, início da década 1980 e, com ela, a liderança do mercado editorial catarinense, mesmo com a Lunardelli continuando a publicar (BUSS, 1999b, p. 14).

Nesses percursos é possível evidenciar traços biográficos de Odilon Lunardelli, um homem que observou e cavou oportunidades nos locais que ocupava. Em sua função nos Correios e Telégrafos, aprendeu o ofício, observou a redes de entrega e circulação de produtos que foram essenciais para seus negócios posteriormente. Como leitor, desenvolveu habilidades, não apenas de encontrar boas histórias, fazia sua própria leitura de mundo, atento aos aspectos econômicos e às necessidades do período em que desempenhava seus negócios. Não se pode romantizar a paixão pelos livros, sem considerar a latência de um mercado em expansão que encontrava a universalização do ensino. E, para dar continuidade a esta descoberta, o próximo tópico aborda a história da pessoa Odilon Lunardelli atrelada às suas atuações profissionais e às suas relações sociais e econômicas.

2.1 O LEÃO E SUA ALCATEIA: TRAÇOS DO LIVREIRO-EDITOR ODILON LUNARDELLI

– *Tudo o que você vê faz parte de um delicado equilíbrio. Como rei, você tem que entender esse equilíbrio e respeitar todas as criaturas, da menor formiga ao maior dos antílopes* – Mufasa.
 – *Mas, pai, a gente não come antílope?* – Simba.
 – *Sim, Simba. Mas deixe-me explicar. Quando você morre, seu corpo se torna grama. E o antílope come a grama. E assim estamos todos ligados no grande ciclo da vida.* – Mufasa.
 (Filme – *O Rei Leão*)

Construir aspectos de uma história de Odilon Lunardelli só foi possível por meio dos depoimentos dos entrevistados para esta pesquisa. Ao longo das investigações desta tese, observou-se uma ausência, uma escassez de informações sobre a vida pessoal desse personagem, apresentado pelos entrevistados como uma narrativa a seu respeito de uma pessoa restrita, tímida e bastante discreta. Questões que fazem problematizar: essa restrição não estaria imbricada na imagem que gostaria de construir sobre si: um empresário sério, de vida privada restrita?

Nas palavras do filho Lunardelli, L. (2022), a história do fundador da Livraria-Editora Lunardelli começa com o seu nascimento em 31 de agosto de 1932, em Limoeiro, então distrito rural da cidade de Brusque. Filho de José Primo Lunardelli e de Paula Toledo Lunardelli, ele viveu na zona rural até os 15 (quinze) anos de idade. Sua irmã Wilma Lunardelli, a mais velha, foi funcionária de carreira do Tribunal de Contas do Estado de Santa Catarina, onde se aposentou como assessora da presidência, ocupou diversos cargos na instituição; o outro irmão era José Abelardo Lunardelli, que foi funcionário efetivo da Secretaria de Estado da Fazenda, iniciando como fiscal de tributos e concluindo a carreira como Secretário da Fazenda durante o governo do Espiridião Amim²⁰. Portanto, observa-se que até em sua família Odilon Lunardelli possuía uma rede de sociabilidade bem considerável, os irmãos não eram simples operários, possuíam cargos de poder econômico elevado e de circulação política e intelectual.

Ainda em Brusque, aos 18 (dezoito) anos Odilon Lunardelli prestou serviço militar no Tiro de Guerra (TG) 170²¹. Depois disso, aos 19 (dezenove) anos a família se mudou para

²⁰ As informações conferem com as fontes documentais já expostas anteriormente neste texto.

²¹ O Tiro de Guerra (TG) 317 foi fundado em 8 de dezembro de 1916. A instituição pertence ao Exército brasileiro no município e propicia a prestação do serviço militar inicial aos jovens de 18 anos. Quando iniciou suas atividades, a instituição recebeu o nome de TG 317. Porém, o TG precisou suspender as atividades por uma década, após a assinatura do armistício da I Guerra Mundial, em 11 de novembro de 1918, que pôs fim ao conflito internacional. Com um movimento organizado por pessoas da sociedade brusquense, o TG foi reativado em 1928, com instruções realizadas nas dependências da prefeitura. Apenas em 1941 foi construída a sede do TG, que permanece até hoje na rua Felipe Schmidt, no bairro São Luiz. No ano de 1945, o TG passou a se

Florianópolis. Logo, aos 21 (vinte e um) anos começou a trabalhar nos Correios e aos 26 (vinte e seis) anos se casou com Beatriz Espíndola, ela com 27 (vinte e sete) anos e natural de Itajaí. Viúva e com quatro filhos²², Beatriz Espíndola conheceu Odilon Lunardelli quando trabalhou na agência da Cruzeiro do Sul no prédio da Hoepcke na Rua Felipe Schmidt em Florianópolis, após o falecimento de seu primeiro marido que era um dos proprietários TAC – Transportes Aéreos Catarinense (LUNARDELLI, L. 2022). Deste casamento nasceram os filhos Fábio Lunardelli (já falecido) e Adriana Lunardelli. Odilon Lunardelli acabou falecendo aos 65 (sessenta e cinco) anos vítima de um infarto fulminante no dia 08 de setembro de 1997. Já sua esposa, Beatriz Lunardelli, era diabética e faleceu anos antes em razão de uma crise forte de hipoglicemia numa excursão internacional com amigas. Após a morte de sua esposa, Odilon Lunardelli passou por um processo depressivo. Segundo as memórias do filho, “eles tinham um grau de dependência muito grande. Dependiam muito um do outro. Aí, com o falecimento dela, ele deve ter sentido um baque” (LUNARDELLI, L. 2022).

Retomando os caminhos percorridos por Odilon Lunardelli, ele concluiu os estudos secundários na Academia de Comércio de Santa Catarina no ano de 1958 e ingressou na faculdade de Ciências Econômicas²³ da UFSC, onde se graduou em Ciências Econômicas no ano de 1965. No entanto, é preciso dizer que provavelmente deve ter cursado o então ensino primário no bairro do Limoeiro e o início do secundário em estabelecimento de ensino no centro de Brusque²⁴. Tal participação acadêmica pode ter influenciado ainda mais a atuação no ramo livreiro. A Livraria Universitária, na rua Vitor Meireles, nº 28, em Florianópolis, iniciou suas atividades no dia 31 de março de 1965, ocupando uma sala de aproximadamente 15m². “Era uma livraria ousada para a época, porque trabalhava exclusivamente com livros de Ensino Superior e a produção, na época, de livros em português, era muito pequena, de maneira que ela tinha praticamente em estoque apenas livros importados, e muito poucos livros nacionais”

chamar Tiro de Guerra 170 e somente em 8 de maio de 1979 é que recebeu a denominação de Tiro de Guerra 05-005. (BRUSQUE, 2023).

²² Sobre o seu registro paterno, Luiz Nocetti Lunardelli descreve assim: “[...] voltando ao meu pai, Odilon Lunardelli, é bom explicar que eu sou fruto do primeiro casamento da minha mãe, que ficou viúva ainda muito jovem. O pai que eu conheci foi Odilon Lunardelli. Meu pai natural morreu quando eu tinha nove meses de idade e eu não cheguei a conhecê-lo. Então, ele [Odilon Lunardelli] casou-se com a minha mãe quando eu tinha quatro anos de idade. Quando eu cheguei aos 18 anos, ele promoveu a retificação do meu registro civil e adicionou o sobrenome dele ao meu sobrenome. A partir daí eu passei a ser seu ‘filho legítimo’, mas de qualquer forma eu sempre me senti assim, porque pai na verdade é aquele que te dá educação e a formação, e foi isso que ele me proporcionou a minha vida inteira. Então passei a ter em meu registro o nome de Luiz Nocetti Lunardelli a partir de uma iniciativa e da vontade dele de promover a modificação do meu registro civil” (LUNARDELLI, L., 2022).

²³ Com colação de grau realizada em 06 de dezembro de 1965 e as honras divulgadas no Jornal *O Estado* (07/12/1965, p. 08).

²⁴ Houve uma mudança da família do distrito para o centro de Brusque (GHIGGI, 2022).

(LUNARDELLI, L., 2022). Luiz Lunardelli descreve o começo da atuação empresarial de Odilon Lunardelli da seguinte maneira:

Como é que surgiu essa livraria? Aí já entra o trabalho dele, Odilon, meu pai. Ele casou-se em 1958 com a minha mãe, Beatriz, então viúva, com quatro filhos. Eu tinha apenas quatro anos de idade na época em que eles se casaram. [...] Odilon Lunardelli era um funcionário Público Federal que trabalhava nos Correios e Telégrafos, com um salário insuficiente para sustentar uma família nova composta por uma viúva e seus quatro filhos. Ele então se foi à luta para tentar conseguir alguma coisa e, mesmo ainda funcionário do Correios, conseguiu ser representante comercial de algumas empresas, entre as quais uma pertencente ao um empresário e engenheiro [...] chamado Felipe Mestre Jou. Esse homem foi, como sempre dizia Odilon, um verdadeiro pai para ele, porque possuía, entre as suas múltiplas atividades econômicas, uma indústria de cerâmica, uma indústria de persianas e uma indústria de temperos. E ofereceu isso tudo para o meu pai ser o seu representante em Santa Catarina e vender aqui em Florianópolis e em Santa Catarina. Foi então que meu pai abriu a sua primeira empresa, a Lunardelli Representações Ltda. (LUNARDELLI, L. (2022).

Na entrevista, Ghiggi (2022) esclarece: “Quando ele era funcionário dos Correios, paralelamente, vendia e instalava persianas. Depois, vendia livros e precisou de mais espaço para armazenar e vender os livros. E o Mestre Jou foi o cara que consignou os livros para ele, porque ele não tinha capital para isso”. Contudo, a atuação de Odilon Lunardelli voltou-se para os livros por causa de Mestre Jou, o empresário tinha algumas livrarias e uma editora especializada em livros técnicos para o Ensino Superior. “Então, o Mestre Jou ofereceu ao meu pai todo o seu estoque em consignação, todos os livros necessários para abertura da sua primeira livraria, tudo em consignação. Ele só precisava pagar aquilo que vendesse” (LUNARDELLI, L., 2022). Odilon Lunardelli foi eternamente grato a Felipe Mestre Jou. E “a maior demonstração dessa gratidão e reconhecimento é que no seu escritório, a foto principal era do Felipe Mestre Jou. Uma foto grande, exposta na parede exatamente atrás da cadeira dele (LUNARDELLI, L., 2022). Assim, todos que frequentavam a sua sala pela primeira vez logo desejavam “[...] saber quem era aquele homem da foto, e ele contava essa mesma história que eu estou te contando agora, com a ênfase de um filho que o adorava” (LUNARDELLI, L., 2022).

Uns chamavam o seu escritório de a toca do Luna, porque era um espaço de apenas 8m², **onde ele recebia o Governador, recebia o presidente da Assembleia, deputados e senadores que eram todos seus amigos.** E assim, num clima de humildade e simplicidade, uma garrafa de café de 5 litros em cima da mesa, moeda jogada para tudo que é canto, montes de originais empilhadas até o teto, ele entreabria uma única e pequena janela e fumava três carteiras de cigarro por dia ali dentro, e ainda dava bronca em quem reclamasse: ‘Olha, me conheceste fumando, então se queres vir aqui me visitar, atura o meu cigarro’. Aquela estranha ‘delicadeza’ que ele tinha (LUNARDELLI, L., 2022, grifos nossos).

Um homem aparentemente simples que batalhou em seus poucos metros de livraria, que tinha uma ampla visão logística e que estava ancorado em rede de sociabilidade, pois seu interesse era visivelmente inovador para a época. Os políticos eram leitores, queriam estar por dentro do que acontecia, bem como da sociabilidade proporcionada por Odilon Lunardelli. Não se pode desconsiderar os anos em que esse cenário ocorria: Esperidião Amim queria construir uma narrativa do que é ser catarinense²⁵, pesquisadores e professores se constituindo como “historiadores catarinenses”, a fundação do Museu Histórico de Santa Catarina. Ou seja, um ponto de confluência para desejos políticos e intelectuais que ajudam a forjar a própria história da Livraria-Editora Lunardelli.

Antes de se tornar o Livreiro-Editor que foi e já com a Livraria Universitária funcionando, Odilon Lunardelli ia, nas suas folgas, até as portas das faculdades que existiam em Florianópolis para vender e divulgar a existência da livraria que posteriormente se tornaria a Livraria Lunardelli. “A sua fase de crescimento ocorreu entre 1965 e 1970, já então com a Universidade Federal de Santa Catarina funcionando a todo vapor, com vários outros cursos, inclusive Engenharia” (LUNARDELLI, L., 2022). Luiz Lunardelli ainda conta que “foi uma nova fase de crescimento [...], onde começaram a surgir muitas edições brasileiras e [...] aquilo que ele não queria desde o início, vender também livros didáticos” (LUNARDELLI, L., 2022). Assim, Odilon Lunardelli renunciou àquela ideia de ter uma livraria exclusivamente universitária e passou a vender também a literatura em geral e os livros didáticos de Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Odilon Lunardelli largou os Correios e Telégrafos²⁶ quando percebeu que a atividade deixou de ser vantajosa financeiramente e começou a ser um entrave ao crescimento da empresa dele, chegando a fazer horários noturnos na função de teletipista²⁷, datilografando os telegramas e durante o dia todo dedicando-se às representações e à livraria. A dedicação total dele ao ramo livreiro alavancou muito a estrutura da empresa que, em dez anos, teve um crescimento muito grande. Em 1974, ela já tinha filiais em Joaçaba e Tubarão e uma nova loja no centro de Florianópolis (LUNARDELLI, L., 2022). Simultaneamente, na década de 1970, surgiu a iniciativa de publicar o primeiro livro com o selo da Editora Lunardelli. Luiz Lunardelli descreve assim a sua atuação na livraria:

²⁵ Mais informações podem ser encontradas no livro: SANTA CATARINA. **Resposta à Carta dos Catarinenses**. Florianópolis: IOESC, 1987.

²⁶ Não foram encontradas fontes que afirmassem a provável data de exoneração do cargo público que Odilon Lunardelli ocupava na Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

²⁷ Teletipista é a pessoa que trabalha com teletipo, ou seja, responsável por transcrever os telegramas.

[Eu] era um moleque de apenas 11 anos de idade que começou ali limpando o banheiro ou varrendo o chão e era o único funcionário e, portanto, fui adquirindo experiência e, mais do que isso, fui adquirindo **contato com pessoas interessantíssimas**. Eu me lembro que, com 11 anos de idade, uma das pessoas que eu mais admirava era um dos raros clientes assíduos da livraria, o professor Mâncio Costa, psicólogo, pai da psicóloga Emiliania Cardoso da Silva, que foi professora da Universidade Federal, e sogro do Valmor Vieira da Silva, que também era professor universitário. Dono de uma cultura e de uma bagagem incrível, o professor Mâncio Costa. Na época eu estava com 11 e ele deveria ter 90 anos de idade, mas era extremamente lúcido e batia ponto quase todas as semanas na livraria em busca de publicações. Ele lia praticamente de tudo em espanhol, em inglês, em alemão. Ele era inteligentíssimo. Era assim o primeiro cliente que a gente teve em Florianópolis. Professor Mâncio Costa, amigo pessoal de Sigmund Freud, com quem trocava correspondência habitualmente. Isso me marcou muito profundamente (LUNARDELLI, L., 2022).

Ainda sobre a sua atuação, Luiz Lunardelli diz ter uma lembrança muito grata pela oportunidade do trabalho que a livraria lhe proporcionou, isto é, de ampliar o conhecimento e o contato com pessoas muito interessantes e que compõem esse mosaico que hoje é a literatura em Santa Catarina. Inscrito em uma rede de sociabilidade, em 1974, Odilon Lunardelli resolveu investir na editoração de impressos, livros e o Jornal “A Ponte”, “[...] que tinha como meta promover e incentivar o hábito da leitura. Por isso, era um jornal de distribuição gratuita, que atingiu, para sua época, um espírito totalmente vanguardista, porque ele era diferenciado de tudo, desde a linguagem até a forma, o conteúdo e a apresentação” (LUNARDELLI, L., 2022). Luiz Lunardelli também refere as seguintes características do Jornal “A Ponte”.

Foi o primeiro tabloide de Santa Catarina. Então, muito criticado no início pelos papas da publicidade, que apostavam que ele não ia durar muito porque não se sustentaria sem venda. Mas o meu pai era muito teimoso e achava que se as pessoas lessem mais jornal automaticamente iriam ler mais livros e que, com isso, o movimento da livraria aumentaria também. Com essa filosofia, o Jornal “A Ponte” durou 15 anos, de 1974 a 1989 [...] (LUNARDELLI, L., 2022).

Também sobre o Jornal “A Ponte”, Luiz Lunardelli o descreve como algo que seu pai amava fazer. Também dá indícios do tamanho que o periódico chegou a ter.

Foi um dos sonhos, um dos projetos dele, uma das visões que ele teve e que deu certo. Na época, o Jornal ‘A Ponte’ chegou a ter [...] trinta mil exemplares. Isso, para os padrões de imprensa da época, era um fenômeno, porque os outros jornais tiravam entre dois e cinco mil exemplares. A gente brincava que o nosso jornal era querido pelos leitores, porque ele era colecionável. Então, as pessoas faziam coleção e guardavam todas as edições do jornal. O maior indicativo de que era um jornal agradável e desejado por todos é que a gente nunca o encontrava nas bancas de mercado para embrulhar peixe. Então, as pessoas não jogavam fora, liam e guardavam o jornal porque ele tinha aquele formato de almanaque. Tinha humor, informação permanente, pesquisa. Era de fácil leitura. (LUNARDELLI, L., 2022).

Sobre a editora, Luiz Lunardelli afirma que ela possuía uma produção considerável de autores catarinenses. Era uma outra paixão que Odilon Lunardelli tinha, “ele entendia que Santa Catarina precisava ter o seu lugar de destaque na literatura nacional. Simultaneamente às edições, ele criou nas lojas de varejo uma estante do autor catarinense”. Então, quando eles começaram, eram incipientes [...]. Mas com o passar do tempo foram crescendo e absorvidas ali não apenas as publicações da Editora Lunardelli [...]” (LUNARDELLI, L., 2022). As demais editoras surgiram movidas, pode-se pensar, por uma linha de trabalho editorial da Lunardelli, “[...] que foram as editoras da UDESC, da UFSC e da FURB [Fundação Universidade Regional de Blumenau] no espaço público e as editoras Papa Livros e Insular na iniciativa privada” (LUNARDELLI, L., 2022).

Com ele não tinha esse negócio de concorrência. Bastava ser de Santa Catarina que ele ajudava a divulgar. E comprava tudo que era lançado, pagava antecipado, e alavancou muitos escritores autônomos. Embora não vendesse muita coisa, a editora era mantida pelo idealismo dele de ter essa identidade com Santa Catarina (LUNARDELLI, L., 2022).

De acordo com Luiz Lunardelli, a livraria-editora do seu pai sempre foi de vanguarda, estando, habitualmente, no início de todos os movimentos como a Semana do Autor Catarinense; Primeira Semana do Autor Catarinense; a Associação Catarinense de Editores e Livrários (ACEL) – hoje Câmara Catarinense do Livro – foram iniciativas de Odilon Lunardelli juntamente com seu filho Luiz Lunardelli (fundador e primeiro presidente). Todos os eventos e associações eram realizados em Florianópolis, de forma oficial e organizada. Também, teve a Feira do Livro de Rua, que acontecia no átrio na Catedral, no qual Luiz Lunardelli foi presidente durante as três primeiras gestões (LUNARDELLI, L., 2022). “Durante seis anos nós solidificamos aquela feira de rua de Florianópolis, que, com o passar do tempo, deixou de ser na rua, começou a ser feita nos *shoppings*, e acabou sumindo, hoje em dia acho que já nem existe mais” (LUNARDELLI, L., 2022). Convém destacar que eventos e associações do tipo necessitavam de recursos financeiros, liberações de órgãos públicos e recrutavam pessoal para executar os serviços. Para isso, Odilon Lunardelli certamente recorria à sua rede de sociabilidade, sua atuação profissional aproximou diversas pessoas ditas influentes na política e economia catarinenses. Entretanto, segundo Ghiggi (2022), Odilon Lunardelli sofre uma barreira para a execução da Primeira Feira do Livro de Rua, quando a prefeitura não aceitou dar o alvará de licença para a realização do evento. De acordo com suas recordações daqueles anos:

Ele tentou numa determinada época, se não me engano lá por 1972 ou 1973. Ele fundou uma associação de livreiros, Associação Catarinense de Livreiros (ACL) e pretendia fazer uma feira do livro em Florianópolis. Chegou a desenhar os projetos de barracas debaixo das árvores da Figueira da Praça XV, no final parece que houve problema com a prefeitura, ele abandonou tudo durante determinado tempo. Depois o Luiz Lunardelli, mais tarde, reestruturou aquela associação, transformou em Associação Catarinense de Editores de Livreiros e fez a primeira feira do livro de Florianópolis. Essa feira do livro foi feita ali na frente da Catedral durante muito tempo. Depois nos jardins do Palácio Cruz e Sousa. Eu fui, inclusive, presidente dessa associação durante dois anos, fiz duas ou três feiras do livro também. Participei eu acho que das primeiras doze ou treze feiras do livro. Participei de todas elas e ele era um grande incentivador nisso. Ele queria fazer uma feira do livro nos moldes da feira do livro de Porto Alegre, nunca conseguiu chegar naquele tamanho. Depois transformaram a associação em Câmara Catarinense do Livro para obter incentivos fiscais, alguma coisa assim (GHIGGI, 2022).

Às vezes a sua sociabilidade não o amparava na obtenção do êxito nos seus projetos. É preciso considerar que em 1972 e 1973 Odilon Lunardelli ainda estava se constituindo como livreiro e iniciando como editor, assim como sua rede de sociabilidade, o fato de não ter ainda grande expressão social pode não o ter ajudado na construção da Feira do Livro de Rua. Na composição da sua rede de sociabilidade havia amigos como o poeta Marcos Konder Reis, pertencente a uma família de políticos influentes em Santa Catarina, “[...] foi um outro grande amigo do meu pai. Tiveram uma amizade muito forte. [...] Urda [Alice Klueger], que ficou sendo assim a queridinha da Editora Lunardelli”. Foram várias publicações seguidas “[...] O primeiro foi o ‘Verde Vale’. Os outros livros dela também fizeram bastante sucesso e eram constantemente estudados como temas para os vestibulares, na UFSC e na UDESC”. Na linha dos destaques como escritoras, Luiz Lunardelli ainda comenta sobre “[...] Lauzimar Laus nós publicamos ‘O guarda-roupa Alemão’. Ela foi uma escritora que teve uma projeção maior assim em nível de Brasil. O poeta Harry Laus, que era o irmão dela, também teve livros publicados pela Lunardelli” (LUNARDELLI, L., 2022, grifos nossos). Ainda comentando sobre a atuação do seu pai como livreiro-editor, Luiz Lunardelli relata:

Odilon tinha um senso crítico muito acentuado e um poder de objetividade muito grande. Ele dificilmente lia um original até o fim. Ele tinha pessoas que faziam isso para ele. Mas ele tinha a capacidade de, numa rápida olhada, diagnosticar se o livro seria bom ou não. Eu não lembro de ele ter rejeitado nenhum, independentemente de ser bom ou não. Ele publicou praticamente tudo que batia às portas dele. Mas ele sabia exatamente se aquele livro ia ter sucesso ou não. Ele sabia das limitações do mercado livreiro e costumava dizer assim: ‘Se eu tivesse investido em dicionário do Aurélio tudo que eu investi na publicação de livros eu estaria multimilionário, porque o investimento na edição e publicação de livros em Santa Catarina não dá retorno financeiro.’ Tanto que, após o falecimento dele, todo o estoque que tinha a minha irmã acabou negociando [...]. Então, ele não era realmente um grande leitor, mas era um crítico muito, muito audaz e muito perspicaz pelas coisas, pela experiência de vida que tinha e **pelos relacionamentos que mantinha com pessoas do setor** (LUNARDELLI, L., 2022, grifos nossos).

Quanto aos aspectos da personalidade de Odilon Lunardelli, ele é lembrado como alguém que defendia seus pontos de vista com unhas e dentes. Sem muitas inimizades, porém algumas pessoas não gostavam do estilo dele em função de ser extremamente objetivo e sincero. “Quanto mais amigo, mais ele brigava. Ele e o Salomão Ribas tiveram brigas homéricas, mas do ponto de vista ideológico só. Era dono de uma personalidade muito forte”. Luiz Lunardelli ainda completa afirmando que “isso pode ser sentido pela aquela publicação do Jali Meirinho, dos depoimentos, dos mais diversos possíveis, que representam apenas um pequeno substrato. Aquele livro ficou pequeno pela importância e pelo número de amigos que ele tinha (LUNARDELLI, L., 2022). Sobre a obra “Nosso homem do livro: Odilon Lunardelli (Livro de Depoimentos)”²⁸, Luiz Lunardelli relata que se o organizador tivesse tido mais tempo, certamente teriam mais participantes, pois o número de depoentes era muito inferior à quantidade de escritores que publicaram ou tiveram amizade com Odilon Lunardelli, “[...] ficou muita gente de fora que gostaria de ter participado, mas foi justificado em função da pressa em fazer, porque o lançamento estaria coincidindo com uma homenagem pós-morte que o Governo do Estado prestou a ele, que foi a concessão da medalha Cruz de Sousa” (LUNARDELLI, L., 2022).

Voltando às questões de atuação profissional de Odilon Lunardelli, obtiveram-se informações de que ele trabalhou exclusivamente no ramo varejista de livros, do jornal e da editora. Entretanto, ele teve outras atividades relacionadas quase que diretamente ao campo livreiro, ligadas à educação – exceto quando vendia brinquedos na Loja Chalana²⁹. Na entrevista de Ghiggi (2022), ele revela: “Quando eu cheguei na editora, ele só tinha na verdade duas livrarias em Florianópolis, uma loja de brinquedos e papelaria que depois transformou em livraria. A segunda livraria era num ponto alugado e o proprietário pediu o imóvel, ele teve que entregar o imóvel [...]”, transferindo-a para o endereço da Chalana Papelaria e Brinquedos, depois, “[...] parou de trabalhar com brinquedos e, também, foi eliminando a papelaria e transformou numa segunda livraria”. Já Lunardelli, L. (2022), contou que o seu pai não participava do setor de distribuição atacadista. Tal atividade foi assumida por Luiz Lunardelli a partir de 1985, quando Odilon Lunardelli incentivou seu filho para a criação do seu próprio negócio. Dono de algumas livrarias, Odilon Lunardelli, em 1977, transformou a Livraria

²⁸ PEREIRA, Francisco José (Org.). **Nosso homem do livro: Odilon Lunardelli (Depoimentos)**. Florianópolis: União Brasileira de Escritores - Santa Catarina, 1999.

²⁹ Segundo Ghiggi (2022), Odilon Lunardelli deu esse nome por causa da música Chalana, canção de Mario Zan e Arlindo Pinto. A música faz alusão às embarcações típicas do Pantanal chamadas de chalanas. “Ele gostava de uma música que se chamava Chalana, é uma música paraguaia que foi traduzida para o português, uma coisa assim. Gostava muito dessa música, então por causa disso”.

Universitária em livraria popular, onde passou a vender papelaria. Logo, para não misturar as coisas, criou uma outra empresa que, além de livros, vendia papelaria e brinquedos. A Chalana Brinquedos, que funcionava na rua Deodoro, na quadra de baixo onde atualmente é uma loja varejista focada em eletrodomésticos da linha branca. A estratégia de dar nomes diferentes para suas empresas era a de não vincular e descaracterizar a atuação de cada uma delas, assim, preservando a essência da Livraria-Editora Lunardelli – considerada pelos entrevistados como a última livraria de rua que revendia exclusivamente livros com ênfase na regionalidade. O prédio onde funcionava a matriz da Livraria-Editora Lunardelli pode ser visto a seguir, foto atual do que já foi uma casa, um livraria-editora e hoje um bar alternativo (Figura 3).

Figura 3 - Foto da Livraria-Editora Lunardelli (fachada virada para a rua Victor Meirelles)



Fonte: Acervo do autor, 2023.

Percebe-se, na figura 3, a fachada vista da rua Victor Meirelles, que o prédio tem características de um edifício residencial, com várias janelas. Não foi possível constatar qual das janelas era a do escritório de Odilon Lunardelli. Já a figura 4, abaixo, mostra a vizinhança da Lunardelli, à esquerda da figura há um prédio branco que durante anos foi a Escola Normal Catarinense, depois a Faculdade de Educação – FAED/UDESC, hoje Museu Escola Catarinense mantido pela UDESC. Ao centro, um prédio amarelo onde funcionava a Escola Estadual Professora Antonieta de Barros – atualmente desativada. Já a Livraria-Editora Lunardelli, ficava no prédio azul ao fundo da figura 4, entre a rua Victor Meirelles e em vermelho, onde ainda funciona a Kibelândia.

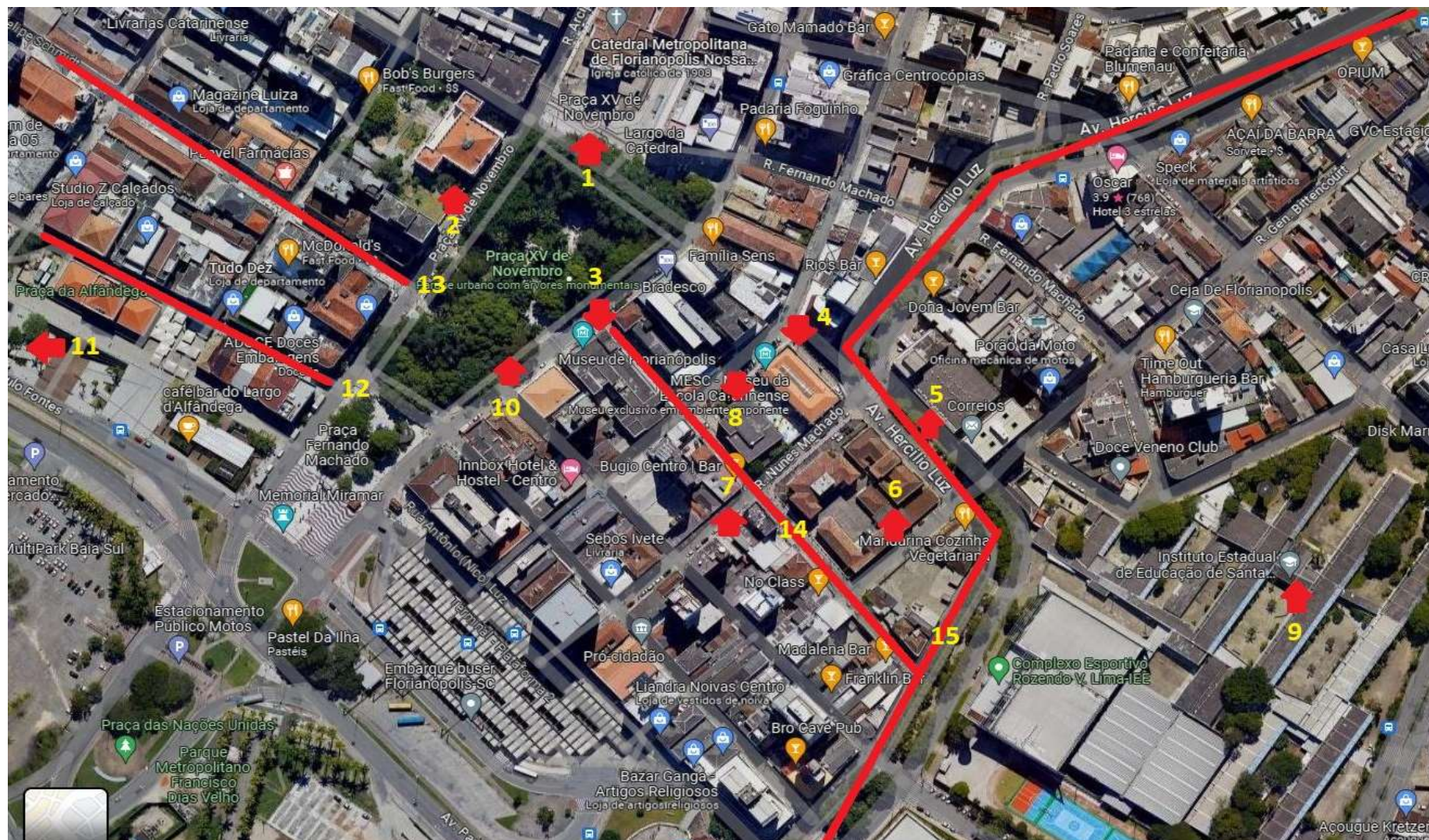
Figura 4 - Foto da Livraria-Editora Lunardelli e sua vizinhança



Fonte: Acervo do autor, 2023.

Para compreender melhor a vizinhança da Livraria-Editora Lunardelli ilustrada na figura 5, recorre-se ao mapa do entorno do prédio da Lunardelli (ver abaixo). Nele é possível identificar a proximidade com diversos locais públicos e/ou de destaque na capital do estado, entre eles a Catedral Metropolitana (1), Palácio Cruz e Sousa – antiga sede do Governo de Estado (2), prédio dos Correios (3), e os prédios da FAED (4), Clube 12 (5), o Palácio sede da Academia Catarinense de Letras, Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (6), Prédio da Livraria-Editora Lunardelli (7), Escola Estadual Professora Antonieta de Barros (8) – atualmente está em debate a sua reabertura edifício e a definição da sua atuação, Instituto Estadual de Educação (9), Praça XV (10), Mercado Público Municipal (11), Rua Conselheiro Mafra (13), Rua Felipe Schmidt (13), Rua Victor Meirelles (14), Avenida Hercílio Luz (15).

Figura 5 - Mapa do centro de Florianópolis



Fonte: Google Maps, 2023.

Os entrevistados relataram que Odilon Lunardelli era avesso ao mundo das tecnologias, que não gostava de grandes lojas e não tinha a intenção de inovar nas suas práticas profissionais, queria, principalmente, preservar a essência da sua Livraria-Editora, que ficava na rua Victor Meirelles, nº 28. Em um determinado ano³⁰, a Livraria-Editora Lunardelli foi escolhida entre uma das melhores livrarias do Brasil, por suas características e peculiaridades. Segundo Ghiggi (2022), “a matriz ficou em oitavo lugar. Isso foi pouco divulgado, eu sei que chegou ao nosso conhecimento uma matéria de alguma coisa lá na época, inclusive com foto dali dizendo por que aquela instituição, classificava como uma das melhores livrarias do Brasil”. Ghiggi ainda comenta sobre a forma em que a reportagem descrevia o espaço físico da Lunardelli.

Você entra um monte de salas, parece um labirinto e quando você pensa que terminou, tem mais uma salinha. Realmente era uma casa com todas as divisórias, em dois planos diferentes com um degrau e porta aqui, porta de lá e você ia entrando e, quem entrasse pela primeira vez, acaba se perdendo lá dentro. Todas as salas repletas de prateleiras e livros. Então eu me lembro que eles descreviam as livrarias e sobre a Lunardelli eu me lembro bem que você entra na casa e vai entrando por portas e aparece mais uma salinha escondida, cheia de livros. E, pelas características dela, então ela foi escolhida uma das dez melhores do Brasil.

No entanto, Lunardelli, L. (2022) e Ghiggi (2022) revelaram as pretensões empresariais de Odilon Lunardelli, que sonhava em construir uma megaloja nas proximidades das ruas Felipe Schmidt e Deodoro, no centro da capital catarinense. Um investimento arrojado no piso superior com quase 1.000 m² foi feito em reforma e para a instalação de um elevador para auxiliar no acesso das pessoas, pois muitos dos seus conhecidos diziam que “não se sobe para comprar livros”, mas acabou não conseguindo concretizar em decorrência das grandes crises financeiras que assolavam o país nas décadas de 1980 e 1990. O cenário econômico brasileiro o levou a vender o prédio para quitar dívidas que ainda estavam por pagar, perdendo tudo o que, até então, havia investido.

Acontece que, para comprar esse prédio, ele contraiu empréstimo financeiro durante o plano cruzado, onde os juros estava zero, praticamente, e não havia inflação, os índices de atualização de valores na época eram próximos de zero e daqui a pouco o plano cruzado estourou, explodiu, a inflação retornou e o débito dele começou a se multiplicar ao ponto que ele não teve outra alternativa senão vender o prédio, teve que vender o prédio para conseguir pagar a dívida bancária que ele tinha contraído e, digamos, ele tinha contraído um empréstimo para pagar 60% do valor do imóvel. Os outros 40 ele tinha pagado em dinheiro. No final ele teve que vender o prédio para saldar o restante da dívida que ele tinha junto ao banco daquele empréstimo, quer dizer, com o valor total do prédio ele quitou aquele empréstimo de 60% do prédio. Isso foi um baque muito grande, ele desanimou muito quando isso aconteceu. Passou

³⁰ Não foram encontradas outras fontes que confirmem a provável data da escolha da Lunardelli entre as melhores livrarias-editoras.

um período muito difícil, teve a ponto até ele colocou à venda tudo que ele tinha, a casa onde ele morava, colocou à venda qualquer coisa para se livrar do empréstimo bancário e o prédio era a última opção que ele tinha para vender porque ele queria muito colocar aquela livraria. Mas foi o único imóvel que despertou interesse, foi justamente aquele prédio lá e ele acabou tendo que se desfazer para conseguir saldar o empréstimo [sic] (GHIGGI, 2022).

O que promoveu uma certa continuidade do comércio livreiro foi a migração para os *shopping centers*, que provocaram mudanças nos hábitos das pessoas, que deixaram de circular nas ruas para ter a comodidade dos *shoppings*. Odilon Lunardelli era crítico quanto aos *shoppings*, porém as concorrentes foram abrindo lojas em *shoppings*, Luiz Lunardelli (2022) comentou que outras livrarias foram surgindo na região da capital e, cada vez mais, diminuíram os espaços. “Ele acabou resistindo como a última livraria de rua essencialmente livreira. A livraria Lunardelli, até o final, não vendia papelaria, nem brinquedos. Para isso ele tinha a Estudantil também, que era na rua Victor Meireles, bem na frente do museu [Vitor Meirelles]” (LUNARDELLI, L., 2022).

As “livrarias de rua” permaneceram até o final como guardiãs dessa tradição. Para ele, nada substituiria o livro de impresso. Até a chegada da informática, a modernização, os livros digitais. “As facilidades do livro virtual ainda contribuíram para o fechamento de uma série de livrarias. Já não eram muitos os leitores no Brasil, porque o hábito da leitura não era arraigado na cultura brasileira”. Para isso, “basta ver a diferença que existia entre o número de livrarias, na época da década de [19]70, que havia na Argentina e no Brasil. As livrarias todas no Brasil cabiam em apenas um bairro de Buenos Aires. Havia 100 vezes mais livrarias na Argentina do que no Brasil” (LUNARDELLI, L., 2022). “Odilon acabou sendo vencido pela modernidade, pela negativa de abrir a empresa aos novos tempos. Como era uma empresa tipicamente familiar [...], ele não deu a oportunidade dela se transformar em uma grande empresa de capital aberto”. Ele nunca concordou com a participação de terceiros na empresa, era extremamente centralizador (LUNARDELLI, L., 2022).

Odilon Lunardelli “[...] gostava muito de projetar as pessoas, de divulgar as pessoas” até pelo “[...] fato de ser extremamente introvertido e não suportar promoção pessoal” e, assim, constituía cada vez mais a sua rede de sociabilidade (LUNARDELLI, L., 2022). “No Jornal ‘A Ponte’ criamos um troféu chamado ‘Prêmio O Catarina’, que era conferido aos destaques do ano em diversos segmentos: rádio, televisão, teatro, literatura, política, e os escolhidos eram os homenageados, eram escolhidos através do voto nominal dos leitores [...]” (LUNARDELLI, L., 2022). Por meio de um encarte, o leitor do Jornal “A Ponte”, no mês de dezembro de cada ano, fazia suas escolhas do melhor do ano em diversos segmentos. Era computado, de uma forma

séria, o resultado que era esperado por todos. As pessoas recebiam “O Catarina” como fruto do reconhecimento popular, porque era resultado de uma de uma pesquisa séria e nisso ele era intransigente. Porém, Odilon Lunardelli jamais compareceu nas cerimônias de premiação. A mesma situação se repetia com os lançamentos dos livros (LUNARDELLI, L., 2022). “Ele nunca foi em um lançamento de livro. Então era totalmente introvertido e não aparecia, não gostava de sair da toca, como ele dizia: ‘aqui eu me sinto bem’. Fora disso, ele tinha uma dificuldade tremenda de fazer visita para as pessoas” (LUNARDELLI, L., 2022).

No entanto, Odilon Lunardelli era mestre em receber visitas no seu escritório, lá frequentavam políticos conservadores iguais ao seu pensamento, como também opositores do governo e aos seus princípios ideológicos, Dejandir Dal Pasquale, Jaison Barreto, por exemplo, foi amigo dele, apesar de ser um grande líder da oposição no MDB. “Nunca me lembro de ter tido algum desafeto em função até desse ponto assim do caráter dele. Pelo contrário, as pessoas gostavam dele”. “[...] nunca foi filiado a partido nenhum. Ele defendia com unhas e dentes as suas convicções e, por afinidade, como naquela época existiam apenas dois partidos, que eram a Arena e o MDB, ele por afinidade, por ideologia [...], ele sempre esteve mais ligado ao pessoal da Arena” (LUNARDELLI, L., 2022). Tal argumento também foi confirmado por Ghiggi (2022), Odilon Lunardelli não fez parte de partidos ou instituições/associações, sempre ajudava orientando e com participações indiretas por meio de seu filho Luiz Lunardelli e seu funcionário e ex-genro Claiton Ghiggi.

Respeitavam, sempre respeitou e sempre foi respeitado também. Conversavam sobre política, trocavam ideias, opiniões, tudo. Respeito, com maior respeito, um pela oposição do outro, sabiam que um não ia convencer o outro. [...] ele conseguia conviver e muito bem com pessoas dos mais diversos entendimentos. Não me lembro dele ter tido problema com alguém. Eu sabia que tinha algumas antipatias, tinha algumas pessoas que simpatizavam com ele, mas ele também deveria ter as dele, nunca comentou comigo, mas também devia ter as antipatias dele independentemente dessa questão política, mas por questões políticas eu sabia que tinha algumas, mas nunca vi discussões e brigas, nunca presenciei por causa disso (GHIGGI, 2022).

Além da personalidade forte e de posição política consolidada, Odilon Lunardelli é lembrado pelos entrevistados por sua paixão pelos livros. Lunardelli, L. (2022) relata que “ele tinha o livro não como um produto comercial. Ele chegava às raias de tratar um livro novo como um filho. Ele era um verdadeiro apaixonado por todo o processo de produção”. Enquanto o livro “[...] não ficasse pronto, que ele pegasse o livro com as mãos e acariciasse e botasse na frente, e ficasse ali olhando durante uma, duas, três horas, ele não sossegava. Aí botava no mundo, dava o encaminhamento, e já partia para outro projeto”. Odilon Lunardelli “estava sempre, a cabeça sempre efervescendo. [...] Isso talvez o diferenciasse e o incluísse entre os

grandes cabeças da editoria brasileira. Porque esse mesmo amor, esse mesmo carinho, a gente encontrava em editores como José Olympio [Pereira Filho]” (LUNARDELLI, L., 2022). Ao assemelhar seu pai com José Olympio, da Editora José Olympio, Lunardelli, L. (2022) diz que ambos tinham o “[...] mesmo trato ao publicar [...], nesse trato pessoal de amizade com o escritor, em que os aspectos comerciais passavam a ser secundários”.

Um leão em sua toca, rodeado de sua alcateia. Assim era Odilon Lunardelli, de traços e personalidade marcante em sua rede de sociabilidade, gostava de ter seus amigos próximos. Estava suscetível aos problemas econômicos do período, mesmo participando e tendo uma sociabilidade bem-estruturada. Com uma paixão pelo processo editorial e pela conservação das livrarias tradicionais, foi orientado, auxiliado e o introduziram na rede de sociabilidade de Mestre Jou.

2.1.1 O leão com seu mestre: o nascer do livreiro e sua rede de sociabilidade

“Olhe para as estrelas, os grandes reis do passado estão nos observando no céu. Quando você se sentir sozinho, lembre-se de que os reis sempre estarão lá para guiá-lo, e eu também”. – Mufasa fala ao seu filho, Simba. (Filme – O Rei Leão)

Os laivos sobre “Redes de Sociabilidade”, amplamente discutidas e abordadas por muitos autores, no texto aqui estão amparados nas ponderações de Ângela de Castro Gomes. Para ela, “[...] instrumento analítico e/ou categoria histórica, a sociabilidade será aqui tratada também em sentido mais estrito: como um conjunto de formas de conviver com os pares, como um ‘domínio intermediário’ entre a família e a comunidade cívica obrigatória”. Ainda, as redes de sociabilidade são compreendidas como formadas por um “grupo permanente ou temporário, qualquer que seja seu grau de institucionalização, no qual se escolha participar” (GOMES, 1993, p. 64, *apud* PONTES, 2016, p. 50).

A autora ainda descreve que há sentido duplo sobre a noção de sociabilidade, sendo o primeiro relacionado à compreensão de rede, remetendo às estruturas organizacionais, que se modificam ao longo dos tempos, porém se estabelecem como espaços de aprendizagens e de transmissão intelectual. Então, escolas, livrarias, editoras, revistas etc. são ambientes valiosos para reconhecimento da ação de fermentação e circulação de ideias. Já a segunda, está ligada às redes que compõem as relações entre os intelectuais, ou seja, são os “microclimas” que definiriam esses “pequenos mundos”. Portanto, os espaços de sociabilidades, além de geográficos, são concebidos como afetivos, podendo ser pesquisados não só elos de

amizade/cumplicidade e de hostilidade/rivalidade (GOMES, 1993, p. 65, *apud* PONTES, 2016, p. 50-51).

E, neste sentido, Odilon Lunardelli foi criando sua rede de sociabilidade, formada por escritores e outros indivíduos da sociedade. Por mais que algumas fontes revelem sua timidez e ausência em eventos públicos, pode-se constatar sua participação “em bastidores”. Pelos vestígios encontrados, sua família seguia na mesma linha, apenas José Abelardo Lunardelli, irmão, exerceu diversos cargos político-administrativos na área tributária e educacional de Santa Catarina, como Secretário de Estado da Fazenda³¹ e Adjunto da Educação³², além de ter sido Grão-Mestre da Grande Loja Maçônica Catarinense (SANTA CATARINA, 2017).

Portanto, compreende-se que provavelmente a sociabilidade criada por Odilon Lunardelli, assim como aquelas às quais ele estava ligado, fazendo parte e/ou frequentando, foram fundamentais à edificação das atividades sociais e econômicas desempenhadas por ele ao longo dos anos. Sua livraria cresceu e passou a ser editora de impressos, livros e, depois, do Jornal “A Ponte” – de caráter conservador. Evidencia-se que o percurso empreendedor de Odilon Lunardelli tem esta linha, além de não ser receptivo a grandes inovações ou mudanças, apresenta práticas e peculiaridades tradicionais, como no caso de não aceitar modernizar seu acervo. Diferente de outras livrarias no estado de Santa Catarina, Odilon perdurava no atendimento tradicional. Klueger (2021) descreve que “[...] estava acostumada com as livrarias de Blumenau. Você chegava e eles iam olhar num terminal de computador”. Já na Lunardelli era na base do grito, onde está e quanto custa? Odilon sempre sabia de tudo “[...] dizia assim: Isso é tudo bobagem”.

“Ele falava, tá lá e custa tanto. Por isso que ele não sentia necessidade de se informatizar. A loja acabava sendo grande, por ter saletinhas e mais saletinhas, mas muitas prateleiras e uma imensidade de livros e ele sabia onde estava e quanto custava” [*sic*] (KLUEGER, 2021). E, em meio a tantas peculiaridades, era onde se encontrava um dos vários pontos da cultura escrita do estado de Santa Catarina. Porém, antes do editor, nasceu o livreiro, comerciantes de persianas e, depois, livros como forma de completar a renda decorrente de sua função nos Correios. E, sendo representante de outras atividades, Odilon Lunardelli foi criando e ampliando seu espaço na rede de sociabilidade de outras pessoas, entre elas, o chileno Felipe Mestre Jou, que se fez presente por meio de uma fotografia pendurada na parede ao fundo do escritório do fundador da Livraria-Editora Lunardelli. Assim, Mestre Jou acompanhou todos os debates e reuniões que envolviam a Lunardelli.

³¹ De 05 de abril de 2002 até 31 de dezembro de 2002, no governo de Esperidião Amin Helou Filho.

³² Governo de Vilson Pedro Kleinübing.

Muito mais que responsável por decorar a “saletinha”/escritório da Lunardelli por meio de uma foto, Mestre Jou foi o ponto inicial para o começo das atividades leves de Odilon Lunardelli. Chileno radicado no Brasil, Felipe Mestre Jou, filho de catalães, chegou aqui no país com a bagagem cheia de livros e a vontade de comercializar produtos espanhóis para os brasileiros. Representante de diversos produtos e com outras tantas empresas, resolveu em 1952 fundar a Livraria Mestre Jou em São Paulo, exatamente na Praça Antônio Prado, no edifício do Banco do Estado de São Paulo. Vendia somente livros de edições brasileiras (MACHADO, 2009). Ele “logo percebeu as grandes carências bibliográficas de determinadas áreas de conhecimento, passando a importar da Espanha, França e Inglaterra, representando o Fondo de Cultura Económica, do México e diversas livrarias espanholas e argentinas” (MACHADO, 2009, p. 195). Não por mera semelhança, o seu discípulo em Santa Catarina, Odilon Lunardelli, que certamente foi representante do chileno (vendendo seus produtos aqui – cortinas e persianas), monta a Livraria Universitária em 1965 com livros adquiridos de forma consignada e enviados de São Paulo pelo importador, livreiro-editor e distribuidor Felipe Mestre Jou. Posteriormente, a livraria passa a ter o nome de Lunardelli e a editora é fundada seguindo o mesmo padrão herdado de seu fundador, muito parceiros, a história de ambos se aproxima em diversos momentos, por exemplo, Mestre Jou, depois de criar a livraria, constitui a editora derivada de sua loja de livros.

A fundação da editora, em 1956, foi consequência natural da evolução comercial da Mestre Jou. Em vez de importar determinado livro e vender dez ou vinte exemplares, passou a traduzi-los, facilitando o acesso aos interessados, reduzindo o preço e aumentando a difusão da obra. Na década de 1960, a livraria da rua Martins Fontes, 99, tornou-se quartel-general de professores universitários, escritores, artistas, jornalistas, e passagem obrigatória de estudantes. Muito comedido (era consultado por livreiros e editores, como um orago), sempre presente à frente da loja, imprimindo um estilo próprio de administrar [...] (MACHADO, 2009, p. 195-196).

Mestre Jou chegou a ter seis lojas, cinco em São Paulo e uma filial no Rio de Janeiro. A sua morte, em setembro de 1980, fez com que as lojas perdessem a força, reduzindo estoques e perdendo prestígio até que foram fechadas no ano de 1983 (MACHADO, 2009). Coincidências à parte, Odilon Lunardelli morreu dezessete anos mais tarde, também, no mês de setembro. Ambos, livreiros-editores no Brasil e parceiros de longa data, Mestre Jou foi o motivador, abriu as portas do mundo editorial para que Odilon Lunardelli conquistasse a considerável importância no âmbito catarinense e, em algumas situações, em nível nacional. Para Bragança (2001, p. 82), a função de livreiro-editor “nasce na loja e não na oficina. Seu centro é o mercado. Precisa estar atento às demandas existentes e ter boas relações com os clientes. Pode criar novas

demandas, mas o fundamental é a criação e o domínio de canais de comercialização”. Isso era algo bem desempenhado pelos dois livreiros-editores, tanto que a Editora Mestre Jou publicava mais livros na área da saúde (GHIGGI, 2022) e a Lunardelli, de História, Geografia e Literatura catarinense, atendendo aos seus mercados consumidores e criando demandas fundamentais para que os consumidores se tornassem clientes fixos. Sabendo “[...] como atender a sua clientela potencial, de forma lucrativa para sua empresa. Após definir em que segmento editorial atuará, seu faro é dirigido para conseguir os autores ou as obras que o mercado pede. Isto é sua meta. O importante é ter um bom fundo editorial, um bom catálogo” (BRAGANÇA, 2001, p. 82). Para isso, primeiramente, o livreiro-editor necessita de boas relações com o poder, pois carece de privilégios e autorizações, já que as publicações são controladas e/ou de encomendas de serviços governamentais. Depois, com a constituição e execução das leis de direitos autorais e da liberdade de imprensa, seu êxito estará diretamente ligado às suas boas relações com os autores e com o mercado (BRAGANÇA, 2001).

O livreiro-editor dos séculos XVI, XVII ou XVIII define-se inicialmente pelo seu comércio. Ele vende, além dos livros que ele mesmo edita, aqueles que obtém por uma troca com seus colegas: ele lhes envia, em folhas não encadernadas, livros que editou e, em troca, recebe os livros dos outros. Pode possuir uma gráfica, ou então fazer com que uma gráfica trabalhe para ele. É, portanto, em torno da atividade de livraria que se organiza toda a atividade editorial. (CHARTIER, 1998, p. 53 *apud* BRAGANÇA, 2001, p. 82-83).

Sendo um bom livreiro, logo poderá ser um editor de médio ou alto sucesso, desde que desempenhe plenamente a função de empresário-editor. “O empresário-editor, também chamado de ‘editor-moderno’, ou simplesmente, o editor, pode ter ou não experiência anterior no mundo das gráficas ou no mundo das livrarias” (BRAGANÇA, 2001, p. 83, grifos do autor). Odilon Lunardelli era um livreiro-editor que na função de empresário-editor tinha conhecimento de mercado. Isto se justifica pelo fato de que “o importante é que tenha um conhecimento do mercado de bens culturais, para criar uma política editorial e estabelecer as linhas de atuação para realizá-la” (BRAGANÇA, 2001, p. 83). Deve estar pronto para decidir a melhor seleção entre os originais, que podem ser, por um momento, proporcionalmente, maiores em números do que o potencial de consumo dos leitores. É conveniente que o empresário-editor conheça os processos de produção e de suas técnicas, podendo confiar a profissionais tarefas de execução nos projetos editoriais. Conhecendo bem o mercado e as técnicas mercadológicas, pode entregar ou oferecer a comercialização a distribuidoras e vendedoras, podendo ele ter gráfica ou livraria, não sendo isso necessário, pois o importante é estabelecer boas relações com elas (BRAGANÇA, 2001).

O editor pode ter sólida formação intelectual e/ou ser movido por objetivos econômicos, culturais e/ou pessoais. Algumas vezes com responsabilidades políticas perante a sociedade, sem dispensar a exigência de aptidão empresarial para mobilizar recursos, próprios ou de terceiros, que viabilizem os empreendimentos, buscando o lucro e/ou a satisfação pessoal (BRAGANÇA, 2001). Odilon Lunardelli, conforme Lunardelli, L. (2022) e Ghiggi (2022), aceitava todos os manuais que chegassem às suas mãos, lógico que estes escritos, em sua maioria, eram indicados pelos integrantes da sua rede de sociabilidade.

A emergência da função empresário-editor está relacionada às modificações advindas no campo do direito autoral, à sua necessidade e à transferência do editor para o autor o domínio dos textos e do direito de controle do *copyright*. O reconhecimento do papel e do poder individual do autor para buscar um editor de sua preferência para negociar a edição do original tem relação com a tomada de consciência de que já não era necessário ser impressor ou livreiro para ser editor. A edição pode ser empreendida após a compra dos direitos de publicação do autor, utilizando os trabalhos de uma tipografia e sendo comercializada aos consumidores finais por meio dos serviços de livrarias, ocorrendo, desta forma, a separação das funções. Entretanto, como já destacava Aníbal Bragança, cada vez mais se encontram executivos no lugar dos empresários-editores, sendo poucos com o perfil de editor e a sua atuação está relacionada a uma estratégia empresarial antecipadamente definida, visando primordialmente a elevar ao máximo a rentabilidade do capital acionário (BRAGANÇA, 2001).

A situação é vista como uma ameaça aos ideais historicamente consagrados à função de editor. E muitos editores, como Odilon Lunardelli, se viam avessos às novas formas de atuação do mercado editorial, um dos maiores embates e fatores responsáveis pelo fim da livraria-editora era essa aceitação ao novo e à venda dos livros por puro interesse comercial (BRAGANÇA, 2001). Os entrevistados Ghiggi (2022), Lunardelli, L. (2022) e Klueger (2021) comentaram em seus depoimentos que Odilon Lunardelli não aceitava vender os livros de forma industrial, ele gostava que todo o trabalho envolvido na produção e circulação dos impressos fosse de forma tradicional e artesanal, bem como era contrário a modernizar a livraria – pelo menos a matriz, visto que desejava abrir uma megaloja, filial, em um novo endereço adquirido no centro da capital catarinense.

Alguns representantes dos editores modernos falam do ‘livro doente’, no ‘livro que havia perdido toda a força de impacto e toda atualidade’. Expressando essa crise, afirma Peter Härtling, que ‘os editores, que antigamente se orgulhavam do prestígio que lhes conferia a fabricação do livro, não passavam hoje de escravos da cifra de negócios, que é preciso a todo preço e constantemente aumentar’. Para outros, ‘o

metier do editor está ultrapassado e perdeu a razão de ser' (BRAGANÇA, 2001, p. 85).

Na caçada por aumento nos lucros sobre os impressos, a função do editor entra em crise, é associada à criação dos grandes conglomerados editoriais, que são dirigidos por diversas pessoas e não mais por um único indivíduo, que deixa de ser considerado a alma da editora. Esses gigantes não têm relação com as tradicionais editoras literárias (BRAGANÇA, 2001). “Não se limitam a produzir essa ‘mercadoria sagrada’ que é o livro, mas vivem essencialmente da publicação de jornais, revistas, ou seja, da publicidade. Para isso não há necessidade de um editor literário e sim de uma gerência de administração econômica” (BRAGANÇA, 2001, p. 86). Neste ponto, pode-se destacar o fim do Jornal “A Ponte”, que não conseguia mais ser sustentado pelas publicidades e pelos recursos transferidos da livraria para a produção do periódico semanal.

As mudanças econômicas sempre provocam alterações históricas, tanto que Chartier admite que foram:

as próprias transformações do capitalismo editorial, contudo, originaram reagrupamentos, criaram empresas multimídia, de capital infinitamente mais variado e muito menos pessoal, e provocaram um certo enfraquecimento desse vínculo que unia a figura do editor e a atividade de edição (CHARTIER, 1998, p. 52-53).

Outro ponto de mudança foi a separação dos termos Editora e Tipografia, que durante muito tempo foram comuns na história gráfica brasileira. “Editor e proprietário de tipografia confundiam-se quase sempre e eram uma e outra coisa no milagre da sementeira das ideias dos autores, que, costumeiramente, respondiam também pela impressão de seus trabalhos” (BRAGANÇA, 2001, p. 95).

Para Bragança (2001, p. 104), “o editor que, no Brasil, primeiro se destacou na figura do empresário-editor desvinculado da tipografia e da livraria, e, por isso, se tornou paradigmático, foi, sem dúvida, o jornalista, advogado e escritor Monteiro Lobato”. Criando a coragem necessária para empreender em outras pessoas que vieram após, que assim como ele, não tinha experiência editorial, “[...] Lobato resolveu investir o dinheiro proveniente da venda de uma herança, em 1918, na compra da Revista do Brasil, de São Paulo, que havia sido fundada três anos antes pelo jornalista Júlio de Mesquita e um grupo de colaboradores (BRAGANÇA, 2001, p. 104). Para fazer circular os impressos, Lobato apropriou-se do sistema habitualmente utilizado pela imprensa periódica e, também, por editores europeus. Começa a formação de uma rede de livreiros consignatários por todo o país. O auxiliar de Lobato na revista e escritor Leo

Vaz afirmou sobre esse processo da seguinte forma: “A primitiva rede de livrarias consignatárias foi aumentando e completando-se, até que já dificilmente haveria no Brasil uma freguesia ou povoado, onde houvesse dois ou três sujeitos capazes de adquirir e ler livros [...]”. Ainda, Leo Vaz destaca que esse foi “o grande feito que Monteiro Lobato displicentemente realizou, ensinando, amador e leigo no ofício, o segredo da eficiência e do êxito no campo editorial” (BRAGANÇA, 2001, p. 104-105).

A produção editorial poderia ser muito diferente se as condições de instrução escolar fossem outras no Brasil, mesmo com o passar dos anos, ainda se percebe uma preocupação por parte de governantes e estudiosos da educação em erradicar o analfabetismo e promover o acesso aos meios de comunicação. O editor, chegou tardiamente ao país, assim como ações efetivas pela alfabetização. A razão que agora se dá para alfabetização “[...] é que, sem isso, muitos trabalhadores estarão excluídos do mercado, não contribuirão para o aumento do produto interno e ainda poderão pesar nas despesas da previdência, do sistema de saúde ou ainda, das penitenciárias” (BRAGANÇA, 2001, p. 107). Muitos destacam o “[...] poder do livro como transformador dos indivíduos e das sociedades, na luta pelo progresso, pela razão, pela ciência e pela liberdade individual, contra o atraso, a ignorância e as trevas [...]”. No outro ponto, há os que participaram das campanhas de alfabetização, como “[...] o editor, pesquisando textos, editando livros e buscando leitores, onde eles pudessem estar. Tivemos poucos editores com o eros pedagógico de um Monteiro Lobato, de um Francisco Alves, de um Ênio Silveira, e tardiamente (BRAGANÇA, 2001, p. 108).

Todo e bom empresário-editor deve estar atento ao mercado consumidor, às possibilidades que a escolarização da população pode lhe proporcionar, bem como precisa cuidar da saúde financeira da sua empresa. “O editor deve assegurar à sua casa um fundamento financeiro. As possibilidades de financiamento dos autores, financiamento de vendas crescentes de livros, única coisa que pode compensar o aumento das despesas”, pois “[...] a editora não é responsável apenas pela segurança de seus empregados, [...] é muitas vezes o destino material dos autores, dos tradutores, dos editores que lhe está confiado, juntamente com o dos sucessores e herdeiros dos autores, tradutores e editores” (UNSELD, 1986, p. 51- 52). Segundo os entrevistados Ghiggi (2022) e Lunardelli, L. (2022), a Livraria-Editora Lunardelli constantemente passou por apertos financeiros, sendo distribuídos os recursos financeiros entre as empresas pertencentes a Odilon Lunardelli, que sempre se preocupava em manter limpa a honra do seu nome e de suas empresas, sem envolvimento com escândalos ou dívidas decorrentes de suas atuações. O livreiro-editor vivia estabelecendo compensações entre as atividades desempenhadas por ele, buscando o equilíbrio econômico em meio a diversas crises

financeiras que acometiam o país durante os anos de funcionamento da Lunardelli. Sempre comprometido com os direitos autorais dos escritores, Odilon Lunardelli pagava tais direitos assim que os títulos fossem lançados e fazendo prestações de contas, na grande maioria semestrais, a respeito da venda dos livros por ele editados (KLUEGER, 2021; SACHET, 2022).

Mas há algo que uma pesquisa mais acurada poderá confirmar é com relação aos títulos que Odilon Lunardelli reeditou, o que prova ou revela que ele sabia vender e que era reconhecido sempre, e também aponta que o livro esgotado faltava no mercado, representando lucro para o autor e para o editor, sendo moral e/ou pecuniário. Para Bragança (2001, p. 112), “a acumulação de capitais, na empresa editora, pode ter sua origem nas reedições. Ela significa custos menores que a primeira edição (especialmente), não só de produção como de propaganda e promoção. É quase como que o livro se venda por si mesmo, se ele é bem lançado”. Conforme este autor, “[...] o segredo está exatamente em saber escolher os originais, saber produzir os livros e saber lançá-los”. Quanto aos contratos, não foi possível localizar documentos, não se obteve acesso a fontes que firmavam os compromissos editoriais da Livraria-Editora Lunardelli e autores, acredita-se que este é um tema ainda de pesquisa futura, tais documentos são fundamentais para o entendimento de diversas ações no campo livreiro. Segundo Bragança (2011, p. 114):

Os contratos são fontes fundamentais para se conhecer aspectos importantes da política editorial. Mais do que isso, como afirmam Lajolo & Zilberman, eles ‘não só fixam a gama de direitos e deveres a serem negociados entre escritores e editores; eles registram o tratamento dispensado pela sociedade aos produtores de cultura’. A modernidade ou o atraso da nossa indústria editorial e, ao mesmo tempo, do lugar social do escritor poderão estar inscritos neles.

Os contratos são maneiras de se conhecer as formas de remuneração praticadas pela editora quando produzia nas determinadas épocas em que atuava, para distinguir os editores que remuneravam dignamente daqueles que não o faziam, dentro das condições de seu tempo (BRAGANÇA, 2001). Odilon Lunardelli executava o repasse dos direitos autorais baseado nos direitos por preço de capa; assim que os títulos eram lançados e entregues pela gráfica/tipografia, os autores recebiam uma porcentagem do valor cobrado aos consumidores finais. Os cinco entrevistados descartaram outras práticas de pagamento aos autores, entre elas

a compra completa dos direitos autorais³³ e a parceria nos lucros³⁴. “A prática do editor que remunera dignamente os seus autores e tradutores indica muito mais do que eventual generosidade. Marca uma visão empresarial, moderna e pragmática. Tal política [...] expressa e é parte do processo social de profissionalização do escritor e do editor” (BRAGANÇA, 2001, p. 124). Mas o que é um editor? Qual é a sua atuação no campo editorial? A seguir será abordado mais sobre a função editor.

A palavra editor é de origem latina, dá sentido a dois movimentos: “publicar” e “dar à luz”³⁵. Aparece pela primeira vez na Roma Antiga para destacar aqueles que tinham a responsabilidade de cuidar e multiplicar as cópias dos manuscritos originais dos autores, assim, zelando para que ocorresse a reprodução e circulação de forma correta. Em 1813 a palavra editor foi, pela primeira vez, dicionarizada na língua portuguesa (CUNHA, 1982). Emanuel Araújo em “Editoração, um conceito na história” considera o sentido de editor ser “básico”, que em inglês significa “a pessoa encarregada de organizar, i.e., selecionar, normalizar, revisar e supervisionar, para publicação, os originais de uma obra e, às vezes, prefaciá-la e anotar os textos de um ou mais autores”, com a ação de produzir, preparar e afeiçoar o texto, aprontando-o, “dá-lo à luz”, fazendo-o “nascer” (ARAÚJO, 1986, p. 35).

No inglês o sentido de ‘publicar’, isto é, a ação de, pelos processos da edição gráfica, multiplicar esse texto ‘exemplar’ em muitos exemplares idênticos, e fazê-lo assim conhecido e acessível ao público, distribuído e vendido através de livrarias e outros canais competentes, é uma atribuição e um encargo do publisher, ‘proprietário ou responsável de uma empresa organizada para a publicação de livros’ (BRAGANÇA, 2001, p. 13, grifos do autor).

Já para Antônio Houaiss, significa “preparar ou presidir ao preparo da cópia destinada à leitura e composição por parte do tipógrafo-compositor com tal precisão convencional, com tal rigor, legibilidade e compreensibilidade [...]” (HOUAISS *apud* BRAGANÇA, 2001, p. 13). Entretanto, vale ressaltar que o uso da palavra editor ficará “restrito ao seu sentido usual de pessoa sob cuja responsabilidade, geralmente comercial, corre o lançamento, distribuição e venda em grosso do livro [...]” (HOUAISS *apud* BRAGANÇA, 2001, p. 14). A editoração

³³ Prática da qual o editor compra o direito autoral por completo, ou seja, os lucros futuros e/ou reedições renderão remunerações apenas para o editor. O autor não recebe os direitos remuneratórios e, em alguns casos, também livre das responsabilidades judiciais que recairiam sobre o editor. Tal prática já está em desuso, conforme constata Bragança (2001).

³⁴ Prática na qual o autor divide com o editor os lucros, podendo até ser responsável total ou parcial nas custas de produção, circulação, divulgação. Em muitos casos acaba não sendo solidário com prejuízos futuros, ou seja, o não sucesso do livro acarretaria despesas apenas para o editor (BRAGANÇA, 2001).

³⁵ En latín ‘publicar un libro’ se dice generalmente *edere, emittere, (di)vulgare*, afirma Tönnies Kleberg em “Comercio librario y actividad editorial en el Mundo Antiguo” (CAVALLO, 1995, p. 71).

“confunde-se com a própria *atividade editorial*, ou, para sermos mais preciso, com a atividade a que se dedica uma empresa editora, desde que, é obvio, estruturada ao sério” (HOUAISS *apud* BRAGANÇA, 2001, p. 14, grifos do autor). Também, deve-se considerar que se “[...] insere implicitamente como encargo do editor a publicação, não apenas no sentido de dar à luz o livro impresso, mas na ação de torná-lo publicamente conhecido, isto é, difundido, distribuído, consumido e lido” (BRAGANÇA, 2001, p. 14-15). Neste sentido, Odilon Lunardelli foi fundamental para dar à sociedade o conhecimento de autores anônimos e iniciantes no estado de Santa Catarina, a Lunardelli ficou encarregada de “dar à luz” e fazer “nascer” esses diversos escritores locais; assim, dentro das suas limitações, foi responsável por distribuir e divulgar os títulos por ela publicados e os de editoras/instituições parceiras com as quais havia contrato de exclusividade na distribuição estadual/regional.

Mesmo em situações nas quais o editor não tem qualquer pretensão de coautoria, são inúmeros os exemplos da sua velada intervenção, junto ao autor, no texto, inclusive em livros que se tornaram famosos. E todos os que já publicaram podem dar testemunhos da participação do editor em suas obras, em algumas desde a concepção. Incisões, revisão, copidesque, título... intervenções, em geral, esquecidas, mas que contribuem, na maioria das vezes, para tornar melhor o trabalho do autor, que, algumas vezes, as aceita de boa vontade. Outras, muito relutantemente. Ou as recusa e execra, com ou sem razão. Mas indispensável, notória e reconhecida é a parceria que faz do texto um livro, na qual, além de parteiro, o editor dá forma, corpo e roupa à obra que fez nascer – e finalmente chegará às livrarias. E que, só por isso, já faz dele também, de alguma forma, seu autor (BRAGANÇA, 2001, p. 16).

Neste sentido, não se encontra nada afirmando sobre intervenções realizadas por Odilon Lunardelli enquanto editor. Apenas, uma ou outra informação sobre revisões gráficas ou colaboração na edição. Ou seja, possivelmente a Livraria-Editora Lunardelli tinha uma equipe editorial que funcionava sem grandes destaques, pois a palavra final sempre era do seu proprietário. Segundo Bragança (2001, p. 17), “são os editores, enfim, que decidem que textos vão ser transformados em livros. E, pensando em qual o público a que devem servir, como serão feitos esses livros. Mesmo quando não é deles a iniciativa dos projetos, é deles que parte a direção a seguir”. Em muitos casos, os editores definem e determinam que produto – tema do livro – será produzido, encomenda a certos autores direcionados que serão publicados com foco em determinadas necessidades e/ou públicos. Não distante disso, Odilon Lunardelli utilizou essa estratégia por algumas vezes, como o livro de Celestino Sachet: *A Literatura de Santa Catarina*. Aníbal Bragança define o lugar do editor no processo editorial da seguinte forma:

É neste lugar de decisão e de comando, e de criação, que está o coração do trabalho de editor, a sua essência. É também esse lugar que exige dele saberes específicos, que o diferenciam dos demais agentes envolvidos no processo editorial, e lhe impõe

responsabilidades únicas, profissionais, sociais, econômicas, financeiras, administrativas e mesmo (juntamente com os autores) judiciais (BRAGANÇA, 2001, p. 17).

Os editores funcionam como um filtro entre autor e leitor. “Filtro que pode ser uma barreira intransponível entre um escritor, com um manuscrito, e um autor, e os leitores, mas que pode, também, ser a ponte entre um escritor inédito e um autor consagrado e lido” (BRAGANÇA, 2001, p. 17). O editor faz suas escolhas com base na sua experiência profissional, assim como a decisão de qual área atual é reflexo de seus interesses no grupo profissional e/ou pela rede de sociabilidade à qual pertence. E a sua característica/linha editorial é, também, determinada por essas ligações, “se o editor, por acaso, se interessar por assuntos técnicos, é-lhe muito mais fácil desenvolver na sua casa uma seção técnica; mas se se interessar por medicina, direito, arquitetura, ou qualquer outra especialidade, pode encaminhar o negócio nesse sentido” (UNWIN, s/d, p. 217, *apud* BRAGANÇA, 2001, p. 19). No contexto da Lunardelli, como já destacado acima, a linha editorial se concentra na área das ciências humanas e das linguagens no âmbito estadual, pois Odilon Lunardelli, enquanto editor, percebeu o nicho capaz de ser extremamente explorado no sentido de dar à luz o inédito. Já o seu Mestre, Felipe Mestre Jou, focou a área da saúde e traduções de livros estrangeiros.

Dentre as diversas habilitações que contribuem para o êxito de um editor, segundo Unwin (*apud* BRAGANÇA, 2001), duas não podem ser deixadas de lado: ter experiência em vendas de livros (em livraria) e com os livreiros (como viajante do editor). Assim, o editor que, no seu julgamento, não tiver nenhuma experiência de atuação nessas frentes terá dificuldade em avaliar as necessidades do comércio e o valor comercial dos livros. E a segunda habilitação é ser detentor de boa memória, que “ocupa, no trabalho de um editor, lugar mais importante do que em muitas outras atividades” (p. 19), pois o principal dependerá da memória do editor, porque “o valor da sua experiência baseia-se em grande parte na recordação que tiver na literatura sobre qualquer assunto e na lembrança do êxito ou do fracasso que tiverem alcançado tanto as suas publicações como as dos outros” (UNWIN, s/d, p. 217 *apud* BRAGANÇA, 2001, p. 19-20). Ou seja, o editor necessita ter visão de mercado para poder ter sucesso profissional.

Voltando o olhar à Livraria-Editora Lunardelli, constata-se que havia uma visão bem sólida de mercado. Odilon Lunardelli conhecia o seu território e fazia uso de suas estratégias para se manter consolidado no campo editorial catarinense. Não foi apenas o conhecimento do seu território, mas uma soma de ações, entre elas a construção da sua própria identidade social, sobre quem é Odilon Lunardelli, e a narrativa que se construiu em torno de si e seu

estabelecimento, que convergiram em uma rede de pessoas influentes e/ou curiosos com seu empreendimento, os quais ele soube capitalizar como leitores.

Além dos conhecimentos da literatura do ramo a que se dedica, o editor necessita saber sobre os procedimentos técnicos da impressão. E precisa, com muita importância, ter “aquilo que à falta de melhor termo, chamarei apenas de faro, na escolha dos originais para publicação” (UNWIN, s/d, p. 217 *apud* BRAGANÇA, 2001, p. 20). Essa visão foi destacada por Lunardelli, L. (2022) ao afirmar que Odilon Lunardelli, enquanto editor, tinha um faro aguçado para saber se o livro iria dar certo. “Um aspecto que é constantemente referido como sendo um traço da personalidade do editor – já na sua origem um parteiro de livros – é a de estimulador da produção e criação de seus autores” (BRAGANÇA, 2001, p. 20). Odilon Lunardelli provocou e estimulou a inteligência de autores catarinenses e/ou os que aqui eram moradores para a criação e produção de diversos títulos. Portanto, pode-se classificá-lo como um editor de missão.³⁶

Observa-se, com base nas fontes analisadas, que suas relações sociais vão se interligando com suas práticas, tornando-se quase que indissociáveis. Odilon construiu uma imagem de si, consciente ou não, mas edificou uma narrativa de si como um homem discreto e dedicado ao trabalho, poucos são os registros de suas aparições em eventos públicos, seus bastidores foram as livrarias e os editores. Neste sentido, sua trajetória pode ser observada nas obras que lançou, nos negócios que iniciou e findou e principalmente pela ótica daqueles que com ele conviveram, fornecendo pistas para compor um quebra-cabeça entre Odilon Lunardelli e suas atuações empresariais.

Nesses elos, busca-se compreender estas relações e conhecer mais sobre as atividades exercidas por Odilon Lunardelli, como se estabeleceram a livraria-editora, o jornal e as estratégias cunhadas pelo seu fundador e proprietário.

Por intermédio de vestígios da história de vida de Odilon Lunardelli, os caminhos que percorreu, transversalizados por suas ações comerciais, é possível estabelecer aproximações com os cenários econômico, político e educacional, local e nacional.

³⁶ Ver mais em Ferreira (1999, p. 90).

3 DO COMÉRCIO DE LIVROS UNIVERSITÁRIOS À EDITORA LUNARDELLI: MODOS DE CIRCULAÇÃO E PRODUÇÃO

A expansão do modo de produção capitalista absorve as sociedades pré-capitalistas, que transformam seus recursos naturais e humanos em mercadoria. Os que vivem relações tradicionais são aproveitados como mão-de-obra. Não há para eles alternativa (BOSI, 1987 apud BRAGANÇA, 1999, p. 17).

Odilon Lunardelli desempenhou várias atividades econômicas, traçou diversas estratégias: montou a sua sociabilidade, criou uma livraria-editora capaz de fazer circular livros e um jornal. Neste capítulo se quer dar a conhecer um *modus operandi* desse livreiro-editor.

Como destacado anteriormente, no mesmo período em que frequentava as aulas do curso de Ciências Econômicas, ele percorria faculdades espalhadas pelas cidades catarinenses, a fim de revender os livros que, possivelmente, auxiliariam no Ensino Superior, mas se pode compreender, pelos estudos identificados, que ele não venderia só livros escolares, os livros de literatura e de outros gêneros certamente se faziam presentes no porta-malas do seu carro, além de outros produtos. Há de se afirmar que Odilon Lunardelli era um negociante de livros e, como um bom livreiro, sempre há encomendas direcionadas a demandas quase que exclusivas. Com a expansão dos negócios e do ensino superior por meio das faculdades em Santa Catarina, principalmente na capital, ele precisou concentrar a loja física de sua livraria em Florianópolis. Coadunando com a reunião das faculdades em universidades no início dos anos 1960, a UFSC e a UDESC, no ano de 1965 Odilon cria a sua Livraria Universitária com o nome fantasia (comercial) diretamente atrelado à demanda comercial que emerge na cidade, isto é, a demanda pelo livro universitário. Odilon Lunardelli era hábil e conhecedor do seu território de atuação, características extremamente necessárias, conforme alerta Aníbal Bragança.

O editor que desconheça a organização do comércio livreiro luta com sérias desvantagens [...]. No Brasil, não só o editor conhece mal o universo livreiro como, talvez por isso, com algumas exceções, o tem não como parceiro, mas como um adversário, ao qual não cansa de imputar as responsabilidades pelas dificuldades que vive o livro no país. É sempre atribuída à ‘distribuição’ a grande barreira para impedir o pleno êxito (BRAGANÇA, 2001, p. 33).

Neste sentido, novamente Bragança (2001, p. 33) dá pistas desta tão complexa atividade no ramo do livro ao dizer que “as livrarias, ou são pequenas e ineficientes, além de desorganizadas e impontuais, ou são grandes redes, poderosas, que impõem grandes margens de lucro sobre o preço estabelecido pelo editor para o varejo, reduzindo sua rentabilidade ou

obrigando a aumentar mais [...]” o preço de capa. De fato, não se pode afirmar que havia uma certa desorganização por parte do fundador da Livraria-Editora Lunardelli, porém cabe ressaltar que existia uma forma diferenciada de organização administrativa, como constatado nas entrevistas realizadas. Entretanto, havia uma atividade comercial focada em um segmento livreiro na Livraria Universitária, de acordo com Alves (2007, p. 01-02), a primeira livraria de Odilon Lunardelli “[...] vendia exclusivamente livros importados [...]”, algo “[...] diferente do que acontecia nas poucas livrarias de Santa Catarina”. Deve-se aqui salientar que a Livraria Universitária, depois Lunardelli, era diferente dos demais estabelecimentos que comercializavam livros na cidade, pois estes outros mantinham como principal atividade econômica o setor de papelaria. A função de papelaria figurava como pano de fundo nas outras livrarias de Odilon Lunardelli, com uma alternativa comercial sem deixar o livro como foco central, atividade-fim. Assim como há de se pensar que as outras lojas comerciais que vendiam livros de forma secundária jamais deixariam de exercer suas funções principais. Nessa perspectiva, concorda-se com o que diz Bragança (1999, p. 190-191).

Assim como um bazar que vende, dentre inúmeros produtos, eventualmente ou secundariamente, livros, não se torna uma livraria, nem mesmo as papelarias que vendem livros na chamada ‘época escolar’, isto é, no início do período letivo, deixam de ser papelarias, ou farmácias que vendem livros deixam de ser farmácias, também a engraxataria, entende-se, não deixa de ser uma engraxataria por vender acessoriamente livros. O que não impede, evidentemente, que se possa transformar em livraria (grifos do autor).

Os documentos examinados apontaram que um dos fatores influenciadores na mudança do nome comercial de Livraria Universitária para da Livraria Lunardelli – foi o fato da expansão do mercado livreiro para outras áreas do conhecimento para além de distintas da questão universitária. Outro aspecto que pode ter contribuído foi a tentativa de universalização da Educação Básica em Santa Catarina. Fator que leva a uma demanda corrente de livros escolares, provocada pelas Leis – estaduais e nacionais – de Diretrizes e Bases da Educação no Brasil. Os livros escolares “[...] tinham um mercado regulado pelas regras do consumo do livro didático, que garantiam, às boas edições, uma demanda mais ou menos cativa [...]” (BRAGANÇA, 2002, p. 80), assim como os outros livros, com gêneros distintos, buscando atender o público letrado que se ampliava de acordo com o aumento da população alfabetizada, como se constata na afirmação de Bragança (2002, p. 64):

O mercado se diversificou e passou a exigir novos lançamentos, novos textos, novos autores, novos produtos, cada vez mais bonitos e mais baratos ou mais ilustrados e requintados. A nova tecnologia gráfica a todos oferece essas possibilidades. Ajudados pelo progresso econômico, pela imprensa periódica, pela ampliação da rede escolar

que cria novos leitores, pelo desenvolvimento urbano e pelo aumento das classes médias, os autores ganham certa preeminência e se profissionalizam.

E, nesse contexto, a Editora Lunardelli é gestada, emergindo da necessidade da materialidade do livro escolar no período. Odilon Lunardelli, como um bom negociante e observador, percebe um novo ramo a ser seguido, e assim surge o livreiro-editor e a sua editora como que subsidiada por sua primeira loja de livros, algo bem comum e relatado por pesquisadores da área dos impressos. Bragança (2002, p. 64), ao descrever os livreiros-editores, consegue apontar aspectos semelhantes nos negócios de Lunardelli: “Nasce na loja e não na oficina. Seu centro é o mercado. Precisa estar atento às demandas existentes e ter boas relações com os clientes. Pode criar demandas, mas o fundamental é a criação e o domínio de canais de comercialização”. No entanto, com base nas informações descritas pelos amigos no livro de memórias, pode-se apreender que Odilon Lunardelli não era movido obcecadamente pelo lucro e sim pela satisfação de produzir e circular os livros, além de atender bem os clientes.

Ainda, para Aníbal Bragança, o livreiro-editor tem o saber de “[...] empresário mercantil, que sabe como atender a sua clientela potencial, de forma lucrativa para sua empresa. Após definir em que segmento editorial atuará, seu faro é dirigido para conseguir os autores ou as obras que o mercado pede. Isto é sua meta”. Porém, “o importante é ter um bom fundo editorial, um bom catálogo”. É fundamental ter uma rede de sociabilidade e uma boa relação com autores e com os governadores, visando a conseguir “privilégios e permissões”, algo bem requisitado para o período da editora, boa parte durante a ditadura militar (BRAGANÇA, 2002, p. 64). Outros pesquisadores têm grandes contribuições sobre os agentes e as particularidades relativas à história dos impressos, como Robert Darnton.

O historiador americano Robert Darnton, certamente um dos nomes com maior reconhecimento internacional na área de estudos do livro, afirma que esta, pela sua variedade, se tornou tão rica ‘que agora se parece menos com um campo do que com uma floresta tropical’. E pergunta: ‘como poderia o historiador do livro negligenciar a história das bibliotecas, da editoração, do papel, dos tipos e da leitura?’ Em seu modelo básico apresentado em artigo clássico, em que mostra a complexidade do campo de estudos do livro, vai-se do autor ao editor, passando pelos profissionais gráficos e papeleiros, distribuidores, livreiros, leitores, encadernadores e bibliotecas. Tudo isso contextualizado na conjuntura econômica e social, sob influxo das influências intelectuais e publicidade e as sanções políticas e legais (BRAGANÇA, 2009, p. 06-07, grifos do autor).

O historiador Robert Darnton descreve, em seu livro *O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução* (1990), os principais atores envolvidos no processo de produção e circulação dos impressos: os autores, editores, impressores, expedidores, livreiros e leitores no cenário do século XIX. Para ele, a história da evolução do editor, atividade específica e distinta

do livreiro e do impressor. Os historiadores até agora nem iniciaram o uso dos documentos dos editores, considerados como as fontes mais preciosas dentro da história dos livros. Uma pesquisa mais incrementada ajudaria a revelar uma quantidade muito grande de informações sobre o livro (DARNTON, 1990). O autor aponta questionamentos do tipo: “Como os editores firmavam contratos com autores, faziam alianças com livreiros, negociavam com autoridades políticas, tratavam as finanças, os fornecimentos, as remessas e a publicidade?” As respostas a essas perguntas levariam a história dos livros a penetrar no território da história social, econômica e política, com benefícios mútuos (DARNTON, 1990, p. 123). Já sobre os livreiros,

[...] é preciso estudar melhor o livreiro enquanto agente cultural, o intermediário entre a oferta e a demanda em seu principal ponto de conexão. Ainda não conhecemos muito o mundo social e intelectual de homens como Rigaud, seus gostos e valores, a inserção deles em suas comunidades. Eles também operavam dentro de redes comerciais, que se ampliavam e se desfaziam como as alianças no mundo diplomático (DARNTON, 1990, p. 125).

As pistas de Darnton sobre um editor do século XIX auxiliam a tentar compreender o livreiro-editor Odilon Lunardelli enquanto agente cultural, para conhecer mais sobre o mundo social e intelectual, assim como sua inserção no *reduto literário*³⁷ catarinense, pois “[...] algumas dessas livrarias-editoras alcançaram longa tradição e contribuíram de forma importante para a nossa história editorial” (BRAGANÇA, 2002, p. 77). Voltando ao livreiro-editor, Delmas (2009) afirma que a figura do editor surge antes mesmo da figura do autor, um dos papéis que se destacaram ao longo da história do livro, sendo responsável por grandes inovações comerciais, materiais e culturais, que colaboraram, invariavelmente, como guias das práticas de leitura e do próprio processo civilizador. Outro ponto em discussão, além da ligação cultural, é a possibilidade de Odilon Lunardelli ser sempre o livreiro-editor e não um simples agente de negócios, situação que coincide com os relatos de constantes problemas financeiros que acometiam as publicações, o que ocasionou diversas parcerias com outras editoras, principalmente as da UFSC e UDESC. Também há relatos dos amigos e familiares que afirmam a negativa de Odilon Lunardelli em se modernizar e atender às novas demandas editorais e livreiras. Bragança auxilia a compreender o novo momento vivido no campo editorial, ao descrever que:

É possível afirmar-se que o processo de fusões do capital industrial com o financeiro vai criando, com associações entre empresas nacionais e internacionais, de tecnologias de comunicação de massa e da indústria do entretenimento, novas condições de trabalho para o editor e a empresa editorial. Nessa realidade a figura do

³⁷ Termo usado na dissertação de Matos (2008b).

editor deixa de ser o eixo do negócio editorial. Cada vez mais em seu lugar se encontram executivos, que pouco ou nada têm do perfil específico do editor, e onde, na maioria das vezes também, sua atuação é enquadrada nos limites de uma estratégia empresarial previamente definida, que visa primordialmente a maximizar a rentabilidade do capital acionário. (BRAGANÇA, 2002, p. 82).

Nesta direção, Bragança (2002) aponta que as novas tecnologias de informação e comunicação e as transformações econômicas e culturais que se operam na sociedade, desde meados do século XX, se configuram um contexto diferente para a função editorial, no qual emergem novos agentes e relações. Após 1970 essas transformações no mundo editorial se refletem ainda mais. As técnicas de impressão se disseminam, assim como as tipografias e os ambientes de impressão, sendo possível contratar os serviços de empresas gráficas ou até montá-las para centralizar todos os processos de produção dos impressos. Aos livreiros-editores exigia-se mais que as técnicas de produção, também as necessárias para a venda dos impressos. Novamente, segundo Bragança (2002, p. 81, grifos do autor), “Monteiro Lobato entendia que não sendo o livro ‘gênero de primeira necessidade’ era preciso ‘ser posto debaixo do nariz do freguês, para provocar-lhe a gulodice’”.

Adaptando e aproximando uma citação de Bragança (2002) com o objeto desta tese, percebe-se que a atuação de Odilon Lunardelli como editor literário, embora sem a devida importância como editor escolar, foi indispensável para lançar as bases de uma nova relação com os autores e para a consolidação da profissão do escritor em Santa Catarina. Conforme destacam muitos dos depoimentos presentes em Pereira (1999), Odilon Lunardelli habitualmente mantinha uma relação e contratos com os autores, respeitando o interesse de ambos, de alguma maneira colaborando na exploração e progresso da história do livro, da escrita e da leitura. Cabe ressaltar a relevância da tipografia no alicerce construtor no mundo moderno cultural (BRAGANÇA, 2002). Portanto, Odilon Lunardelli criou e estava dentro de uma “rede de sociabilidade” muito peculiar, semelhante com o exposto por Jean-François Sirinelli: “O meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um ‘pequeno mundo estreito’, onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou de um conselho editorial de uma editora” (SIRINELLI, 1996, p. 248, grifos do autor).

Sabe-se que, desde as mudanças ocorridas no século XIX, a escrita vem sendo adaptada, pois ela não tem capacidade de autonomia, e alcançado cada vez mais leitores, as modificações realizadas nos suportes têm ajudado no acesso ao conhecimento. Chartier (2009b, p. 98), ao falar sobre os livros, descreve que “o êxito dos pequenos formatos (in-12, in-16, in-18) fez-se o companheiro de todos os instantes”. Substituindo os formatos com margens imensas, o pequeno formato poderia caber até nos bolsos, auxiliando nos instantes de tédio do mundo

moderno. Louis-Sébastien Mercier comenta que “a mania dos *pequenos formatos* sucedeu àquela de margens imensas [...] Estes livretos possuem a vantagem de poderem ser colocados no bolso, de oferecer a distração do passeio e de evitar o tédio da viagem” (MERCIER, 1782, p. 313, *apud* CHARTIER, 2009b, p. 98). Os benefícios dos novos formatos para o suporte livro são descritos da seguinte maneira:

Com os pequenos formatos, a leitura tornou-se mais livre. O livro não tinha mais de ser apoiado para ser lido, o leitor não tinha mais de estar sentado para ler: uma nova relação com a escrita, mais usual, mais imediata, pôde se instituir. De manuseio simples, o livro se tornou mais fácil de ser adquirido ou consultado (CHARTIER, 2009b, p. 98).

Com uma maior democratização do impresso e o aparecimento atualmente do texto eletrônico, ainda, devem-se situar as inovações dos séculos passados nos seus lugares, na história dos fundamentos e das práticas da escrita. Depois, levar em conta as múltiplas diferenças, rupturas, distâncias e perímetros que caracterizam a revolução da leitura, mais acentuados em locais como a Europa que, há muito tempo, são familiarizados com a cultura escrita, os ofícios intelectuais e as ocupações liberais (CHARTIER, 2009b). Como lembra Leão (2007b, p. 61), os livros são “objetos preciosos no largo movimento de formação e interiorização da experiência do mundo, e a leitura é atividade bastante eficaz para a assimilação”. A autora ainda descreve que “quem difunde livros difunde ideias e valores, decide o que é permitido e o que é proibido existir, intervém na íntima estrutura das emoções formando sensibilidades” (LEÃO, 2007b, p. 61). Sobre má oferta dos livros entre as regiões do Brasil, pode ser constatada, na tabela a seguir, a distribuição geográfica das vendas de livros (1966-1982) (HALLEWELL, 1985, p. 510), e se pode observar que, exceto nos anos de 1973 e 1978, os dados reunidos dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro possuem a maior porcentagem de vendas.

Tabela 1 - Distribuição geográfica das vendas de livros (1966-1982)

(continua)

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DAS VENDAS DE LIVROS, 1966-1982											
	1966	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982
Produção total (milhões de exemplares)	43,6	166,2	191,7	155,4	112,5	127,6	170,8	249,0	242,9	219,0	245,4
Distribuição regional (porcentagens da produção total)											
São Paulo	29,0	29,1	28,83	30,43	31,0	28,8	28,7	31,22	31,36	34,39	35,2
Rio de Janeiro	24,1	18,8	31,85	22,51	26,5	26,3	19,4	20,76	19,55	21,31	19,0
Sul (RS, PR, SC)	11,2	11,0	8,07	12,94	11,2	12,3	9,6	12,37	12,69	11,11	12,8

Nordeste e Norte 7,7 7,8 5,08 8,96 9,5 9,6 7,3 11,03 11,03 10,16 16,6

(conclusão)

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DAS VENDAS DE LIVROS, 1966-1982											
Minas Gerais	8,3	5,4	4,2	7,77	9,0	9,6	8,1	10,21	9,19	9,70	9,2
Sudeste		2,6									
Oeste (DF, GO, MT, MTS)	5,2	4,1	3,74	6,08	5,1	7,0	4,4	7,89	8,23	6,75	6,1
Exportações:											
Portugal								0,16	0,25	0,37	1,1
América Latina								0,06	0,01	0,02	-
África								0,01	0,05	0,01	-
USA								0,01	0,01	0,02	-
Outros								0,03	0,06	0,02	-
TOTAL	1,3	0,4	1,48	1,04	0,7	1,6	0,5	0,27	0,38	0,43	1,1
Sem informação	8,4	8,6	15,0	7,79	4,5	1,5	19,9	1,08	4,51	3,10	-

Fonte: Sindicato Nacional dos Editores de Livros (*apud* HALLEWELL, 1985, p. 510).

Nota: Os números relativos a São Paulo e Rio incluem considerável quantidade de livros fornecidos a órgãos do governo federal (MOBRAL e INL, principalmente) para uso em todo o país. Em 1973, isso representou 9% da produção nacional, apenas no tocante ao Rio.

Ao analisar a tabela 1, verifica-se que foram produzidos nos dois anos – de 1966 e 1982 –, respectivamente, 43,6 e 245,4 milhões de exemplares, um aumento de 562,84%. A soma da produção de exemplares entre 1966 e 1982 é de 1,924 bilhões de livros. Há um expressivo avanço entre os anos de 1966 e 1974, bem como de quedas entre 1975 e 1976, sendo 1979 o ápice, com 249 milhões de exemplares. O estado de São Paulo lidera o ranque, seguido por Rio de Janeiro, que liderou apenas no ano de 1974 e os estados da Região Sul.

Pode-se considerar que “o avanço tecnológico, entre outros fatores, proporcionou um desenvolvimento no campo gráfico brasileiro. Com isso, o setor editorial viu diminuir (no primeiro momento) grande parte de seus problemas de impressão” (RISTOW, 1984, p. 05). Entretanto, com o desenvolvimento e modernização do mercado editorial ocorreu uma estagnação do processo de distribuição no país, ou seja, a circulação permanecia em grandes centros urbanos, pois o campo livreiro não acompanhou o crescimento do índice de alfabetizados e da populacional no geral. Em conformidade com isso, Ristow (1984, p. 07, grifos nossos) destaca que, segundo um relatório publicado “[...] pelo Sindicato Nacional de Editores de Livros (SNEL), em [19]82 havia cerca de mil editores no país, sendo que apenas 25% destas editavam regularmente”. Ainda, é preciso enfatizar que o país tinha 120 milhões de

habitantes e era atendido por aproximadamente 900 postos de vendas. Para solucionar o problema do afogamento e da concentração dos livros nos eixos urbanos, seria necessário adentrar ao interior da nação, desbravando pequenos centros e a área rural. No entanto, o insignificante número de livrarias no Brasil é decorrente e corrobora a má distribuição dos livros (RISTOW, 1984).

Algumas editoras, na sua maioria dos grandes centros, têm buscado novos canais de escoamento do produto. Tomamos como exemplo a editora Abril, pioneira (e bem-sucedida) em usar bancas de jornais e revistas com postos de vendas de livros. A estratégia da Abril destruí [sic] alguns mitos do tipo ‘o brasileiro não lê’, ‘livro é produto cultural, portanto, para elites’, ou ‘o livro é caro’.

[...]

Outros canais são usados para maior penetração do livro: reembolso postal, mala direta, círculo do livro, farmácias, supermercados (RISTOW, 1984, p. 09).

Mesmo contando com essas inovações, a má distribuição dos livros no país, em especial nos estados do sul, permaneceu. Para Hallewell (1985, p. 521), o “Rio Grande do Sul também é o Estado com a mais ampla distribuição de pontos de venda: 75,31% de seus municípios possuem pelo menos uma loja que vende livros”. Já o Paraná, segundo Hallewell (1985), tem 45,8%, mesmo sendo “[...] o quarto em renda per capita. Mas tem pouca atividade editorial local. Os autores paranaenses de reputação nacional são [...] publicados no Rio e em São Paulo” (HALLEWELL, 1985, p. 521). Para Hallewell (1985, p. 522), não obstante “Santa Catarina é o mais pobre dos Estados do Sul”, o que, inicialmente, é lamentável pelo fato de o pesquisador deste trabalho ser um catarinense, porém ameniza e cria forte posição ao constatar o levantamento que Laurence Hallewell apresenta. Tais dados serão descritos e analisados no próximo subitem.

Saindo um pouco do aspecto regional e local para observar o panorama nacional por meio de alguns dados obtidos e constatados por Laurence Hallewnoell (1985), já que seu trabalho é seminal e difusor da história dos livros no Brasil, visto que estimula novas criações, traz novas ideias, cabe aqui considerar que o autor dedica diversos capítulos do seu livro ao eixo Rio-São Paulo, pois a maior parte da produção e circulação dos impressos do país ocorre em ambas as cidades, com exceção de Porto Alegre, que se destaca principalmente pelo amplo trabalho da Editora Globo. Para ele, “[...] o Brasil do século vinte partilha com a Espanha a peculiaridade de possuir dois centros editoriais principais, de importância praticamente igual. De certo modo, ainda se justifica considerar São Paulo a cidade dos livros didáticos e o Rio de Janeiro a cidade da literatura” (HALLEWELL, 1985, p. 515). Sua afirmação justifica-se tendo como base os indicadores a seguir.

Em 1973, 48,6% dos títulos publicados em São Paulo eram livros didáticos, pouco mais que os 42,5% do Rio; contudo, esses títulos de livros didáticos respondiam, em número de exemplares, apenas por 15,8% da produção carioca, enquanto representavam 54,8% da produção paulista. As editoras do Rio respondiam por 79% dos títulos de literatura produzidos entre 1973 e 1976, e 66% dos exemplares, enquanto cabiam a São Paulo 19% dos títulos e 34% do número de exemplares. Porém, ambas as cidades possuem hoje tal número e variedade de casas editoras que a mencionada distinção já não possui grande importância prática. (HALLEWELL, 1985, p. 515)

Como se observa, o título de cidade didática (São Paulo) e literária (Rio de Janeiro) deixa de existir nos anos seguintes e a conurbação dos dois centros, apesar dos 400 quilômetros que os separam, provoca a interligação da produção editorial nessas duas cidades, pois é apreciável o número de livros editados no Rio que são impressos em São Paulo e vice-versa. É importante frisar que ambas as cidades, juntas, assumem a esmagadora maioria dos impressos produzidos e circulados no Brasil (HALLEWELL, 1985). “Em 1957, eram responsáveis por 56,5% dos títulos e 82% do valor produzido. Em 1973, esses números haviam subido, segundo o SNEL, para 96,6% dos títulos e 97,9% dos exemplares”. E os dados em 1979 eram 94,7% e 97,1%, respectivamente, dos títulos e dos exemplares. “As duas cidades constituem também parte substancial do mercado nacional”, sendo que, até dez anos antes, “75% de todas as vendas em livrarias ocorriam nessas duas conurbações que, ainda hoje, respondem por mais da metade delas. O ‘triângulo sul’ como um todo ainda compra cerca de 80% das publicações não didáticas” (HALLEWELL, 1985, p. 515, grifos do autor).

Continuando esse entendimento, acentua-se que “[...] todos os fatores favorecem essa parte sul: sua participação no produto nacional bruto (75% da riqueza para metade da população); a renda média per capita (em todos os Estados do sul, com exceção de Santa Catarina, e apenas nesses Estados, ela está acima da média nacional);” e a taxa de alfabetização elevada em relação às outras regiões do país (HALLEWELL, 1985, p. 515). Este pressuposto sobre os livros e as questões sociais levam a considerar a divulgação das obras do período como uma prática educativa e/ou contributiva à educação. No entanto, ressalta-se que, na pesquisa desenvolvida por Hallewell (1985, p. 519), o “resultado particularmente infeliz é que os livros didáticos acabam sendo escritos apenas tendo em vista as condições existentes no sul do Brasil”. O mesmo autor evidencia que, “a despeito da importância da geografia e da cultura local na configuração do ambiente da criança, a realidade econômica da indústria editorial parece tornar antieconômico levar em conta as necessidades peculiares do resto do país” (HALLEWELL, 1985, p. 519). Ele prossegue relacionando características próximas entre as Antilhas e a Bahia, para justificar a possível viabilidade econômica em produzir livros didáticos adaptados às

realidades nordestinas, o que pode ser também considerado em Santa Catarina, já que seus sistemas de ensino estavam em franca expansão (HALLEWELL, 1985).

Na verdade, isso é conseguido, mas em extensão muito restrita, quando determinado Estado impõe exigências especiais locais para a aprovação de livros didáticos. Ruy Mendes Gonçalves, da Saraiva, chegou a queixar-se ao *Publisher's Weekly* de que exigências desse tipo estavam diminuindo as tiragens das edições (elevando com isso os custos) e até mesmo criando ‘problemas de aprendizagem’ para crianças de famílias que migravam dentro do país (HALLEWELL, 1985, p. 519, grifos do autor).

Talvez esse seja um dos fatores que tenham contribuído para que a Editora Lunardelli tenha lançado tão poucos livros didáticos durante sua existência. Observam-se, no apêndice A, as pouquíssimas obras relacionadas ao saber e ao conhecimento manuseado no cotidiano escolar, a contribuição educativa da livraria-editora está nas produções paradidáticas, históricas, geográficas e literárias, alvo de estudo após o próximo subitem do presente trabalho (**A Produção da Editora Lunardelli: a prole do Leão**). Quem planta quer consumir ou vender seu cultivo, quem edita livro precisa colocar em circulação o livro editado. A subdivisão que segue abordará a temática da circulação do livro em Santa Catarina.

3.1 A CONSTITUIÇÃO DO TERRITÓRIO DE ODILON LUNARDELLI: A CIRCULAÇÃO DOS LIVROS EM SANTA CATARINA

– *Olhe, Simba. Tudo em que o sol toca é o nosso reino.* – **Mufasa.**

Você governa tudo isso? – **Simba.**

– *Sim. Mas o tempo de um rei governar, nasce e se põe como o sol. Um dia, Simba, o sol vai se pôr no meu reinado e nascerá no seu como o novo rei.* – **Mufasa.**

Tudo isso me pertence? – **Simba.**

– *Não pertence a ninguém, mas será seu dever proteger. Uma grande responsabilidade.* – **Mufasa.**

(Filme - *O Rei Leão*).

Para compreender como Odilon Lunardelli constituiu o seu território de trabalho é imprescindível identificar e analisar a circulação dos livros – regionais, nacionais e internacionais – em terras catarinenses. Ao indagar de que modo foram a participação, a interferência e a abrangência da Livraria-Editora Lunardelli, depara-se com a circulação dos impressos por ele vendidos e/ou produzidos. Deste modo, foi traçado como objetivo deste subitem: compreender a circulação dos livros no estado de Santa Catarina. Isto, por meio de dados obtidos em diferentes fontes, em especial a pesquisa de Laurence Hallewell (1985) e pelo TCC de Jossane Ristow, intitulado “A distribuição de livros em Santa Catarina”, também chamado de “Projeto Experimental: A Grande Reportagem”, que promoveu um debate sobre a circulação dos livros em Santa Catarina. “Este debate teve como objetivo levantar a questão do

livro em Santa Catarina. Fazer um mapeamento da distribuição dos livros editados aqui e os de fora do estado, verificando sua penetração”, já que “a distribuição é considerada um ponto de estrangulamento da maioria das editoras” (RISTOW, 1984, p. 24). Tentando apontar os possíveis problemas na distribuição dos livros em nível estadual, “essa pesquisa revelou que: (considerando a indústria gráfica-editorial genericamente) o que falta não é capital, mas força propulsora, por carência de espírito empresarial como por má orientação dos investimentos e limitações do sistema de distribuição” (RISTOW, 1984, p. 05-06).

Ainda considerando a circulação dos livros catarinenses, ao trazer os dados obtidos em Hallewell (1985), referentes às publicações de 1976 até 1978 em alguns estados brasileiros, observa-se que entre as três unidades federativas da Região Sul do país, Santa Catarina está em grande desvantagem no lançamento de títulos e na produção de exemplares. O quadro 2 abaixo apresenta um recorte dos dados obtidos no levantamento pelo Serviço de Estatística de Educação e Cultura (SEEC), no Anuário Estatístico do Brasil apontado por Hallewell (1985, p. 524).

Quadro 2 - Produção de livros nos estados do sul do Brasil

Sul	1976	1977	1978	1976	1977	1978
	Títulos			Exemplares (milhares)		
Paraná	118	164	317	1525	1311	1731
Santa Catarina	21	76	56	75	304	201
Rio Grande do Sul	533	549	601	1683	1638	4293

Fonte: Hallewell (1985, p. 524).

O descompasso entre os estados do sul apresentado no quadro 2 revela a má distribuição da produção de livros, como já descrito acima, além de evidenciar uma considerável elevação no número de lançamentos no ano de 1977 em Santa Catarina. Se se dividir os números de anunciados, têm-se, em 1977, exatamente 4.000 (quatro mil) exemplares impressos por cada livro lançado e, nos outros anos, 1976 e 1978, aproximadamente 3.571 e 3.589, respectivamente. Os outros estados somam, entre 1976 e 1978, nessa ordem, os seguintes números de impressão de: Paraná: 12.923, 7.993, 5.460 e Rio Grande do Sul: 3.157, 2.983, 7.143. Para Hallewell (1985, p. 519), nesta época, “embora seja apenas a quinta cidade do Brasil em população (após São Paulo, Rio, Belo Horizonte e Recife), Porto Alegre tem sido há muito tempo o único centro editorial de importância nacional, fora do eixo Rio/São Paulo”. O que leva o mesmo autor (1985, p. 522, grifos do autor) a considerar, em seu livro, a descrição dada à capital catarinense pelo Anuário da Literatura Brasileira para 1960, “uma ilha solitária no

panorama da cultura brasileira’, onde a publicação de um livro era um evento que ocorria apenas ‘esporadicamente, com largos intervalos e quase despercebido do grande público’”. Aspectos só melhorados vinte anos mais tarde, quando:

Depois de manter durante certo tempo um convênio com a Editora Laudes de São Paulo para a publicação de obras de interesse local, a Universidade Federal de Santa Catarina implantou sua própria editora, em 1981. Dez anos antes a Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina também começou a publicar livros de interesse regional, e depois de 1979 através da Fundação Catarinense de Cultura. A Lunardelli, principal livraria de Florianópolis, atualmente também está editando, e a Editora Movimento, de Porto Alegre, cujo proprietário é catarinense, tem sua ‘Coleção Santa Catarina’ (abrigando principalmente ficção de autores catarinenses) (HALLEWELL, 1985, p. 522).

Entretanto, algo se diferencia em Santa Catarina, pois “[...] surpreendentemente, talvez, o Estado é bem provido de pontos de vendas de livros: 32,6% de seus municípios têm pelo menos uma loja que vende livros, o que lhe dá, quanto a isso, o quinto lugar no país” (HALLEWELL, 1985, p. 522). No entanto, não foi possível localizar mais dados referentes às vendas de livros no período no estado catarinense. Mas provavelmente eram promissoras, pois a produção estava em crescente expansão, quando considerados os anos em que os livros foram publicados pela Lunardelli, em franca elevação nas suas primeiras décadas (1970 e 1980). Segundo Ristow (1984, p. 05),

o número de casas editoras aumentava dia a dia. Mais e mais livros eram editados sem o mínimo critério. O número de postos de vendas já não comportava a desenfreada produção livreira. Em termos de comércio, não houve o acompanhamento dessa marcha; a distribuição era em geral, falha.

Os problemas relativos à circulação eram mais frequentes em nível estadual, tanto leitores quanto autores reclamavam dos editores e distribuidores da esfera em questão.

Em consonância com Escarpit³⁸, a “distribuição é a parte mais delicada do acto da publicação, que converge completamente para ela tal como um drama para o desfecho”. E conclui afirmando que “é lá que está o êxito ou o fracasso” (BRAGANÇA, 2001, p. 35). Portanto, a distribuição deveria ser a parte, dentro do processo editorial, que receberia mais atenção dos editores, entretanto, pelos relatos das fontes até aqui levantadas, era o setor com maior problema. Dentro da circulação, a distribuição dos livros é a parte que poderia promover mais autores e a busca por leituras. Contudo, “mesmo seguindo-se corretamente e de forma dinâmica e criativa todos os procedimentos adequados a fazer o livro chegar ao público teórico

³⁸ Aníbal Bragança não faz referência de data e página quando cita o autor.

estimado pelo autor e editor, o sucesso é algo imponderável”. A não ser que, como “às vezes ocorre uma “traição criadora”, um livro ultrapassa os limites do seu mercado previsto e se transforma num surpreendente *best-seller*, atingindo públicos não previstos (BRAGANÇA, 2001, p. 35).

O combustível que move todo o sistema editorial é consumo do livro e a leitura. No Brasil essa etapa final, frequentemente, recebe menor atenção dos editores e editoras, provocando consequências danosas à rede livreira (BRAGANÇA, 2001). Ristow (1984, p. 06) considera que “a inexistência de uma política de distribuição estruturada tem causado um isolamento cultural maior do estado e trazendo consequências bastantes prejudiciais à produção literária em Santa Catarina”. A autora ainda afirma perceber que “[...] a maior preocupação das editoras (com raras exceções) é editar, deixar o livro pronto, dando assim por encerrado o processo de produção livreira” (RISTOW, 1984, p. 06). Portanto, emerge a indagação: como são mantidas as editoras catarinenses? Em 1984, Santa Catarina contava com 04 (quatro) distribuidoras que atendiam a aproximadamente 200 (duzentos) postos de vendas, abastecidos com livros publicados pelas sete (07) editoras catarinenses. São elas: Editora da UFSC, Editora da Fundação Catarinense de Cultura (FCC), Editora Lunardelli, Editora Noa Noa – em Florianópolis; Editora da Fundação Joinvillense de Cultura (FJC) – em Joinville; Editora Casa Dr. Blumenau – Blumenau; e Editora e Gráfica Ribeiro – Criciúma. Cabe destacar que só as quatro (04) primeiras editavam periodicamente. Curiosamente todas são da capital, assim como as quatro (04) distribuidoras já fortemente consolidadas: Catarinense, Lunardelli, Conel e Estudantil. Essas são responsáveis pela distribuição do livro no interior do estado. Percebe-se a pequena quantidade de editoras e distribuidoras em relação aos pontos de vendas existentes à época. Mesmo estando presentes, em sua maioria, nas grandes cidades, é um número considerável (RISTOW, 1984).

A Livraria, Editora e Distribuidora Lunardelli foi a maior nos três segmentos durante boa parte do seu período de atuação. O fundador, Odilon Lunardelli, preocupado com a circulação dos livros, criou o Jornal “A Ponte”. Foi uma das estratégias de economizar na publicidade e, ao mesmo tempo, despertar o interesse pela leitura, interiorizando o conhecimento das edições. Mesmo não medindo esforços para permanecer de modo hegemônico, a empresa Lunardelli sofre efeitos comerciais com a chegada e surgimento de outras livrarias-distribuidoras. A exemplo disso, a chegada da sucursal da Livraria e Distribuidora Curitiba, quando o catarinense radicado no Paraná, Valentim Pedri, cria a Livraria Catarinense em Florianópolis. Com seu espírito empreendedor, logo Pedri conquista a ilha, criando mais filiais no centro da capital, uma megaloja na rua Felipe Schmidt e uma loja

conceito no Shopping Beiramar em 1999. Pedri expande para outros estados, chegando a ter cinco lojas nas três unidades federativas do sul do Brasil, diferentemente da Lunardelli, que concentrou suas atividades apenas em Santa Catarina. Entretanto, é preciso considerar que, segundo Lunardelli, L. (2022), seu pai chegou a comprar um prédio no centro de Florianópolis para instalar uma megaloja para atender às novas exigências dos seus clientes, até uma escada rolante seria instalada para gerar acesso ao piso superior do espaço adquirido. Porém, Ghiggi (2022) relata que o capital investido e o prédio sofreram com uma grave desvalorização que, juntamente com as taxas de juros sendo reajustadas a todo momento, fizeram com que o sonho da moderna megaloja fosse ceifado, deixando abalos sentimentais em seu fundador e idealizador.

Cabe aqui, brevemente relatar sobre a história da Livraria Curitiba, de modo a servir de comparação entre as duas empresas do ramo livreiro, a fim de compreender como se constituía o território de Lunardelli. Com data de fundação próxima, a Curitiba surge em 1963 após a dissolução da sociedade e o fechamento da Livraria Paraná (pertencia a Valentim Pedri e a outro sócio). Pedri era experiente, desde 1954 atuava no ramo como vendedor na Livraria do Globo. Uma década depois de chegar a Florianópolis foi criada a Distribuidora Curitiba de Papéis e Livros que fez muita frente à atuação da Lunardelli com a sucursal Distribuidora Catarinense, quebrando boa parte do quase monopólio exercido em território catarinense. Já nos próximos anos há uma crescente busca por atender outras regiões da capital paranaense e dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, fazendo com que novas lojas fossem instaladas nestes locais, acompanhando o mercado em franca expansão tecnológica. Também vale lembrar que em 1995 é inaugurada a primeira loja especializada em produtos de informática e que a maioria das lojas recém-criadas foram instaladas em *shopping centers* (MACHADO, 2009). Agora, numa análise da breve história da Curitiba em comparação com a Lunardelli, evidenciam-se muitos dos pontos questionados por Odilon Lunardelli, ou melhor, atuações em locais e com formatos contestados por ele – *shopping centers*, megalojas e terminais informatizados.

Ao chegar a Santa Catarina com distribuidora, a família Pedri consegue o monopólio de algumas editoras por meio de contrato de exclusividade, algo legalmente apropriado, mas que causa diversos transtornos nas outras livrarias, pois o distribuidor poderia controlar o preço dos livros de determinadas editoras em algumas praças de atuação, fazendo com que as livrarias, que também fossem editoras, obtivessem vantagens em relação às outras que deveriam fazer concorrência (RISTOW, 1984). Para se ter uma ideia do tamanho da atuação da Distribuidora Catarinense, segundo informações obtidas por Ristow (1984, p. 10), “[...] trabalha com 32 editoras no total. Mantém um contrato de exclusividade com algumas, como é o caso da Nova

Fronteira, Ática, Brasiliense, Difel e outras”. Se se considerar apenas a exclusividade das “editoras didáticas”, constata-se que havia um grande descompasso de atuação no mercado livreiro, algo totalmente ético dentro das leis brasileiras e dos princípios de livre mercado.

No debate promovido por Ristow (1984), o proprietário das Livrarias-Distribuidoras Curitiba e Catarinense, atuantes em Santa Catarina, descreve que existiam mais ou menos 200 (duzentos) pontos de vendas, sendo que 110 (cento e dez) eram atendidos pela Distribuidora Catarinense, na sua maioria localizados nas maiores cidades do estado: Blumenau, Joinville e Criciúma. “Nesse atendimento ao interior são remetidos, normalmente, uma média de 200 a 300 títulos por mês, numa tiragem aproximada de 500 livros. Destes 500 livros mensais remetidos [...], a maioria é best-seller” (RISTOW, 1984, p. 10-11). Ristow (1984, p. 12-13) contesta isso afirmando que “[...] em uma rápida visita às livrarias das ditas grandes cidades (Joinville, Blumenau) percebe-se que essa afirmação não é verdadeira. As livrarias do interior carecem de títulos que não sejam os best-seller”. Ele, ainda, considera que a distribuição no estado é “bem-feita” e sobre os livros que não chegam às livrarias, dá duas razões: a ausência de planejamento das editoras – contentes e dispostas a circular seus livros no eixo Rio-São Paulo – e a fato de que as distribuidoras nem tomam conhecimento dos livros editados no interior. Já na questão interna, sobre a distribuição dos livros em Santa Catarina, Pedri considera diferente pelo fato de se contar com publicações de editoras pequenas e médias, quando não são edição do próprio autor. Essas pequenas empresas não têm, na sua maioria, condições de aguentar a consignação e/ou outras exigências dos distribuidores (RISTOW, 1984). Não obstante, Ristow (1984, p. 11) destaca que “há outro dado importante, que é o fato de que ‘o livro catarinense não vende’. Para Pedri, que praticamente não trabalha com livros de autores catarinenses, os livreiros não se interessam pelos livros daqui porque não vendem e, assim causam prejuízo” (grifos da autora).

Sobre o monopólio exercido em Santa Catarina pelas duas distribuidoras, Ristow (1984, p. 12) salienta que “assim como a Distribuidora Catarinense, a Distribuidora Lunardelli mantém contrato de exclusividade com várias editoras, 15 aproximadamente. Sendo assim, é fácil perceber que as duas maiores distribuidoras do estado detêm o monopólio do comércio do livro”. Odilon Lunardelli, em entrevista para Ristow (1984), diz que a maior parte dos livros que ele distribui fica em Florianópolis, pois uma pequena parcela é requerida pelo interior do estado. Utilizando-se do método de catálogo de títulos, a Distribuidora Lunardelli dispõe de seus livros editados por ela ou por editoras/instituições parceiras. Ou seja, envia os lançamentos das editoras e só efetiva o pedido se os livreiros se interessarem. Toda essa transição ocorre como previamente estabelecida em contrato, sendo que os prazos para o pagamento da

consignação variam de 30 até 90 dias. Odilon Lunardelli partilha da opinião de Pedri quanto à distribuição em Santa Catarina, considerando que o estado é “bem servido” (RISTOW, 1984, p. 12). Já em entrevista para esta tese, Ghiggi (2022) afirma que:

Ele [Odilon Lunardelli] dizia que o mercado do livro tinha sido substituído. Porque, quando ele começou, se você era o representante de uma determinada editora dos grandes centros do Rio-São Paulo, [...] distribuidor no estado, daquela editora, nenhuma outra livraria e nenhuma outra empresa compraria da editora. Nenhuma outra empresa no estado compraria livros diretamente da editora. A editora respeitava o seu distribuidor para o estado. [...] A editora Zahar do Rio de Janeiro. Ele era o distribuidor exclusivo em Santa Catarina. Ninguém no estado de Santa Catarina comprava livros da editora Zahar. A Editora Zahar dizia: ‘Não, meu distribuidor em Santa Catarina é o Odilon Lunardelli, procure ir lá com ele.’ Com o tempo e com o surgimento de um mercado editorial muito maior, isso foi se acabando. As editoras começaram a produzir e vender. Vendiam para quem quiser comprar, não ficando restrita ao meu distribuidor.

Ainda, segundo Ghiggi (2022), Odilon Lunardelli “não aceitava isso. Ele tinha muita dificuldade de aceitar essa dinâmica do mercado. Não só no mercado livreiro, como de qualquer outro produto. As dinâmicas de mercado mudam e ele tinha muita dificuldade de aceitar isso”. Para Ghiggi (2022), isso era provocado pela característica de honradez que Odilon Lunardelli tinha, preservava muito a palavra, na base da confiança entre editora e distribuidor. “Se eu confio em ti como o meu distribuidor, eu tenho que dar respaldo para que tu correspondas essa confiança. E o respaldo era a fidelidade do editor ao distribuidor, e vice-versa”. Odilon Lunardelli tinha muita dificuldade de aceitar essa popularização das editoras e a abertura de mercado para que qualquer um comprasse diretamente. “E isso financeiramente e economicamente para ele foi extremamente prejudicial. Impactou muito a distribuição do produto dele no mercado” (GHIGGI, 2022).

Quanto aos livros catarinenses editados, a Lunardelli tinha por hábito distribuir apenas os livros por ela editados, os demais livros publicados por editoras do estado não eram por ela distribuídos, ficando no seu catálogo de distribuição exemplares da Editora Lunardelli e de editoras de outros estados brasileiros ou estrangeiros. Para completar esta lacuna, como já mencionado anteriormente, em 1985 foi criada a Distribuidora Estudantil pertencente a Luiz Lunardelli, filho de Odilon Lunardelli, que, juntamente com a Catarinense, distribuiu os livros editados pela FCC, parceira de alguns títulos com a Editora Lunardelli (RISTOW, 1984). Luiz Lunardelli comentou para Ristow (1984) que distribuiu títulos de poucas editoras de outros estados, pois a Estudantil estava iniciando os trabalhos de distribuição. E, como as demais, faz uso de catálogos de lançamentos das editoras para assim chegar aos livreiros.

Contudo, observa-se que algo ainda precisava ser feito para desencalhar os livros das prateleiras dos depósitos catarinenses, pois os exemplares estavam “aparentemente destinados à nutrição dos roedores que infestam as prateleiras dos depósitos oficiais, os 40 mil exemplares de livros de autores catarinenses, que estão encalhados há vários meses, terão um rumo mais nobre: serão adotados por várias escolas” (RISTOW, 1983, p. 07). Das diversas maneiras encontradas, deve-se destacar o projeto criado pela FCC, que tinha “[...] a pretensão de resolver de vez os problemas de distribuição do estoque, desinteresse do público e falta de critério editorial. Os livros serão apresentados nas escolas e o título que mais interessar aos professores será adotado como livro texto. Os alunos destas escolas serão obrigados a adquirir os livros” (RISTOW, 1983, p. 07), essa obrigação não ficou bem evidente se seria de maneira gratuita ou os estudantes teriam que pagar pelos fascículos.

Caetano Fachini, na época superintendente-adjunto de Administração e Finanças da FCC, afirma que em “nível de sistema, o projeto ainda não está aprovado para adoção”. Entretanto, Célio Moraes, da equipe de vendagem, contradiz Fachini ao dizer que “desde maio último ele tem procurado as escolas e apresentado o projeto, conseguindo apenas que o Colégio Getúlio Vargas adotasse o livro ‘Cavalo em Chamas’, de Silveira de Souza” (RISTOW, 1983, p. 07, grifos da autora). A explicação do superintendente-adjunto para o problema da distribuição e circulação dos livros está na alta produção, muitos títulos foram editados no ano anterior e os seus consumidores ainda não tiveram tempo para absorver os exemplares. Salim Miguel, diretor da Editora da UFSC, relatou para Jossane que o projeto era um “tapa-buraco”, visto que o problema maior estava na má distribuição. Ele, por ocasião, salienta que a Editora da UFSC edita por volta de 50 (cinquenta) títulos por ano, o que a classifica como uma editora pequena, ficando ainda mais complicado o sistema de distribuição e circulação, pois não há interesse da maioria dos distribuidores (RISTOW, 1983).

Sobre o projeto da FCC “‘vender’, segundo Cléber, ‘não interessa muito à Fundação, pois vendendo ou não, eles ganham seu salário’. Afirma ainda que ‘eles não têm compromisso com a cultura’” (RISTOW, 1983, p. 07). Uma das concorrentes diretas nas edições de livros catarinenses era a Editora Noa-Noa, de pequeno porte, não capaz de quebrar o *status* da Lunardelli, mas de balançar o mercado editorial na capital e, de certa maneira, alcançar os braços pelo estado. Funcionando em uma salinha no centro de Florianópolis, a editora tem suas atividades artesanais com foco na publicação poética, na criação, impressão até distribuição. Com vistas à circulação dos impressos por ela produzidos, a Noa-Noa tinha por base a qualidade e não a quantidade. As pequenas editoras dependem de vendagem, então, conforme Cléber, dono da Noa-Noa, “[...] têm que fazer a coisa circular” (RISTOW, 1983, p. 07). A mesma autora

descreve que “ele próprio vai às livrarias e deixa o exemplar para ser vendido, trabalha também com o serviço de reembolso postal, fazendo suas edições circularem nacionalmente. Foi assim que conquistou seu espaço de vendagem” (RISTOW, 1983, p. 07). A estratégia desenvolvida por Cléber fez com que sua editora permanecesse e enfrentasse os problemas editoriais e livreiros dos anos seguintes, a prática de edição artesanal o condicionou como editor por muitos anos.

Sábio em seu território laboral, Cléber tinha uma visão diferente para solucionar o problema que acumulava os livros nos depósitos. Para ele, “[...] uma maneira de vencer o problema seria o de montar uma comissão de leitura competente e honesta, que faça a escolha de bons títulos e que invista em novos autores” (RISTOW, 1983, p. 07). A procura pelos trabalhos da Noa-Noa é intensa, especialmente por autores que não conseguem acesso às editoras estatais e por aqueles que procuram uma linha de trabalho mais primorosa, de detalhes peculiares e de prestígio. “Existem obras que estão circulando pelo Brasil, que foram editadas pela primeira vez por mim. Então os autores que me procuram entram numa lista de prestígio” (RISTOW, 1983, p. 07). Neste sentido, “Cléber diz que é procurado por autores que buscam a preservação da sensibilidade artística e da tipografia, além do que ‘o trabalho numa máquina tipográfica de mais de cem anos se torna exótico numa era eletrônica como a nossa’” (RISTOW, 1983, p. 07). Tais características fizeram a Editora Noa-Noa ser extremamente diferente da concorrência, que buscava cada dia mais vencer no mercado editorial se desenvolvendo em escala industrial.

Outra concorrente era a Editora Conel, que enviava todos os lançamentos para seus compradores habituais e aos livreiros que se interessam e solicitam seus títulos. Sua distribuição foca as maiores cidades do interior catarinense, entretanto o forte de vendas é em Florianópolis. Os títulos dos seus livros são, na maioria, de psicologia e infanto-juvenil, embora também trabalhe com literatura. Assim como as outras distribuidoras já aqui citadas, a Conel tem exclusividade com dezessete editoras, destacando-se como a única distribuidora de livros infantis em Santa Catarina (RISTOW, 1984). Para Théo, o proprietário da Conel, “[...] a grande falha na distribuição está no fato de que o distribuidor, normalmente, é também um grande livreiro. Em função disso, provoca uma concorrência desleal com as livrarias [...]”. Ele afirma que “[...] o maior problema não está só na distribuição e sim investimento do livro como produto importante”. Na concepção do dono da Conel, “não há o hábito da leitura. Santa Catarina, se comparada ao Paraná e ao Rio Grande do Sul, é um estado que não lê, basta ver o sucesso que são as feiras de livros realizadas nesses estados” (RISTOW, 1984, p. 14). Neste sentido, Ristow (1984, p. 15) contribui com o seguinte apontamento:

No que diz respeito ao estado de Santa Catarina, essa desmistificação demorará a acontecer, já que a atividade editorial não é levada muito a sério. A maioria das editoras considera por encerrado o trabalho de edição quando o livro está impresso. Praticamente não existe uma estrutura organizada de divulgação e distribuição dos livros.

Parte deste processo é compreendido pela atuação da Livraria-Editora Lunardelli, que ora faz a função como distribuidora no estado. Em entrevista para Jossane, Odilon Lunardelli diz que “o lucro do livro não paga os gastos que se tem com a divulgação e distribuição”. Ela ainda questiona a afirmação de Odilon da seguinte maneira: “[...] como sobrevivem as editoras, de onde vem o ‘lucro’ que mantém a sua produção?” (RISTOW, 1984, p. 15). Sobre a Editora Lunardelli, Ristow (1984, p. 15 e 16) ainda destaca:

A Editora Lunardelli, que lança ao mercado em média um (1) livro por mês, com uma tiragem de 2.000 a 3.000 mil exemplares, confirma enfrentar problemas na circulação dessa tiragem. ‘A falta de livrarias e a distância’ são os principais empecilhos, argumenta Lunardelli. Suas edições são mandadas para distribuidores em todo o Brasil, através do programa chamado ‘cota de novidade’. Explica que ‘o livro catarinense não vende, não dão viabilidade aos estados pequenos, além de não acreditarem em autores dos estados menores’ (RISTOW, 1984, p. 15-16).

A respeito da distribuição no interior de Santa Catarina, Odilon Lunardelli considerava, como já destacado acima, um estado “bem servido” (RISTOW, 1984, p. 12). O que de fato era uma estratégia confortável e sustentável a Lunardelli, não era agradável para os autores. Os livros não circulavam e, por consequência, poucos títulos tinham novas tiragens. As novas edições e tiragens extras serviam assim, para os autores, como reconhecimento do seu trabalho, tanto pelo prestígio recebido dos leitores – capital simbólico – como, também, pela remuneração incidente aos novos exemplares impressos – capital econômico. Voltando à estratégia utilizada pela Lunardelli, visando a circular os seus livros, observa-se um deslocamento em relação às estratégias de mercado usadas nas últimas décadas de tal atuação. Ainda, esperava-se que os livreiros das outras cidades sentissem a necessidade de ter os livros editados ou distribuídos pela Lunardelli. Para o seu fundador, “não adianta mandar o livro sem ter recebido o pedido, porque os ‘livreiros’ não aceitam. Somente aqui em Florianópolis os livros são distribuídos para as ‘livrarias’ e ainda a alguns pontos alternativos de venda – hotéis e bancas de jornais” (RISTOW, 1984, p. 16). A consideração de Odilon Lunardelli é confrontada pelo professor e escritor Lauro Junkes, que no debate promovido afirma: “Os livros meus que foram editados pela Lunardelli não saíram da livraria Lunardelli” (RISTOW, 1984, p. 16). A frustração do autor pode ser sentida em suas falas, ao ponto de ele acusar a editora de não ter “a menor preocupação em fazer os livros circularem pelo estado, nem fora dele. Acredito

que, no fundo, o problema está na questão do lucro, pois não colocando os livros fora de suas livrarias ele não precisa dar a percentagem que cabe ao livreiro” (RISTOW, 1984, p. 16). Lauro Junkes confessa para Ristow (1984, p. 16) que a sua conclusão se deu a partir de uma conversa com Odilon Lunardelli “ele não se mostrou preocupado com o assunto. Me disse que nem que fosse em dez anos, o capital investido reverterá para a editora”. Evidencia-se que as editoras não possuem uma política de distribuição dos livros para as livrarias. Também, que não havia capital financeiro para bancar a estrutura de distribuição, as maiores editoras do país focam o eixo Rio-São Paulo, as pequenas distribuidoras que, normalmente, são livrarias de médio porte nas capitais estaduais, têm poucos recursos financeiros e logísticos para adentrar ao interior dos estados.

A ausência de um projeto de distribuição bem definido dificulta os trabalhos dos autores, editores e livreiros, beneficiando, em certa parte, os distribuidores que ficam com boa parcela dos lucros dos livros sem grandes investimentos. Consta-se que a distribuição dos livros era feita aleatoriamente, de acordo com as condições financeiras da editora, ou seja, não existe uma estrutura organizada. Para Silveira de Souza, responsável pela Editora da FCC, também autor de títulos publicados na Lunardelli, “[...] a parte de distribuição constitui um esquema difícil e oneroso, requerendo material humano especializado. Enfim, a distribuição custa muito caro”. Conclui que, “na opinião dele, o ideal seria ter um bom esquema publicitário, além de uma pessoa que entendesse de distribuição e de vendedores que percorressem de norte a sul o estado. Juntamente com isso, deveria haver postos de vendas exclusivos em várias partes” (RISTOW, 1984, p. 17), o que estimularia a leitura de autores catarinenses e a procura por livros de edições locais.

Silveira Júnior acreditava que a Editora da FCC tem estimulado essa procura por autores locais. Para ele o ideal seria ter um esquema publicitário, uma pessoa que percorresse o estado e entendesse de vendedores e distribuição, assim, abrindo vários postos de venda de livros espalhados entre as cidades catarinenses, pois a principal estratégia de escoamento das edições da FCC são as escolas da rede estadual de ensino que, por meio de concursos, realizam trabalhos sobre os títulos. Entre os anos de 1980 e 1982, a Editora da FCC publicou em média 12 (doze) livros por ano com tiragem de 1.000 (um mil) exemplares por título. Após uma crise financeira, caiu em 1983 para 7 (sete) títulos com a mesma tiragem. A editora fazia a distribuição direta para quatro livrarias e duas bancas, estas vendas eram consideradas bem satisfatórias em relação às duas distribuidoras que atendiam em Florianópolis: a Catarinense e a Estudantil. O serviço de reembolso postal também é utilizado, especialmente para pedidos de outros estados (RISTOW, 1984). Silveira Júnior considera que “o principal problema do livro catarinense está

na distribuição, pois nenhuma editora dispense o necessário para a criação de uma forte estrutura de colocação do livro no mercado. As próprias livrarias da cidade não dão o devido destaque ao livro de autor catarinense [...]” (RISTOW, 1984, p. 18).

Já a EdUFSC, Editora da UFSC, tem estratégias diferentes de distribuição para Florianópolis e para o restante do país. Na capital, os livros publicados são levados às livrarias por funcionários da editora, sendo elas as Livrarias: Lunardelli, Estudantil, Catarinense e Centro de Conveniência da UFSC. Por pertencer à UFSC, ela possui intercâmbio com editoras de universidades de todo o país, assim, cada editora fica responsável pela divulgação e venda dos livros da outra. No início da década de 1980, a EdUFSC lançava aproximadamente 35 (trinta e cinco) títulos por ano, chegando a um total de 60 (sessenta) mil exemplares. Salim Miguel lembra que a EdUFSC enfrentava grandes problemas com a distribuição, pois os distribuidores não se interessam por editoras com poucos títulos. Para ele, com o aumento da produção a circulação passou a ser bem-feita e os livros, bem-aceitos. O único problema ainda é na distribuição dentro do estado, os escritores não estão satisfeitos, visto que os livros não chegam aos leitores (RISTOW, 1984).

Preocupados com a circulação dos impressos em Santa Catarina, os escritores cogitavam criar uma categoria independente formada por eles. Para eles, “[...] o distribuidor ganha muito mais que o editor, que o livreiro e que o escritor” (RISTOW, 1984, p. 22). Lauro Junkes, autor de vários livros, em entrevista com Ristow (1984), também se queixava da distribuição, considerada por ele como extremamente precária. O problema anterior era editoração, passando a ser, na época, a distribuição dos livros. De acordo com ele, nenhuma editora no estado possui uma estrutura de distribuição organizada, sendo que a sua única preocupação era editar.

O debate promovido por Jossane Ristow em 1984 tinha como objetivo levantar a questão do livro em Santa Catarina, mapeando a distribuição dos livros editados no estado e/ou em outros, verificando sua circulação, pois a distribuição era considerada um ponto de estrangulamento para a maioria das editoras. O encontro tentava ver como a distribuição se dá em Santa Catarina e apontar possíveis soluções para o problema no ramo editorial.

Um dos participantes, Hamilton Alexandre, iniciou o debate dando sua opinião sobre o assunto: ‘quanto à distribuição do livro, eu acredito que o maior problema para os livreiros é a questão do custo. A dificuldade da penetração do livro, o repasse do livro ao consumidor em pequenos postos de vendas, em pequenas livrarias, livreiros independentes e em bancas de jornais, se resume na questão do custo para o livreiro. Incluindo a questão de prazo, das exigências que as distribuidoras fazem para o livreiro. O maior problema que eu já tive foi com relação às diversas exigências das distribuidoras, que dificultam a penetração do livro. O que acontece em Santa Catarina, na distribuição do livro, é um monopólio cada vez maior das grandes livrarias’ (RISTOW, 1984, p. 24).

O debate promovido na década de 1980 apontou para os custos da produção, distribuição e divulgação. E, ao se questionar os entrevistados sobre os valores operacionais, Lunardelli, L. (2022) e Ghiggi (2022) disseram que era um alto custo produzir e circular livros nos anos de atuação da Livraria-Editora Lunardelli, o que dificultava a participação da Lunardelli enquanto Editora e Distribuidora. Segundo Bragança (2001, p. 33), “os problemas com que se defrontam as editoras, oriundos das pequenas tiragens que oneram os custos gráfico-editoriais, poderiam ser minimizados se à editoração se seguisse uma comercialização ao menos racional”. Para ele, “não há exagero ao afirmarmos que as deficiências da comercialização, exigindo custos operacionais altos e de difícil retorno, são responsáveis, em boa dose, pelo chamado alto custo do livro brasileiro” (BRAGANÇA, 2001, p. 33).

Um fato peculiar e de relevância abordado no debate foi a questão que em Florianópolis não existia uma distribuição que não fosse varejista. O próprio varejista era atacadista do livro e o distribuidor também tinha o papel de livreiro. Também, foi questionada no debate a existência do problema na distribuição do livro em Santa Catarina, foi levantada a ausência de pessoas ligadas diretamente à distribuição de livros, já que foram convidados (RISTOW, 1984). A única presente foi a proprietária da Distribuidora Conel, Marta Martins: “[...] acho que a questão do livro não está dissociada de todos os outros problemas econômicos e de monopólio a que a gente está acostumada. Aqui em Santa Catarina, a gente pode dizer que não existe distribuidor, de fato” (RISTOW, 1984, p. 25). Marta Martins descreve para Ristow (1984, p. 25-26) a situação da distribuição da seguinte maneira:

Há problemas porque a maioria dos distribuidores são distribuidores e livreiros, então não dá para fazer a distribuição como se deve. Porque na distribuição, numa média geral, existe um desconto das editoras com o padrão de 50% do livro para distribuidores. Então se um livro custa Cr\$ 5.000, para nós sai Cr\$ 2.500. Existe também um desconto padrão que o distribuidor deve dar aos livreiros que é de 30%; a margem de lucro do distribuidor é a diferença. Parece que existe um distribuidor que é só distribuidor em Santa Catarina, que é a distribuidora de livros jurídicos. É um distribuidor que não tem loja, mas também vende. Na verdade, não existe a loja convencional, com vitrine, mas existe a venda direta ao consumir. Mas de uma forma oficial seria só distribuição.

A proprietária da Conel condena os distribuidores que não repassam os descontos corretamente, que não visitam as livrarias e os que seguram determinados títulos de seu interesse para vender em sua própria livraria e, assim, obter uma margem de lucro maior. O objetivo inicial de Marta Martins era apenas ter a livraria Conel, mas para sobreviver ao “[...] monopólio dos dois grandes distribuidores: Catarinense e Lunardelli”, a solução encontrada foi abrir uma distribuidora. “[...] livrarias nós não competimos com a distribuição. Nossa livraria é

especializada em literatura infanto-juvenil e, como distribuidor, trabalhamos em todas as outras áreas” (RISTOW, 1984, p. 27). Marta Martins ainda relatou estar “[...] com 17 distribuições, para uma livraria que diziam ‘eles estão brincando de livraria’. Porque realmente não dá, com dois sendo os maiores distribuidores e livreiros ao mesmo tempo, nenhuma livraria segura” (RISTOW, 1984, p. 28). Uma das estratégias adotadas pelas distribuidoras e editoras é trabalhar junto às bancas de revista, dando a eles o mesmo desconto dado às livrarias – 30% (RISTOW, 1984).

A proprietária da Conel realizava algumas viagens ao interior do estado, segundo ela, duas a três viagens por mês, trabalhando o restante do tempo com mala direta ou participando de feiras, cursos e eventos, assim atendendo os livreiros catarinenses. Aponta, ainda, que de fato existiam cinco livreiros no interior, os demais eram papelarias que vendiam livros como algo a mais (RISTOW, 1984). Alcides Buss relata no debate que o problema dos livros editados em Santa Catarina é mais grave, “primeiro, como estamos constatando aqui, nós não temos grandes distribuidores, editores e livreiros”. Para os autores catarinenses, “[...] realmente a situação fica difícil. Tomei conhecimento que a própria editora da UFSC, daqueles livros de interesse local, vende mais fora do estado do que aqui” (RISTOW, 1984, p. 29). José Gatti contribui com a questão apontada por Alcides Buss, dizendo que “não tem esquema de distribuição aqui, simplesmente não tem e não interessa. Ela distribui para o Brasil inteiro, para três livrarias em Florianópolis e o resto do estado de Santa Catarina não recebe livros da editora da UFSC” (RISTOW, 1984, p. 28-29). Ao trabalhar a questão da distribuição dos livros, acaba-se por estender a todas as atribuições da função editor, que necessita empenhar-se para comercializar o que editou. De acordo com Unwin, “para fazer inteira justiça aos livros que escolheu e produziu, o editor precisa finalmente ser capaz de os negociar não só no seu país, mas em todo o mundo” (UNWIN, s/d, s/p. *apud* BRAGANÇA, 2001, p. 32).

Conforme Alcides Buss, por ausência de uma distribuição, os livros não chegam às prateleiras das livrarias e, por fim, nas mãos dos leitores. Porém, para Alcides Buss, “a Fundação Catarinense de Cultura, que também edita, há algum tempo atrás editou com uma certa intensidade. Ela nunca se preocupou com a distribuição, dando a entender que importante é publicar, quer dizer, a distribuição e a leitura não interessam”. Neste entendimento, aponta que “os próprios editores que nós temos aqui, não valorizam a distribuição dos seus livros. Talvez valorizem mais a edição dos outros do que aqueles seus. A gente vai no interior e não vê livros da gente” (RISTOW, 1984, p. 30). Outro ponto levantado são as coedições, como observadas a seguir:

Quanto às coedições, Hamilton Alexandre tem mais a declarar. ‘Por exemplo, estas coedições da Fundação, principalmente com a Lunardelli. Você vai lá no depósito da Lunardelli então tem livros de coedição, enquanto na fundação tem um enorme depósito carregado de livros. Certa vez um Superintendente da Fundação disse que não sabia o que fazer com os livros: ‘estou aqui com um estoque, peguei de banana’. Quer dizer, para quem está preocupado com a cultura... O interior não tem livros, ninguém os vê. Então uma alternativa que a Fundação tinha achado para acabar com o estoque era fazer um pacote, tirar um pouco de cada autor que tivesse lá e mandar às escolas sem critério nenhum. Com isso estaria mostrando o seguinte ‘olha estamos distribuindo, estamos mandando’. A Fundação não se interessa em vender, porque os livros já foram pagos. É o dinheiro público e não estão interessados com o retorno. A própria questão da edição já é vinculada à questão de falta de critério. Não se edita o que realmente se deveria editar. Se edita o que é conveniência (RISTOW, 1984, p. 31).

O debate atenta para os critérios de seleção dos títulos, como evidenciado, eram quase nulos. Editava-se o que aparecia e, em muitos casos, questionam-se os possíveis apadrinhamentos, principalmente, quando se tem participação de editoras públicas. Observa-se que quando se comparam as coedições da Lunardelli com instituições públicas e privadas, obtém-se uma grande maioria pública, são 31 (trinta e uma) participações contra 12 (doze) coedições com editoras/instituições privadas, perfazendo-se um total de 43 (quarenta e três) parcerias de coedições com outras instituições. Os dados poderão ser observados no quadro 3 abaixo e no Apêndice A.

Quadro 3 – Instituições parceiras da Editora Lunardelli

Públicas			
Fundação Franklin Cascaes (FFC)	UDESC/DAPE	Ed. UDESC	EdUFSC;
FFC	ALESC	Fundação Casa Dr. Blumenau	
Privadas			
Lions Clube	Diário Catarinense	EDUCS	IHGSC
Fundação Boiteux	Garapuvu	Global/SP	LADESC
Clube Doze de Agosto	Paralelo 27	Sagra-D.C. Luzzatto	Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes

Fonte: Elaborado pelo autor com base no Apêndice A deste trabalho, 2023.

Produzia-se muito, lançavam-se outros tantos títulos, mas não havia a circulação dos livros, o número de leitores crescia a cada dia, requerendo suprir suas necessidades. Para Alcides Buss, “o que falta realmente é uma política cultural em geral e, especificamente, na área do livro. Em termos de divulgação o que se faz pela produção cultural nesse estado?” (RISTOW, 1984, p. 31). Outro problema constatado na época eram as tiragens, consideradas insignificantes pelos distribuidores. O preço da capa era pequeno e, por consequência, o lucro

do livreiro era ainda menor, o que causaria desinteresse por parte deles. Talvez vender de porta em porta de papelarias e livrarias fosse a melhor opção para os autores catarinenses, pois, de acordo com os dados do debate, publicar pela FCC era continuar inédito depois de lançado (RISTOW, 1984).

Alcides Buss [...] acredita que o problema aqui em Santa Catarina seja: ‘falta de critérios, de colunas especializadas, falta de distribuidores, falta de tudo. Agora veja o seguinte, lá em Caçador tem uma livraria. Tem lá uma casa com um título bem grande na frente – LIVRARIA. Aí chega lá a Lunardelli e oferece para a livraria o livro editado. O livreiro vai ter que pagar. Acontece que o livreiro não conhece o autor, não conhece o livro e acha que ninguém vai comprar esse livro. Então ele também não vai comprar. Agora se alguém for lá e divulgar na cidade mesmo que seja através da escola, e garantir ao livreiro que pelo menos dez livros ele vai vender, ele vai comprar dez livros (RISTOW, 1984, p. 40-41).

Além dos aspectos relacionados à problemática da publicação e divulgação dos livros, havia um grande debate sobre o “[...] monopólio existente na distribuição a nível estadual: a [livraria] catarinense [...]”, que pertence ao grupo da Distribuidora e Livraria Curitiba, “[...] aqui é uma filial, com outro nome, mas o trabalho é ligado. Já o Lunardelli tem uma editora, uma livraria e uma distribuidora [que] [...] nasceu aqui” (RISTOW, 1984, p. 36, grifos nossos). O mesmo monopólio pode ser visto em nível nacional, como a questão da Editora Abril, que obriga a compra de todas as edições aos jornaleiros que quisessem trabalhar com a Revista Veja – título fundamental nas bancas. Assim, pagando adiantado e aceitando o prejuízo de revistas sem nenhum interesse do público local (RISTOW, 1984). Sobre isso, Marta Martins descreve “[...] que a Abril coloca ao acesso do povo livros que só uma minoria pode comprar [...]”, ela também “[...] adverte que tem que se avaliar de como é feita a distribuição. Acredita ainda que essa atitude da Abril ‘desestrutura as coisas para o livreiro e quebra o jornaleiro’ (RISTOW, 1984, p. 37). Para ela, “[...] todo monopólio a nível cultural é ruim. Por exemplo, existem tantas editoras que também têm coisas boas e poderiam estar nas bancas; no entanto, é a editora Abril e agora a Brasiliense que podem (RISTOW, 1984, p. 39). A estratégia de monopolizar, em qualquer nível, não é saudável para os pequenos empresários – livreiros-editores.

[...] o problema da distribuição no que se refere ao lado comercial, por falar por uma livraria, e a nível cultural, através de uma tentativa pioneira de distribuir livros no interior: ‘E como é difícil as pessoas separarem que uma coisa é a nível comercial e outra coisa é a nível oficial... Nós fizemos um convênio com o sistema de bibliotecas públicas do estado, de fazer feira em todo o estado. É um trabalho que às vezes você faz e as vendas não cobrem todo o custo de montagem e tal. Mas nós estamos fazendo a divulgação, chegando até o público. O trabalho de chegar até o povão do interior e levando livros atualizados, é muito importante; já conseguimos muitas modificações. Agora nós estivemos em Rio do Sul; lá nunca havia acontecido nada nesse nível. O pessoal não lia nada. Pusemos preços bem acessíveis e foi vendido em dois dias Cr\$

600.000, é algo considerável, levando em conta o lugar. Quer dizer, há leitores (RISTOW, 1984, p. 43).

A presença dos livreiros no debate ajudaria a ampliá-lo; Alcides Buss afirma para Ristow (1984, p. 45-46): “Acho que a realização de outro debate, mais aí com a presença do Lunardelli, da Catarinense. É só dizer que a imprensa vem, que aí eles comparecem”. Como conclusão do debate, os presentes afirmaram que era urgente a necessidade de cobrar ações mais efetivas dos órgãos do estado ligados à cultura, ampliando os postos de venda, as bibliotecas públicas e escolares, além da criação de um distribuidor regional que estabeleça essa distribuição dos livros pelo território catarinense, ou, também, comprar os livros para constituir os acervos permanentes das escolas e bibliotecas já existentes no estado (RISTOW, 1984).

No entender de Bragança (2001), a primeira ação começa antes de o livro ser impresso, é anunciar a sua chegada, divulgação. Para ele, “isto acontece a partir do momento em que seu título entra nas listas de preços de livros e catálogos da editora, na seção ‘próximos lançamentos’ ou ‘a sair’, onde se vai comunicando a novidade aos livreiros, distribuidores e mesmo leitores”. E, sempre que possível, “é também acionado, quando há, o setor responsável pelo contato com a mídia, especialmente os cadernos literários da grande imprensa, as revistas da área, impressas ou eletrônicas, para dar a saber o que prepara a editora para lançar” (BRAGANÇA, 2001, p. 34). Neste quesito, a Lunardelli propagava seus títulos editados pelo Jornal “A Ponte” – por ela veiculado – além de catálogos enviados aos livreiros credenciados. Outra estratégia adotada pela Editora Lunardelli era o envio de exemplares aos colunistas de jornais locais, bem como pessoas consideradas por Odilon Lunardelli capazes de difundir e influenciar a procura por outros leitores nas diversas cidades. Aníbal Bragança considera a crítica publicada nos jornais como algo extremamente proveitoso para toda a cadeia editorial.

As editoras mais estruturadas e profissionais, dependendo do investimento que o livro receba e o seu mercado potencial, enviam para a crítica partes ou o próprio texto integral da obra, antes de seu acabamento, com vistas a que, quando se der o lançamento, possa o livro ser apresentado, não só por um simples registro, mas com comentários mais extensos ou resenhas, crítica especializada ou até mesmo controvérsia entre especialistas ou autoridades na área. Quando não há verba para publicidade, o que ocorre na maioria dos casos, esse tipo de divulgação gratuita na mídia, é um poderoso motor de aceleração de vendas.

Moles (1974) considera a crítica como uma segunda filtragem da obra, contribuindo ou não para a “assimilação” da obra no meio a que foi destinada. “Uma referência elogiosa de um cronista respeitado e lido, publicada num jornal de grande circulação; figurar nas mãos de uma personagem importante, mais ainda se for um personagem de telenovela e receber uma

recomendação, mesmo que seja numa breve fala”. Em muitos casos não, “[...] há uma boa articulação entre o trabalho de divulgar a obra e o trabalho de distribuição. Em parte, porque a imprensa tem seus ritmos e suas prioridades, e nela é difícil interferir, mas outra parte cabe a responsabilidade à própria editora” (BRAGANÇA, 2001, p. 35). Em busca por suprir essa responsabilidade, Odilon Lunardelli fez circular o seu próprio jornal e os seus autores presentes como colunistas ou sendo referidos nas matérias, além das propagandas promovidas.

Segundo Einaudi, ‘uma das marcas de uma boa editora é a capacidade de fazer coincidir o anúncio publicitário com a presença real do livro na livraria’. Para que isso ocorra é necessário um movimento coordenado de vários setores da distribuição, divulgação e marketing, desde o setor de vendas, com seus vendedores praticistas, vendedores viajantes e representantes, o faturamento, depósito da editora, as embalagens e entregas, onde cada passo deve ser coordenado, cuidadoso e presto (BRAGANÇA, 2001, p. 35, grifos do autor).

Para isso, a Editora Lunardelli tinha um esquema considerável de distribuição do Jornal “A Ponte”, utilizando os Correios e uma equipe encarregada para tal fim. Quanto aos livros, apenas tem-se a constatação do depósito com estrutura para armazenar muitos livros, Ghiggi (2022) afirma que as prateleiras eram abarrotadas de livros. E, para resolver isso, fazer os livros circularem, era preciso desenvolver parcerias entre as editoras e/ou livrarias com a rede escolar em Santa Catarina: “Um trabalho de divulgação, de conhecimento crítico da seguinte forma: vamos levar a nossa produção literária às escolas e vamos levar também os autores para discutir com os estudantes, com o professor”. No debate chegaram a afirmar que os profissionais da educação eram desinformados, “[...] é um cara que desconhece tudo, e por isso é preciso que haja um trabalho completo, a partir de uma política cultural, a partir de projetos sérios. Todo mundo deve se engajar e fazer sua parte, inclusive o escritor” (RISTOW, 1984, p. 34). Entretanto, o maior problema não estava na má formação dos docentes catarinenses. No contexto geral, era preciso democratizar o acesso aos impressos, pois quem irá ler os jornais e livros necessitam dispor de recursos para comprar ou ser alfabetizado.

O primeiro grande movimento de alfabetização popular ocorreu depois da criação da imprensa por Gutenberg, tornada possível que foi a produção em série de livros portáteis, mais baratos e acessíveis, além de folhetos, almanaques e outros produtos impressos populares, mas especialmente porque acabou com o monopólio do latim na produção bibliográfica, permitindo que a leitura deixasse de ser privilégio da minoria letrada (BRAGANÇA, 2001, p. 38).

Deve-se considerar que há um vínculo da alfabetização à conquista da cidadania, que fundamenta, todos os esforços no sentido de eliminar o analfabetismo (BRAGANÇA, 2001).

Iniciou-se no século XVIII e persistiu pelos próximos séculos o que Michel de Certeau chamou de o “mito da Educação”, isto é, a crença de que “o livro fosse capaz de reformar a sociedade, que a vulgarização escolar transformasse os hábitos e costumes, que uma elite tivesse com seus produtos, se a sua difusão cobrisse todo o território, o poder de remodelar toda a nação” (CERTEAU, 1998, p. 261). Odilon Lunardelli não tinha simpatia pela edição de livros didáticos, tinha preferência por títulos com outras finalidades. Tem-se que considerar que “na história do livro, o editor de livros escolares é, em geral, colocado à parte, assim como o de livros técnico-científicos e o de livros populares. Muitas vezes é tratado como sendo ‘diferente’, quase de outra área, e visto com um misto de desdém” (BRAGANÇA, 2001, p. 43). Todavia, no caso da Lunardelli a escolha e a definição da política editorial eram opção de seu fundador. No entanto, mesmo fiel às suas convicções, alguns títulos didáticos constam no catálogo da Livraria-Editora Lunardelli, editados e com bastante sucesso e tiragens.

3.1.1 Tempos empilhados³⁹: a preservação da memória Lunardelli

A dispersão dos relatos indica já a do memorável. De fato, a memória é o antimuseu: ela não é localizável. Dela saem clarões nas lendas. Os objetos também, e as palavras, são ocos. Aí dorme um passado [...]. A lembrança é somente um príncipe encantado de passagem, que desperta, um momento, a Bela-Adormecida-no-Bosque de nossas histórias sem palavras (CERTEAU, 1998, p. 189).

Na certeza de que nem sempre se conseguirá encontrar toda a história, assim como as palavras e objetos são ocos, são possíveis e localizáveis os rastros e traços históricos de alguém ou de sua sociabilidade. Dar sentido a algum objeto ou palavra na história. “Os relatos se privatizam e se escondem nos cantos dos bairros, das famílias ou dos indivíduos [...]” de maneira a conseguir apagar os nomes próprios (CERTEAU, 1998, p. 188- 189). Porém, cabe ao historiador interpretar os dados e, depois de longas análises, gerar a informação correta. “Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, **tempos empilhados** que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas [...]” (CERTEAU, 1998, p. 189, grifos nossos). Abroham-se significações a lugares, pessoas e objetos a partir da ocasião que existem elementos memoráveis. O memorável é indicado pelos relatos, a memória pode ser um antimuseu e não localizável, pois se constitui lembranças soltas, fragmentadas, quebra-cabeças, isoladas, que iluminam detalhes esquecidos no silêncio, “tempos empilhados”, enfim, são os

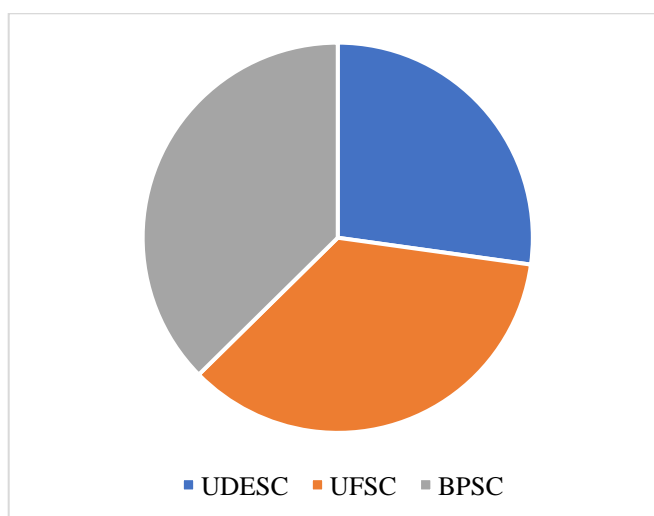
³⁹ Termo de Certeau (1998, p. 189).

relatos que expõem a memória perdida nos espaços das cidades (CERTEAU, 1998, p. 189). É sob este ponto de vista ou ponto de escuta, precisamente, que esta tese propõe dar a conhecer a história de Odilon Lunardelli e sua livraria-editora. São os livros, os jornais e os relatos empilhados que dão luz e forma a essa história.

Nesta perspectiva de trazer à tona a história de Odilon Lunardelli e sua livraria-editora foram empreendidas investigações nos mais variados locais e acervos históricos, seguindo os seus rastros para definir os seus traços históricos. Todavia, percebe-se que ele possuía uma necessidade e/ou obrigação de deixar a história, memória e objetos pessoais e profissionais, assim como de suas empresas, para circular e salvaguardar. Se se olhar na perspectiva dos livros, há a exigência do depósito legal por força de lei, uma estratégia de controle da Ciência da Informação. Entretanto, ao depositar os livros de forma espontânea ou não, os exemplares se tornam objetos suscetíveis a pesquisas históricas, sendo artefatos detentores de memórias de um determinado espaço, momento e indivíduos. Para que a sua memória se constituísse preservada, Odilon Lunardelli enviava exemplares – individuais ou em coleções – para as mais diversas bibliotecas e instituições. Destas, pondera-se que o acervo da BPSC seja riquíssimo em exemplares editados pela Lunardelli.

Na BPSC não há uma informação exata sobre o número de peças. Porém, ao consultar os sistemas dos acervos de bibliotecas públicas do estado de Santa Catarina, pode-se afirmar que a BPSC contém a maior quantidade de obras publicadas pela Lunardelli, ou seja, conta com 577 (quinhentos e setenta e sete) impressos, sendo exatamente 386 (trezentos e oitenta e seis) exemplares do Jornal “A Ponte” e 191 (cento e noventa e um) em títulos de livros, quantidade correspondente a 55,45% (cinquenta e cinco vírgula quarenta e cinco por cento) do total encontrado nos quatro acervos pesquisados, bem superior à soma dos outros dois, que contam com 320 (trezentos e vinte) títulos. Já as bibliotecas da UFSC e UDESC, salvaguardam, respectivamente, o segundo e terceiro maiores acervos de livros, tendo 181 (cento e oitenta e um) e 139 (cento e trinta e nove), como se pode observar no gráfico 1.

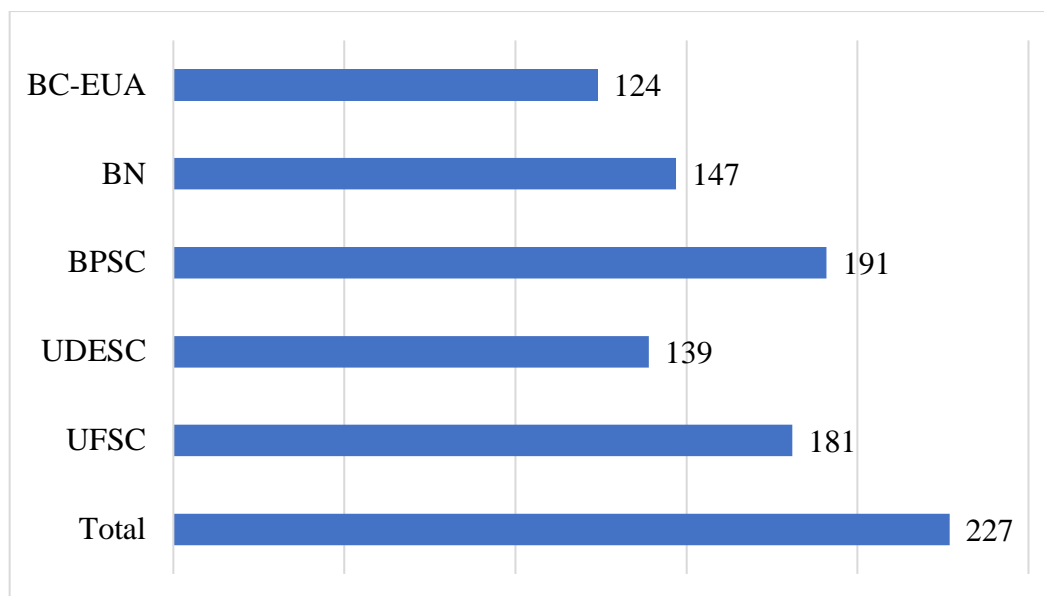
Gráfico 1 - Distribuição do acervo pelo número de títulos da Editora Lunardelli entre as três principais bibliotecas de Florianópolis



Fonte: Elaboração do autor com base na investigação exposta no Apêndice A deste trabalho, 2023.

Os estudos até aqui revelam que Odilon Lunardelli era muito preocupado com a memória da livraria-editora e, de forma indireta, dele enquanto livreiro-editor. Havia, constantemente, o depósito legal na Biblioteca Nacional, onde foram encontrados 147 (cento e quarenta e sete) exemplares, quantidade bem inferior aos localizados na Biblioteca Universitária da UFSC que possui 181 (cento e oitenta e um). Muito antes da obrigatoriedade do depósito legal, a Editora Lunardelli enviava para as bibliotecas locais exemplares dos livros publicados, o que, de certa maneira, contribuiu para a preservação do que foi produzido. Outro fato importante era o envio de dois exemplares para a Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos da América, lá se encontram 124 (cento e vinte e quatro) títulos da Editora Lunardelli mais o livro “**Nosso homem do livro: Odilon Lunardelli (Depoimentos)**”, que versa sobre o fundador e proprietário da Editora Lunardelli. Este envio fora dos padrões brasileiros era mais uma prática adotada por Odilon Lunardelli para preservar sua memória enquanto editor e a da sua editora. O gráfico 2 a seguir apresenta a relação de títulos publicados com as bibliotecas pesquisadas.

Gráfico 2 - Relação de títulos publicados com as bibliotecas pesquisadas



Fonte: Elaboração do autor com base na investigação exposta no Apêndice A deste trabalho, 2023.

Foram encontrados diversos títulos na base de dados da Biblioteca Nacional por conta do depósito legal – obrigatório por força da Lei nº 5.988, de 14 de dezembro de 1973 ou, antes disso, pelo Decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907. Na BPSC, alguns títulos também foram enviados em decorrência do depósito legal. Entretanto, independentemente disso, é preciso considerar, com base no que foi informado por Ghiggi (2022), que eram enviados e doados, para diversas bibliotecas públicas ou de instituições, exemplares de livros da sua editora ou de outras, principalmente, os que versavam acerca de temáticas sobre Santa Catarina ou de autores catarinenses. Já o envio de dois exemplares para a Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, se dava por afinidade política e econômica de Odilon Lunardelli (LUNARDELLI, L., 2022), foram encontrados alguns exemplares, não todos. No Apêndice A encontram-se os relativos títulos e autores remetidos ao acervo da Biblioteca do Congresso norte-americano.

A presença de quase a metade dos títulos publicados pela Lunardelli pode ter ocorrido por escolha de seu proprietário. Também, as ausências podem estar relacionadas às perdas no transporte, pelo descarte do tempo ou desconsideração por parte da Biblioteca do Congresso norte-americano. Contudo, ponderando que o despacho de obras para outro país ainda é relativamente caro, levanta-se a hipótese de seleção de títulos e/ou autores para este envio e depósito, pois não foi possível identificar como ocorriam esses envios. Essas lacunas são evidenciadas nos anos 1994, 1997, 1998 e 2004, em que, respectivamente, foram publicados 02 (dois), 01 (um), 01 (um), 02 (dois) títulos pela Lunardelli.

A tabela 2 a seguir apresenta a quantidade de livros enviados à Biblioteca do Congresso norte-americano em relação aos publicados nos anos listados.

Tabela 2 - Quantidade de livros enviados à Biblioteca do Congresso norte-americano em relação aos publicados nos anos listados

Ano	Enviados	%	Publicados	Ano	Enviados	%	Publicados
1970	4	3,23	4	1988	6	4,84	9
1971	1	0,81	2	1989	5	4,03	9
1973	1	0,81	3	1990	5	4,03	8
1974	2	1,61	2	1991	5	4,03	6
1975	3	2,42	3	1992	9	7,26	11
1976	3	2,42	3	1993	5	4,03	6
1977	1	0,81	1	1994	0	0,00	2
1978	9	7,26	9	1995	2	1,61	8
1979	14	11,29	16	1996	1	0,81	2
1980	8	6,45	15	1997	0	0,00	1
1981	3	2,42	3	1998	0	0,00	1
1982	2	1,61	10	1999	1	0,81	2
1983	7	5,65	16	2000	2	1,61	2
1984	3	2,42	3	2001	2	1,61	5
1985	5	4,03	9	2002	1	0,81	2
1986	7	5,65	15	2003	1	0,81	3
1987	6	4,84	14	2004	0	0,00	2

Fonte: Elaborada pelo autor com base no levantamento demonstrado no Apêndice A, 2023.

Do total de 227 (duzentos e vinte e sete) livros publicados ao longo da história da Editora Lunardelli, 124 (cento e vinte e quatro) foram remetidos à Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, correspondente a 54,62% (cinquenta e quatro vírgula sessenta e dois por cento), ou seja, faltaram 103 (cento e três) títulos, correspondentes a 46,38 % (quarenta e seis vírgula trinta e oito por cento) do total. Os referidos livros e seus escritores remetidos ao acervo analisado podem ser conferidos no quadro 4 a seguir.

Quadro 4 - Autores das obras enviadas ao Congresso dos Estados Unidos (continua)

BARRETO, Maria Theresinha Sobierajski	PASSAMAI, Marcelo
BITTENCOURT, Valmy	PAULI, Evaldo
BOPPRÉ, Maria R.	PEREIRA, Francisco José
BUSS, Alcides	PEREIRA, Moacir
CABRAL, Oswaldo R.	PEREIRA, Nereu do Vale
CALDAS FILHO, Raul	PIAZZA, Walter Fernando
CALDAS, Cândido	PINHEIRO NETO, Liberato Manoel
CALDEIRA, Almiro	MENDES, Luis Antonio Martins
CAMPOS, Bernardino de Senna	MIGUEL, Salim
CAPELLA, Ayrton	PASOLD, César
CABRAL, Oswaldo Rodrigues	PASSAMAI, Marcelo

(continuação)

CALDAS FILHO, Raul	PIAZZA, Walter Fernando
CALDAS, Cândido	PINHEIRO NETO, Liberato Manoel
CALDEIRA, Almiro	MENDES, Luis Antonio Martins
CAMPOS, Bernardino de Senna	MIGUEL, Salim
CAPELLA, Ayrton	PASOLD, César
CABRAL, Oswaldo Rodrigues	PASSAMAI, Marcelo
CALDAS FILHO, Raul	PAULI, Evaldo
CALDAS, Cândido	PEREIRA, Francisco José
CALDEIRA, Almiro	PEREIRA, Moacir
CAMPOS, Bernardino de Senna	PEREIRA, Nereu do Vale
CAPELLA, Ayrton	PIAZZA, Walter Fernando
CARDOZO, Flávio José	PINHEIRO NETO, Liberato Manoel
CARVALHO, João Nicolau de	PÍTICA, Paschoal Apóstolo
CARVALHO, Saulo Varella de	RAMOS, Mila
COELHO, Maria da Graça	RAMOS, Sergio da Costa
CORREA, Carlos Humberto	REIS, Ademir
CORRÊA, Glauco Rodrigues	REITZ, Raulino
CORREA, Nereu	RIBAS JÚNIOR, Salomão
COSTA, Licurgo Ramos da	RODRIGUES FILHO, Ilson Wilmar
COSTA, Nilton Severo da	ROSA, José Edu
CURI, José	SACHET, Celestino
DALL'ALBA, João Lenoir	SANTA CATARINA
DELLAGIUSTINA, Osvaldo	SANTOS, Roselys Izabel Correa
DELLAGNELLO, José Aleixo	SÃO THIAGO, Arnaldo Claro de
GOMES, Manoel	SASSE, Marita Deeke
GONÇALVES, José	SECCO, Celestino Roque
GUIMARÃES, Zoraida Hostermann	SILVA, Cacildo
HAMMS, Jair Francisco	SILVA, Jaldyr Bhering Faustino da
JUNKES, Lauro	SILVEIRA JÚNIOR, Norberto Cândido
KLEIN, Roberto Miguel	SIMÕES, Aldário
KLUEGER, Urda Alice	SOARES, Iaponan
KONDER REIS, Marcos	SOUSA, Abelardo
KRIEGER, Maria de Lourdes Ramos	SOUZA, Claudio Bersi de
LAGNI, Delia Terezinha	SOUZA, Silveira de
LAGO, Paulo Fernando	SOUZA, Vilmar de
LAUS, Harry	TERTSCHITSCH, Circe Gama d'Eça
LAUS, Lausimar	TRAMONTE, Cristiana
LINS, Hoyêdo Gouvêa	VAHL, Teodoro Rogério
MACHADO, Manoel Venâncio	VÁRZEA, Virgílio
MADEIRA, Ademar Americo	VASCONCELLOS, A. Sanford de
MARQUES, Ana Maria	VIEIRA, Emanuel Medeiros
MEIRINHO, Jali	VIEIRA, Francisco Xavier Medeiros
MELO, Osvaldo Ferreira de	VIEIRA, João Alfredo Medeiros
MENDES, Luis Antonio Martins	WENDHAUSEN, Renato

(conclusão)

MIGUEL, Salim	ZIGELLI, Adolfo
PASOLD, César	

Fonte: Elaborado pelo autor com base no levantamento demonstrado no Apêndice A, 2023.

Constata-se que, dos 124 (cento e vinte e quatro) títulos enviados, 89 (oitenta e nove) escritores não estão presentes na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, isso dá uma margem de 62,67% (sessenta e dois vírgula sessenta e sete por cento) em relação ao total de 142 (cento e quarenta e dois) escritores da Lunardelli, lembrando que foram considerados os escritores em coautoria. Destes, verifica-se que os autores listados acima no quadro 4 não possuem títulos no referido acervo analisado. Os dados aqui levantados estão destacados apenas a título de referência e conhecimento dos leitores deste trabalho, pois não há como saber o real motivo da ausência dos livros e autores na Biblioteca do Congresso norte-americano, possíveis razões já foram aqui apontadas.

Odilon Lunardelli tinha algumas táticas e estratégias peculiares de divulgação à frente da Livraria-Editora Lunardelli, como o envio de exemplares para algumas instituições e pessoas que, em muitos casos, além dos impressos individuais enviados semanalmente e/ou quando lançados, eram remetidas coletâneas agrupadas por afinidades ou por ano de publicação. No entanto, não era em todos os lugares que ele gostava de ver os seus impressos. Como já apontado aqui, Odilon Lunardelli mandava os funcionários averiguarem se havia exemplares do Jornal “A Ponte” nas peixarias do Mercado Público Municipal de Florianópolis, bem como olhar nos sebos e livrarias se os livros da Lunardelli estavam por lá. Para ele, jamais os livros poderiam estar em sebos ou danificados em outras livrarias. Em entrevista, Ghiggi (2022) descreve assim:

Por outro lado, ele também ficava horrorizado quando localizavam, encontravam um livro da Editora Lunardelli num sebo. Ele achava que aquilo era uma desvalorização do autor do livro e da editora. Ele ficava raivoso, aliás você lembrou que ele mandava pesquisar nas bancas se o Jornal estava lá e, eventualmente, mandava que visitasse os sebos para saber se tinha livros da Editora Lunardelli e comprar livros publicados pela Lunardelli que eventualmente fossem encontrados em sebo para que eles não ficassem lá, desvalorizando o trabalho do autor e da editora. Fez isso muitas vezes também.

Outra peculiaridade de Odilon Lunardelli com relação aos livros encontrados nestas situações era comprar e guardar os exemplares que fossem encontrados em sebos e/ou apresentassem defeitos. Segundo Ghiggi (2022), os livros não eram vendidos, “ele colocava lá na toca dele. Na toca dele ele tinha uma estante com esses livros resgatados. Um livro que tivesse algum defeito, que faltasse uma página, às vezes, na impressão, na montagem do livro”. Qualquer alteração estética e física já era o suficiente para serem armazenados no escritório de

Odilon Lunardelli. “Faltava alguma coisa ou que saíam mal-impressos, ele guardava nessa sala dele, na toca dele. Numa estante que ele tinha lá” (GHIGGI, 2022). Ainda, descrevendo a atuação de Odilon Lunardelli, Ghiggi (2022) afirma que “[...] foi o maior produtor de Santa Catarina. Não sei se hoje tem algum, talvez em quantidade possa ter. Não percebo, hoje, no mercado editorial, uma editora catarinense com o relevo que tinha a Editora Lunardelli naquele período”.

Ainda, sobre as considerações relativas ao reconhecimento dado a Lunardelli e ao seu proprietário, a Livraria-Editora Lunardelli foi pioneira no seu tempo, trazendo sua política editorial e produzindo diversos títulos em um estado tipicamente fadado ao insucesso. O mesmo entrevistado ainda faz algumas exposições sobre a atuação do livreiro-editor Odilon Lunardelli, ao assegurar que não havia editora “reconhecida, como um destaque editorial que a Editora Lunardelli tinha” em Santa Catarina. O que fazia dele um “produtor ímpar”. E sobre o possível sucesso no ramo jornalístico, “o Jornal era gratuito, era bem distribuído, ele criou uma logística muito interessante que abrangia o estado todo, conseguia capilarizar bastante a distribuição” (GHIGGI, 2022). Outro ponto interessante, afirmado por Ghiggi (2022), é sobre a preocupação de Odilon Lunardelli com a sua imagem e a da empresa.

Na questão do livro eu acho que ele também, por esse fato de não ter mudado as técnicas comerciais desde o início e se mantido arraigado naquelas técnicas do início da carreira dele, eu acho que no final foi um fator que contribuiu muito para o fim da empresa. Acredito que se ele tivesse vivido alguns dez ou quinze anos a mais, ele próprio teria fechado as empresas em vida, por não conseguir se impor e ser abocanhado pelo mercado.

Comentando um pouco sobre a relação de Odilon Lunardelli com as tecnologias, Ghiggi (2022) pondera que ele era avesso às tecnologias e mudanças que o mercado determinava. “Talvez, depois do falecimento dele, a editora veio a paralisar as atividades e em seguida a livraria também fechou. Acredito que muito disso decorre do fato dele não ter se atualizado no tempo”, mantendo-se no mercado com os mesmos métodos usados quando começou a trabalhar, ou seja, “ele não evoluiu desde o ponto de vista de *layout* das livrarias, eram muito antiquadas, a exposição dos livros [...], não seguia as tendências mais modernas de comércio, de *marketing* e, talvez por isso é que a editora tenha [...] fechado por conta dessa falta de atualização” (GHIGGI, 2022). E continua:

Não só de atualização em termos de *marketing* de mercado, como até na própria forma de se trabalhar o mercado. Ele começou fornecendo em determinadas condições e insistiu em se manter fornecendo naquelas mesmas condições. Só que nesse meio tempo aí surgiram muitas outras editoras e livrarias no mercado trabalhando de uma

forma mais moderna, mais ágil. Mais flexível. Muito inflexível no ponto de vista comercial. E isso fez com que ele perdesse muito o mercado (GHIGGI, 2022).

Contudo, a sua aversão às mudanças e tecnologias preservavam características consideradas importantes por diversas pessoas, como a prática de ter e expor livros de autores catarinenses em sua livraria-editora, como na matéria de Theobaldo Costa Jamundá, intitulada “O autor catarina diz que existe”⁴⁰, na qual são destacados os descontentamentos dos autores locais com o tratamento recebido pelas livrarias e editoras em Santa Catarina. Segundo a reportagem, “Osmard Andrade Faria, [...] disse que livrarias catarinenses não aceitaram vender seu livro (que é uma edição da Editora da UFSC)”.

Quem escreve quer ser lido; quem tem original deseja tê-lo editado. Já o governador Antônio Carlos Konder Reis (1975-1979) detectara a insatisfação do escritor nas duas variáveis, e recomendara ao Conselho Estadual de Cultura atuar para atender e solucionar, sem prejudicar o investimento da iniciativa privada. Por dever de referência que é homenagem, aqui fica registrado que o livreiro Odilon Lunardelli inscreveu-se na ação do Conselho Estadual de Cultura, e foi dos primeiros a instituir nas suas livrarias estantes de livros de autores catarinenses e assegurar a distribuição em nível estadual mesmo dos títulos que não editara. (HEMEROTECA DIGITAL CATARINENSE, 2018).

Ainda, Theobaldo Costa Jamundá afirma: “Não é desinteresse, é desconhecimento. O livro catarina e os outros dependem de publicidade competente. Um comprador o procurará se for informado. Mesmo que esteja entre outros nas estantes das livrarias, nelas ficarão se não forem procurados”, apontando, assim, para um dos maiores causadores dos problemas de circulação dos livros, a ausência de publicidade e de inserção dos autores catarinenses. É importante frisar que as atividades econômicas e sociais desempenhadas por Odilon Lunardelli não se prendiam apenas aos livros ou a vendê-los. Depois de uma década da fundação da livraria e quase que concomitantemente com a editora de livros, Lunardelli passa a produzir e circular o Jornal “A Ponte” na capital catarinense com distribuição em nível estadual, que, possivelmente, alcançou outras cidades em outros estados *modus* não intencional. No entanto, a produção de um jornal não é nada sem intenção, pode-se verificar, com base nas fontes já encontradas e pelo aporte teórico, que a atividade era uma ação estratégica comercial relacionada à sociabilidade de Odilon Lunardelli. Por isso, é interessante compreender um pouco mais sobre essa prática exercida por ele.

⁴⁰ Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/blumenau%20em%20cadernos/1998/BLU1998002.pdf> (fevereiro de 1998, p. 52-53). Acesso em: 20 jun. 2019.

Entretanto, até chegar ao patamar conquistado, Odilon Lunardelli caminhou muito, como lembra Lunardelli, L. (2022): “No começo, realmente foi quando ele solidificou a marca com essa presença pessoal, e aí sem nenhum tipo de acanhamento, ele esticava a toalha na entrada da faculdade e era o verdadeiro camelô, e botava os livros no chão, e ali ele mandava o recado”. Ainda sobre as práticas exercidas pelo seu pai, Lunardelli, L. (2022) comenta: “Fazia vendas a prazo, no caderno. [...] não existia um crediário, era o típico caderno de venda: deve, haver, comprou, pagou. E assim [...] inúmeras pessoas que hoje fazem parte ou fizeram parte do cenário político administrativo de Santa Catarina foram clientes nossos de caderno”.

E essa operação era feita assim, totalmente na confiança, nunca foi feito um cadastro, uma tomada de informações, não existia SPC [Serviço de Proteção ao Crédito], não existiam essas coisas. Uma pessoa, o estudante era remediado ia lá, falava: ‘Luna, dá para fiar?’ ‘Não tem problema. Bota aí. Vai pagando como puder’. Aí, o cara ia mandando lá um pouquinho todo mês, e a mim cabia esse controle. [...] as pessoas eram mais sérias. Assim, o nível de confiança era muito maior nas pessoas. Mas então, essa era uma característica da personalidade dele, de não se promover. Era uma outra tônica também do relacionamento dele, a honestidade (LUNARDELLI, L., 2022).

Lunardelli, L. (2022), em suas conclusões, destaca um aspecto importante na personalidade do livreiro-editor Odilon Lunardelli: “Ele sempre foi praticante de um princípio de que a mão direita jamais saiba o que a esquerda faz”, marcando, assim, as diversas “[...] atividades sociais que ele desenvolvia de ajuda filantrópica, mas ele proibia terminantemente que fosse citado. Eu sei que não foram poucas as vezes e instituições que ele ajudou [...]”. Deste modo, pode-se considerar que Odilon Lunardelli era extremamente cuidadoso com a imagem moral das suas empresas e da sua família, atentando para detalhes que, aos olhos de outros, passariam despercebidos.

3.2 A PROLE DO LEÃO: A PRODUÇÃO DA EDITORA LUNARDELLI

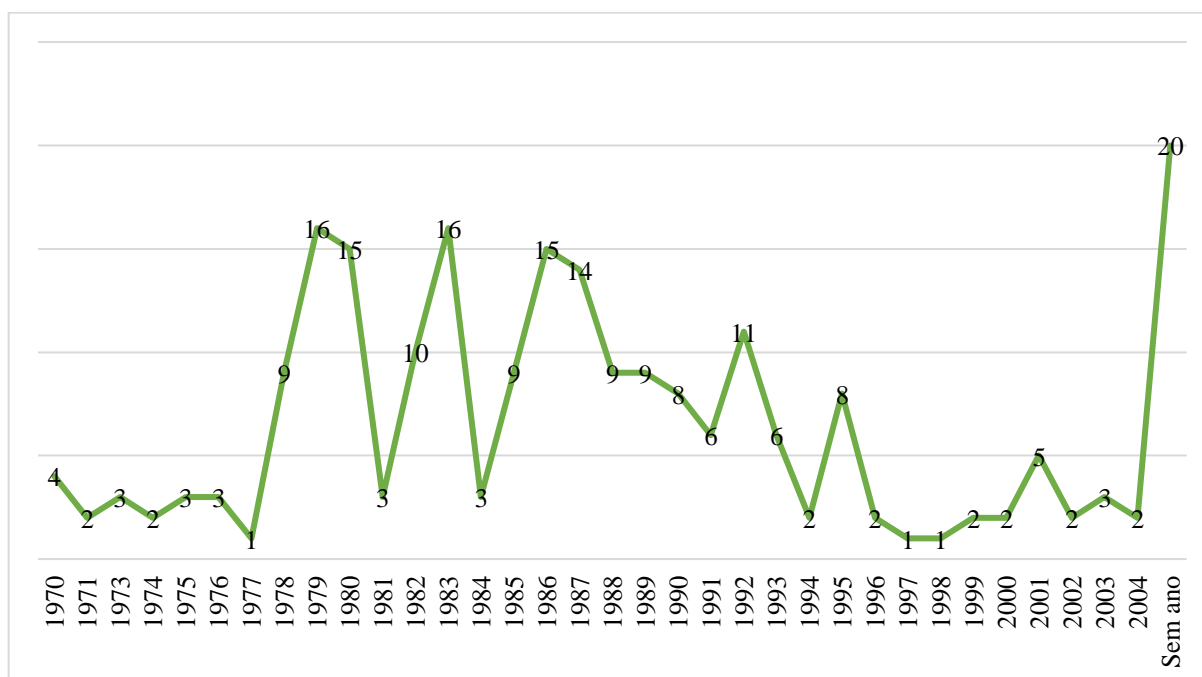
“O tempo de um rei governar, nasce e se põe como o sol. Um dia, Simba, o sol vai se pôr no meu reinado e nascerá no seu como o novo rei” – Mufasa para Simba. (Filme – O Rei Leão)

A produção de livros catarinenses estava em alta nas décadas de 1970 e 1980, como foi possível constatar pelas falas das pessoas presentes ao debate promovido por Ristow (1984). Havia uma preocupação dos autores em apontar para uma possível solução do problema da má distribuição dos livros do período, questionavam o que poderia ser feito para que os livros impressos fossem absorvidos pela população catarinense. De fato, existiam muitos exemplares

para se vender, assim como tantos outros títulos eram lançados. Em consonância com as constatações do estudo de Hallewell (1985), obtém-se que a elevada produção e lançamento de títulos em Santa Catarina têm relação com a Editora Lunardelli. Pode-se evidenciar que, em 1979 e 1983, são postos 16 (dezesesseis) títulos em circulação pela editora, sendo este ano, juntamente com 1980 e 1986, os quatro anos mais produtivos em número de lançamento de livros. Cabe destacar que em 1972 não houve lançamento.

Considerando os livros publicados do início até o final das atividades editoriais da Lunardelli, obtém-se uma média de 6,3 (seis vírgula três) títulos por ano, ou seja, aproximadamente, um livro a cada dois meses. Outro dado importante é que se forem desconsiderados os livros publicados após a morte do seu fundador, ou seja, contando os livros editados ao longo dos 27 (vinte e sete) anos em que Odilon Lunardelli exerceu a função de editor, do início da editora até o seu falecimento, obtém-se 210 (duzentos e dez) títulos. Portanto, o livreiro-editor Odilon Lunardelli lançou cerca de 7,7 (sete vírgula sete) obras por ano. Após a sua morte, a editora publicou mais 17 (dezesete) livros, perfazendo um total de 227 (duzentos e vinte e sete) títulos publicados em seus 36 anos de existência/atividades, como se pode observar no gráfico 3 a seguir.

Gráfico 3 - Publicações de títulos por ano - Editora Lunardelli



Fonte: Elaboração do autor com base na investigação exposta no apêndice A deste trabalho, 2023.

Os dados aqui apresentados podem ainda ser maiores em virtude das dificuldades em localizar os exemplares, além de existirem diversos erros na base de consulta do acervo da

BPSC. Entretanto, constatou-se que em 1996 e 1997 apenas um livro foi publicado por ano. Já nos anos de 1980 e 1986 foram publicados 15 (quinze) livros e, em 1987, a Lunardelli editou 14 (catorze) títulos. Os anos da década de oitenta citados acima formaram, juntamente com outros anos, uma sequência exponencial de produção. Por coincidência, dois primeiros anos de grandes lançamentos foram seguidos de dois anos em baixa produção, repetindo mais dois anos de alta e um período de queda em lançamentos. Também, deve-se apontar que 20 (vinte) títulos não possuem data de publicação, muitos foram encontrados na lista presente no livro de homenagem a Odilon Lunardelli, alguns encontrados nas bibliotecas pesquisadas, mas os impressos ainda persistiam em não ter a divulgação do referido ano de publicação. Tais livros foram elencados no quadro 5.

Quadro 5 - Relação de livros sem ano de publicação

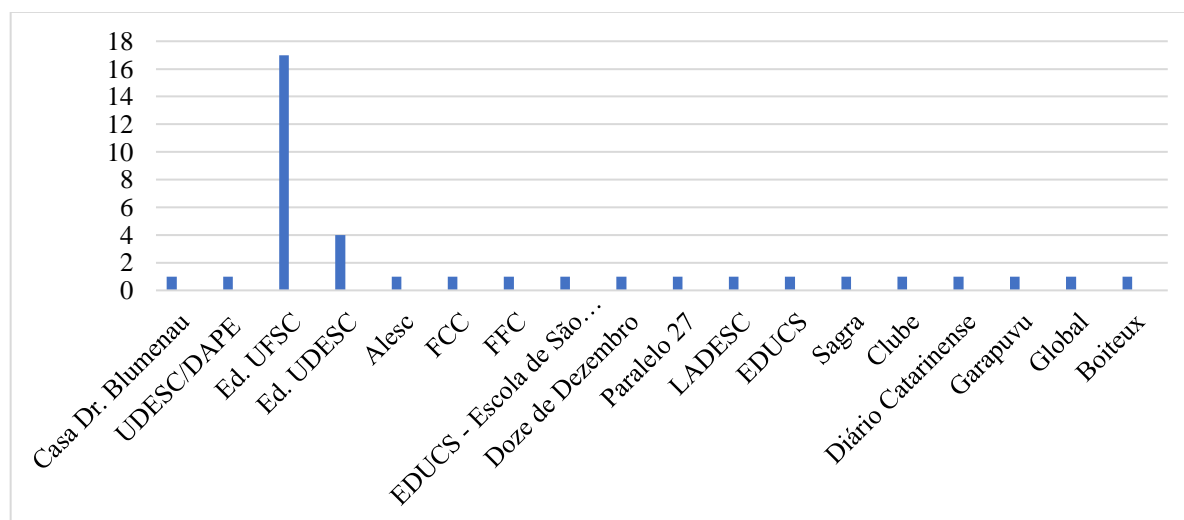
Autor	Título
(sem autoria)	A contribuição grega
ACHARD, José P.	Pedagogia corretiva
ACHARD, José Pedro	Curso de pedagogia corretiva: a educação do menor difícil
CORREA, Nereu	(Discursos)
CUNEO, Leocádio	1.000 testes de biologia e história natural (Biologia)
DALL'ALBA, João Leonir	A imigração italiana em Santa
GOMES, Manoel	Manual do Mestre Maçom
JUNKES, Lauro	A presença da poesia em Santa Catarina
KLUEGER, Urda Alice	Entre Ihamas e condores
KLUEGER, Urda Alice	Recordações de amar em Cuba I
KLUEGER, Urda Alice	Te levanta e voa
KONDER REIS, Marcos	Leleco e os ovos de Páscoa
KORMANN, Edith	O teatro na educação artística
LAUS, Lausimar	A presença cultural da Alemanha no Brasil
NASCIMENTO, Odir	A história do teatro em Santa Catarina - 2 volumes
PEREIRA, Moacir	O golpe do silêncio
RIBAS JÚNIOR, Salomão	Aspectos econômicos e sociais do estado de Santa Catarina: para concursos e vestibulares
SILVEIRA, Luiz Alberto	Química em palavras cruzadas
SILVEIRA, Luiz Alberto	Biologia em palavras cruzadas

Fonte: Elaborado com base no Apêndice A deste trabalho, 2023.

Dos 227 (duzentos e vinte e sete) títulos publicados pela Lunardelli, 184 (cento e oitenta e quatro) constituíram-se edições próprias da editora, ou seja, sem coeditoras e/ou instituições parceiras. Porém, 43 (quarenta e três) livros foram lançados em parceria com editoras ou instituições; destes, 17 (dezesete) com a editora da UFSC e 05 (cinco) com a UDESC – 04 (quatro) Ed. UDESC e 01 (uma) UDESC/DAPE. Outras parcerias podem ser constatadas no

quadro sobre as produções da Editora Lunardelli (Apêndice A) e abaixo, no gráfico 4, que tem por objetivo destacar as instituições que apareceram juntamente com Lunardelli nas capas dos impressos.

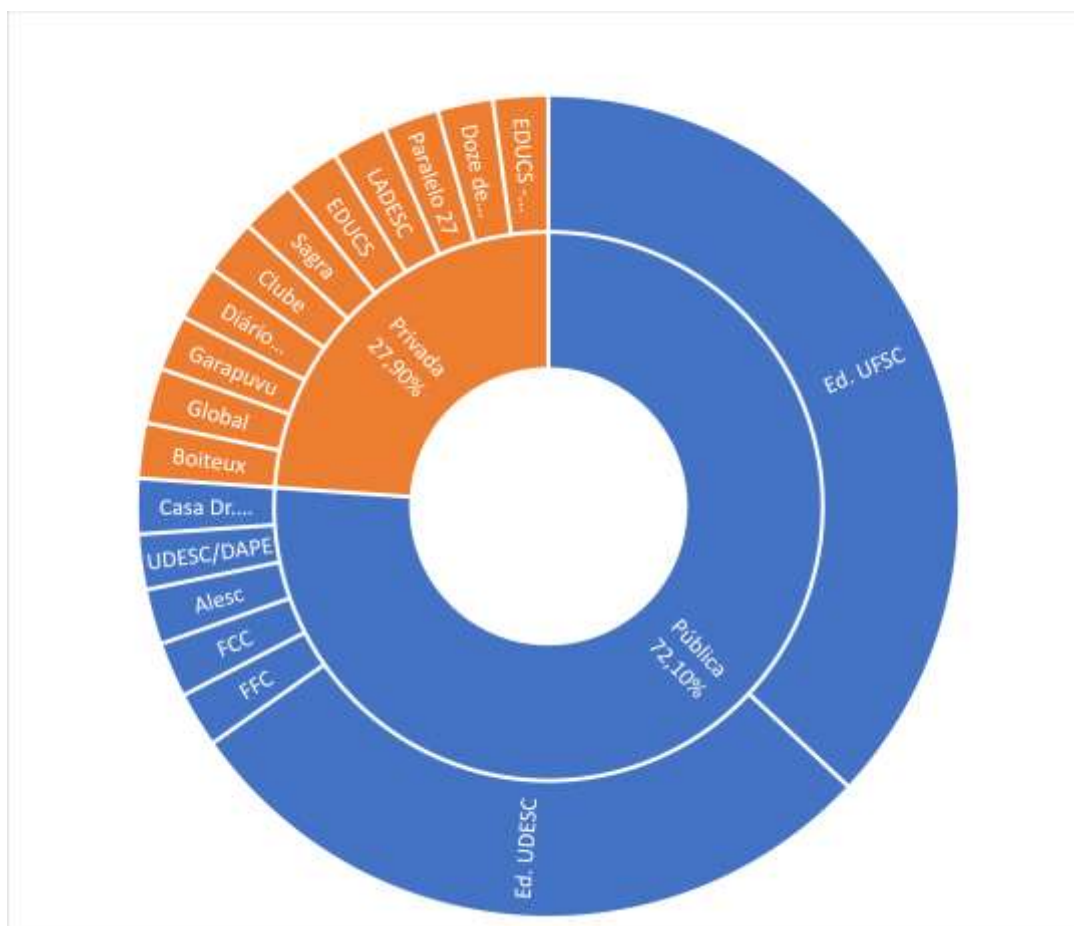
Gráfico 4 - Parcerias da Editora Lunardelli na edição dos livros (1965-2006)



Fonte: Elaboração do autor com base na investigação exposta no apêndice A deste trabalho, 2023.

Destacam-se coedições com as instituições públicas que somam 72,10%, contra 27,90% com instituições privadas. Percebe-se que todas as instituições com interesses privados publicaram apenas um título em coedição. Cleber Teixeira, da editora Noa-Noa, afirmou que Odilon Lunardelli não distribuía os livros, segundo ele, havia suposições do que possivelmente provocava a falta de interesse em distribuir: “Eu acho que é preciso observar bem se é edição sempre da Lunardelli, ou se é Lunardelli com universidade, ou com... esse é que faz com que ele tenha o menor interesse em distribuir. Porque a edição já está paga” (RISTOW, 1984, p. 30). É de conhecimento de todos que havia problema na circulação dos livros catarinenses, Santa Catarina era considerada um estado com poucos atrativos para que os livros fossem consumidos, uma das alternativas para publicar as produções dos autores locais são as agências de fomento, editoras e fundações públicas. Quanto ao aspecto da circulação, de fato os grandes centros do país são mais atraentes às editoras, já em Santa Catarina, as possibilidades de consumo dos impressos são menores. Certamente, os melhores lugares para que os livros sejam destinados são as escolas e bibliotecas, pois as livrarias, mesmo com o aumento da população, tendem a atender um número pequeno de pessoas. Os livros destinados às bibliotecas podem ser ou não lidos, lá serão depositados e possivelmente terão um destino diferente dos depósitos onde os impressos servirão de alimento para insetos e roedores. O gráfico 5 demonstra as coedições da Lunardelli.

Gráfico 5 - Coedições da Lunardelli: relação entre instituições públicas e privadas

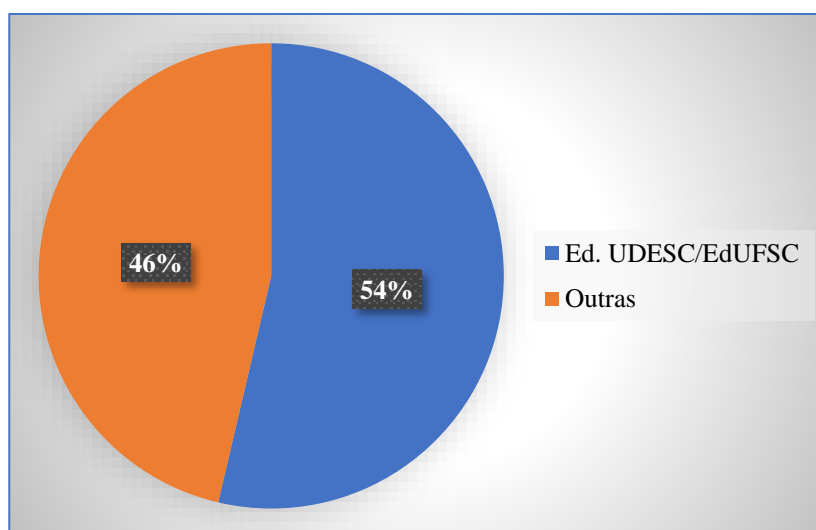


Fonte: Elaboração do autor com base na investigação exposta no apêndice A deste trabalho, 2022.

Dos títulos publicados, 43 (quarenta e três) foram parcerias com editoras e/ou instituições; destes, 05 (cinco) com a UDESC e 17 (dezessete) com a editora da UFSC, chegando a um percentual de 54% (cinquenta e quatro por cento) do total das coedições. Tal proporção pode ser observada no gráfico 6, ou seja, constatam-se as afirmações de Cleber Teixeira sobre as parcerias da Editora Lunardelli, que em sua maioria eram com as universidades públicas de Santa Catarina (UDESC e UFSC). É preciso considerar que a maioria dos intelectuais, artistas e escritores do estado estavam presentes e atuantes nas instituições de ensino.

A seguir, o gráfico 6 apresenta a comparação entre editoras universitárias e outras instituições.

Gráfico 6 - Coedições da Lunardelli: comparação entre editoras universitárias e outras instituições



Fonte: Elaboração do autor com base na investigação exposta no Apêndice A deste trabalho, 2023.

Observando o ano das publicações, os autores e atuação deles, constatam-se nas parcerias da Editora da UDESC: o professor Celestino Sachet, reitor da UDESC entre 1968 e 1974, publicou um livro em 1974; o professor da UDESC, Liberato Manoel Pinheiro Neto, em 1978; Norberto Cândido Silveira Júnior lançou seu livro em 1977 enquanto exercia o cargo de assessor do governador do estado, Antônio Carlos Konder Reis, entre os anos de 1975 e 1979 (ITAJAÍ, 2023); o padre João Leonir Dall'Alba publicou em 1979, no mesmo ano em que João Nicolau Carvalho, parceiro de outras atividades, era reitor da UDESC (CARDOSO, 2018); já Edith Kormann era professora da FURB e publicou no ano de 1978, foi a única autora em que não se percebeu alguma relação com a UDESC ou governo do estado de Santa Catarina. É bom destacar que no ano de 1977 apenas um livro⁴¹ foi lançado pela Editora Lunardelli em parceria com a Ed. UDESC, de Norberto Cândido Silveira Júnior, ou seja, a única produção teve auxílio de uma instituição pública, também é considerável que uma possível crise poderia ter freado a produção da Lunardelli que estava crescendo. Outro ponto, a título de curiosidade, é o fato de a Lunardelli apenas coeditar com a Editora da UDESC na década de 1970.

Nas coedições com a Editora da UFSC as relações eram bem parecidas, publicando juntas de 1979 até 1992, autores eram ligados à universidade, como: Teodoro Rogério Vahl, um dos pioneiros na implantação e criação da UFSC; os professores da UFSC: Dante Martorano, Moacir Pereira, Maria Helena Camargo Regis, Walter Fernando Piazza, Carlos Humberto Correa, Carlos Alberto Silveira Lenz, Holdemar Oliveira de Menezes, Maria

⁴¹ Memórias de um menino pobre: história sem retoque de uma comunidade de agricultores pobres do Sul do Brasil, com algumas ilustrações.

Theresinha Sobierajski Barreto, Salim Miguel – responsável pela editora em alguns anos. Nereu Correa, Tribunal de Contas do estado de Santa Catarina; Iaponan Soares, diretor da FCC em duas ocasiões, além de ter atuado como diretor-geral do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina; Orlando Borges Schroeder, que publicou um livro sobre chás, vinho e sobre a renovação do ensino superior; Luiz Alberto Silveira, médico oncologista.

Quanto às publicações da Editora Lunardelli em parcerias com fundações, foram publicados 03 (três) livros com a FCC: “Senhora do meu Desterro: crônicas”, de Flávio José Cardozo em 1991; “A capitania de Santa Catarina: alguns momentos”, de Paschoal Apóstolo Pítsica, em 1993; “Dicionário de regionalismos da Ilha de Santa Catarina e arredores”, de Ilson Wilmar Rodrigues Filho e Renato Wendhausen, em 1996. Já com a FCC, foram os livros: “As duas mortes de Crispim Mira” em 1992 e “Desterro de meus amores: Contos” em 1993, ambos de Francisco José Pereira; “Imprensa e poder: a comunicação em Santa Catarina”, de Moacir Pereira, em 1992; “Faca cega”, de Marcelo Passamai, em 1993.

Com instituições privadas foram diversas, em número menor que as públicas, porém em uma constituição considerável. As únicas duas publicações em coedição após o falecimento de Odilon Lunardelli foram com as editoras de fundações: Editora da Fundação/Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), de autoria de Cristiana Tramonte⁴² em 2001, e com a Fundação Boiteux, de Rosângela Lunardelli Cavallazzi em 2003⁴³, já na administração de Adriana Lunardelli. O padre João Leonir Dall’Alba publicou dois livros em parceria com a EDUCS e EDUCS com a Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, respectivamente, nos anos de 1986⁴⁴ e 1983⁴⁵. Considerado um dos autores mais emblemáticos em suas produções sobre imigração europeia, o religioso buscava coedições com editoras universitárias para dar a sensação de credibilidade aos seus escritos (CARDOSO, 2018). Flávio José Cardozo trouxe algo diferente com a coedição realizada em 1989 com o Jornal Diário Catarinense, pois Odilon Lunardelli editou até o referido ano o Jornal “A Ponte”, concorrentes, não diretamente, conforme relatou Luiz Lunardelli em entrevista para esta tese (LUNARDELLI, 2022). Ainda, faz-se necessário destacar a parceria com a Liga de Apoio ao Desenvolvimento Social Catarinense (LADESC), Lions Clube, Clube Doze de Agosto/Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), respectivamente, Florentino Carminatti Junior, Zoraida Guimarães, Osvaldo Ferreira de Melo. As outras instituições privadas são a Paralelo 27 em 1995, com o

⁴² Com a bandeira de Oxalá!: trajetória, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na grande Florianópolis.

⁴³ Contestado: espaço do camponês, tempo da propriedade privada.

⁴⁴ Stianni in colônia.

⁴⁵ Imigração italiana em Santa Catarina: documentário.

autor Raul Caldas Filho; a Garapuvu com Francisco José Pereira em 1995; a Global de São Paulo em 1988 com Sergio da Costa Ramos; e a Sagra-D. C. Luzzatto em 1994, com José Curi.

Os autores, títulos, ano de publicação e editoras/instituições parceiras estão demonstrados no quadro a seguir.

Quadro 6 - Coedições - autores, título, editoras/instituições parceiras e ano (continua)

Nº	Autores	Título	Editoras/Instituições parceiras	Ano
1	PEREIRA, Moacir	A imprensa em debate	ALESC	1981
2		Contistas de Blumenau	Casa Dr. Blumenau	1980
3	DALL'ALBA, João Leonir	Laguna antes de 1880: documentário	UDESC/DAPE	1979
4	SACHET, Celestino	Transformações estético-literárias dos anos 20 em Santa Catarina	Ed. UDESC	1974
5	SILVEIRA JÚNIOR, Norberto Cândido	Memórias de um menino pobre: história sem retoque de uma comunidade de agricultores pobres do Sul do Brasil, com algumas ilustrações	Ed. UDESC	1977
6	KORMANN, Edith	Teatro na educação artística: 1º grau	Ed. UDESC	1978
7	PINHEIRO NETO, Liberato Manoel	Iriamar	Ed. UDESC	1978
8	PEREIRA, Moacir	Imprensa: um compromisso com a liberdade	EdUFSC	1979
9	PEREIRA, Moacir. Prefácio de Carlos Castello Branco	Imprensa: um caminho para a liberdade	EdUFSC	1980
10	VAHL, Teodoro Rogério	O acesso ao ensino superior no Brasil	EdUFSC	1980
11	MARTORANO, Dante	Temas catarinenses	EdUFSC	1982
12	REGIS, Maria Helena Camargo	Manual de comunicação poética	EdUFSC	1982
13	BARRETO, Maria Theresinha Sobierajski. Prefácio de Maria Luiza Marcílio	Poloneses em Santa Catarina: a colonização do Alto Vale do Rio Tijucas	EdUFSC	1983
14	CORREA, Nereu	A palavra: (a arte da conversação e da oratória)	EdUFSC	1983
15	LENZI, Carlos Alberto Silveira	Partidos e políticos de Santa Catarina	EdUFSC	1983

(continuação)

Nº	Autores	Título	Editoras/Instituições parceiras	Ano
16	MENEZES, Holdemar	A vida vivida: crônicas	EdUFSC	1983
17	PIAZZA, Walter Fernando	Santa Catarina sua história	EdUFSC	1983
18	CORREA, Nereu	Perfis e retratos em vários tons: in memoriam	EdUFSC	1986
19	MIGUEL, Salim	O castelo de Frankenstein: anotações sobre autores e livros	EdUFSC	1986
20	SCHROEDER, Orlando Borges	Iniciação ao vinho	EdUFSC	1987
21	SILVEIRA, Luiz Alberto	Câncer: o que você precisa saber	EdUFSC	1987
22	CORREA, Carlos Humberto	Militares e civis num governo sem rumo: o governo provisório revolucionário de Desterro 1893-1894.	EdUFSC	1990
23	MIGUEL, Salim	O castelo de Frankenstein: anotações sobre autores e livros v. 2	EdUFSC	1990
24	MIGUEL, Salim; SOARES, Iaponan	Holdemar Menezes: literatura e resistência	EdUFSC	1992
25	PEREIRA, Francisco José	As duas mortes de Crispim Mira	FCC	1992
26	PEREIRA, Moacir	Imprensa e poder: a comunicação em Santa Catarina	FCC	1992
27	PASSAMAI, Marcelo	Faca cega	FCC	1993
28	PEREIRA, Francisco José	Desterro de meus amores: Contos	FCC	1993
29	CAVALLAZZI, Rosângela Lunardelli	Contestado: espaço do camponês, tempo da propriedade privada	Fundação Boiteux	2003
30	CARDOZO, Flávio José	Senhora do meu Desterro: crônicas	FFC	1991
31	PÍTSICA, Paschoal Apóstolo	A capitania de Santa Catarina: alguns momentos	FFC	1993
32	RODRIGUES FILHO, Iلسon Wilmar; WENDHAUSEN, Renato	Dicionário de regionalismos da Ilha de Santa Catarina e arredores	FFC	1996
33	PEREIRA, Francisco José	O voo da morte	Garapuvu	1995
34	RAMOS, Sergio da Costa	A emulsão de Olysses	Global/SP	1988
35	CARMINATTI JUNIOR, Florentino	Sol de sal	LADESC	1983

(continuação)

(conclusão)

Nº	Autores	Título	Editoras/Instituições parceiras	Ano
36	GUIMARAES, Zoraida	A dança da vida	Lions Clube	1983
37	CALDAS FILHO, Raul	Oh! Que delícia de Ilha de Santa Catarina	Paralelo 27	1995
38	CURI, José	Curso de Espanhol para brasileiros	Sagra-D.C. Luzzatto	1994
39	MELO, Osvaldo Ferreira de	História sócio-cultural de Florianópolis	Clube Doze de Agosto/IHGSC	1991
40	CARDOZO, Flávio José	Tiroteio depois do filme	Diário Catarinense	1989
41	TRAMONTE, Cristiana	Com a bandeira de Oxalá!: trajetória, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na grande Florianópolis	Ed. Univali	2001
42	DALL'ALBA, João Leonir	Stianni in colônia	EDUCS	1986
43	DALL'ALBA, João Leonir	Imigração italiana em Santa Catarina: documentário.	EDUCS; Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes	1983

Fonte: Elaboração do autor com base na investigação exposta no Apêndice A deste trabalho, 2023.

Entre parcerias, livros, conversas e amigos surgiram diversos impressos e, ao se verificar as características dos livros localizados, conforme Apêndice A deste trabalho, obtêm-se alguns dados interessantes sobre a atuação da editora e de seu idealizador, Odilon Lunardelli. A grande maioria dos livros foi escrita por autores catarinenses e/ou os seus conteúdos têm por temática aspectos ligados ao estado de Santa Catarina: História, Geografia, Literatura, Biologia, entre outros. Foi possível identificar 37 (trinta e sete) assuntos de acordo com a Classificação Decimal Universal (CDU) e a Classificação Decimal de Dewey (CDD) em 214 (duzentos e catorze) livros e 08 (oito) títulos sem identificação/classificação, mostrando assim, uma preocupação em ter os livros registrados corretamente, possivelmente provocada pela obrigação do depósito legal na Biblioteca Nacional, bem como considerando os anos, têm-se 1971 e 1973, início das operações editoriais da Lunardelli.

Sobre as temáticas mais abordadas nos livros, têm-se Literatura Catarinense com 102 (cento e dois) livros publicados pela Editora Lunardelli. Vale ressaltar que foram encontrados mais 05 (cinco) livros de literatura, 04 (quatro) de ensaio, 02 (dois) de leitura, 5 (cinco) infantis e 01 (um) de folclore; somados, obtêm-se 109 (cento e nove) publicações na grande área de classificação de Literatura. Outro amplo campo temático é a História, que teve 33 (trinta e três) publicações, dividida entre História de Santa Catarina com 23 (vinte e três) somente História

com 02 (dois) livros e 08 (oito) sobre migração internacional e colonização. Portanto, observa-se como característica do livreiro-editor Odilon Lunardelli a “catarinidade” definida por Sachet (2022). Pode-se considerar que o trabalho Odilon Lunardelli como editor foi de valorizar os autores locais, porém, deve-se compreender que ele estava ancorado na sua rede de sociabilidade formada por escritores catarinenses sem ligado às instituições de prestígio intelectual e cultural, o que também pode ser uma estratégia para obter escritos de qualidade, pois estas instituições, de certa forma, legitimam seus integrantes.

Neste segmento, verifica-se que foram publicados 12 (doze) livros de Educação, também, foram 12 (doze) títulos sobre Direito e Constituição e 07 (sete) sobre Jornalismo e Comunicação. Tal quantidade pode ser relacionada com os autores de circulação na editora, a maioria deles era ligada à Educação, docentes das mais diversas áreas. Fato a considerar é que a Livraria Lunardelli, inicialmente, se chamava Livraria Universitária, dando, assim, indícios da sua proximidade com a área educacional, que estava em franca expansão. Ainda, sobre os dados das classificações dos livros publicados, têm-se as seguintes informações, conforme o quadro (7) demonstrativo da classificação dos títulos publicados, em números e porcentagens.

Quadro 7 - Classificação dos títulos publicados, em números e porcentagens (continua)

Nº	%	Classificação	Nº	%	Classificação
102	44,93	Literatura catarinense	2	0,88	Transportes
23	10,13	História de Santa Catarina	1	0,44	Agricultura
12	5,29	Direito e Constituição	1	0,44	Assuntos militares
12	5,29	Educação	1	0,44	Cidadania
8	3,52	Migração internacional e colonização	1	0,44	Comunidades urbanas
8	3,52	Sem Classificação	1	0,44	Costumes gerais
7	3,08	Jornalismo e Comunicação	1	0,44	Cultura conhecimentos gerais
5	2,20	Infantil	1	0,44	Dicionário
5	2,20	Literatura	1	0,44	Ecologia
4	1,76	Ensaio	1	0,44	Ensino de espanhol
4	1,76	Livros em blocos	1	0,44	Folclore
3	1,32	Língua Portuguesa	1	0,44	Geografia física
2	0,88	Documentário	1	0,44	Maçonaria
2	0,88	Enfermidades, diversas doenças transmissíveis	1	0,44	Narrativas de viagens
2	0,88	História	1	0,44	Oratória
2	0,88	Leitura	1	0,44	Paisagismo
2	0,88	Química	1	0,44	Partidos e movimentos políticos
2	0,88	Religião	1	0,44	Política econômica

(conclusão)

Nº	%	Classificação	Nº	%	Classificação
2	0,88	Situação econômica	1	0,44	Problemas e serviços de bem-estar social

Fonte: Elaboração do autor com base na investigação exposta no Apêndice A deste trabalho, 2023.

A primeira preocupação que um empresário-editor deve ter é definir um programa e uma política editorial. O “maior defeito” que uma editora pode apresentar é não ter uma política editorial, consolidada ou não, mas necessita de uma direção, para não “patinar” sempre no nada, fazendo de tudo um pouco e andar ao acaso (BRAGANÇA, 2001, p. 22). Segundo Escarpit, o ato de edição reveste-se de uma tripla função composta por: escolher, fabricar, distribuir, sendo que “estas são três operações solidárias, e cada uma delas depende das outras, ao mesmo tempo que as condiciona” (ESCARPIT, 1969, p. 106-107 *apud* BRAGANÇA, 2001, p. 22-23).

E as decisões, dependendo da complexidade ou simplicidade da empresa, individual, limitada ou sociedade anônima, definem se podem ser tomadas solitariamente ou não. Atualmente, nas grandes empresas, que visam à maior lucratividade possível e disponibilidade de capitais, as decisões editoriais acontecem de forma complexa e hierarquizada na sua atuação, com instâncias para avaliação e triagem dos originais. Assim, é preciso descartar grande parte dos originais recebidos e considerados inadmissíveis, seja em função da política editorial ou por outros motivos. Em muitos casos, um editor, sem possibilidades nem necessidade de criar um aparato burocrático como uma comissão científica, pode ser socorrido informalmente por pessoas amigas ou conhecidas, próximas às áreas dos originais, tentando aumentar sua segurança durante as escolhas que faz (BRAGANÇA, 2001). Como é o caso da Livraria-Editora Lunardelli, que fazia uso da sociabilidade constituída por seu proprietário.

Algumas poucas vezes, recebi originais de livros ‘para ser o primeiro leitor’. Claro que não se tratava de um parecer técnico sobre as qualidades mercadológicas do trabalho. Ao editor, só importava uma análise sobre as qualidades estéticas do texto, enquanto ‘literatura catarinense’ (SACHET, 1999, p. 31).

“O trabalho do editor, entretanto, não tem apenas esta dimensão – passiva, até certo ponto – de acolher, analisar, selecionar, recusar e aceitar originais para, a partir deles, criar livros. É muitas vezes ao editor que se deve a responsabilidade pela ideia do livro [...]” que almeja publicar. “Nesses casos, o editor sai em busca de alguém que [...] possa escrever, e quando encontra, cria também, além do livro ou coleção, um autor ou autora” (BRAGANÇA, 2001, p. 24). Propondo temas e desenhando o produto que necessita para saciar as carências de

seu público, Odilon Lunardelli, não muito distante, em diversas vezes, pode ter determinado o título ou dado a ideia, o único caso que se conhece é o de Celestino Sachet, ao escrever a terceira edição do livro *História de Santa Catarina*, continuando a coleção iniciada por Oswaldo Rodrigues Cabral (SACHET, 1999). “O editor que deseja prestar um bom serviço, tanto de interesse público como para o lucro da empresa, sai em busca de originais” (SMITH JUNIOR, 1990, p. 54 *apud* BRAGANÇA, 2001, p. 24), ao notar onde há uma possível necessidade e logo um mercado, assim busca conseguir estimular, encorajar e orientar os escritores.

O primeiro enfrentamento a que deve submeter-se o editor na avaliação de um original para publicação será diante do binômio qualidade-mercado. É aí que se colocam questões cruciais da sua atividade, já que, nesse momento, poucos serão os originais destituídos completamente de qualidade e de público, ou mesmo de qualquer um dos dois. Talvez mais raros ainda serão os originais – sonho de todo editor – de qualidade inquestionável e com um mercado potencial seguro. As dificuldades se colocam nos pontos que vão de um extremo ao outro, onde há, às vezes, um excelente original com um mercado insuficiente, ou o inverso, um mercado promissor para um título de qualidade sofrível, em combinações que justifiquem a possibilidade e a necessidade de publicação (BRAGANÇA, 2001, p. 24).

O editor precisa colocar-se como representante de um público potencial – às vezes já refletido pelo autor. Além do uso de seus critérios pessoais sobre a qualidade do original, o editor necessita pensar no “[...] interesse que pode supor existir do público pela obra, acaso lançada, será de tal nível que o leve a comprá-la, e a que preço? Ou, na sua avaliação – e talvez também do autor –, o livro deve ser lido, mas o interesse do público terá que ser despertado? Como?” (BRAGANÇA, 2001, p. 24-25, grifos do autor). Nesse período, “[...] é exigida do editor toda a sua criatividade para superar eventuais dificuldades que se colocam entre seu interesse de publicar o original e uma avaliação preliminar negativa sobre as possibilidades de êxito desse livro”. Em síntese, “[...] algumas dessas dificuldades, situando-as numa empresa com uma organização complexa, onde vários departamentos são ouvidos e dão contribuições ao editor” (BRAGANÇA, 2001, p. 25), o que de fato não era um *modus operandi* que ocorria explicitamente na Livraria-Editora Lunardelli.

Se o departamento de produção avalia o custo de impressão de um original, e o departamento de vendas afirma então que o preço de venda necessário em função desse custo seria alto demais para o público, o editor pode ficar menos seguro de que o original seja publicável do que antes de conhecer estes julgamentos econômicos. Ou – examinando de outro ângulo – o editor pode temer que um excitante original seja inviável em termos práticos até o departamento de produção encontrar um meio prático de dar-lhe forma material por um preço inesperadamente baixo: ou até o departamento de vendas descobrir um novo método de vendas capaz de atingir um grande mercado (BRAGANÇA, 2001, p. 25).

De certa maneira, Odilon Lunardelli tentava baratear os preços dos livros por meio de corte de custos e/ou procurando os fornecedores mais em conta, como a tipografia/gráfica impressora dos livros (GHIGGI, 2022). Pois, como interpreta Bragança (2001, p. 25), necessita-se de uma “[...] dupla interrogação que se deve fazer a propósito de qualquer lançamento: o livro é bom? o livro é vendável? toda resposta será sempre uma hipótese. É o risco do editor”. Contudo, “[...] colocado entre as propostas feitas pelos autores e as exigências e os interesses do público, resta ao editor reduzir esse risco e sair do ‘papel passivo de conciliador’ e ‘tentar agir sobre os autores em nome do público e sobre o público em nome dos autores’ [...]”, na busca por um procedimento de consiga regular uns pelos outros (BRAGANÇA, 2001, p. 25).

Entretanto, segundo Unseld (1986, p. 31), há editores para quem “a cultura deve democratizar-se e nela vê(em) um meio de humanizar a vida cotidiana” e buscando assim editar “livros suscetíveis de reforçarem tudo o que pode e deve ser, tudo o que é fator de progresso, estando, portanto, em oposição ao que já existe e como tal se afirma”, o que forçosamente os desvia dos *best-sellers* e os leva a colocar-se “ao lado da vanguarda ou pelo menos ao lado de uma minoria”. E, desta forma, o mais admirável na missão do editor é propor ao público novos valores os quais não sentiam a necessidade de os desejar e, assim, ler os livros que publica. “É nesse núcleo do trabalho do empresário-editor que se concentram, além de suas maiores potencialidades e riscos, as mais severas críticas que recebe. [...] o editor ocupa uma ‘posição social’ e que seu trabalho tem ‘uma função pública’ [...]” (BRAGANÇA, 2001, p. 26). Moles (1974, p. 194) cita uma estatística que apontava, na década de 1960, estes dados: “Em um país de 200 milhões de habitantes, 50.000 manuscritos são escritos a cada ano, dos quais 5.000 são editados, 500 têm sucesso, 50 dão dinheiro e 5 desempenharão o papel de *best-sellers*.”

Outro ponto a destacar é a necessidade de o editor ter conhecimentos jurídicos, “certo aparelhamento jurídico é quase indispensável – competência para lavrar contratos – algum conhecimento dos direitos de propriedade literária”, ao que adiciona, com um sutil toque de ironia, “certo conhecimento das disposições legais sobre a difamação” (UNWIN, s/d, p. 217 *apud* BRAGANÇA, 2001, p. 27). Ao que tudo indica, a Livraria-Editora Lunardelli nunca teve processos em vias jurídicas (LUNARDELLI, L., 2022). Já a respeito de contratos, não foram localizados os documentos jurídicos estabelecidos com escritores, fornecedores, entre outros envolvidos no ramo livreiro, que ajudariam muito na análise da atuação da Livraria-Editora Lunardelli e de seu proprietário enquanto livreiro-editor.

Não se pode abandonar os autores, que são parcerias de extrema necessidade para que os impressos sejam produzidos. E, em sua maioria, os autores dos livros da Lunardelli são nascidos e/ou moradores de Santa Catarina. Entretanto, três títulos não apresentam nome de

autores, o que remete à possibilidade de terem sido organizados pela editora, sem a identificação deles, visto que era uma prática quase que frequente em momentos em que os direitos autorais não são tão valorizados e efetivados, assim como os códigos de normatização e organização são recentes, da década de 1980, chegando ao Brasil nos anos posteriores, como já apontava Hallewell (1985). Os títulos editados por Lunardelli contaram com 131 (cento e trinta e um) autores diferentes, em obras conjuntas ou individuais, dos quais se destacam, como maiores produtores de títulos em números, Urda Alice Klueger, com 10 (dez) livros de Literatura; Flávio Cardozo e Moacir Pereira, com 08 (oito) ligados, respectivamente, à literatura e comunicação; e Walter Fernando Piazza, com 09 (nove) sobre História (este último autor com três títulos idênticos, mas com destinos diferentes – Santa Catarina, história da gente: 2º grau e pré-vestibular).

Voltando à questão dos custos da produção e circulação dos livros, percebe-se que a materialidade dos impressos está diretamente ligada à redução de despesas e preços praticados nas livrarias, bem como também está relacionada ao alcance ambicionado pelo autor e editor. Para Bragança (2001, p. 30),

pode ser uma obra famosa que será destinada especialmente ao circuito popular da imprensa periódica: livrarias de rodoviárias e aeroportos, supermercados, bancas de jornais etc. A tiragem terá de ser maior e sua apresentação material vistosa, mesmo que sem muita qualidade editorial e gráfica, para reduzir custos e preços.

Os livros consultados da Editora Lunardelli apresentam capas com autoria referida a “Estúdios Lunardelli” e muitas ilustrações ao Orlandivo Nocetti Júnior. Cabe aqui destacar umas percepções ao manusear os livros: as capas não são atraentes; o papel nem sempre é de boa qualidade, pouco resistente ao tempo⁴⁶; na sua maioria em formato 14 x 21 cm e com mais ou menos duzentas páginas, o que pode ser observado e constatado no Apêndice C. No entanto, foram muitos livros editados nos diversos anos de atuação da livraria-editora, como se pode constatar na tabela 3 a seguir.

⁴⁶ A título de informação, a questão da materialidade dos impressos publicados pela Editora Lunardelli será objeto de análise em uma outra produção. Também, as percepções aqui destacadas pelo autor da tese são frutos de seus conhecimentos derivados das áreas de concentração e habilitações em Arquivologia e Museologia dentro da graduação em História.

Tabela 3 - Porcentagem de livros publicados por ano

Ano	Quantidade	%	Ano	Quantidade	%	Ano	Quantidade	%
1970	4	1,76	1983	16	7,05	1995	8	3,52
1971	2	0,88	1984	3	1,32	1996	2	0,88
1973	3	1,32	1985	9	3,96	1997	1	0,44
1974	2	0,88	1986	15	6,61	1998	1	0,44
1975	3	1,32	1987	14	6,17	1999	2	0,88
1976	3	1,32	1988	9	3,96	2000	2	0,88
1977	1	0,44	1989	9	3,96	2001	5	2,20
1978	9	3,96	1990	8	3,52	2002	2	0,88
1979	16	7,05	1991	6	2,64	2003	3	1,32
1980	15	6,61	1992	11	4,85	2004	2	0,88
1981	3	1,32	1993	6	2,64	Sem ano	20	8,81
1982	10	4,41	1994	2	0,88			

Fonte: Elaboração do autor com base na investigação exposta no Apêndice A deste trabalho, 2023.

Para circular tantos livros, era necessária uma rede de livrarias, porém, possivelmente, Odilon Lunardelli não permitia que qualquer livraria ou banca vendesse seus livros, como foi amplamente comentado pelos presentes ao debate promovidos por Ristow (1984). E a oferta de locais para vender ia crescendo e se modificando a cada período e contexto. Em um determinado momento, a Livraria Lunardelli foi perdendo espaço para outras livrarias atuantes na cidade de Florianópolis – já citadas anteriormente neste texto. Entretanto, observa-se o surgimento de uma nova concorrente em 1988. Com o conceito de vender exemplares usados e novos, a “Livros & Livros”⁴⁷ emerge do desejo profissional de Daniel Mayer, que possuía um vasto conhecimento do mercado livreiro, por atuar em livrarias nos estados de Santa Catarina e Paraná.

A Livros & Livros foi instalada na rua Deodoro, nº 13, bem no centro da capital e com estoque de livros usados do acervo de seu proprietário e de exemplares novos, consignados por três editoras e duas distribuidoras. No final dos anos de 1990 um posto de venda foi inaugurado na UFSC (MACHADO, 2009). Adquirindo características locais, a Livros & Livros foi se tornando “[...] uma livraria tradicional, de médio porte, com um estoque rigorosamente selecionado nas áreas de ciências humanas e literatura, seção especializada em literatura e história catarinense” (MACHADO, 2009, p. 239). E, tomando cada vez mais o espaço antes ocupado pela Livraria-Editora Lunardelli, pois conforme ia sendo conceituada, a Livraria Livros & Livros foi sendo “[...] prestigiada por jornalistas e escritores da terra, servindo de ponto de encontro de intelectuais como Salim Miguel, Iaponan Soares, Adolfo Boos, Flávio José Cardoso, Cléber Teixeira” (MACHADO, 2009, p. 239-240).

⁴⁷ Explicação para o nome é a seguinte: Livros (novos) & Livros (usados) (MACHADO, 2009).

Com a aceitação popular e o aumento dos fregueses, a falta de espaço começou a se tornar dramática. Foi então que surgiu uma excelente oportunidade, com o fechamento da M Livros, localizada na rua Jerônimo Coelho, 215. A Livros & Livros adquiriu o espaço, amplo, com 300 m², três entradas, sobreloja e mezanino. A nova loja foi inaugurada no final de 1999, com diagramação moderna, um eficiente sistema de iluminação, acolhendo um estoque de cerca de vinte mil volumes. Ficaram mais agradáveis as festas de lançamentos e as noites de autógrafos de livros & livros (MACHADO, 2009, p. 240).

Atendendo aos novos consumidores e às demandas do mercado, a Livraria Livros & Livros foi abrangendo anseios, antigos e recentes, e adaptando-se ao contexto no qual estava inserida, sendo capaz de levar adiante parte do legado da Livraria Lunardelli e de suas concorrentes, atuando apenas como livraria e não como editora. Porém, deve-se destacar a capacidade da Livraria-Editora Lunardelli e de seu idealizador e proprietário, Odilon Lunardelli, de reunir num só ambiente a produção e circulação de livros, jornais e de uma rede de sociabilidade ligada ao meio intelectual e cultural de Santa Catarina.

4 JORNAL “A PONTE”: VAI UM CAFEZINHO [...] CONVERSAS E IMPRESSOS

*Enquanto os outros pensam no que podem ganhar, um verdadeiro rei pensa no que ele pode dar.
Um dia, o sol vai se pôr no meu tempo aqui, e se levantará com você como o novo rei.
Você deve ocupar o seu lugar no ciclo da vida (Filme - O Rei Leão).*

Na tessitura deste trabalho, além da ideia de trajetória, há um fio condutor que permeia este estudo desde o início: a “sociabilidade”, categoria que se desdobra na perspectiva de redes de sociabilidade. Nesta investigação, a manifestação da sociabilidade nos trabalhos historiográficos assume a noção do historiador francês Maurice Agulho, que utilizou em seu trabalho de tese, pela primeira vez, o termo **sociabilidade**. Schütz (2020, p. 29) destaca: “O termo é usado por Agulhon como uma tentativa de explicar a relativa facilidade e precocidade com a qual os camponeses da região se tornaram republicanos, ou seja, como eles se tornaram agentes contestadores e inovadores politicamente”. Ainda a mesma autoria afirma:

Sendo assim, a sociabilidade é uma categoria descritiva, que serve para designar uma atitude dos indivíduos ao vivenciarem relações públicas; mas que não implica, necessariamente, que haja entre as pessoas envolvidas nessas ‘redes de sociabilidade’ uma ligação em forma de associações organizadas, como as corporações e instituições. Como uma definição mais generalizante, que não se refere a um contexto específico, o termo sociabilidade é passível de ser aplicado a fenômenos observados em diferentes tempos e espaços — claro, sempre explicitando com rigor as construções que a noção envolve (SCHÜTZ, 2020, p. 29).

Retomando, Agulhon (1987, p. 57) amplia o entendimento ao dizer que “[...] as coisas não se reduzem a compadrios, companheirismos e máfia de antigos [...] embora não se possa dizer que não existem”. A sociabilidade refere-se a relações com os indivíduos num mesmo lugar e que constituem grupos a partir das suas forças, relativamente incertas em ambientes como a família, os cafés, as lojas maçônicas, os agrupamentos políticos etc. (AGULHON; BODIGUEL, 1981). Esses grupos informais complementam as associações formais e desenvolvem principalmente a área profissional de seus participantes. Neste raciocínio, a Editora Lunardelli tem diversas publicações de indivíduos ligados a instituições públicas e/ou em parceria com editoras públicas, isso corrobora a ideia de que a sociabilidade exercida por Odilon Lunardelli tenha de fato alcances maiores do que os horizontes já percorridos pela sua Livraria-Editora. O espaço da Lunardelli congregava intelectuais dessas instituições, de Florianópolis e de toda Santa Catarina, em casos mais isolados, até de outros estados da federação. Nas palavras de Buss (1999a, p. 07), Odilon Lunardelli foi um pioneiro enquanto editor, na década de 1970 “contribuiu de maneira fundamental para que se criasse o conceito de literatura catarinense”. A presença de Alcides Buss com depoimentos no livro sobre Odilon

Lunardelli dá indícios da ligação entre o livreiro-editor e os escritores, como Odilon Lunardelli fazia parte nos projetos desses escritores, dos lugares em comum por onde transitavam entre si. No quadro 8 é possível observar o nome de todos os autores, autoras e entidades coletivas que estavam diretamente ligados ao mundo da publicação dos livros da Editora Lunardelli, isto em diferentes atividades na produção do livro, como escrever, ilustrar, imprimir etc.

Quadro 8 - Autores e entidades dos livros editados pela Lunardelli (continua)

	Autores por ordem alfabética		Autores por ordem alfabética
1	Academia São José de Letras	73	MARCÍLIO, Maria Luiza (Prefácio)
2	ACHARD, José Pedro	74	MARCONDES DE MATOS, Fernando
3	AMORIM, Luiz Carlos	75	MARQUES, Ana Maria
4	ATHAYDE, Abília Maciel de	76	MARTORANO, Dante
5	AZEVEDO, Elói Gonçalves de	77	MEIRINHO, Jali
6	BARRETO NETO, Alexandrino	78	MELO, Osvaldo Ferreira de
7	BARRETO, Maria Theresinha Sobierajski	79	MENDES, Luis Antonio Martins
8	BARTOLOMEU, Lázaro	80	MENEZES, Holdemar
9	BASTOS, Elidia S.	81	MEYER FILHO
10	BAYER, Ernani (Prefácio)	82	MIGUEL, Salim
11	BERGER, Paulo (Org.)	83	MIRA, Marly A. Fortes Bustamante
12	BITTENCOURT, Valmy	84	NASCIMENTO, Odir
13	BOPPRÉ, Maria Regina	85	NASPOLINI, Stela
14	BRASIL -Tribunal Regional do Trabalho	86	PASOLD, César
15	BUSS, Alcides	87	PASSAMAI, Marcelo
16	CABRAL, Oswaldo Rodrigues	88	PAULI, Evaldo
17	CALDAS FILHO, Raul	89	PEDRO, Albertina Moreira
18	CALDAS, Cândido	90	PEREIRA, Francisco José
19	CALDEIRA, Almiro	91	PEREIRA, Moacir
20	CAMPOS, Bernardino de Senna	92	PEREIRA, Nereu do Vale
21	CAMPOS, Custódio de	93	PIAZZA, Walter Fernando
22	CAPELLA, Ayrton	94	PINHEIRO NETO, Liberato Manoel
23	CARDOZO, Flávio José	95	PÍTSICA, Paschoal Apóstolo
24	CARDOZO, Flávio José	96	PRATES, Arlene Maria Maykot
25	Carlos Castello Branco (Prefácio)	97	RAMOS, Mila
26	CARMINATTI JUNIOR, Florentino	98	RAMOS, Sergio da Costa
27	CARVALHO, João Nicolau de	99	REGIS, Maria Helena Camargo
28	CARVALHO, Saulo Varella de	100	REHFELDT, Klaus H. G.
29	CASAGRANDE, Arai Ana	101	REIS, Ademir
30	CAVALLAZZI, Rosângela Lunardelli	102	REIS, Sara Regina Poyares dos

(continuação)

	Autores por ordem alfabética		Autores por ordem alfabética
31	CIRINO, Argus	103	REITZ, Raulino
32	COELHO, Maria da Graça	104	RIBAS JÚNIOR, Salomão
33	CONCEIÇÃO, Eleutério Nicolau	105	RIBEIRO, Celso Rogério Alves
34	CORREA, Carlos Humberto	106	RODRIGUES FILHO, Ilson Wilmar
35	CORRÊA, Glauco Rodrigues	107	ROSA, José Edu
36	CORREA, Nereu	108	SACHET, Celestino
37	COSTA, Licurgo Ramos da	109	SANTA CATARINA. Const. 1989
38	COSTA, Márcio C.	110	SANTOS, Roselys Izabel Correa
39	COSTA, Nilton Severo da	111	SÃO THIAGO, Arnaldo Claro de
40	CUNEO, Leocádio	112	SASSE, Marita Deeke
41	CURI, José	113	SCHLICHTING, Arno Melo
42	D'AVILA, Jandira	114	SCHROEDER, Orlando Borges
43	DALL'ALBA, João Leonir	115	SECCO, Celestino Roque
44	DELLAGIUSTINA, Osvaldo	116	SEGANFREDO, Clea Ana
45	DELLAGNELLO, José Aleixo	117	SILVA, Cacildo
46	FERNANDES, Jayne	118	SILVA, Jaldyr Bhering Faustino da
47	FERREIRA, Edda Arzúa	119	SILVEIRA JÚNIOR, Norberto Cândido
48	FOSSARI, Domingos	120	SILVEIRA, Luiz Alberto
49	FURTADO FILHO, Dorvalino	121	SIMÕES, Aldírrio
50	GODINHO, Egas (pseud.) Oswaldo Rodrigues Cabral	122	SOARES, Iaponan
51	GOMES, Manoel	123	SOUSA, Abelardo
52	GONÇALVES, José	124	SOUSA, Rogério Luiz de
53	GUIMARÃES, Zoraida Hostermann	125	SOUZA, Claudio Bersi de
54	HAMMS, Jair Francisco	126	SOUZA, Silveira de
55	HÜBENER, Laura Machado	127	SOUZA, Silveira de
56	JUNKES, Lauro	128	SOUZA, Vilmar de
57	KLEIN, Roberto Miguel	129	TAMBOSI, Leonilla da Silva
58	KLUEGER, Urda Alice	130	TERTSCHITSCH, Circe Gama d'Eça
59	KONDER REIS, Marcos	131	THOME, Nilson
60	KORMANN, Edith	132	TRAMONTE, Cristiana
61	KRIEGER, Maria de Lourdes	133	VAHL, Teodoro Rogério
62	LAGNI, Delia Terezinha	134	VÁRZEA, Virgílio
63	LAGO, Paulo Fernando	135	VASCONCELLOS, A. Sanford de
64	LAUS, Harry	136	VIEIRA, Emanuel Medeiros
65	LAUS, Lausimar	137	VIEIRA, Francisco Xavier Medeiros
66	LEITE, Mara de Fátima	138	VIEIRA, João Alfredo Medeiros
67	LENZI, Carlos Alberto Silveira	139	VIZZOLTO, Salete Maria
68	LINS, Hoyêdo Gouvêa	140	WENDHAUSEN, Renato
69	LOMBARDI, Ivete	141	WOSGRAUS, Ivone Ferraz

(conclusão)

	Autores por ordem alfabética		Autores por ordem alfabética
70	MACHADO, Manoel Venâncio	142	ZIGELLI, Adolfo
71	MADEIRA, Ademar Americo	143	ZUMBLICK, Willy (ilustrações)
72	MANZOLLI, Judite Irene		

Fonte: Elaborado pelo autor com base no Apêndice A deste trabalho (2023).

No rol, constata-se que eram muitos profissionais envolvidos, num total de 142 (cento e quarenta e dois) escritores e ilustradores dos 227 (duzentos e vinte e sete) títulos lançados pela Editora Lunardelli. De quase uma centena e meia, provavelmente a metade frequentava ou passou por mais de uma vez pela caverna do leão, lógico que alguns podem nem ter passado pelos bate-papos no escritório da Lunardelli, mas talvez aqueles que tiveram a oportunidade vivenciaram grandes conversas para tratar da edição dos livros. Deve-se considerar que nem todos os nomes da lista eram amigos ou mais chegados de Odilon Lunardelli, possivelmente faziam parte da rede de sociabilidade do proprietário da livraria-editora. Os documentos consultados permitem apontar a certeza de uma amizade mais estreita entre o editor e os autores com mais publicações. Afinal, era preciso mobilizar uma sociabilidade para conseguir lançar um impresso, os gastos eram altos, o emprenho laborativo era maior ainda. Para além deste modo Odilon, este livreiro-editor lançou mão de uma estratégia divulgadora ao criar e colocar em circulação na mídia impressa o Jornal “A Ponte”.

O Jornal “A Ponte” foi editado pela Lunardelli entre os anos de 1979 e 1989, com 391 (trezentos e noventa e um) exemplares e está disponível à pesquisa, salvaguardado no acervo da BPSC na forma impressa e mais recentemente por meio da hemeroteca da biblioteca. Apresentam-se, na figura 6, imagens deste periódico.

Figura 6 - Imagens das encadernações do Jornal “A Ponte”



Fonte: Acervo do autor, 2020.

Parte-se do pressuposto de que o Jornal “A Ponte” é uma das estratégias do engenho da rede de sociabilidade de Odilon Lunardelli, por isso foi uma das primeiras fontes consultadas na realização da pesquisa em tela. No que se refere ao meio digital, teve-se acesso em dezembro de 2020. Segundo Lunardelli, L. (2022), as autorizações para veiculação do Jornal “A Ponte” no *site* da Hemeroteca foram assinadas por ele há uns cinco anos. De acordo com Athanázio (1999, p. 33), Odilon Lunardelli já conhecia a função de editor jornalístico.

Conheci Odilon Lunardelli na época em que coordenava a página literária do Jornal Tribuna da Fronteira, de propriedade do seu amigo professor Antônio Dias da cidade de Mafra. Mais no intuito de divulgar de que criticar, passei a escrever sobre os livros que se publicavam no estado e tudo que ocorria em nossas letras que chegassem ao meu conhecimento. Não tardei a receber pacotes e pacotes de livros, enviados pela Editora Lunardelli, contendo suas publicações. E assim, à medida que chegavam, fui comentando praticamente tudo o que ela lançou no período, em artigos específicos ou em notas esparsas, atividade que se prolongou por muitos anos (ATHANÁZIO, 1999, p. 33).

No estudo empreendido não foi possível obter a confirmação de que Odilon já tinha sido editor jornalístico. Portanto, considera-se apenas como uma afirmação isolada de um depoimento da sua rede de amigos. Se havia essa experiência, certamente ela ajudou na decisão das estratégias a serem seguidas no Jornal “A Ponte”. Uma das práticas de Odilon Lunardelli era a de enviar aos conhecidos exemplares do jornal, do qual era responsável pela edição e distribuição, além de cada edição separada do jornal, como explica Pacheco (1999, p. 58, grifos nossos): “[...] a cada ano de sua tiragem, com muito capricho, Odilon Lunardelli mandava encadernar suas edições da ‘Ponte’, [no qual] todos eram enviados às bibliotecas e presenteados a seus colaboradores e autoridades”. Essas encadernações eram feitas pela Encalves – encadernações e gravações, situada na avenida Hercílio Luz, nº 19, centro de Florianópolis. Observa-se a gráfica ao canto inferior direito, onde aparece a personalização com o nome da BPSC, ou seja, havia esse cuidado por parte de Odilo Lunardelli (Figura 7).

Figura 7 - Imagens da capa das encadernações à BPSC



Fonte: Acervo do autor, 2020.

Urda Alice Klueger (2021) confirmou, durante a entrevista concedida, que recebia as edições encadernadas, bem como, via Correios, todas as edições na Caixa Econômica Federal de Blumenau, onde ela trabalhava. Ghiggi (2022) também possui algumas encadernações do Jornal “A Ponte”. Tal prática também proporcionava o acesso aos que não recebiam o jornal que circulava gratuitamente pelo território catarinense nas décadas de 1970 e 1980, lançando colonistas desconhecidos dos veículos da imprensa escrita no estado, como também se fez ter todas as edições impressas na BPSC (MACHADO; MARCELINO, 2014, p. 306). Também, é relevante comentar sobre a retomada das edições durante o ano de 1989, mais alguns exemplares desse ano foram encontrados, desta vez sem encadernações, alocados dentro do último encarte e amarrados por um barbante, como pode ser visto na figura 8 a seguir.

Figura 8 - Últimas edições do Jornal “A Ponte”



Fonte: Fotografia das encadernações feita pela o autor, 2020.

A respeito da circulação gratuita do jornal, Pacheco (1999, p. 55) descreve que,

[...] durante quase uma década, Odilon Lunardelli chegou a tirar dinheiro do bolso para ver passar pela sua A Ponte, um movimento importante da história de Santa Catarina, através do qual o leitor apanhou modificações estruturais nas áreas da comunicação e da política no nosso Estado.

Seu jornal tranquilamente atendia, também, ao público que não fazia uso dos livros editados, mas poderia passar a se utilizar deles após os relatos em colunas e propagandas nas muitas edições publicadas, como estratégia para enfrentar uma possível baixa procura por livros em sua livraria, já que o Brasil é um “[...] país de pouquíssimos leitores, especialmente de livros [...]” ou como uma forma de atrair escritores que sempre “[...] foram desde o início de nossa imprensa atraídos para o jornal e a revista” (BRAGANÇA, 1999, p. 62). Segundo Lunardelli, L. (2022), o seu pai, Odilon Lunardelli, acreditava que quanto mais abrangente fosse o jornal, mais leitores Santa Catarina teria que poderiam ler os livros que eram indicados no Jornal “A Ponte”.

O quesito competitivo deste jornal informativo com os demais veículos de informação impressa parecia não apresentar conflitos, como se nota na impressão da primeira edição feita pelo Jornal Santa Catarina, de Blumenau, assim como, conforme Lunardelli, L. (2022), também foram impressas edições pelo Jornal Diário Catarinense, do Grupo RBS (Rede Brasil Sul de Televisão) – criado no ano de 1986. “A RBS quando chegou em Santa Catarina, antes de se fixar em Florianópolis, eles sondaram o meu pai para comprar o nome do Jornal “A Ponte”. Eles queriam vir para cá com a televisão, mas queriam trazer junto um jornal” (LUNARDELLI, L., 2022). O entrevistado ainda destaca que:

Antes de criarem ‘O Diário Catarinense’, eles vieram, por meio do Antônio Cabrera, tentando negociar com meu pai a aquisição do Jornal ‘A Ponte’, que era então o único jornal que circulava nas segundas-feiras em todo o estado de Santa Catarina. Como ele era semanário, não tinha concorrência e funcionava só na segunda. [...] meu pai não abriu mão, não quis vender.

[...]

Então, como nunca foram concorrentes, não teve essa preocupação de tomar espaço, e sempre houve entre nós e a RBS uma relação de respeito e de amizade muito grande, de promoção mútua. Nós ajudávamos a promover os produtos deles e vice-versa. Então, houve sempre muito respeito com a família Sirotsky e o meu pai, sempre se deram em alto nível. Em função da persistência dele de não ter aberto mão na negociação, viram que o homem era duro de negócio e mantiveram essa relação, assim, de fraterna amizade (LUNARDELLI, L., 2022).

A primeira edição do Jornal “A Ponte” foi lançada no dia 1º de agosto de 1979, contando com diversos colaboradores – que serão abordados a seguir. Nesta edição, logo na segunda página evidencia-se a proposta do Jornal “A Ponte”, que seguia no formato de periódico tabloide.

A nossa proposta

A PONTE surge como mais uma opção para à sua leitura durante a semana. E nasce apenas com um objetivo: servi-lo. Para poder desempenhar esta missão da melhor forma possível, aqui estão reunidos profissionais de larga experiência, jornalistas, fotógrafos, diagramadores, chargistas, homens de artes, empresários, anunciantes e agências de publicidade. Trata-se, na realidade, de um empreendimento comunitário, onde o trabalho de cada um será sempre a soma do esforço de uma equipe disposta sobretudo a oferecer a cada semana informações para o seu dia a dia. Tudo isso da forma mais objetiva que a prática nos revela diariamente, numa linguagem substantiva, descontraída, com humor. Esta é a nossa proposta — a qual já julgamos vitoriosa — que chega às suas mãos. A PONTE quer contribuir, de forma decisiva, para que o leitor conheça melhor a sua cidade e viva mais feliz. Queremos a sua opinião permanentemente, seja através de cartas ou artigos. Fale-nos das suas alegrias ou dificuldades. Você é para nós a pessoa mais importante e assim estaremos atingindo o nosso objetivo, formando juntos um verdadeiro elo. (JORNAL A PONTE, 1979, p. 02.)

Esta relação pode ser observada também nas imagens a seguir (figuras 9 e 10): as capas da primeira e última edições do Jornal “A Ponte: um elo de comunicação e integração”. A primeira traz diversos logos de jornais e emissoras de televisão, isso dá a sensação de que o Jornal de Odilon Lunardelli era aguardado e apoiado pela imprensa de Santa Catarina. Já a última, tem vários ditados e críticas à política, em especial candidatos à Presidência da República – em texto e imagem com a caricatura do ex-governador de Santa Catarina e então possível candidato ao cargo de presidente do Brasil (1989), Esperidião Amin Helou Filho.

Figura 9 - Capa da primeira edição do Jornal “A Ponte”



Fonte: Jornal “A Ponte” (1979, p. 01).

Figura 10 - Capa da última edição do Jornal “A Ponte”



Fonte: Jornal “A Ponte” (1989, p. 01).

Sobre outras características do Jornal “A Ponte”, obteve-se que “o sonho de termos pelo menos um semanário independente e representativo que atendesse foi adiado, sendo acalentado e veio a materializar-se somente em [19]79 com lançamento do Jornal ‘A Ponte’, de distribuição gratuita, enorme aceitação popular e com maior tiragem do Estado” (BARRETO, 1999, p. 41). O Jornal “A Ponte” chegou a ter 30 mil exemplares de cada edição (ALVES, 2007; LUNARDELLI, 2022), distribuídos entre os anos de 1979 e 1987. A aceitação se dava por conta da atuação do seu editor e mantedor, Odilon Lunardelli, que “tinha uma visão bem acesa das carências vitais da sociedade. Vivia escondido e, no entanto, era um homem atento e

participante. Não me lembro de jamais ter visto fora daquela saleta sem luxo. Não ia a festas nenhuma, a nenhum lançamento, a rebulição nenhum” (CARDOZO, 1999, p. 46). Klueger (2021) descreve a simplicidade do espaço e de Odilon da seguinte forma:

Era um lugar pequeno e cheio de fumaça de cigarro, ele não saía dali. Eu era muito jovem e assumi uma cadeira na Academia Catarinense de Letras há uns 30 anos [1992]. Ele saiu dali comigo, eu estava num hotel perto da praça, ele falou: ‘Vou te levar num lugar para te arrumar.’ Ele foi comigo até o cabeleireiro que tinha e mandou o cabeleireiro fazer cabelo, mão, pé, maquiagem, essas coisas que eu não sou acostumada. Era a primeira vez que eu ia a um cabeleireiro fazer tantas coisas. Ele disse: ‘Faz tudo e me manda a conta, porque eu quero que ela fique maravilhosa.’ Foi assim a única vez que ele saiu na rua comigo, porque eu lançava um livro e aos poucos ficava conhecida e as pessoas gostavam e saíam novas edições. Então eu dizia: ‘Seu Odilon, vamos no lançamento em lugares bacanas, como na Caixa Econômica, onde eu trabalhava, diversos lugares.’ [Urda descreve a fala de Odilon] ‘Não! O Claiton vai, o Luiz’.

Amante do espaço físico que compreendia a sua livraria-editora – situada na rua Victor Meirelles, nº 28, esquina com a rua Nunes Machado, no centro de Florianópolis, próximo à Praça XV e a poucos passos da Escola Normal Catarinense (posteriormente, Faculdade de Educação – FAED/UDESC), próximo à agência central dos Correios e Telégrafos, onde iniciou sua inserção no mundo do trabalho em Florianópolis, como já assinalado neste estudo, lá Odilon Lunardelli trabalhou como teletipista, seu escritório era conhecido como *a caverna do leão* pelos amigos e/ou *tugúrio* – assim definido por Klueger (2021). O ambiente do escritório ficou considerado, de acordo com Salomão Ribas Júnior (1999, p. 72), como:

Um espaço democrático durante os anos de chumbo. Odilon tinha opiniões firmes, defendia a livre iniciativa, combatia o comunismo, mas aceitava o diálogo, divertia-se com debate acirrado. Os socialistas penavam, quando ele, bem informado cutucava a tentação totalitária do leste europeu e de Cuba.

Dotado talvez com uma dose de tolerância, Urda Alice Klueger revela que ao publicar o livro “Recordações para amar em Cuba II”⁴⁸, fruto de sua viagem no começo dos anos de 1990, o livro foi o último da autora editado pela Lunardelli. Segundo a escritora, “[...] o seu Odilon não gostou que eu fui a Cuba e me deu muita ‘dura’ por eu ter falado bem de Cuba e mal de Brasil. [...] Ele ficou danado da vida. [...] ‘O que eu tinha que fazer em Cuba? Ainda para falar mal do Brasil?’”, indagava o livreiro-editor. Diz, ainda: “Ele brigou uma porção comigo. No sentido de dar uma ‘dura’, porque ele nunca brigou comigo. Mas eu escrevi o livro sobre a viagem e ele publicou”. Pode-se então compreender que o edifício da Livraria-Editora

⁴⁸ Chama-se “Recordações para amar em Cuba II” porque já havia um livro com o título “Recordações para amar em Cuba”, do escritor mineiro Oswaldo França Júnior.

Lunardelli apresentou, bem como qualquer espaço de uma redação e edição, “[...] características de um local de sociabilidade, debate e fortalecimento de ideias. Assim, é possível problematizar que esse ambiente favoreceu a realização” de reuniões capazes de juntar diferentes pessoas, de profissões e classes distintas, com o objetivo em comum: de inserção ou contribuição para o mundo das letras. Além disso, é identificável que nesse espaço ocorreram diálogos entre diferentes percepções dos movimentos ideológicos do período, tal como de transmissão e difusão de valores e ideias que podem ser compreendidos com o intuito educativo (PONTES, 2016, p. 49).⁴⁹ Em entrevista, Klueger (2021) descreve, por meio de gestos com o seu corpo, um ambiente de aproximadamente 09 m² e faz alguns apontamentos sobre Odilon Lunardelli:

Acho muito importante a gente falar da vida do seu Odilon, porque ele tinha um escritório muito pequeno [...]. Endereço de peças pequenas, tinha a livraria, e tinha um espaço, uma salinha com uma janela para a rua, onde tinha a mesa dele e um sofazinho para receber visitas e um monte de papel de originais, livros e tudo que tu possas imaginar em papel. E ele ficava ali atrás daquela mesa, e ali ele era assim, sabe a impressão que sempre me passava, assim, um bicho na toca. Com duas garrafas de cafés, dois cinzeiros. Fumava constantemente e tomava café constantemente, chegava a ter dois cigarros acesos ao mesmo tempo. E ali ele construiu a literatura de Santa Catarina, Literatura Publicada porque os escritores escrevem independente de publicar ou não. E então tu chegavas lá e sempre tinha 1, 2 ou 3 ou 5 escritores lá, as pessoas mais importantes do estado na área de cultura. Ali era o *point* cultural do estado.

[...]

Ele não saía de casa, na hora do almoço era da Kibelândia. Quando chegava alguém de fora, ele mandava pegar uma dúzia de quibes. Teve um período que ele andou fumando palheiro. Eu não conhecia ele fora dali. Conhecia o Luís, outras pessoas. Eu não conhecia a casa dele. Mas teve um período que ele teve um sítio, que ele ficava lá quando terminava o expediente (KLUEGER, 2021).

O espaço da livraria-editora servia como um dos locais de efervescência da cultura e literatura catarinenses, segundo Klueger (2021), “a fina flor da cultura catarinense estava no tugúrio [...]”. Ali frequentavam diversas pessoas consideradas intelectuais do período, a rede de sociabilidade era imensa, havia muitas amizades, como, por exemplo, a escritora comenta que Marcos Konder Reis era amigo dos dois. A autora preferida da Editora Lunardelli ressalta o dom profissional do amigo livreiro-editor pelas conversas mantidas com Marcos, que o definia da seguinte maneira, “[...] o seu Odilon tinha uma coisa mágica, em sacar quem era e estava preparada para a literatura, e publicar as pessoas certas” (KLUEGER, 2021).

No entanto, o jornal e a decisão de Odilon Lunardelli de não modernização da livraria-editora fizeram com que os seus negócios não prosperassem nos últimos anos de sua vida. Em entrevista a Alves (2007, p. 02), o amigo, genro e ex-funcionário, Claiton Ghiggi relatou que

⁴⁹ As ideias apresentadas no parágrafo foram adaptadas para o contexto da Lunardelli, visto que a dissertação de Gustavo Tiengo Pontes (2016) retrata a redação do Jornal Flamma Verde.

“[...] as estruturas da livraria e editora Lunardelli começaram a oscilar a partir da segunda metade dos anos 1980. Um dos motivos foi que o Jornal ‘A Ponte’ [...]”, conforme Ghiggi, “[...] havia absorvido recursos e pessoal sem dar lucro, em contraste com a livraria e a distribuidora⁵⁰, que ficaram em segundo plano. Além disso, as primeiras livrarias com conceito de megastore começaram a entrar no mercado e a Lunardelli perdeu participação” (GHIGGI, 2007 *apud* ALVES, 2007, p. 02), assim como os novos suportes de escrita, o que “[...] não significa o fim do livro ou a morte do leitor. O contrário, talvez [...]”. No entanto, “[...] ele impõe uma redistribuição dos papéis na economia da escrita, a concorrência (ou a complementaridade) entre diversos suportes dos discursos e uma nova relação, tanto física quanto intelectual e estética [...]” com os textos (CHARTIER, 2002b, p. 117).

Depois da morte de Odilon Lunardelli em setembro de 1997, a livraria-editora continuou suas atividades até o ano de 2006, tendo à frente dos negócios seu genro Claiton Ghiggi (até janeiro de 1998) e a filha, Adriana Lunardelli. Porém, durante a trajetória de Odilon Lunardelli frente às empresas, observam-se diversas atividades exercidas por ele para manter a renda. Mas a estratégia de divulgação das empresas e livros em periódicos devem ter impactado a circulação e produção dos títulos, o Jornal “A Ponte” auxiliava ainda mais na divulgação e venda dos livros editados e/ou comercializados pela Livraria-Editora Lunardelli. A presença numerosa de anúncios nos jornais e revistas do período – conforme os arquivos achados na Hemeroteca Catarinense – possibilita compreender que tais divulgações impulsionaram o comércio de livros, entre outras coisas frutos de atividades distintas de Odilon Lunardelli, como os brinquedos na Papelaria Estudantil e na Chalana Brinquedos e Livros. Uma das propagandas pode ser observada a seguir na figura 11.

⁵⁰ Termo usado pelo depoente.

Figura 11 - Propaganda da Papelaria Estudantil no Jornal “A Ponte”

**Papelaria
Estudantil**



Reserve desde já
os seus brinquedos e
pague até o Natal



Nas Juntas do Correio, você encontra a mais variada linha de brinquedos



Um grande sortimento lhe permite escolher a vontade

Aqui você encontra:
Tudo em material
escolar, tudo
em brinquedos e
muito mais...



Vem aí que gracinhas...




Você já conhece o Chiss?

Com os
melhores preços
da cidade



Atenção! Vamos ao combate?



As crianças não aborrecem...

Papelaria Estudantil - Rua Victor Meirelles, no. 12 (atrás do Correio) Fone: 22-9425 - Florianópolis

A PONTE — 31/08/79 — 7

Fonte: Jornal “A Ponte” (1979, p. 07).

Dentre outras propagandas veiculadas no Jornal “A Ponte”, têm-se os classificados que ocupam duas páginas na primeira edição, como pode ser observado na figura 12, além de algumas publicações em páginas destinadas às colunas – estas com remuneração, pois, segundo Lunardelli, L. (2022), não era cobrado para publicar nos classificados do jornal.

Outro ponto a destacar é a periodicidade do Jornal “A Ponte”, bem como a circulação e início das atividades de Lunardelli coincidirem com o período do regime militar no Brasil. Não há relatos, mas é possível apontar investigações mais consideráveis e profundas sobre a censura no Jornal “A Ponte”. Talvez as colunas literárias tenham sido necessárias para preencher suas páginas censuradas dos periódicos, assim como as receitas de culinárias que, em sua maioria, os jornais publicavam as fórmulas erradas⁵¹. Havia a possibilidade do Jornal “A Ponte”, entre outros, desempenhar publicidade da Livraria-Editora Lunardelli em excessiva quantidade por conta disso, porém, relembra-se que, segundo Lunardelli, L. (2022) e Ghiggi (2022), Odilon Lunardelli era defensor do regime militar brasileiro.

Com relação à frequência significativa dessas indicações de livros na totalidade de edições do jornal, este dado pode fornecer um pouco mais de indícios sobre os possíveis interesses na leitura e elaboração do periódico. Sobre isso, vale recordar que durante a Primeira República a cidade passou por um processo de aburguesamento no qual setores sociais de classes mais altas buscaram distanciar-se das populações mais pobres, o que gerou uma série de reformas urbanas na cidade; a circulação de diversas imagens e textos associados com este fim e o papel para o jornal como um modelador de alguns costumes no campo de afirmação social desta burguesia. (ARAÚJO, 1989 *apud* PONTES, 2016, p. 164).

Mesmo retratando um período diferente, anterior ao recorte temporal deste trabalho, a citação é relevante, pois tais situações se refletiram posteriormente. É possível compreender a presença e a necessidade da divulgação dos livros nos periódicos, assim como um dos prováveis “influenciadores” de novos costumes da classe burguesa que emergiu recentemente no país. “Ainda sobre a presença do conjunto de anúncios de livros no periódico, talvez também seja possível sugerir que a compra de livros possa ser compreendida a partir de uma estratégia familiar para a aquisição de capital cultural objetivado” (PONTES, 2016, p. 166). Sobre o capital cultural objetivado, Pierre Bourdieu descreve que:

Existe e subsiste como capital ativo e atuante, de forma material e simbólica, na condição de ser apropriado pelos agentes e utilizado como arma e objetos de lutas que se travam nos campos de produção cultural [...] e, para além desses, no campo das classes sociais, onde os agentes obtêm benefícios proporcionais ao domínio que possuem desse capital objetivado, portanto, na medida de seu capital incorporado. (BOURDIEU, 2013b, p. 86, *apud* PONTES, 2016, p. 166-167).

O conceito permite identificar a finalidade das recomendações de livros nos periódicos como um *start* (partida) para a leitura que evidencie os benefícios simbólicos, pois a aquisição de impressos e a sua “veiculação num periódico poderiam denotar uma maior proximidade com

⁵¹ Ver mais em Silva (2010).

esse ‘projeto’ de distinção social” (PONTES, 2016, p. 167). Correlacionado a prática de leitura e a prática de colecionar impressos, Giselle Martins Venâncio considera que era “[...] uma etapa importante na formação de um intelectual. Possuir um gabinete de leitura, estantes cobertas de livros, uma quantidade de raridades ou de livros pertencentes aos cânones literários nacionais ou estrangeiros simbolizavam para os seus pares sua importância intelectual” (VENÂNCIO, 2006, p. 90), aliando o capital cultural com questões da materialidade.

A primeira edição do Jornal “A Ponte” foi lançada, como já dito, em 1º de agosto de 1979, com tiragem expressiva de 25 mil exemplares, tendo sua “montagem, composição, fotolito e impressão” realizada pelo “Jornal de Santa Catarina – Blumenau – SC” (JORNAL “A PONTE”, 1979, p. 02). Diversos espaços subutilizados e com uma estrutura quase sem padrão, revelando que o periódico estava em um período de construção, para logo se constituir de forma consolidada, contando com a colaboração das seguintes pessoas e funções (quadro 9):

Quadro 9 - Composição dos envolvidos na 1ª edição do Jornal “A Ponte”

Diretor	Odilon Lunardelli
Gerente Geral	Luiz Lunardelli
Gerente Comercial	Gilly Jungluth
Contatos	Gilberto Maia
Editor	Aldo Grangeiro
Fotógrafo	Oreste Araújo
Ilustradores	Sérgio Bonson; Clóvis Medeiros
Distribuição	Jorge Menezes
Colaboradores	Nelson Rolim Moura; Harry Laus; Pinheiro Neto; Luiz Carlos Espíndola; Darci Costa; Celso Pamplona; Cacau Menezes; Paulo Padro; Carlos Damião; Anita Regina Nocetti; Salomão Ribas Júnior; Fábio Lunardelli; Valdir Alves; Rosemary Muniz Moreira Fabrin; Nívea; Humberto Lima.

Fonte: Jornal “A Ponte” (1979, p. 02).

Destaca-se aqui que Nelson Rolim Moura é proprietário da Editora Insular, atuante desde 1994 no mundo editorial em Florianópolis e tem como política editorial publicar de e sobre o estado de Santa Catarina, pode-se inferir muito próxima da política editorial que desempenhava a Editora Lunardelli.

No tocante ao Jornal, outro aspecto relevante da primeira edição são os votos de pessoas que foram comunicadas da criação do Jornal “A Ponte”, ou seja, Odilon Lunardelli encaminhava correspondência para se comunicar/informar amigos e indivíduos políticos e considerados de importância para ele. Na Coluna Cartas do periódico que estava presente em

todas as edições, local destinado a recebimento de contribuições da população, em especial dos amigos que compunham a rede de sociabilidade do proprietário do jornal. São eles as seguintes figuras públicas que enviaram correspondências de congratulações pelo lançamento do Jornal “A Ponte” (Quadro 10).

Quadro 10 - Correspondências recebidas de congratulações pela 1ª edição ao livreiro-editor Odilon Lunardelli

Cláudio Avila da Silva	Superintendente da Fundação Catarinense de Desenvolvimento de Comunidade
Rubens Lange	Presidente da Federação Atlética Catarinense
Albino Zeni	Presidente do IPESC [Instituto de Previdência do Estado de Santa Catarina]
Juarez Fonseca de Medeiros	Diretor Presidente da COMCAP – Companhia de Melhoramentos da Capital
Sebastião Netto Campos	Deputado e Líder do Governo
Waldomiro Colautti	Secretário de Estado da Saúde
Fernando Bastos	Secretário Extraordinário do Trabalho e Integração Política

Fonte: Jornal “A Ponte” (1979, p. 02).

Evidencia-se que os indivíduos com redes de sociabilidades ligadas à política e economia permaneceram com destaques na Coluna Cartas. Passados cerca de dez anos, veio a última edição do Jornal “A Ponte”. Esta última edição, lançada na terceira semana de julho de 1989, provavelmente no dia 17 daquele mês, contou com a participação do: Governador do Estado, Pedro Ivo Campos; Superintendente Regional do Banco Meridional do Brasil S.A., Jair Euclides Fontenia; José Sérgio dos Santos, professor do Instituto Estadual de Educação e Instrutor de Treinamento do Sistema Financeiro do Banco do Estado de Santa Catarina (BESC); e dos sem filiação institucional: Hoel Paulo Perotto e Rosa Souza. A última edição teve colaboração dos indivíduos listados no quadro 11.

Quadro 11 - Composição dos envolvidos na última edição do Jornal “A Ponte” (continua)

Diretor Presidente	Odilon Lunardelli
Diretor Comercial	Claiton Ghiggi
Diretor Executivo	Fábio Lunardelli
Editor	Oscar Berentdt Neto
Supervisor de Esportes	Gilson Rabelo
Circulação	Marcelo Silva; Marco Polo G. Maycá; Amaro da Cruz; Luiz Henrique Nocetti Lunardelli

(conclusão)

Diretor Presidente	Odilon Lunardelli
Diretor Comercial	Claiton Ghiggi
Diretor Executivo	Fábio Lunardelli
Editor	Oscar Berentdt Neto
Supervisor de Esportes	Gilson Rabelo
Circulação	Marcelo Silva; Marco Polo G. Maycá; Amaro da Cruz; Luiz Henrique Nocetti Lunardelli
Diagramação	Claúdio Luiz Amaral
Composição e Impressão	Imprensa Oficial do Estado
Colaboradores	Salomão Ribas Jr.; Norberto Silveira Jr.; João Pacheco; Celestino Sachet; A. Sanford de Vasconcellos; Samuka; antonio Affonso Lausitano; Roberto Kessie; Pinheiro Neto.

Fonte: Jornal “A Ponte” (1989, p. 02).

Portanto, constata-se que a sua rede de sociabilidade foi sendo ampliada, vários autores também eram colaboradores e escritores das colunas no Jornal “A Ponte”, corroborando para que Odilon Lunardelli de fato se tornasse um mediador de intelectuais. Observa-se pelos relatos que os autores gostavam de fazer parte do Jornal, bem como os leitores conseguiam reconhecer e admirar o trabalho dos colunistas. Contudo, faz-se necessário entender Odilon Lunardelli como mediador de intelectuais, categoria que será abordada na próxima parte deste capítulo.

4.1 O LIVREIRO-EDITOR LUNARDELLI: UM MEDIADOR INTELECTUAL

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade (CERTEAU, 1982, p. 65)

As ramificações sociais e econômicas de Odilon Lunardelli se estendiam por diversos locais como tentáculos de um polvo, abrangendo os mais diversos indivíduos, mas, certamente, ele cercava todos como uma alcateia leonina, observava e esperava o momento certo, estratégico, para atrair as pessoas que o interessavam e que, de algum *modus*, contribuiriam para os seus negócios. A rede de sociabilidade constituída por Odilon Lunardelli detinha “[...] um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Em torno da Livraria-Editora Lunardelli viviam os membros dessa rede de sociabilidade, de um lado, intelectuais e escritores precisando reafirmar e firmar as suas produções científicas e artísticas, e as suas concepções de

mundo, já do outro lado, um livreiro-editor em ascensão profissional e econômica em busca de produtos – escritos – para a sua livraria-editora.

Odilon Lunardelli foi capaz de se cercar de um grupo de escritores, além de leitores assíduos que circulavam na livraria ou na editora. Adotou a distribuição gratuita de livros como forma de divulgação destes, cedia obras às feiras e efetuava lançamentos de novos títulos e autores nas feiras locais. Em entrevista com a escritora e historiadora Urda Alice Klueger, revela que “[...] ele pegava 10 livros e dizia: ‘Tu vais em Blumenau procurar ciclano, fulano e beltrano (jornalistas, pessoas dessas áreas assim), faz uma dedicatória e entrega o livro para ele.’ Ele chegava nas pessoas-chave. [...] Eu fazia uma dedicatória para outros autores do Brasil” (KLUEGER, 2021). Essas pessoas indicadas por Odilon, depois, se tornaram amigos dela, mantendo a rede de sociabilidade do livreiro-editor e/ou potencializando redes dos seus escritores, aumentando ainda mais o seu legado no ramo editorial catarinense e, de certa maneira, nacional.

Entende-se como “legado” aquilo que é construído e acumulado em vida — consciente ou inconscientemente — e transferido às gerações futuras. A presente segmentação objetiva observar a trajetória de Odilon Lunardelli analisando em que alcance suas Redes de Sociabilidade mostraram a ele um campo de possibilidades, repercutiram no que por ele foi edificado intelectual e socialmente ao longo dos anos e ergueram uma determinada memória acerca dele na atualidade. É possível verificar e/ou constatar as oportunidades que se constituíam no horizonte de Odilon Lunardelli a partir das conjunturas político-intelectuais e das relações estabelecidas por ele e/ou que lhe incluíram, através dos encontros em sua toca (escritório) e, certamente, de outras parcerias recorrentes (SCHÜTZ, 2020).

Para além das estratégias de cercar-se de escritores e leitores, é preciso atentar para uma trajetória do livreiro-editor Odilon Lunardelli no âmbito da estrutura política, econômica e social em Florianópolis e no estado de Santa Catarina em si. Isto é, os espaços em que o proprietário da Livraria-Editora Lunardelli exercia suas relações de sociabilidade – político, educacional e em instituições como a ACL e o IHGSC. Lugares que iam além da “toca” dele, onde seus escritores e amigos compunham e frequentavam como intelectuais e, depois, regressavam à livraria-editora com assuntos para conversas, dicas, indicações, ideias e/ou propostas de trabalhos. Percebe-se que a rede de sociabilidade de Odilon Lunardelli ascendeu rapidamente em decorrência do seu periódico semanal, o Jornal foi “A Ponte” entre o livreiro recém-editor e os intelectuais, políticos e a elite econômica catarinense. Assim foi até que Odilon Lunardelli “[...] foi forçado a fechar o Jornal [A Ponte] por falta de condições financeiras para manter, que estava se tornando muito caro. A publicidade escasseou e aí muitos amigos

dos bons tempos do jornal sumiram. Desapareceram e ele ficou muito sozinho” (GHIGGI, 2022).

O resultado dessa dita solidão, mencionada pelo entrevistado Ghiggi, teria ocorrido em razão da pouca habilidade ou falta de tempo de Odilon Lunardelli para manter essa rede de sociabilidade. O jornal era uma estratégia e um *modus* de dar a conhecer novos lançamentos e os seus autores num circuito local, estadual. O jornal “A Ponte” estava como que incumbido da função principal de um editor, dito de outro modo, dar luz, divulgar os seus escritores. Com o fechamento deste veículo de comunicação impresso, o ex-proprietário do Jornal “A Ponte” não alcançava mais as novas realidades, instituições e *modus* de viver na cidade de Florianópolis.

Ao considerar o período de funcionamento da Livraria-Editora Lunardelli, mais de quarenta e um anos, observam-se diversas modificações políticas, econômicas, sociais, culturais e educacionais. Dentro dos trinta e dois anos em que Odilon Lunardelli ficou à frente da empresa, percebem-se mudanças intensas no *modus* de viver dos ilhéus. Florianópolis foi urbanizada, sofrendo com o crescimento demográfico e desvencilhando do *status* de cidade provinciana, atrasada, um estado rural.

Odilon Lunardelli residiu até o seu falecimento em Florianópolis, na rua Vereador José do Valle Pereira, nº 59, em Coqueiros – bairro considerado nobre na parte continental da cidade. A casa por anos foi uma clínica médica até ser derrubada para dar lugar ao edifício Lunardelli Residence. A Livraria-Editora Lunardelli, matriz, sempre funcionou na rua Victor Meirelles, 28, esquina com a rua Nunes Machado, lugar que foi denominado por muito tempo de “coração” da capital catarinense (CORADINI, 1992, p. 22). Odilon Lunardelli não precisava se deslocar de sua toca/escritório para conversar ou estabelecer relações sociais com as pessoas de que ele precisava ou tinha interesse em cultivar afetos, tudo circulava e acontecia em seu entorno, praticamente, intelectuais, políticos, entre outras pessoas que exerciam funções profissionais e/ou estabeleciam relações sociais e comerciais nas proximidades da Praça XV de Novembro e da Catedral Metropolitana, como destaca Lisabete Coradini.

No espaço/tempo a vida urbana imprime suas marcas. A Praça XV é como um coração da cidade. A partir dele ou nele se interatuam diferentes grupos sociais, atividades e interesses. Toda a vida urbana desenrola-se ali. Todos os caminhos partem e chegam ali, tal como veias e artérias. O entrecruzamento de todas elas é a praça, pois nada lhe escapa. A soma ou seu conjunto e a interação entre elas vão ao longo do tempo imprimindo diferentes usos e significados à cidade e consequentemente à praça. A Praça possibilita, portanto, uma leitura da cidade desde sua Fundação. Diferentes concepções e projetos da cidade vão ao longo do tempo sendo ali implantados. Ao detectar as diferentes representações da Praça ao longo do tempo, procuro captar as transformações e o conjunto de significações e apropriações que foram produzidas ao longo do tempo, a memória e as diferentes reinvenções da tradição são impressas no cotidiano da cidade (CORADINI, 1992, p. 22-23).

Evidencia-se então que Praça XV era central em todos os aspectos e que a elite da população da época considerava o que Cabral (1971, p. 66) descreve de “[...] subúrbio tudo o que não for imediatamente vizinho à praça XV”. A Livraria-Editora Lunardelli estava no cinturão envolvente da praça, sendo tocada por transformações na cidade e na rede de sociabilidade de seu proprietário. O espaço físico da Livraria-Editora Lunardelli, mais especificamente o escritório, servia de ponto de encontro para aqueles que pertenciam e constituíam a rede de sociabilidade de Odilon Lunardelli. Na “Toca do Luna” era onde os leões se digladiavam em discursos sobre os mais variados assuntos. Certamente, o mais comum eram os relativos aos projetos políticos, culturais e sociais que os intelectuais e políticos de Florianópolis e do estado de Santa Catarina gostariam de aprofundar e pôr em prática.

Contudo, deve ser destacada a questão do forjar e constituir a cultura catarinense, ou melhor, definir o que é cultura, literatura, história, entre outras ciências que foram construídas ao longo do tempo por intelectuais no estado de Santa Catarina. Essa preocupação também é decorrente desde o início do século XX, quando uma elite cultural e econômica se preocupou em definir o ideal de cidadão brasileiro. Em nível estadual, também havia esse desejo, tanto que aparece no plano de governo de Colombo Machado Salles⁵² em 1971. Em seu plano aparece a expressão “Crescer com o Brasil”, que amplamente foi difundida entre alguns intelectuais catarinenses nos documentos produzidos pela Associação de Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG, 1970, p. 37).

Participaram dos primeiros ciclos da ADESG, realizados na primeira metade da década de 1970 e que contaram com o apoio do governo estadual e da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), os historiadores Oswaldo Rodrigues Cabral e Walter Fernando Piazza, os cientistas sociais Nereu do Valle Pereira e Sílvio Coelho dos Santos, e os jornalistas Moacir Pereira e Paulo da Costa Ramos. Outros intelectuais realizaram palestras nesses ciclos, como Alcides de Abreu, colaborador do governo Colombo Salles e delegado regional da ADESG a partir de 1974, e o geógrafo Fernando Lago. Um grupo de intelectuais que participaram dos ciclos de estudos constituiu redes de colaboração, realizando pesquisas em conjunto e publicando uma série de estudos investigando a cultura e o desenvolvimento econômico do estado. Dessa produção intelectual são exemplos, entre outros, o volume Ensaio sobre sociologia e desenvolvimento em Santa Catarina, organizado por Sílvio Coelho dos Santos, e Cultura, integração e desenvolvimento, escrito por Carlos Humberto Corrêa, ambos de 1971 (SILVA, 2011, p. 04-05).

Destaca-se, a respeito destas pessoas citadas acima, que quase todas escreveram e publicaram livros pela Editora Lunardelli e, certamente, frequentavam o escritório da Livraria-Editora Lunardelli, ou seja, também pertenciam à rede de sociabilidade de Odilon Lunardelli,

⁵² De 15 de março de 1971 a 15 de março de 1975.

que não pertencia à ADESG, porém prestou serviço militar no Tiro de Guerra 170⁵³, ainda em Brusque. Ambas as instituições são voltadas à guerra, entretanto, enquanto Odilon Lunardelli servia como soldado, os intelectuais realizavam seus cursos de ensino superior numa instituição também militar. Por mais que ele tenha cursado e se formado bacharel em Ciências Econômicas na UFSC, Odilon Lunardelli não deve ser considerado um intelectual, pois ele não possui na sociedade a função para tal definição, visto que, segundo Gramsci (2000, p. 18), “[...] todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais [...]”. Odilon Lunardelli não se encaixava nas duas definições de intelectual de Gramsci (2000), não é intelectual orgânico porque não se tornou especialista, organizador e homogeneizador proveniente da classe social que o gerou, nem é intelectual tradicional que acredita estar desvinculado das classes sociais.

Na esteira desse entendimento, o (a) leitor (a) deve estar se perguntando, o que se entende por intelectual nesta tese? A definição de intelectual aqui utilizada foi cunhada por Sirinelli (2003), para quem o significado não está engessado, de forma rígida e restrita, para obter a sua constatação basta observar as produções de teóricos que procuraram, dentro de suas áreas do conhecimento, resolver conceitualmente o que é um intelectual. “A história dos intelectuais tornou-se assim, em poucos anos, um campo histórico autônomo que, longe de se fechar sobre si mesmo, é um campo aberto, situado no cruzamento das histórias política, social e cultural” (SIRINELLI, 2003, p. 232). Por muitos anos, “[...] esta história dos intelectuais remetia obrigatoriamente, por algumas de suas facetas à história política, que na época estava no ostracismo: empreendida pela via indireta da história dos engajamentos individuais [...]”, estava situada em “[...] duplo defeito, no cruzamento da biografia e do político [...]” (SIRINELLI, 2003, p. 234).

Pesquisas sobre os intelectuais como atores do político são complexas. Não tão-somente porque, como se pode saber, a categoria tem contornos modificáveis, porém também porque não há um ou mais de um partido dos intelectuais. Os poucos partidos de densa estrutura intelectual nunca transpuseram a barreira da estatística. Quem trabalha com a história dos intelectuais é ameaçado pela chamada síndrome do mineiro, provocada pela abundância de materiais para tratar (SIRINELLI, 2003). O que torna completamente atual e relevante a frase de Tocqueville: “Eu era como o minerador de ouro sobre cuja cabeça a mina tivesse desabado: estava esmagado sob o peso de minhas notas e não sabia mais como sair dali com meu tesouro” (TOCQUEVILLE, sem data e sem página *apud* SIRINELLI, 2003, p. 244-245).

⁵³ Apenas a título de destaque e curiosidade quanto à semelhança militar.

As palavras de Tocqueville se tornaram impactantes para uma tese que tem como objetivo conhecer as ações do livreiro-editor Odilon Lunardelli na história editorial de Santa Catarina (1965-2006), pois essa pessoa notável em estudo foi um ávido livreiro-editor, sua editora produziu uma extensa publicação editorial, embora a documentação produzida sobre sua figura não seja abundante. Assim, para evitar ser soterrado pelas fontes, a seleção do material para este trabalho foi guiada pelas perguntas-problemas e por objetivos específicos que orientaram o que é relevante para uma compreensão do percurso de Odilon Lunardelli como livreiro, editor e empresário do ramo editorial em Santa Catarina. Na pesquisa incessante sobre Odilon Lunardelli como possível intelectual, deve-se considerar o que Sirinelli (2003, p. 245) aponta sobre pesquisas desse tipo:

Não importa! A história política dos intelectuais passa obrigatoriamente pela pesquisa, longa e ingrata, e pela exegese de textos, e particularmente de textos impressos, primeiro suporte dos fatos de opinião, em cuja gênese, circulação e transmissão os intelectuais desempenham um papel decisivo; e sua história social exige a análise sistemática de elementos dispersos, com finalidades prosopográficas.

Esta investigação e análise sistemática com elementos diversos que buscaram, de certa maneira, fins de prosopografia de Odilon Lunardelli, focaram a sociabilidade por ele constituída ao longo dos anos de atuação como livreiro-editor. “O estudo dos intelectuais, como se pode ver, não pode ser reduzido à simples assimilação destes a um grupo de pressão, estudado enquanto tal. Utilizando instrumentos como os que acabaram de ser evocados, ele pode se tornar uma janela aberta para a história [...] contemporânea”, que “[...] longe de ser um nicho da história política, ele ocupa aí um lugar central, com vista para vários setores importantes dessa história” (SIRINELLI, 2003, p. 255-256). Odilon Lunardelli era rodeado de intelectuais das mais variadas áreas de atuação e conhecimento, entretanto ele apenas dava luz às produções desses intelectuais que o cercavam, de fato ele nunca produziu nada que o fizesse estar na posição de intelectual.

Ao voltar à questão da intelectualidade, Odilon Lunardelli pode ser considerado um intelectual comum como qualquer outro homem (GRAMSCI, 2000). Contudo, sua função na sociedade era de mediação entre os mais diversos aspectos, instituições e pessoas, mediava entre o conhecimento e os leitores, ou seja, intermediava os originais, os autores, os impressores e os leitores.. Após caminhar pelos rastros presentes nos relatos de memórias e documentos sobre a circulação e produção de Odilon Lunardelli e de sua livraria-editora, constata-se a significativa produção de títulos e relevância dos escritos para o estado de Santa Catarina. Obras das mais variadas áreas de conhecimento foram editadas pela Lunardelli, coordenadas por seu

proprietário que, em determinado momento, não apenas fazia parte de outras, mas conseguiu constituir a sua própria rede de sociabilidade que se espalhava por todo o estado.

Seguindo este recorte para reflexão, obtém-se a ideia de Odilon Lunardelli como mediador dos intelectuais⁵⁴, editor capaz de fazer a ponte de ligação entre as múltiplas áreas de conhecimento, um articulador, inserido nas sociabilidades de outros indivíduos, materializando suas ideias e produções letradas, próximo às funções do mediador cultural. Uma rede de sociabilidade composta por diversas pessoas, de várias instituições como Academia Catarinense de Letras, IHGSC, UFSC e UDESC. Estas instituições também eram as maiores em produção cultural e científica, conhecimentos almejados por circulação. Odilon Lunardelli pode ser compreendido como um mediador de intelectuais, isso se dá pelo fato de que as práticas exercidas na mediação cultural podem ser em conjunto de indivíduos diversificados, cuja presença “nas várias sociedades e culturas tem relevância, porém, nem sempre reconhecimento” (GOMES; HANSEN, 2016, p. 09).

Embora Odilon Lunardelli tenha lançado diversos livros, ele nunca ensaiou qualquer obra de sua autoria na sua trajetória de vocação literária ou científica; sua atuação restringia-se ao mundo da indústria do livro, da editoração, proporcionando que as ideias circulassem e talvez tivessem repercussão no estado. Consequentemente, em sentido mais amplo, Odilon Lunardelli é como um mediador de intelectuais, por ser um indivíduo estratégico nas áreas da cultura e da política, mesmo sem muito reconhecimento em vida (GOMES; HANSEN, 2016). Ao promover redes, articular escritores, divulgar obras e dar ênfase às produções e autores catarinenses, Odilon Lunardelli alavancou a propagação de diversas concepções científicas, políticas e culturais. Para Agulhon (1992), a sociabilidade do cotidiano é larga e imensamente variável, sem fundamentalmente estar organizada. Mas a categoria também permite surgir da informalidade uma vida associativa, firmada em círculos políticos e associações. As pessoas nem sempre se agrupam para produzir algo, elas podem se reunir para coisas cotidianas e de lazer.

Odilon Lunardelli não promovia entre seus amigos e parceiros de trabalho o dito “churrasco da saudade”, como era feito no Colégio Catarinense (DALLABRIDA, 2008, p. 159). Odilon Lunardelli promovia sim: prosas, cafés e quibes. Segundo Klueger (2021), ele sempre

⁵⁴ Odilon Lunardelli é o que Gomes e Hansen (2016) consideram de um intelectual mediador. As autoras serviram de inspiração para a inversão do termo que será justificado na sequência. Havia um certo desconforto ao usar o termo intelectual para alguém que nunca escreveu um livro ou o resultado de estudos intelectuais. Odilon Lunardelli era um facilitador, um mediador de/para intelectuais que faziam parte da sua rede de sociabilidade. É bom destacar que em diversos estudos e artigos consultados, todos foram produzidos utilizando o termo “intelectual mediador” de maneira errônea.

oferecia um cafezinho e mandava buscar uma bandeja de quibe no restaurante Kibelândia, o qual era vizinho de parede com a Lunardelli. No entanto, as reuniões em sua toca certamente detinham os mesmos princípios do “churrasco da saudade”, “[...] permitia um constante conhecimento e reconhecimento dos iguais, o que viabilizava o estreitamento de relações familiares e sociais”, tendo em comum o “sentimento de pertencimento de um grupo à parte” (DALLABRIDA, 2008, p. 160). A sociabilidade de Odilon Lunardelli de fato pertencia a um grupo separado, seletas pessoas que eram capazes de escrever e ter suas produções publicadas pela editora do amigo Lunardelli. Estes foram os responsáveis por determinar e constituir os ideais e princípios de História, Literatura e da Ciência Catarinense.

Diversos intelectuais circulavam em torno de Odilon Lunardelli, tendo como cenário o seu escritório no prédio da livraria-editora, conhecido como a Toca do Luna, o pequeno local marcado pela presença de várias pessoas ligadas a redes de sociabilidades políticas, educacionais e culturais do estado. Com a tradição de tomar um cafezinho. Este ambiente, totalmente confortável a Odilon Lunardelli, era o lugar onde ele exercia sua atividade como editor e, assim, um mediador entre intelectuais. Dos companheiros de conversas e autores de livros saíram os depoentes da trajetória de Odilon Lunardelli que escreveram os capítulos do livro “**Nosso homem do livro: Odilon Lunardelli (Depoimentos)**”. Assim, têm-se as seguintes personalidades: Alcides Buss; Carlos Humberto Pederneiras Corrêa; Celestino Sachet; Claiton Ghiggi; Cyro Barreto; Enéas Athanázio; Flávio José Cardozo; Francisco José Pereira; Hoyêdo de Gouvêa Lins; Jali Meirinho; João Décio Machado Pacheco; Marcos Konder Reis; Paschoal Apóstolo Pítsica; Salim Miguel; Salomão Ribas Jr.; Silveira de Souza; Urda Alice Klueger e Walter Fernando Piazza.

Odilon Lunardelli como que passava a ideia de ser uma pessoa pouco vibrante, retratava uma certa imobilidade no conjunto de seus gestos e ações, isto é, não participava de eventos, não era afeito a badalações, entretanto ele era capaz de reunir uma grande parcela de intelectuais e políticos em sua rede de sociabilidade. Sem ter escrito sequer uma linha autoral e impressa em livros, Odilon Lunardelli transpassa suas ideias e ideologias, sua visão de mundo aos leitores dos livros editados pela Lunardelli. Ele era o ponto de referência e o foco para muitos escritores catarinenses, que queriam estar nessa sociabilidade, ter contato direto com um editor e tendo a capacidade de fazer circular os escritos, já que era Odilon Lunardelli quem selecionava o que poderia ser publicado, visto que era ele o mediador entre os intelectuais, em alguns casos, dava as ideias propondo os temas e ele escolhia os autores que entrariam na sua rede de sociabilidade. Também, tornou mais fácil essa seleção sabendo que professores, intelectuais estavam ligados às universidades presentes em Florianópolis. Segundo Lunardelli, L. (2022), seu pai era um

editor diferenciado, sabia rapidamente o que seria um grande sucesso, suas apostas eram bem certas, identificava o que seria “mais ou menos aceitável e apreciável, em determinado momento e lugar, por amplas parcelas da sociedade” (GOMES; HANSEN, 2016, p. 31). Assim como um editor de referência, Odilon Lunardelli reeditava e/ou lançava livros com características diferentes, “tendo em vista alcançar ampliação do mercado consumidor de livros [...]”. Fazia como outros “[...] editores reduziram seus formatos, criaram novos tipos, mais legíveis e belos, [incluindo] novas ilustrações [...], edições com tratamento crítico do texto, bom papel e, principalmente, preços reduzidos (BRAGANÇA, 2001, p. 31).

A peritextualidade da obra, conforme referido em Borelli e Babo, foi sempre um dos trabalhos do editor ao transformar originais em livros. Sempre, afirmamos, mesmo quando os autores das obras já são conhecidos e têm um público fiel, o editor busca dar um tratamento que reforce o interesse desses potenciais autores, por uma edição mais cuidada que as anteriores, uma nova capa, um novo papel ou projeto gráfico, por notas críticas, ilustrações etc., que, não só satisfaça os leitores habituais, mas que também conquiste novos leitores (BRAGANÇA, 2001, p. 31).

Atento às potencialidades como mediador, o livreiro-editor Odilon Lunardelli divulgava e fazia circular nos mais diversos lugares a produção da sua editora e, para alavancar a circulação, ele propagava o conhecimento dos escritos por reportagens de amigos e críticos da imprensa da época, além disso foi capaz de constituir o Jornal “A Ponte”, ao ponto de chegar a 30 mil tiragens do periódico semanal. A divulgação é um dos pontos mais importantes no processo editorial, pois com ela é elevada a capacidade de apropriação e de circulação do livro. “Poderá ser um livro de circunstância, de assunto polêmico, onde vale a pena fazer grande investimento em divulgação, mobilizar recursos materiais e humanos para fazer um lançamento de impacto na mídia e assim envolver toda a rede livreira [...]”, estas lojas são chamadas “[...] a destacar em suas vitrines e espaços nobres do interior das lojas para expor o novo produto, que terá anúncios internos e externos, além de publicidade em veículos de grande circulação, quem sabe até na televisão” e “assim a tiragem será bastante aumentada, sem a correspondente redução do preço unitário, para compensar os riscos e custos adicionais” (BRAGANÇA, 2001, p. 30).

Na qualidade de livreiro, um outro ponto que certamente o ajudou na melhor assimilação da circulação foi a venda direta aos estudantes da Educação Básica relatada abaixo por Ghiggi.

[...] Mas ele, antes, enquanto não havia a Feira do Livro de Florianópolis, fazia todo ano, nas livrarias dele, uma feira do livro. E durante um período de 15 a 20 dias ele vendia livros com 20% de desconto para todo mundo. Depois outra promoção que ele fazia muito era a semana do sebo, que embora chamasse a semana do sebo, ele não vendia livros usados. Ele vendia livros que eram ponta de estoque, livros mais antigos,

livros que estavam no estoque que não tinha giro e colocava aquilo tudo a 50-60% do preço. Também, duas vezes por ano fazer essas promoções. Vendeu muito livro nessas semanas de feiras do livro. Depois, nos últimos anos ele começou a fazer uma feira do livro didático. Justamente no mês de fevereiro, março, que é o mês de venda dos livros didáticos, ele vendia todos os livros didáticos com 20% de desconto. Um período que o livro era tabelado. Então quer dizer, todo mundo sabia o preço da tabela e ele dava desconto de 20% em cima daquele preço da tabela. Porque ele percebia naquele período hiperinflação. Os pais não tinham condições de comprar os livros, o pai que tivesse três filhos na escola era complicado para comprar livro. Ele resolveu vender livro didático com 20% de desconto. E também filas enormes nas portas da livraria para comprar aqueles livros, faltavam livros, vendiam dez vezes mais do que venderia normalmente. Doação de livros para estudantes carentes, muitas vezes fez, também sempre com muita discrição (GHIGGI, 2022).

Estes detalhes podem ser observados no fascículo publicado na edição do Jornal “A Ponte” do dia 17 de julho de 1989, ao tratar da XXIV edição da Semana do Sebo, que aconteceria nas Livrarias Lunardelli. Ver figura 13 a seguir.

Figura 13 - Fotografia da publicação da XXIV Semana do Sebo



Fonte: Jornal “A Ponte” (1979, p. 02).

Nesta direção, segundo Unwin⁵⁵ (s/d, p. 149 *apud* BRAGANÇA, 2011, p. 48), assegurou que “o ramo mais compensador de qualquer empresa editorial é uma nova seção escolar”, porém é preciso que os títulos estejam “lançados”, aceitos e adotados, pois assim

⁵⁵ Sir Stanley Unwin foi presidente da Associação dos Editores Ingleses e do Congresso Internacional dos Editores e diretor de uma das editoras técnicas mais estimada do mundo, George Allen & Unwin, Ltd., de Londres.

“continuarão a vender-se quase independentemente da maneira por que o negócio é dirigido”. Afinal, o livro é garantido e regulamentado por diretrizes da educação, admitido e, em muitas vezes, obrigatório, tendo público cativo e extremamente grande em relação aos demais tipos de livros. “Historicamente, o editor escolar só pôde surgir quando o poder público assumiu a responsabilidade pelo ensino elementar, criando um sistema escolar público” (BRAGANÇA, 2001, p. 43). A atuação desses editores contribuiu para que fosse, paralelamente, imposto e/ou estimulado que cada aluno tivesse acesso a livros, utilizando de forma individual, “[...] além de chamar a si a decisão sobre quais livros poderiam ou não ser adotados na escola, através das instâncias burocráticas que criara para estabelecer currículos e programas de conteúdo para as matérias, que deveriam ser obedecidas pelo magistério e as escolas” (BRAGANÇA, 2001, p. 43).

Como outra forma de contornar as dificuldades em fazer circular os livros, Odilon Lunardelli incentivou que o seu filho Luiz Lunardelli criasse a Distribuidora Estudantil (LUNARDELLI, L., 2022). A empresa, predeterminada à família Lunardelli, ajudou a constituir ainda mais participação no ramo editorial. As sociabilidades enraizaram os braços de Odilon Lunardelli em todos os processos do livro, proporcionando abrangências ainda maiores. A Distribuidora Estudantil, juntamente com a Distribuidora Catarinense, foi por anos responsável por potencializar a circulação dos livros editados pela FCC. O trabalho com os livros era muito mais que uma questão de familiar, a sociabilidade da família Lunardelli tinha notáveis ligações com o poder político, firmada aqui na concessão do direito de distribuição das publicações editadas pela FCC, instituição mantida pelo estado de Santa Catarina. Também, devem ser destacadas as constantes coedições com editoras e/ou instituições públicas. Afinal, os documentos analisados apontam que as coedições fizeram parte da mediação de Odilon Lunardelli.

Nesta direção, estas outras formas movimentadas para manter as portas abertas da Livraria-Editora Lunardelli até a liquidação da empresa merecem outros muitos estudos. Atento às respostas alcançadas neste trabalho de doutoramento e possibilidades de outras pesquisas, na próxima seção apresentam-se as considerações que se podem assumir como provisórias diante do potencial do tema do problema investigado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Ninguém sabe a resposta.
Mas a cada dia,
como leitores, sem o saber,
a inventamos (CHARTIER, 2002b, p. 32).*

Uma investigação, escrita, leitura ou qualquer ato humano não chega a um ponto final. Como dito anteriormente, ainda que provisoriamente, colocar-se-á um ponto final na escrita desta pesquisa, tese, mas com a obrigação de remeter aos atos iniciais, quando este pesquisador começou a caçar possíveis objetos para investigar. A cada livro técnico e/ou teórico da História da Educação e da Ciência da Informação que lia, só aumentava o desejo de pesquisar sobre livros e seus leões, responsáveis pela escrita e edição. Compreender mais o processo editorial, em especial o catarinense. Nesta busca, ao se deparar com as produções de Matos (2008a, 2008b, 2014), encontra-se um Leão dos Impressos em Santa Catarina, Odilon Lunardelli. Ao escrutinar indícios da atuação de Odilon Lunardelli e de sua livraria-editora, depara-se com algo desafiador, encontra-se frente a frente com o predador de muitas pesquisas e histórias, a ausência de fontes, sobretudo as documentais a respeito da atuação da Lunardelli e de seu proprietário. De personalidade discreta, Odilon Lunardelli dava indícios de que almejava que a sua história fosse contada, a cada entrevista e documento que se encontrava, a certeza deste detalhe ficava evidente e ainda mais difícil por suas restrições. Passagens escassas nos arquivos oficiais, restrições de alguns dados e instituições, além dos contratempos para acessar os entrevistados e outros de ordem pessoal. Em determinado momento, em função das restrições sanitárias, as consultas às bases de dados, locais de armazenamento de informações, foram limitadas, bem como o contato com alguns entrevistados, em sua maioria necessitantes de cuidados relativos à saúde.

Ao observar o texto aqui pronto, jamais se imagina como ele foi construído, os lugares passados nesta vida quase nômade, as mudanças físicas e teóricas, os percursos de orientação, as diversas chamadas e mensagens, os desafios de trabalho e saúde encarados, a escolha e a separação de cada conceito, fonte e citação que aparecia. As indagações sobre os objetivos, as perguntas de pesquisa e as fontes se faziam presentes a todo momento... Qual é a sua tese? Qual é a importância desta tese? Quem é Odilon Lunardelli? Como foi a sua atuação? Qual é a relevância dele para o campo editorial? Que aproximação tem a tese com a história da educação? E a pior, qual é a relevância para o campo da Educação? É uma tese da Educação ou da História? Assim, considera-se que é impossível mapear uma vida por completo, quanto mais

uma empresa sem documentação. Para isso, tem-se como princípio que um historiador atua necessariamente, em alguns casos, selecionando o que parece significativo.

Contudo, ponderam-se e indicam-se alguns indícios de cada seção deste trabalho construído e, com o espírito da epígrafe desta segmentação, depois de ler intensivamente as fontes desta pesquisa, destaca-se a tentativa de inventar, no sentido de conceber, descobrir e elaborar, as respostas do que ainda não estavam por existir na forma escrita. Arriscou-se estabelecer uma relação com o tempo e, desta maneira, fazer história (CERTEAU, 1998), para compreender mais sobre o tema pesquisado – “**Leão dos Impressos:** o Livreiro-Editor Odilon Lunardelli na História Editorial de Santa Catarina (1965-2006)” e então se definiu como objetivo geral *conhecer as ações do livreiro-editor Odilon Lunardelli na história editorial de Santa Catarina (1965-2006)*. Conseguiu-se compreender quem era esse livreiro-editor que atuava no mercado editorial catarinense, um mediador de intelectuais capaz de constituir uma ampla rede de sociabilidade e a maior editora de livros por anos no estado de Santa Catarina.

No desenvolvimento da tese foi possível conhecer os caminhos trilhados por Odilon Lunardelli (1932-1997), idealizador e proprietário da Livraria-Editora Lunardelli, que existiu de 1965 a 2006. A atuação dele como livreiro-editor no mercado editorial em Santa Catarina é fundamental para conhecer a história do livro catarinense, pois além de sua atuação como livreiro, Odilon Lunardelli foi distribuidor de diversas outras editoras e editor. Certamente, um dos maiores editores de livros no estado durante a existência da sua editora. Os vínculos entre a produção e circulação dos impressos com as instituições públicas em Santa Catarina faz com que se tenha uma análise e constatação de sua participação social e intelectual, porque apresentou os autores conhecidos ao circuito nacional e alçou revelar outros tantos escritores catarinenses desconhecidos em nível local, regional e estadual que passaram pelo processo do mundo editorial da Livraria-Editora Lunardelli e fizeram parte da sociabilidade e rede de sociabilidades Odilon Lunardelli. Em busca de conhecer, por meio da documentação e depoimentos colhidos com referência a Odilon Lunardelli enquanto pessoa e livreiro-editor, foi possível vislumbrar cenários políticos e econômicos que circundavam o período estudado, como também suas possíveis interferências na atuação do livreiro-editor pesquisado.

O estudo evidenciou o Jornal “A Ponte” como uma estratégia de divulgação e ampliação do mercado consumidor de livros. O jornal possuía várias propagandas de livros e das empresas ligadas a Lunardelli, entretanto, com o passar dos anos, a linha editorial do Jornal “A Ponte” foi ampliada ao tomar características dos pensamentos recorrentes da sua rede de sociabilidade e um caráter de periódico informativo político. Porém, além de ser a energia que movimentava os desejos e satisfações de Odilon Lunardelli, o Jornal “A Ponte” tinha como papel visibilizar

a produção e circulação do livro no campo cultural e político no estado de Santa Catarina, o que de fato aconteceu, pois o jornal, que já nasceu grande, com 25.000 (vinte e cinco mil) exemplares na primeira edição, cresceu a cada semana, sendo procurado em diversos lugares e alvo de disputa entre jornalheiros. Só não foi maior por limitações financeiras. Odilon Lunardelli soube usar o parque gráfico dos jornais já existentes, que por sua vez, o auxiliaram na circulação e na produção, segundo Lunardelli, L. (2022), havia ajuda mútua entre as mídias existentes.

O teletipista da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, a partir da sua prática operacional, percebeu, no seu dia a dia, que o livro era um objeto de venda promissor, um nicho de venda no mercado local, principalmente após a expansão educacional – básica e superior – no estado de Santa Catarina. Aquele funcionário público foi, paulatinamente, constituindo o seu desempenho profissional no ramo livreiro conforme ia aumentando a sua presença em outras Redes de Sociabilidade. Teve a inspiração e auxílio de Felipe Mestre Jou, o qual apostou em Odilon Lunardelli. O mestre o fez um livreiro que se tornou um dos maiores editores em Santa Catarina, com uma enorme quantidade e variedade de títulos, em sua maioria relacionados aos conhecimentos, saberes com temas e/ou escritores catarinenses. Portanto, foi possível conhecer parte dos caminhos trilhados por Odilon Lunardelli e sua livraria-editora.

Odilon Lunardelli, o Leão dos Livros, era um negociante de impressos e, como um bom livreiro, estava atento às solicitações de um mercado educacional emergente, isto é, com a expansão do ensino em Santa Catarina, principalmente na capital, Florianópolis, onde apostou em uma loja física, a sua Livraria Universitária que, depois, veio a ser chamada de Lunardelli e expandida para editora nos anos seguintes, sendo capaz de fazer circular mais de quinhentos títulos de livros e edições do Jornal “A Ponte” e lançar diversos autores locais. Deste modo, pôde-se conhecer o perfil dos escritores que circulavam em torno da Livraria-Editora Lunardelli e a política em Santa Catarina durante o período – este último aspecto por conta das redes de sociabilidades de Odilon Lunardelli.

Foi possível identificar a atuação de Odilon Lunardelli no mercado livreiro em meados do século XX, no estado de Santa Catarina, os vínculos entre a circulação e produção dos livros e as instituições escolares, como a UFSC e a UDESC. Odilon Lunardelli foi responsável por editar diversos livros de escritores ligados às universidades e, de certa maneira, ele ainda contribuiu para que os estudantes tivessem os livros com saberes pertinentes aos cursos, sendo esses conhecimentos por meio de impressos revendidos pela livraria ou publicados pela editora. Os vestígios da produção da Editora Lunardelli apontaram para conexões à história de indivíduos, instituições e organizações catarinenses. Fatores que permitiram entender as conexões entre a circulação e produção dos impressos e as instituições de ensino, como,

também, a relação da família Lunardelli no meio livreiro, visto que Odilon Lunardelli era um mediador de intelectuais, atuando ativamente para que a sua rede de sociabilidade estivesse presente em diversas instituições como Academia Catarinense de Letras, IHGSC, UFSC e UDESC, além de participações governamentais e filantrópicas. A partir do estudo aqui exposto, pôde-se conhecer, em partes, o perfil dos autores que circulavam em torno da Livraria-Editora Lunardelli atentos ao cenário político em Santa Catarina no período, bem como compreender o papel do Jornal “A Ponte” e sua possibilidade de ser uma estratégia imbricada em sua rede de sociabilidade para visibilizar a circulação e produção do livro no campo cultural e político em Santa Catarina. Entretanto, aponta-se que outras pesquisas contribuam ao trazer maiores informações ligadas aos escritores e à sociabilidade de Odilon Lunardelli, assim como o Jornal “A Ponte” necessita de análises recorrentes dos colunistas/escritores sobre a participação política e social e o poder de apropriação de seus leitores. Pois suas táticas de ação e suas estratégias podem ser percebidas nas alianças e relações que estabelecem e nos projetos que desenvolveu com indivíduos e instituições públicas e privadas. Suas escolhas pessoais conectaram-se diversas vezes aos interesses e projetos de outras pessoas e organizações.

Percebem-se diferentes estratégias exercidas por Odilon Lunardelli para fazer parte do mercado do livro e/ou se manter como livreiro-editor, ao construir e cultivar a sua própria rede de sociabilidade, quer no campo cultural, quer no campo político. O Jornal “A Ponte” leva a pensar e afirmar que essa denominação é uma metáfora entre o autor e o leitor, porém se pode dizer que é uma ponte, o “elo de comunicação e interação” entre o leitor-consumidor e o editor-amante dos livros, o comprador e o vendedor. Em sua caverna, toca, tugúrio, escritório do Luna ou Leão, sendo lá qual for a denominação para o ambiente de sua sociabilidade, exercia “no seu diminuto, escuro, e assim mesmo acolhedor recanto, no interior da livraria, Odilon adorava receber os amigos e conhecidos, especialmente nas manhãs de sábado. Era onde estimulava todos nós a escrever sempre”. Valendo para todos “[...] jovens e velhos preguiçosos. Por ali passávamos todos, os de direita e os de esquerda, os do meio, e só não havia lugar para os sem ideias” (RIBAS JÚNIOR, 1999, contracapa)⁵⁶. Ou seja, era um ambiente em que se reuniam todos os intelectuais e apoiadores de ideologias e ideias, não havia espaço para a ociosidade intelectual perante o livreiro-editor mediador de intelectuais. De fato, Odilon Lunardelli não era um intelectual, não produzia livros, era o mediador que editava escritos de outros intelectuais das mais variadas áreas e vertentes. Um ponto a se considerar é que os intelectuais, na sua

⁵⁶ Mensagem escrita por Salomão Ribas Júnior, amigo pessoal de Odilon Lunardelli, na contracapa do livro “**Nosso homem do livro: Odilon Lunardelli (Depoimentos)**” (PEREIRA, 1999).

maioria, não se filiavam a partidos políticos nesta época, estavam acima disso, eram superiores aos enquadramentos.

Contudo, por que os intelectuais gostavam de transitar nessa rede de sociabilidade? Dava-se pelo simples fato de Odilon Lunardelli ser o editor capaz de dar luz aos pensamentos desenvolvidos em Santa Catarina, lançava mais que os livros, era responsável por alçar os autores locais e dar a eles uma posição de destaque estadual e, em determinados momentos e produções, a repercussão nacional. Ao mesmo tempo que era cômodo para ambas as partes, era um *modus* de viver e ver a vida urbana passar. Transcendia as conversas e as negociações profissionais, refletia na política e sociedade, Odilon Lunardelli catapultava os membros da sua sociabilidade para outras instituições com cargos de prestígio e destaque intelectual. Esses aspectos, entre outras questões que ainda serão apontadas aqui, poderão ser analisados por outros olhares teóricos, como de Pierre Bourdieu – mediados e ponderados nos seus diversos campos. Ainda, é necessário considerar que Odilon Lunardelli cumpriu de maneira plena a função de mediador dos intelectuais: escritores nacionais ou internacionais por meio dos livros que vendia e distribuía; autores locais por também vender e distribuir, e ainda mais, por editar e lançar suas produções científicas e artísticas. Sua semente foi plantada e hoje se tem a presença do livreiro-editor Nelson Rolim, colaborador do Jornal “A Ponte” e atualmente proprietário da Editora Insular, fundada em 1994, que segue a mesma linha editorial da Lunardelli. Odilon Lunardelli foi o mediador de intelectuais catarinenses que abriu caminhos para outros editores, livreiros e escritores, além de ajudar na constituição e circulação das ciências e da cultura local.

Questionamentos do tipo: como ocorria a seleção dos livros enviados para o Congresso dos Estados Unidos? Livros de autores e/ou temas ligados ao neoliberalismo econômico? São os livros com maiores tiragens (sucesso)? Também, revisar os livros no sentido de achar os outros títulos publicados pela Editora Lunardelli, investigar os autores e analisar as produções nos livros e colunas do Jornal “A Ponte”. Quem são os colunistas? Quais as suas visões de mundo? O que era escrito no Jornal “A Ponte” e quais os seus objetivos? Uma possível checagem e pesquisa sobre o Jornal Afinal, concorrente direto do “A Ponte”. Além de mapear as medalhas recebidas em homenagens e/ou que levam o nome de Odilon Lunardelli, fazer uma cartografia dos vencedores do Troféu Catarina. Neste movimento de possíveis pesquisas, destaca-se um olhar mais atento à Câmara Catarinense do Livro e os seus registros, bem como a ACEL. E, dentro desta seara catarinense, estudos precisos e mais densos sobre a Editora Movimento, de Porto Alegre, pois o seu proprietário era catarinense e desenvolvia uma política editorial com edições de escritores catarinenses. Por último, sem fazer posição de destaque e

importância, a análise dos gêneros das obras editadas pela Lunardelli, que devem ser objetos de análises posteriores.

Como anunciado nestas considerações, há um momento de colocar um ponto final na redação desta tese, largar de mão, fechar os livros. O ato de lançar uma tese e defendê-la é o nascimento e a divulgação de uma pesquisa ao mundo, mas não uma, várias outras que surgirão deste embrião. Dos apontamentos realizados acima emergirão produções futuras, do autor desta tese e de outros estudiosos e historiadores da História da Educação e do livro. Até aqui, indicaram-se os avanços e lacunas da pesquisa em si e apontaram-se outras faces a pesquisar do e no mundo do livreiro-editor Odilon Lunardelli. Nos bastidores da pós-graduação, fala-se em conviver com o luto relativo ao término do curso. A tese se faz quase que um familiar, mais de quatro anos de convívio diário, quando é publicada cai feito “folhas mortas” para ser semente de outras tantas pesquisas e produções que dela nascerão e ressurgirão. Há um ensinamento popular relativo a quedas das folhas das árvores que começa questionado: por que as folhas caem antes da neve chegar? Dizem os intelectuais e estudiosos da Biologia que se trata de uma estratégia, um *modus*, prática das plantas para se proteger do frio, reduzindo ao máximo seu gasto de energia, pois as folhas caídas não precisarão mais de sustento e, assim, servem para o aquecimento e adubagem à árvore que lhes deu a vida e a morte. Assim foi o trabalho do autor e da orientadora desta tese, ao alimentar, regar e adubar com energias e pensamentos, ao aquecer esta pesquisa com o coração.

REFERÊNCIAS

- ADESG. Associação de Diplomados da Escola Superior de Guerra. Delegacia de Santa Catarina. **O Estado de Santa Catarina: necessidades básicas, antagonismos, política de consecução.** Florianópolis: ADESG, 1970.
- AGULHON, M. La sociabilidad como categoría histórica. *In*: PEREIRA, T. (Org.). **Formas de sociabilidad en Chile 1840-1940.** Santiago: Fundação Mario Góngora, 1992. p. 1-10.
- AGULHON, M. Visão dos Bastidores. *In*: AGULHON, M.; CHAUNU, P. (Org.). **Ensaio de ego-história.** Lisboa: Editora 70, 1987. p. 13-62.
- AGULHON, M.; BODIGUEL, M. **Les Associations au village.** Arles: Actes Sud, 1981.
- ALMEIDA FILHO, O. J. de. **A estratégia da produção e circulação católica do projeto editorial das coleções de Theobaldo Miranda Santos: (1945-1971).** 2008. Tese (Doutorado em Educação: História, Política e Sociedade) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- ALVES, M. M. **Triste fim de uma livraria:** Uma faixa de aluga-se em um prédio vazio é tudo o que restou dos 40 anos de história da Lunardelli, um marco da cultura catarinense. 2007. Disponível em: frentedaculturasc.blogspot.com/2007/02/triste-fim-de-uma-livraria.html. Acesso em: 14 jul. 2019.
- ARAÚJO, E. **A construção do livro.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 1986.
- ARAÚJO, J. C. S.; SCHELBAUER, A. R. (Orgs.). **História da Educação pela Imprensa.** Campinas: Alínea, 2007.
- ATHANÁZIO, E. O leão em sua caverna. *In*: PEREIRA, F. J. (Org.). **Nosso homem do livro:** Odilon Lunardelli. Florianópolis: União Brasileira de Escritores - Santa Catarina, 1999. cap. 7. p. 31-36.
- BARRETO, C. Tributo a Odilon Lunardelli. *In*: PEREIRA, F. J. (Org.). **Nosso homem do livro:** Odilon Lunardelli. Florianópolis: União Brasileira de Escritores - Santa Catarina, 1999. cap. 8. p. 37-44.
- ITAJAÍ. **Biblioteca pública.** Disponível em: <https://biblioteca.itajai.sc.gov.br/c/patrono#.Y8i2bXbMLIU>. Acesso em: 19 jan. 2023.
- BOURDIEU, P. **Coisas ditas.** São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BRAGANÇA, A. F. A. **Eros pedagógico: a função editor e a função autor.** 2001. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- BRAGANÇA, A. F. A. **Livraria ideal: do cordel à bibliofilia.** Niterói: edições Pasárgada: EdUFF, 1999.
- BRAGANÇA, A. F. A. Um espaço multidisciplinar para os estudos do livro e da leitura no Brasil (1994- 2009): uma aproximação quantitativa. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. *In*: XXXII CONGRESSO BRASILEIRO DE

CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009. **Anais eletrônicos** [...], Curitiba, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1957-1.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2019.

BRAGANÇA, A. F. A. “Uma introdução à história editorial brasileira”. **Cultura, Revista de História e Teoria das Ideias**. Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa (Portugal)v. XIV, II série, p. 57-83, 2002.

BRASIL. **Lei nº 3.849 de 18 de dezembro de 1960**. Federaliza a Universidade do Rio Grande do Norte, cria a Universidade de Santa Catarina e dá outras providências. Brasília, DF, 18 dez. 1960. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/13849.htm. Acesso em: 23 jul. 2019.

BRASIL. **Lei nº 5692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases Para O Ensino de 1º e 2º Graus, e Dá Outras Providências. Brasília, DF, 12 ago. 1971. Seção 1, p. 6377. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692impressao.htm. Acesso em: 23 jul. 2019.

BRASIL. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (de 16 de julho de 1934)**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm. Acesso em: 5 jan. 2023.

BRASIL. **Lei nº 5.988, de 14 de dezembro de 1973**. Regula os direitos autorais e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L5988.htm#art134. Acesso em: 26 fev. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907**. Dispõe sobre a remessa de obras impressas à Bibliotheca Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/historicos/dpl/DPL1825-1907impressao.htm. Acesso em: 26 fev. 2023.

BRUSQUE. Tiro de Guerra. **Brusque Memórias**, 2023. Disponível em: <https://www.brusquememoria.com.br/site/local/14/Tiro-de-Guerra>. Acesso em: 19 fev. 2023.

BUSS, A. Papel Pioneiro. *In*: PEREIRA, F. J. (Org.). **Nosso homem do livro**: Odilon Lunardelli. Florianópolis: União Brasileira de Escritores - Santa Catarina, 1999a. cap. 1. p. 7-8.

BUSS, A. Dificuldades, autores e livros. *In*: PEREIRA, F. J. (Org.). **Nosso homem do livro**: Odilon Lunardelli. Florianópolis: União Brasileira de Escritores - Santa Catarina, 1999b. cap. 3. p. 11-16.

CABRAL, O. R. **Povo e tradição em Santa Catarina**. Florianópolis: EDEME, 1971.

CARDOSO, M. G. **As missões de Pe. João Leonir Dall’Alba**: história, memória e produção de discursos étnicos sobre o sul do Brasil. 2018. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

- CARDOZO, F. J. Se estavas tão bem ali. *In*: PEREIRA, F. J. (Org.). **Nosso homem do livro**: Odilon Lunardelli. Florianópolis: União Brasileira de Escritores - Santa Catarina, 1999. cap. 9. p. 45-46.
- CARVALHO, K. **Travessia das letras**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.
- CAVALLO, G. (Org.). **Libros, editores y público en el Mundo Antigo**. Guia histórica y crítica. Madrid: Alianza, 1995.
- CERTEAU, M. de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- CHARTIER, R. **À beira da falésia**: A história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002a.
- CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. Tradução: Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora Unesp, 2002b.
- CHARTIER, R. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009a.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro, do leitor ao navegador**: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Unesp, 1998.
- CHARTIER, R. Uma revolução leitura no século XVIII? *In*: NEVES, L. M. B. P. das (Org.). **Livros e impressos**: retratos do Setecentos e Oitocentos. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009b. p. 93-106.
- CHARTIER, R. Uma trajetória intelectual: livros, leituras, literaturas. *In*: ROCHA, J.; C. de C. (Org.). **Roger Chartier, a força das representações**: história e ficção. Chapecó: Argos, 2011. p. 21-54.
- CHARTIER, R. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa [Portugal]: Difel, 1990.
- COELHO JUNIOR, N. M. **Entre a caneta do legislador e a vigilância do inspetor**: as correspondências de Elpídio Barbosa no arquivo do Colégio Coração de Jesus (Florianópolis, 1939/1949). 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
- CORADINI, L. **Redes de sociabilidade e apropriação do espaço em uma área central de Florianópolis**. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1992.
- CORREA, C. H. Odilon Lunardelli e a história de Santa Catarina. *In*: PEREIRA, F. J. (Org.). **Nosso homem do livro**: Odilon Lunardelli. Florianópolis: União Brasileira de Escritores - Santa Catarina, 1999. cap. 4. p. 17-20.
- CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico Nova Fronteira de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DALLABRIDA, N. A força da tradição: ex-alunos do Colégio Catarinense em destaque e em rede. **História da Educação**, Pelotas, UFPel, v.12, n.26, p. 141-163, set./dez. 2008.

DAMAZIO, R. M. A. **Entre cultura histórica e historiografia: a construção da história local como saber escolar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

DARNTON, R. **O beijo de Lamourette**. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DELMAS, A. C. G. Elogios impressos: dedicatórias do Brasil de D. João VI. *In*: NEVES, L. M. B. P. das (Org.). **Livros e impressos: retratos do Setecentos e Oitocentos**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. p. 259-302.

ESCARPIT, R. **A revolução do livro**. Trad. de Maria Inês Rolim. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1976.

FÁVERI, M.; ASSIS, G. de O. A FAED faz 50 anos: conquistas e desafios. *In*: TEIVE, G. M. G.; SCHEIBE, L.; KOCH, Z. M. (Orgs.). **FAED/UEDESC: 50 anos de Educação (1963-2013)**. Florianópolis: Editora da Udesc, 2014. p. 259-266.

FERREIRA, S. **Olhar de editor**. Lisboa: Editorial Escritor, 1999.

GALUCIO, A. L. X. **Civilização Brasileira e Brasiliense: trajetórias editoriais, empresários e militância política**. 2009. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

GALVÃO, A. M. de O.; SILVA FRADE, I. C. A. da. Dossiê: História da Cultura Escrita. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 16, n. 1[40], p. 207 - 214, 24 mar. 2016.

GOMES, Â. M. de C.; HANSEN, P. S. Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para delimitação do objeto de estudo. *In*: GOMES, Â. M. de C.; HANSEN, P. S. (Org.). **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 7-37.

GOMES, Â. M. de C.; HANSEN, P. S. (Org.). **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Antonio Gramsci: os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Ed. e trad. de Carlos N, Coutinho. Coed. de Luiz S. Henriques e Marco A. Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. v. 2.

HALLEWELL, L. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: T. A. Queiroz, EDUSP, 1985.

HEMEROTECA DIGITAL CATARINENSE. **Blumenau em Cadernos**. 2018. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/>. Acesso em: 08 maio 2020.

JORNAL “A PONTE”. **A nossa proposta**. Florianópolis, n. 1, Ano 1, 1979.

JORNAL “A PONTE”. Florianópolis, n. 391, Ano VIII, 1989.

JORNAL O ESTADO. Florianópolis, 7 de dezembro de 1965, ano 51, n. 15.301. **Universidade Diploma mais de 30 Economistas**. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/oestadofpolis/1965/EST196515301.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2019.

JUCESC. Junta Comercial do Estado de Santa Catarina. Disponível em: <http://www.jucesc.sc.gov.br/>. Acesso em: 18 jan. 2023.

LEÃO, A. B. A Livraria Garnier e a História dos Livros Infantis no Brasil – Gênese e Formação de um Campo Literário (1858 –1920). **Revista História da Educação**, v. 11, n. 21, jan./abr. 2007a. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/29396/pdf>. Acesso em: 20 jul. 2019.

LEÃO, A. B. **Norbert Elias & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007b.

MACHADO, A.; MARCELINO, R. (Org.). **Catálogo de jornais catarinenses: 1831 – 2013**. 2. ed. Florianópolis: FCC, 2014. Disponível em: <http://www.cultura.sc.gov.br/downloads/bpsc/downloads-7/1804-catalogo-de-jornais-catarinenses-1831-2013/file>. Acesso em: 26 jul. 2019.

MACHADO, U. **Pequeno Guia Histórico das Livrarias Brasileiras**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

MARTINS, W. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. Com um capítulo referente à propriedade literária. 3. ed. il. rev. e atual. São Paulo: Ática, 2001.

MATOS, F. **Uma Ilha de Leitura: notas para uma história de Florianópolis através de suas livrarias, livreiros e livros (1830-1950)**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008a.

MATOS, F. **Sob os auspícios da Livraria Rosa: Redutos literários e circulação de cultura letrada em Florianópolis**. 2008. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008b.

MATOS, F. **Armazém da Província: Vida Literária e Sociabilidades Intelectuais em Florianópolis na Primeira República**. 2014. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

MAUÉS, F. O momento oportuno: Kairós, uma editora de oposição. **História**, v. 25, p. 115-146, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/his/v25n2/05.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2019.

MEIRINHO, J. Lunardelli: uma instituição de cultura. In: PEREIRA, F. J. (Org.). **Nosso homem do livro: Odilon Lunardelli**. Florianópolis: União Brasileira de Escritores - Santa Catarina, 1999. cap. 12. p. 51-54.

MELO, M. M. R. de; VALLE, I. R. Plano Estadual de Educação (PEE) e Teoria do Capital Humano: estratégias de formação docente em Santa Catarina/Brasil (década 1960). **Políticas Educativas**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 1-19, 2014.

MOLES, A. A. **Sociodinâmica da cultura**. Trad. de Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva; Edusp, 1974.

NECKEL, R.; KÜCHLER, A. D. C. (Org.). **UFSC 50 anos: trajetórias e desafios**.

Florianópolis: UFSC, 2010. Disponível em:

https://agecom.ufsc.br/files/2010/12/Livro_UFSC50Anos_2010_web.pdf. Acesso em: 08 maio 2020.

NEVES, L. M. B. P. das (Org.). **Livros e impressos: retratos do setecentos e oitocentos**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

OLIVEIRA, J. V. T.; TEIVE, G. M. G. Higienizando corpos, mentes e hábitos: análise comparativa da disciplina “higiene” nos grupos escolares catarinenses nas reformas “Orestes Guimarães” (1911-1935) e “Elpídio Barbosa” (1946-1969). **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v. 9, n. 2, p. 548-570, maio/ago. 2014. Disponível em:

<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/3946>. Acesso em: 10 maio 2020.

PACHECO, J. D. M. Lunardelli, uma visão acima dos próprios interesses. *In*: PEREIRA, F. J. (Org.). **Nosso homem do livro: Odilon Lunardelli**. Florianópolis: União Brasileira de Escritores - Santa Catarina, 1999. cap. 13. p. 55-60.

PAOLINELLI, S. M. R. **Uma visão geral sobre a atuação das editoras universitárias no contexto da educação superior pública brasileira**. 2016. Dissertação (Mestrado em Inovação Tecnológica) - Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2016.

PEREIRA, F. J. (Org.). **Nosso homem do livro: Odilon Lunardelli**. Florianópolis: União Brasileira de Escritores - Santa Catarina, 1999.

PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PIAZZA, W. F. Odilon Lunardelli e alguns aspectos da sua personalidade. *In*: PEREIRA, F. J. (Org.). **Nosso homem do livro: Odilon Lunardelli**. Florianópolis: União Brasileira de Escritores - Santa Catarina, 1999. cap. 20. p. 81-84.

PONTES, G. T. **Das Páginas de “Flamma Verde”**: Educação e sociabilidade no periódico integralista “Flamma Verde” em Florianópolis entre 1936 e 1938. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

RIBAS JÚNIOR, S. Um adorável teimoso. *In*: PEREIRA, F. J. (Org.). **Nosso homem do livro: Odilon Lunardelli**. Florianópolis: União Brasileira de Escritores – Santa Catarina, 1999. cap. 17. p. 71-74.

RISTOW, J. Como desencahar os livros que o catarinense não lê? **Zero: Jornal Laboratório do Curso de Comunicação Social da UFSC**. Florianópolis, p. 7. out. 1983. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/zero/zerojornais/ZERO1983OUT004.pdf>. Acesso em: 30 set. 2022.

RISTOW, J. **A Distribuição de Livros em Santa Catarina**. 1984. 53 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1984. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/163542>. Acesso em: 27 jul. 2022.

ROSSO, A. L. D. **A influência da política na produção jornalística: uma análise sobre a editoria de política do jornal Diário Catarinense**. 2011. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

SACHET, C. Editor-autor. *In*: PEREIRA, F. J. (Org.). **Nosso homem do livro: Odilon Lunardelli**. Florianópolis: União Brasileira de Escritores - Santa Catarina, 1999. cap. 6. p. 27-30.

SANTA CATARINA. Plano Estadual de Educação. Secretaria de Educação e Cultura. Governo de Ivo Silveira. **Decreto n. SE – 31-12-1969/8828**. Dispõe sobre o Plano Estadual de Educação (PEE), 1969.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Fazenda. **Memorial: José Abelardo Lunardelli**, 2017. Disponível em:
www.sef.sc.gov.br/institucional/acervos/secretario/9/José_Abelardo_Lunardelli. Acesso em: 28 ago. 2020.

SANTA CATARINA. **Resposta à Carta dos Catarinenses**. Florianópolis: IOESC, 1987.

SCHÜTZ, K. S. W. **Um historiador entre-lugares: a historiografia catarinense e a trajetória de Carlos Humberto Pederneiras Corrêa (1963-2010)**. 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Doutorado em História, Florianópolis, 2020.

SILVA, M. G. da. Cultura política e discursos de modernização em Santa Catarina (1970-75). *In*: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011. **Anais eletrônicos [...]**. São Paulo, 2011. Disponível em:
<https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/32-snh26>. Acesso em: 27 de jun. 2022.

SILVA, N. C. G. da. **“O sabor da censura” na ótica dos alunos da terceira série do Ensino Médio do município de Garopaba, Santa Catarina**. 2010. Monografia (Licenciatura em História) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2010.

SILVA, N. C. G. da. **Série Fontes: reflexões sobre as ideologias presentes nos textos de leitura**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2016.

SIRINELLI, J.-F. Os intelectuais. *In*: RÉMOND, R. (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p. 231-271.

SIRINELLI, J.-F. Os intelectuais. *In*: RÉMOND, R. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 2003. p. 231-269.

SORÁ, G. Tempo e distâncias na produção editorial de literatura. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 151-181, out. 1997. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 jul. 2019. <https://doi.org/10.1590/S0104-93131997000200005>.

SUAIDEN, E. Apresentação. *In*: HALLEWELL, L. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: T. A. Queiroz, EDUSP, 1985. p. XIX-XX.

UNISUL. Fundação Universidade do Sul de Santa Catarina. **Fundação Unisul**. 2021. Disponível em: <https://estude.unisul.br/fundacao-unisul/>. Acesso em: 28 dez. 2021.

UNOESC. Fundação Universidade do Oeste de Santa Catarina. **FUNOESC**. Disponível em: <https://www.unoesc.edu.br/unoesc/funoesc/sobre>. Acesso em: 16 mar. 2022.

UNSELD, S. **O autor e seu editor**. Trad. de Áurea Weissenberg. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

VENÂNCIO, G. M. Da escrita impressa aos impressos da biblioteca: uma análise da trajetória de leitura de Francisco José de Oliveira Vianna. *In*: DUTRA, E. de F.; MOLLIER, J. (Orgs.). **Política, Nação e Edição**. O Lugar dos Impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas no século XVIII e XX. São Paulo: Annablume, 2006. p. 87-108.

VIÑAO FRAGO, A. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. *In*: MIGNOT, A. C. V. (Org.). **Cadernos à vista**: memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p. 15-33.

Entrevistas

GHIGGI, C. **Entrevista concedida a Nicholas Cardoso Gomes da Silva**. Florianópolis, 06 de set. 2022.

KLUEGER, U. A. **Entrevista concedida a Nicholas Cardoso Gomes da Silva**. Florianópolis, 11 de dez. 2021.

LUNARDELLI, A. **Entrevista concedida a Nicholas Cardoso Gomes da Silva**. Florianópolis, 01 de nov. 2022.

LUNARDELLI, L. N. **Entrevista concedida a Nicholas Cardoso Gomes da Silva**. Florianópolis, 05 de fev. 2022.

SACHET, C. **Entrevista concedida a Nicholas Cardoso Gomes da Silva**. Florianópolis, 11 de abr. 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A – LIVROS PUBLICADOS PELA EDITORA LUNARDELLI

Legenda: D – UDESC; F – UFSC; L – Livro sobre Lunardelli; P – BPSC; E – Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos; O – Outros; SD – Sem data

Nº	Autor	Título	Ano	Editora parceira	Disponível na Biblioteca					Livro ⁵⁷	Gênero ⁵⁸	CDD ou CDU
					UDESC	UFSC	BPSC ⁵⁹	BN ⁶⁰	BC – EUA ⁶¹			
1		A contribuição grega					P					
2		Contistas de Blumenau	1980	Casa Dr. Blumenau	D	F	P	N	E		Literatura catarinense – miscelânea	869.0(816.4)-82 C762
3		Contistas e cronistas catarinenses	1979		D	F	P		E		Literatura catarinense	SC/B869.301 C762
4	Academia São José de Letras	Sinfonia poética e prosa	2001				P					

⁵⁷ Presente na relação de títulos da editora no Livro de Homenagem a Odilon Lunardelli.

⁵⁸ Gênero descrito pelo local onde foi encontrada a indicação da publicação do livro ou pelo CDD/CDU.

⁵⁹ Biblioteca Pública de Santa Catarina.

⁶⁰ Biblioteca Nacional

⁶¹ Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos da América.

5	ACHARD, José Pedro	Pedagogia corretiva								L	Pedagogia	
6	ACHARD, José Pedro	Curso de pedagogia corretiva: a educação do menor difícil				F	P	N			Educação	376.5 A176c
7	AMORIM, Luiz Carlos.	Uma questão de amor	1986			F	P	N		L	Literatura catarinense - poesia	869.0(816.4)-1 A524q
8	ATHAYDE, Abília Maciel de	Poemas de amor ao Pequeno Príncipe	1987		D	F	P	N			Literatura Catarinense - poesia	869.0(816.4)-1 A865p
9	AZEVEDO, Elói Gonçalves de	Quando os mortos pedem justiça: o crime da mulher sem cabeça: romance policial	2001				P					
10	AZEVEDO, Elói Gonçalves de	Sem trégua contra o crime: droga, o maior inimigo da humanidade	2002		D	F					Literatura catarinense – romance	869.0(81)-31 A994s
11	BARRETO NETO, Alexandrino	Esquinas da minha Ilha	2001		D		P				Literatura catarinense	SC/B869.301 B273e
12	BARRETO, Maria Theresinha Sobierajski. Prefácio de Maria Luiza Marcílio	Poloneses em Santa Catarina: a colonização do Alto Vale do Rio Tijucas	1983	EdUFSC	D	F	P	N	E	L	Migração internacional e colonização	325.3(816.4=84) B273p CE

13	BARTOLOMEU, Lázaro	O outro lado da vida	1982			F	P	N		L	Literatura catarinense – crônicas/memórias	869.0(816.4)-94 B292o
14	BASTOS, Elidia S.	A caminho da redação	1979			F				L	Língua Portuguesa	806.90-085.2 B327c
15	BERGER, Paulo (Org.)	Ilha de Santa Catarina - Relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX	1990		D	F	P	N		L	Narrativas de viagens	910.4(816.406.02:210.7) I27
16	BITTENCOURT, Valmy	Paisagismo de baixo custo	1983			F	P	N	E	L	Paisagismo	712.3(81) B624p
17	BOPPRÉ, Maria Regina	O Colégio Coração de Jesus na educação catarinense 1898/1988	1989		D	F	P	N	E	L	Educação	37(816.4)(091) B725c
18	BRASIL. (Tribunal Regional do Trabalho)	Jurisprudência trabalhista catarinense, 1982 a 1985 e regimento interno do TRT de SC	1987			F	P	N			Direito, jurisprudência, trabalho	34:331(816.4) S231j
19	BUSS, Alcides	Ahsin	1976		D	F	P		E	L	Literatura catarinense - poesia	869.0(816.4)-1 B981a
20	CABRAL, Oswaldo Rodrigues	Breve notícia sobre o Poder Legislativo de Santa Catarina	1970		D	F	P		E	L	Direito constitucional e administrativo	342.52(816.4) C117b

21	CABRAL, Oswaldo Rodrigues	A campanha do Contestado	1979		D	F	P		E	L	História de Santa Catarina	981.64
22	CABRAL, Oswaldo Rodrigues	História de Santa Catarina	1987		D	F	P	N		L	História de Santa Catarina	981.64 C117h
23	CABRAL, Oswaldo Rodrigues	Nossa Senhora do Desterro - 2 volumes	1979		D	F	P		E	L	História de Santa Catarina	981.640.602 C117n
24	CABRAL, Oswaldo Rodrigues	Chuva de pedra: conta muitos casos e outras coisas				F			E		Literatura catarinense - contos	869.0(816.4)-34 C117c
25	CALDAS FILHO, Raul	Oh! Que delícia de Ilha de Santa Catarina	1995	Paralelo 27	D	F	P	N	E	L	Folclore	398(816.406.02) C145o
26	CALDAS FILHO, Raul	Delirante Desterro	1980		D		P			L	Literatura catarinense	SC/B869.4 C145d
27	CALDAS, Cândido	História militar da Ilha de Santa Catarina: notas	1992		D	F	P		E	L	Assuntos militares	355.424.1(816.4) C145h
28	CALDEIRA, Almiro	Em busca de terra firme	1992			F	P	N	E	L	Literatura catarinense - romance	869.0(816.4)-31 C146e
29	CAMPOS, Custódio de	Ditos e feitos	1995			F	P			L	Livros em blocos	92(816.4) C198d
30	CAPELLA, Ayrton; SILVA, Jaldyr Bhering Faustino da	Estudos de problemas brasileiros	1975		D	F	P		E		Cidadania	308(81) C238e
31	CARDOZO, Flávio José	Longínquas baleias	1986		D	F	P	N	E	L	Literatura catarinense - contos	869.0(816.4)-34 C268l

32	CARDOZO, Flávio José	Água do pote: crônicas	1982		D	F	P	N		L	Literatura catarinense – crônicas/memórias	869.0(816.4)-94 C268a
33	CARDOZO, Flávio José	Beco da Lamparina: crônicas	1987		D	F	P	N	E	L	Literatura catarinense – crônicas/memórias	869.0(816.4)-94 C268b
34	CARDOZO, Flávio José	Senhora do meu Desterro: crônicas	1991	FFC	D	F	P	N	E	L	Literatura catarinense – crônicas/memórias	869.0(816.4)-94 C268s
35	CARDOZO, Flávio José	Tirroteio depois do filme	1989	Diário Catarinense	D	F	P	N	E	L	Literatura catarinense – crônicas/memórias	869.0(816.4)-94 C268t
36	CARDOZO, Flávio José	Como quem acha um tesouro	1986		D	F	P			L	Literatura catarinense – revista	869.0(816.4)-5 C268c
37	CARDOZO, Flávio José	Cambada de mentiroso: crônicas	1987		D	F	P	N			Literatura catarinense – crônicas/memórias	869.0(816.4)-94 C174
38	CARDOZO, Flávio José; MIGUEL, Salim; SOUZA, Silveira de	Este humor catarina	1985		D	F	P	N			Literatura catarinense - contos	869.0(816.4)-34 E79
39	CARMINATTI JUNIOR, Florentino	Sol de sal	1983	LADESC		F	P	N			Literatura catarinense - poesia	869.0(816.4)-1 C287s
40	CARVALHO, João Nicolau de. [ilustrações, Willy Zumblick]	Rasga-mortalha	1979		D	F	P		E		Literatura catarinense - contos	869.0(816.4)-34 C331r
41	CARVALHO, Saulo Varella de	A tragédia do Caveiras: o	1990		D	F	P		E	L	Criminologia	343.9(816.412.03) C331t

59	CURI, José	Curso de Espanhol para brasileiros	1994	Sagra-D.C. Luzzatto,		F				L	Ensino de espanhol	806.0:37 C975c
60	CURI, José	Traze-meo girassol	1982			F	P	N		L	Literatura catarinense - poesia	869.0(816.4)-1 C975t
61	CURI, José	Juca Jacu & Cia.	1979		D	F	P		E	L	Literatura catarinense - contos	869.0(816.4)-34 C975j
62	DALL'ALBA, João Leonir	Imigração italiana em Santa Catarina: documentário.	1983	EDUCS; Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes	D	F	P				Migração internacional e colonização	325.1(816.4=50) D144i
63	DALL'ALBA, João L	A imigração italiana em Santa								L	História	
64	DALL'ALBA, João L	Sti anni in colônia	1986	EDUCS		F	P	N		L	Literatura catarinense - poesia	869.0(816.4)-1 D144s
65	DALL'ALBA, João L	Laguna antes de 1880: documentário	1979	UDESC/DAPE	D	F	P		E	L	História de Santa Catarina	981.640.803 D144l
66	DALL'ALBA, João L; CAMPOS, Bernardino de Senna	Memórias do Araranguá	1987		D	F	P	N	E	L	História de Santa Catarina	981.641.001 C198m
67	D'AVILA, Jandira	Sempre mulher	1989				P	N		L	Ensaio	
68	D'AVILA, Jandira	Cartilha, Primeiras Leituras	1987			F		N		L	Leitura	372.4 D259c
69	DELLAGIUSTINA, Osvaldo	Educação e capacitação para o	1979		D	F	P		E	L	Educação, Administração	35:37 D357e

		trabalho: administração e modelos operacionais						N					
70	DELLAGNELLO, José Aleixo	Constituição e Estatuto	1970			F	P			E	L	Constituição	342.4(816.4) S231c
71	DELLAGNELLO, José Aleixo	Constituição do Estado de Santa Catarina	1983			F	P				L	Constituição	342.4(816.4)"1967" S231c
72	FERNANDES, Jayne	Atividades práticas de química geral	1985				P	N			L	Química	54 F363a
73	FERREIRA, Edda Arzúa	O texto literário: a prática da interpretação	1983			F	P	N			L	Literatura	82.01 F383t CE
74	FOSSARI, Domingos	Assim os vejo: homens do meu tempo	1973				P						
75	FURTADO FILHO, Dorvalino	Telhado de vidro – As Catarinárias	1994			F	P	N			L	Crônicas	32(816.4) F992t
76	GODINHO, Egas	Chuva de pedra: conta muitos casos e outras coisas	196?		D	F	P				L	Literatura brasileira em geral	SC/B869.3 C117c
77	GOMES, Manoel	Manual do Mestre Maçom	1996					N			L	Maçonaria	
78	GOMES, Manoel	Memória barriga- verde	1990		D	F	P	N	E		L	Livros em blocos	92(816.4) G633m
79	GONÇALVES, José	Dico: o sertanejo herói	1978		D	F	P			E	L	Literatura catarinense - romance	869.0(816.4)-31 G635d

80	GUIMARÃES, Zoraida Hostermann	Ainda há sol atrás da montanha	1980		D	F	P		E	L	Literatura catarinense - poesia	869.0(816.4)-1 G963a
81	GUIMARÃES, Zoraida Hostermann	A dança da vida	1983	Lions Clube		F	P	N		L	Literatura catarinense - poesia	869.0(816.4)-1 G963d
82	GUIMARÃES, Zoraida Hostermann	Semeadura	1979			F	P		E	L	Literatura catarinense - poesia	869.0(816.4)-1 G963s
83	GUIMARÃES, Zoraida Hostermann	Um pilar de luz no cosmo: Huberto Rohden	2000		D		P		E		Literatura catarinense – escritores brasileiros	B869.092 G963p
84	HAMMS, Jair Francisco	A cabra azul	1985		D	F	P	N	E	L	Literatura catarinense – crônicas/memórias	869.0(816.4)-94 H227c
85	JUNKES, Lauro	Presença da poesia em Santa Catarina	1979			F	P	N	E			
86	JUNKES, Lauro	Aníbal Nunes Pires e o Grupo Sul: um estudo sobre o Grupo Sul e uma antologia dos poemas e contos de Aníbal Nunes Pires	1982		D	F	P	N		L	Literatura catarinense	869.0(816.4).09 J95a
87	JUNKES, Lauro	A presença da poesia em Santa Catarina								L	Literatura catarinense - poesia	869.0(816.4)-1 J95p
88	KLUEGER, Urda Alice	Entre Ihamas e condores								L	Documentário	

89	KLUEGER, Urda Alice	Recordações de amar em Cuba II	1995		D	F					Literatura catarinense - romance	869.0(816.4)-31 K66r
90	KLUEGER, Urda Alice	A vitória de Vitória	1998				P			L	Infantil	
91	KLUEGER, Urda Alice	As brumas dançam sobre o espelho do rio	1982		D	F	P	N		L	Literatura catarinense - romance	869.0(816.4)-31 K66b
92	KLUEGER, Urda Alice	No tempo das tangerinas	1980		D	F	P	N		L	Literatura catarinense - romance	869.0(816.4)-31 K66n
93	KLUEGER, Urda Alice	Te levanta e voa			D	F	P	N		L	Literatura catarinense - romance	869.0(816.4)-31 K66t
94	KLUEGER, Urda Alice	Vem, vamos remar	1986			F	P	N	E	L	Literatura catarinense - contos	869.0(816.4)-34 K66v
95	KLUEGER, Urda Alice	Cruzeiros do Sul	1992		D	F	P	N	E	I	Literatura catarinense - romance	869.0(816.4)-31 K66c
96	KLUEGER, Urda Alice	Verde vale	1979		D	F	P	N	E	L	Literatura catarinense - romance	869.0(816.4)-31 K66v
97	KONDER REIS, Marcos	Leleco e os ovos de Páscoa					P	N		L	Infantil	
98	KONDER REIS, Marcos	O irmão da estrada Conv. MEC/INCL	1978		D	F	P		E	L	Literatura catarinense - poesia	869.0(816.4)-1 R375i
99	KONDER REIS, Marcos	Sete agonias	1982		D	F	P	N		L	Literatura catarinense - contos	869.0(816.4)-34 R375s

100	KORMANN, Edith	O teatro na educação artística					P			L	Educação	
101	KORMANN, Edith	Teatro na educação artística: 1º grau	1978	Ed. UDESC	D	F	P				Educação, teatro	792:37 K84t
102	KRIEGER, Maria de Lourdes	O natal do pastorzinho.	1980			F	P	N			Infantil	82-93 K92n
103	KRIEGER, Maria de Lourdes Ramos; MEYER FILHO	O destino de Redondinho: o grão de areia	1980			F		N		L	Infantil	82-93 K92d
104	KRIEGER, Maria de Lourdes Ramos.	Comunicação e expressão através do conto e da crônica	1976		D	F	P		E	L	Língua Portuguesa	806.90-085-2 K92c
105	LAGNI, Delia Terezinha	A pedagogia freiriana e martiniana: uma contribuição para proposta de educação sexual libertadora crítica	2002		D		P		E		Educação sexual	372.372 L176p MP
106	LAGO, Paulo Fernando	Gente da terra catarinense	1988				P		E	L	Ensaio	
107	LAUS, Harry	De como ser	1978		D	F	P		E	L	Literatura catarinense - romance	869.0(816.4)-31 L388d
108	LAUS, Lausimar	A presença cultural da Alemanha no Brasil			D	F		N	E	L	Migração internacional e colonização	325.3(816.4=30) L388p

109	LAUS, Lausimar	O guarda-roupa alemão: romance	1989		D	F		N		L	Literatura catarinense - romance	869.0(816.4)-31 L388g 3.ed.
110	LENZI, Carlos Alberto Silveira	Partidos e políticos de Santa Catarina	1983	EdUFSC		F				L	Partidos e movimentos políticos	329(816.4) L575p
111	LAUS, Lausimar	Ofélia dos navios	1983		D	F	P	N	E	L	Literatura catarinense - romance	869.0(816.4)-31 L388
112	LINS, Hoyêdo de Gouvêa	A lenda de Cajurê	1990		D	F	P	N	E	L	Literatura catarinense - contos	869.0(816.4)-34 L759i
113	LINS, Hoyêdo de Gouvêa	Janela do tempo	1993		D	F	P	N		L	Literatura catarinense – crônicas/memórias	869.0(816.4)-94 L759j
114	LINS, Hoyêdo de Gouvêa	Histórias que a Bíblia não contou	1995		D	F	P	N		L	Literatura catarinense - contos	869.0(816.4)-34 L759h
115	MACHADO, Manoel Venâncio	Paulo Lopes: breve história de uma terra e de seu povo	1993			F	P		E	L	História de Santa Catarina	981.640.606 M149p
116	LINS, Hoyêdo de Gouvêa	Ventos ilhéus	1992		D	F	P	N		L	Literatura catarinense - contos	869.0(816.4)-34 L953v
117	MARCONDES DE MATOS, Fernando	Santa Catarina: tempos de angústia e esperança	1986		D	F	P	N		L	Situação econômica	338(816.4) M444s

118	MARTORANO, Dante	Temas catarinenses	1982	EdUFSC	D	F	P	N		L	Literatura catarinense – crônicas/memórias	869.0(816.4)-94 M387t
119	MEIRINHO, Jali	A República em Santa Catarina	1982			F	P	N	E	L	História de Santa Catarina	981.64 M514r
120	MELO, Osvaldo Ferreira de	História sócio-cultural de Florianópolis	1991	Clube Doze de Agosto/IHGSC	D	F	P	N	E		História de Santa Catarina	981.640.602 H673
121	MENDES, Luis Antonio Martins	Pedra Redonda	1981		D	F	P	N	E		Literatura catarinense - poesia	869.0(816.4)-1 M538p
122	MELO, Osvaldo Ferreira de	Tendências do federalismo no Brasil	1970		D	F	P	N	E	L	Direito constitucional e administrativo	342.24(81) M528t
123	MENEZES, Holdemar	A vida vivida: crônicas	1983	EdUFSC		F	P	N			Literatura catarinense – memórias	869.0(816.4) 94 M543v CE
124	MIGUEL, Salim	Flores tropicais: poesias e pensamentos	1986			F	P	N			Literatura catarinense - poesia	869.0(816.4)-1 S586f
125	MIGUEL, Salim	O castelo de Frankenstein - v. 2	1990				P			L	Ensaio	
126	MIGUEL, Salim	O castelo de Frankenstein: anotações sobre autores e livros	1986	EdUFSC	D		P	N			Literatura catarinense	869.0(816.4).09 M636c
127	MIGUEL, Salim	O castelo de Frankenstein: anotações sobre autores e livros v. 2	1990	EdUFSC	D	F	P	N			Literatura catarinense – escritores brasileiros	SC/B869.09 M636c

128	MIGUEL, Salim	Gente da terra: perfis - anotações	2004		D		P				Literatura catarinense	SC/B869.4 M636g
129	MIGUEL, Salim; SOARES, Iaponan	Holdemar Menezes: literatura e resistência	1992	EdUFSC	D	F	P	N	E		Literatura catarinense	869.0(816.4).09 H726
130	MIGUEL, Salim	O castelo de Frankenstein	1986				P		E	L	Ensaio	
131	NASCIMENTO, Odir	A história do teatro em Santa Catarina - 2 volumes								L	História	
132	NASPOLINI, Stela	Florianópolis conta sua história para crianças	1979			F	P	N		L	História de Santa Catarina	981.640.602 S824f
133	PASOLD, César	O Estado e a educação	1980		D	F	P	N	E	L	Educação, sistemas de governo	37:321 P283e CE
134	PASSAMAI, Marcelo	Faca cega	1993	FCC		F	P		E	L	Literatura catarinense - poesia	869.0(816.4)-1 P285f
135	PAULI, Evaldo	A fundação de Florianópolis	1986		D	F	P	N		L	História de Santa Catarina	981.640.602 P327f
136	PEDRO, Albertina Moreira	Quando os anjos vieram à terra	1980			F	P	N		L	Infantil	82-93 P372q
137	PAULI, Evaldo	Desafio aos olhos azuis	1978		D	F	P		E	L	Literatura catarinense - romance	869.0(816.4)-31 P327d
138	PEREIRA, Francisco José	As duas mortes de Crispim Mira	1992	FCC		F	P	N	E	L	Literatura catarinense – romance	869.0(816.4) 31 P436d

139	PEREIRA, Francisco José	Desterro de meus amores: Contos	1993	FCC	D	F	P	N	E	L	Literatura catarinense - contos	869.0(816.4)-34 P436d
140	PEREIRA, Moacir	A imprensa em debate	1981	Alesc	D	F	P	N	E	L	Jornalismo	07.01 I34 CE
141	PEREIRA, Francisco José	O voo da morte	1995	Garapuvu	D	F	P		E	L	Literatura catarinense - romance	869.0(816.4)-31 P436v
142	PEREIRA, Moacir	O poder da constituinte	1986		D	F	P	N	E	L	Constituição	342.4 P436p
143	PEREIRA, Moacir	Comunicação e liberdade	1978			F	P	N	E	L	Jornalismo	07.01 P436c CE
144	PEREIRA, Moacir	Imprensa e poder: a comunicação em Santa Catarina	1992	FCC	D			N	E	L	Jornalismo	302.23098164 P436i
145	PEREIRA, Moacir. Prefácio de Carlos Castello Branco	Imprensa: um caminho para a liberdade	1980	EdUFSC	D	F	P	N		L	Jornalismo	070.13 P436i
146	PEREIRA, Nereu do Vale	Desenvolvimento e modernização: um estudo de modernização em Florianópolis	1980		D		P		E	L	Comunidades urbanas	307.76 P436d
147	PEREIRA, Moacir	O golpe do silêncio								L	Comunicação	
148	PEREIRA, Moacir	Imprensa: um compromisso com a liberdade	1979	EdUFSC	D	F	P	N	E	L	Jornalismo	070.13 P436i
149	PEREIRA, Moacir	O profeta da esperança: a visita do Papa João	1992		D	F	P	N	E	L	Jornalismo	07.01:262-13 P436p CE

		Paulo II e a beatificação de Madre Paulina										
150	PIAZZA, Walter Fernando	Santa Catarina sua história	1983	EdUFSC	D	F	P	N	E	L	História de Santa Catarina	981.64 P584s CE
151	PIAZZA, Walter Fernando	De Portugal para o Brasil: trajetória de uma família	2003				P		E			
152	PIAZZA, Walter Fernando	A epopeia agórico-madeirense	1992		D	F	P	N	E	L	Migração internacional e colonização	325.3(469.9) P584e
153	PIAZZA, Walter Fernando	A colonização de Santa Catarina	1988		D	F	P	N		L	Migração internacional e colonização	325.3(816.4) P584c
154	PIAZZA, Walter Fernando; HÜBENER, Laura Machado	Santa Catarina, história da gente: 2º grau	1983		D	F	P	N			História de Santa Catarina	981.64 P584s
155	PIAZZA, Walter Fernando; HÜBENER, Laura Machado	Santa Catarina, história da gente: 2º grau e pré-vestibular	1989		D	F	P	N			História de Santa Catarina	981.64 P584s
156	PIAZZA, Walter Fernando; HÜBENER, Laura Machado	Santa Catarina, história da gente	2003		D		P				História de Santa Catarina	981.64 P584s
157	PIAZZA, Walter Fernando; LOMBARDI, Ivete; LEITE, Mara de Fátima	Os Catarinas: terra e gente	1995		D	F	P				Literatura catarinense - romance	869.0(816.4)-31 V331c

158	PIAZZA, Walter Fernando; MARQUES, Ana Maria	Italianos em Santa Catarina	2001			F	P	N	E		Migração internacional e colonização	325.3(816.4) I88
159	PINHEIRO NETO, Liberato Manoel	Chrischelle	1979		D	F	P		E		Literatura catarinense - poesia	869.0(816.4)-1 P654c
160	PÍTSICA, Paschoal Apóstolo	A capitania de Santa Catarina: alguns momentos	1993	FFC	D	F	P	N	E		História de Santa Catarina	981.64 P687c
161	PINHEIRO NETO, Liberato Manoel	Iriamar	1978	Ed. UDESC	D	F	P		E		Literatura catarinense - poesia	869.0(816.4)-1 P654i
162	PINHEIRO NETO, Liberato Manoel	Prefeitura, comunidade e educação	1976		D	F	P		E		Educação, administração local	352:37(816.406.02) P654p
163	PRATES, Arlene Maria Maykot; MANZOLLI, Judite Irene; MIRA, Marly A. Fortes Bustamante	Geografia física de Santa Catarina: 2º grau	1989		D	F	P	N			Geografia física	911.2(816.4) P912g
164	RAMOS, Mila	Pé de vento	1985		D	F	P	N	E		Literatura catarinense - poesia	869.0(816.4)-1 R175p
165	RAMOS, Sergio da Costa.	A emulsão de Olysses	1988	Global/SP	D			N	E		Literatura catarinense	SC/B869.4 R175e
166	REGIS, Maria Helena Camargo	Manual de comunicação poética	1982	EdUFSC	D	F	P	N			Crítica Literária	82.09 R337m

167	REHFELDT, Klaus H. G.	Ele (ou ela): é alcoólatra! o que fazer?	1995			F	P	N			Criminologia	364.272 R345e
168	REIS, Sara Regina Poyares dos	Lembranças de Portugal: viagens pela história Lusa	1999				P					
169	REITZ, Raulino	Alto Biguaçu: narrativa cultural tetrarracial	1988		D	F	P	N	E		História de Santa Catarina	981.640.601 R379a
170	REITZ, Raulino; KLEIN, Roberto Miguel; REIS, Ademir.	Madeiras do Brasil: Santa Catarina	1979		D	F	P		E		Agricultura	634.0.81(816.4) R379m
171	RIBAS JÚNIOR, Salomão	Aspectos econômicos e sociais do Estado de Santa Catarina: para concursos e vestibulares				F		N			Situação econômica	338(816.4) A838
172	RIBAS JÚNIOR, Salomão	O velho da Praia Vermelha e outros contos	1993		D	F	P	N	E		Literatura catarinense - contos	869.0(816.4)-34 R482v
173	RIBEIRO, Celso Rogério Alves	A história do município de Correia Pinto	2004		D	F					História de Santa Catarina	981.641.203.04 R484h
174	RODRIGUES FILHO, Ison Wilmar; WENDHAUSEN, Renato	Dicionário de regionalismos da Ilha de Santa Catarina e arredores	1996	FFC		F			E		Dicionário	030.2:806.90-087.4 R696d

175	ROSA, José Edu; MADEIRA, Ademar Americo. Prefácio de Ernani Bayer	Odontologia catarinense: evolução, ensino e movimento associativo	1982			F		N	E		Enfermidades, diversas doenças transmissíveis, estatística	616.314(816.4) R788o
176	SACHET, Celestino	A literatura catarinense	1979		D		P	N	E		Literatura catarinense – cordel	869.0(816.4)(091) S1211
177	SACHET, Celestino	Poesia sertaneja: I concurso nacional.	1984			F	P	N	E		Literatura catarinense - poesia	869.0(816.4)-1 P745
178	SACHET, Celestino	A literatura de Santa Catarina	1985		D	F	P		E	L	Literatura catarinense – cordel	869.0(816.4)(091) S1211
179	SACHET, Celestino	Transformações estético-literárias dos anos 20 em Santa Catarina.	1974	Ed. UDESC					E		Literatura catarinense - poesia	
180	SACHET, Celestino; SOARES, Iaponan	Presença da literatura catarinense	1989		D	F	P	N	E		Literatura catarinense - poesia	869.0(816.4)-1 P933
181	SANTA CATARINA. [Constituição (1989)]; RIBAS JÚNIOR, Salomão	A nova constituição de Santa Catarina 1989	1989		D	F	P	N	E		Constituição	342.4(816.4)"1989" S231n
182	SANTOS, Roselys Izabel Correa.	A colonização italiana no vale Itajaí-Mirim	1981		D				E		Migração internacional e colonização	325.343098164 S519c
183	SÃO THIAGO, Arnaldo Claro de	O conflito dos séculos: da	1971			F	P		E		Religião	248 S197c

		Academia Catarinense de Letras										
184	SASSE, Marita Deeke	Blumenau: sua história	1980		D	F	P		E			82-93 S252b
185	SCHLICHTING, Arno Melo	Canção de ninar	1986		D		P	N			Literatura – romance	B869.3 S344c
186	SCHLICHTING, Arno Melo	Construção	1985		D	F	P	N			Literatura catarinense - romance	869.0(816.4)-31 S344c
187	SCHROEDER, Orlando Borges	Iniciação ao vinho	1987	EdUFSC			P	N				
188	SILVA, Cacildo	Poetizando as pedras da estrada	2000		D	F	P		E		Literatura catarinense – poesia	SC/B869.1 S586p
189	SILVEIRA JÚNIOR, Norberto Cândido	1000 notícias culturais	1985			F	P	N	E		Cultura conhecimentos gerais	008(088.3) S587m CE
190	SILVEIRA JÚNIOR, Norberto Cândido	Confissões de uma filha do século	1984		D	F	P	N	E		Literatura catarinense - romance	869.0(816.4)-31 S587c
191	SILVEIRA JÚNIOR, Norberto Cândido	Memórias de um menino pobre: história sem retoque de uma comunidade de agricultores pobres do Sul do Brasil, com algumas ilustrações	1977	Ed. UDESC	D	F	P	N	E		Literatura catarinense – crônicas/memórias	869.0(816.4)-94 S587m

192	SILVEIRA, Luiz Alberto	Biologia em palavras cruzadas				F	P	N			Ecologia	574/578 S587b
193	SILVEIRA JÚNIOR, Norberto Cândido	Nossa guerra contra a Alemanha: (crônica de um tempo de arbítrio): romance	1988				P	N			Literatura catarinense - romance	869.0(816.4)-31 S587n
194	SIMÕES, Aldório	O pirão nosso de cada dia	1999			F	P		E		Costumes gerais	394 S593p
195	SILVEIRA, Luiz Alberto	Câncer: o que você precisa saber	1987	EdUFSC	D	F	P	N			Enfermidades, diversas doenças transmissíveis	616-006.6 S587c
196	SILVEIRA, Luiz Alberto	Química em palavras cruzadas				F	P				Química	54 S587q
197	SOARES, Iaponan	Estreito: vida e memória	1991			F	P	N	E		História de Santa Catarina	981.640.602 E82
198	SOARES, Iaponan	Santo Antônio de Lisboa: vida e memória	1991		D			N	E		História de Santa Catarina	981.641 S237
199	SOARES, Iaponan	Salim Miguel: literatura e coerência	1991		D	F	P	N	E		Literatura catarinense	869.0(816.4).09 S165
200	SOARES, Iaponan; MIGUEL, Salim	Guido Wilmar Sassi: literatura e cidadania	1992		D	F	P	N	E		Literatura catarinense – ensaio	869.0(81)-4 G948
201	SOUSA, Abelardo	Um líder na rota do cronista	1986			F	P	N	E		Literatura catarinense – crônicas/memórias	869.0(816.4)-94 S7251

202	SOUSA, Rogério Luiz de	Vacilou? _ Có-có-ricó	1996			F	P	N			Literatura catarinense - contos	869.0(816.4)-34 S725v
203	SOUZA, Claudio Bersi de	Um beijo na tempestade	1983			F	P	N	E		Literatura catarinense - romance	869.0(816.4)-31 S729b
204	SOUZA, Claudio Bersi de	Uma luz na solidão	1988			F	P	N	E		Literatura catarinense - romance	869.0(816.4)-31 S729l
205	SOUZA, Silveira de	Canário de assobio	1986		D		P	N	E		Literatura catarinense	SC/B869.4 S719ca
206	SOUZA, Vilmar de	O arco-íris azul	1970		D	F	P		E		Literatura catarinense - poesia	869.0(816.4)-1 S729a
207	TAMBOSI, Leonilla da Silva	Alfabetizando-: linguagem oral, linguagem escrita, as primeiras lições	1991			F		N			Leitura	372.4 T155a
208	TERTSCHITSCH, Circe Gama d'Eça	Grades de vidro	1983			F	P	N	E		Literatura catarinense - poesia	869.0(816.4)-1 T332g
209	THOME, Nilson	Trem de ferro: a ferrovia no Contestado	1983		D	F	P	N			Transportes	656.21(81)(091) T465t
210	TRAMONTE, Cristiana	Com a bandeira de Oxalá!: trajetória, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na	2001	Ed. Univali					E		Religiões	

		grande Florianópolis										
211	VAHL, Teodoro Rogério	A privatização do ensino superior no Brasil: causas e consequências	1980			F	P	N	E		Educação superior	378.058(81) V127p
212	VAHL, Teodoro Rogério	O acesso ao ensino superior no Brasil.	1980	EdUFSC	D	F	P		E		Educação superior	378.224.2 V127a
213	VÁRZEA, Virgílio	Santa Catarina: a ilha	1985		D	F	P	N			História de Santa Catarina	981.640.602:210.7 V327s
214	VASCONCELLOS, A. Sanford de	Ave, selva: romance	1984		D	F	P	N	E		Literatura catarinense - romance	869.0(816.4)-31 V331a
215	VÁRZEA, Virgílio. Org. Lauro Junkes	A canção das gaivotas	1985		D	F	P	N	E		Literatura catarinense - contos	869.0(816.4)-34 V327c
216	VIEIRA, Emanuel Medeiros	Num cinema de subúrbio, num domingo à noite	1978		D	F	P	N	E		Literatura catarinense - contos	869.0(816.4)-34 V427n
217	VASCONCELLOS, A. Sanford de	Carrossel	1973		D	F	P				Literatura catarinense – crônicas/memórias	869.0(816.4)-94 V331c
218	VASCONCELLOS, A. Sanford de	Falai baixo: uma balada apenas: romance	1989		D	F	P	N	E		Literatura catarinense - romance	869.0(816.4)-31 V331f
219	VASCONCELLOS, A. Sanford de	O homem da madrugada	1971				P					
220	VASCONCELLOS, A. Sanford de	Cavalo voa ou flutua?	1980		D	F	P		E		Literatura catarinense - romance	869.0(816.4)-31 V331c

221	VIEIRA, Francisco Xavier Medeiros	Prática das correições	1974			F	P	N	E		Direito	347.91/95.004.67 V657p
222	VIEIRA, João Alfredo Medeiros	O sonho e a glória	1975		D	F	P		E		Literatura catarinense – crônicas/memórias	869.0(816.4)-94 V658s
223	VIZZOLTO, Salete Maria; SEGANFREDO, Clea Ana	Drogas: questões para pais e educadores	1992		D	F		N			Criminologia	364.272 V864d
224	VIZZOLTO, Salete Maria; SEGANFREDO, Clea Ana; CASAGRANDE, Arai Ana	Dinamizando os grupos	1995			F						316.454.7 V864d
225	VIZZOLTO, Salete Maria; KLEIN, Arai Ana Casagnade; SEGANFREDO, Cléa Ana.	Educação sexual e prevenção ao uso de drogas: 1a. a 4a. séries do ensino fundamental: manual do professor	1997					N				372.372
226	WOSGRAUS, Ivone Ferraz	Lágrima no olho d'água	1997			F	P				Literatura catarinense - romance	869.0(816.4)-31 W9351
227	ZIGELLI, Adolfo	As soluções finais	1975		D	F	P		E		Literatura catarinense – crônicas/memórias	869.0(816.4)-94 Z68s

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Funcionários/colegas, consumidores que se envolveram com as instituições e espaços nos quais Odilon Lunardelli circulou:

Entrevista nº

Nome:

Data de nascimento:/...../.....

Local de nascimento:

Estado civil:

Nome do pai:

Nome da mãe:.....

Endereço residência.....

Telefone:.....E-mail:.....

Local da entrevista:

Questões

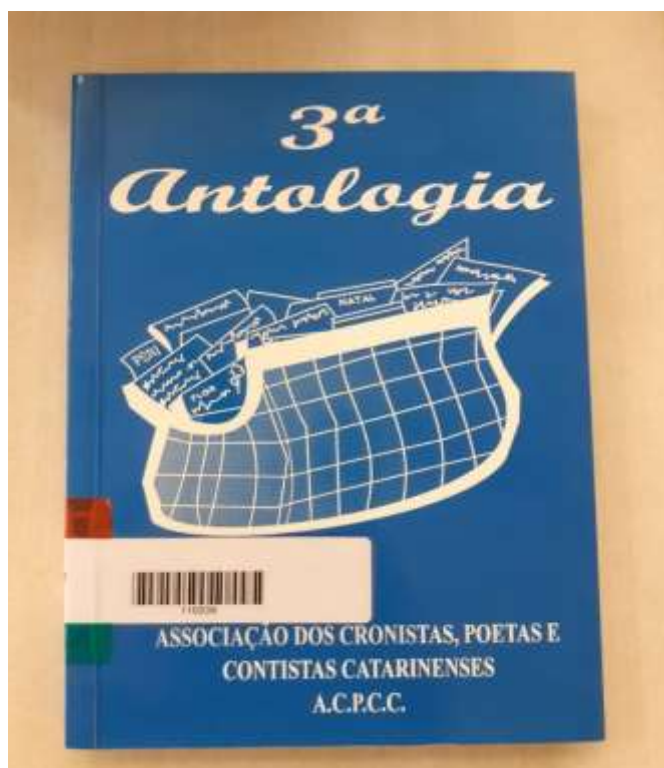
1. Primeiramente eu gostaria de saber se você poderia comentar sobre a sua trajetória profissional.
2. E a sua trajetória profissional junto a alguma instituição (Secretaria de Estaduais/Museu/Escolas) onde manteve seu primeiro contato com Odilon Lunardelli.
3. Você poderia delinear um perfil de Odilon Lunardelli?
4. Dentro dessa trajetória, gostaria de saber qual foi seu vínculo com Odilon Lunardelli.
5. Há quanto tempo você trabalhou/conviveu com este personagem?
6. Vocês exerceram algum tipo de parceria?
7. Odilon Lunardelli possuía características diferentes dos outros livreiros-editores? Algo que chamava atenção em sua atuação profissional?
8. Como você avalia (e/ou recorda) a atuação de Odilon Lunardelli na produção e circulação dos impressos em Santa Catarina?
9. Odilon Lunardelli possuía outras atividades econômicas (empresas...)?

Familiares de Odilon Lunardelli:

10. Gostaria que você falasse um pouco sobre sua infância (sua e de Odilon Lunardelli), onde nasceu, quem foram seus pais, como foram os primeiros anos na escola.
11. Como você percebe a trajetória de Odilon Lunardelli, sua opção pela livraria, sua atuação na editora e em outros espaços?
12. O que você recorda das viagens de Odilon Lunardelli para cursos, eventos de entre outros?
13. Comente, se puder, como ocorreu a ligação de Odilon Lunardelli com instituições do tipo Academia Catarinense de Letras, IHGS, entre outras.
14. Você tem conhecimento de que Odilon Lunardelli possuía relações com partidos políticos? Em que redes de sociabilidades transitou? Isso contribuiu para indicações em cargos públicos?
15. Comente, se possível, sobre a atuação de Odilon Lunardelli no campo social.
16. Comente, se possível, sobre a atuação de Odilon Lunardelli em outros negócios econômicos.

**APÊNDICE C – IMAGENS DE ALGUNS LIVROS PUBLICADOS PELA
LUNARDELLI**

Foto da capa da 3ª Antologia



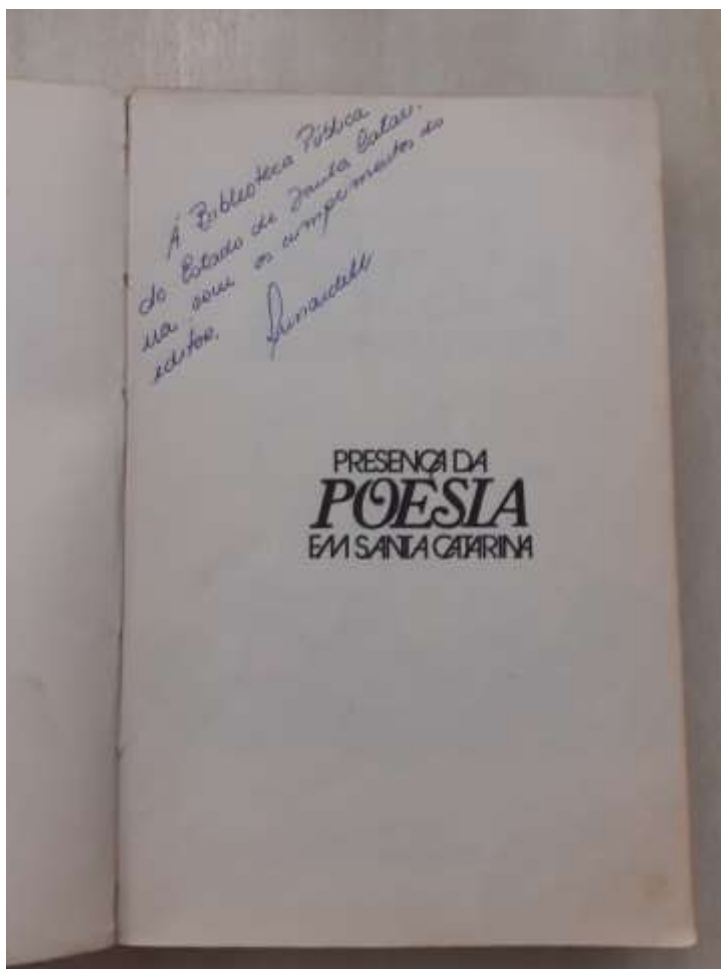
Fonte: Acervo do autor, 2023.

Figura do livro O Homem da Madrugada – publicado pela Lunardelli em 1971



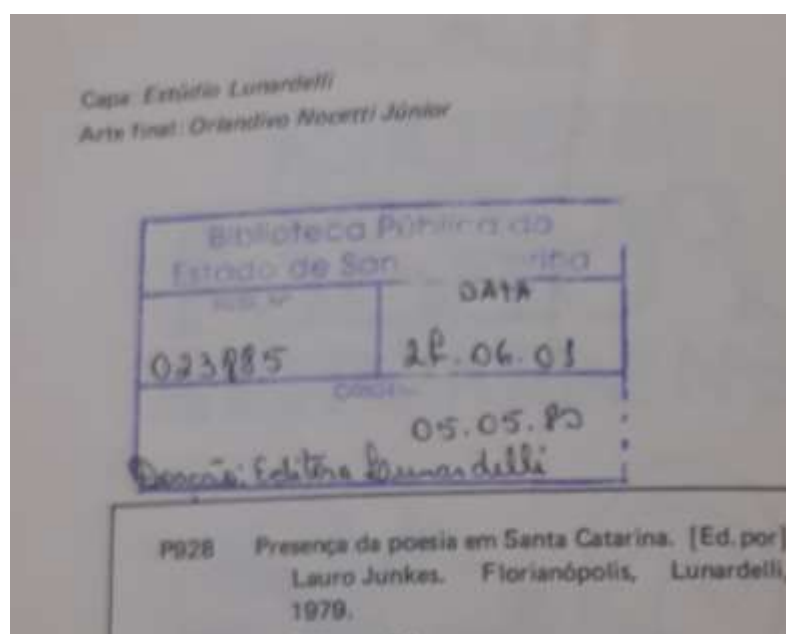
Fonte: Acervo do autor, 2023.

Dedicatória de Odilon Lunardelli à BPSC



Fonte: Acervo do autor, 2023.

Imagem da doação do livro A presença da poesia em Santa Catarina, 1979



Fonte: Acervo do autor, 2023.